ANTÔNIO PRADO
E SUA HISTÓRIA

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

EST

A pedido do editor Rovílio Costa, aventurei-me à difícil empreitada de escrever a História do Município de Antônio Prado, atendendo, também, ao apelo do Prof. Dante de Laytano, em carta dirigida ao Prefeito Municipal, em 10.10.1973.

Difícil empreitada, porque, na verdade, todos os pioneiros fundadores desta comuna possuem uma longa e fascinante história, impossível de ser enfeixada num volume como o presente. Todos escreveram uma soberba epopeia de tenacidade e heroísmo. Todos lutaram, sofreram, triunfaram...

Nenhum dos 1.300 pioneiros se marginalizou. Pais de dez, quinze e, até vinte filhos, povoaram o Brasil de autênticos valores.

O leitor, que porventura ignore a monumental História deste minúsculo município gaúcho, ficará impressionado quando tomar conhecimento do conteúdo destas páginas. Sua administração e surpresa culminarão no último capítulo, quando se inteirar da imensa galeria de vultos ilustres.

Para a composição dos primeiros capítulos, nossa tarefa foi possível, graças ao dedicado historiador caxiense João Spadari Adami, que residiu, durante anos, nu sode cio município pradense, legado precioso esboço

Fidélis Dalcin Barbosa

Antônio Prado e sua história

Projeto Passo Fundo Apoio à cultura

2014

Fidélis Dalcin Barbosa

Antônio Prado e sua história

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.
Do livro: Literatura, História. -Porto Alegre: Edições EST, 1980. 228p.; il.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-Compartilhalgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/01/2014
Capa: Trilhadeira a gasogênio da família José Fasolo; naquele tempo a família comprava uma peça de fazenda e fazia a roupa para todos.

B238a Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Antônio Prado e sua história [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-061-5

Modo de acesso: World Wide Web: <http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Antônio Prado (RS) – História. 2. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO....13
I Parte....17
NO PRINCÍPIO ERA A SELVA....17
OS PIONEIROS SIMÃO DE OLIVEIRA E POLONESES....18
O NOME....21
FUNDAÇÃO DA COLÔNIA....24
MARCHA DA IMPLANTAÇÃO DA COLÔNIA....28
A SEDE DA COLÔNIA....35
OS PIONEIROS....37
EPOPEIA NA SELVA....44
OS PASSOS INICIAIS....45
CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO....47
PRIMEIRAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS....50
INOCÊNCIO DE MATOS MILLER - Intendente de 1899 a 1923....52
Pe. ALEXANDRE PELLEGRINI – 1ª CURA....58
A PARÓQUIA - Pe. CARMINE FASULO....60
PADRE JOSÉ BENINI....63
Pe. HENRIQUE GELAIN – 3° PÁROCO....68
Pe. ERNESTO MÂNICA - 4° VIGÁRIO....72
PE. ANTÔNIO GALIOTO....75
Pe. LEONEL PERGHER - Pe. JOÃO BOSCO LUÍS SCHIO....79
INTENDENTE CAETANO REGINATO....80
FRANCISCO MARCANTÔNIO - INTENDENTE E 1° PREFEITO (21.8.1927 a 15.7.1935)....83
OSCAR HAMPE - PREFEITO DE15.7.1935 a 4.4.1937....86
CAP. WALDEMAR ALVES DE MIRANDA -PREFEITO DE 4.4.1938 a MAIO-42....87
FELISBINO MONTEIRO -PREFEITO 1942 – 1944....88
DOMINGOS CAON - PREFEITO EM JUNHO DE 1944....91
ELVALDO ALERCON - PREFEITO EM MARÇO DE 1945....93
PREFEITO DR. ALBERTO ZANARDI -1944-1945....94
CALVINO PALOMBINI - PREFEITO DE a 18.2.1946....95
CARLOS ROTTA DUAS VEZES PREFEITO E DUAS VICE-PREFEITO de 21.3.1945 a 17.11.45 e de 20.12.45 a 10.5.47.....96
WALDEMAR MANSUETO GRAZZIOTIN - DUAS VEZES PREFEITO 1947 - 1951 e 1956 - 1959....99
VICENTE PALOMBINI - PREFEITO de 1.1.1952 a 31.12.1955.....105
CLÁUDIO POLYCARPO BOCCHESE - PREFEITO DE 1960 - 1963....110
LUIZ BAGGIO - PREFEITO de 1964 a 1968....113
VALDOMIRO BOCCHESE – PREFEITO DE 1969 - 1972....116
VITTORIO DOTTI — PREFEITO de 1973-1977....118

LINO CELSO ZACCANI – PREFEITO DE 1977 a 1981 120
O CONFLITO DE 25.5.1936 122
O SINO DA CAPELA 135
ENSINO 137
ESCOLAS MUNICIPAIS 140
IMPRENSA 152
SAÚDE..... 156
COMÉRCIO 163
HOTÉIS..... 167
FOTÓGRAFOS..... 169
COOPERATIVAS..... 171
INDÚSTRIA..... 174
AGRICULTURA 181
FRUTICULTURA..... 184
AGÊNCIAS BANCÁRIAS..... 186
VIDA SOCIAL 188
ESPORTES 198
TRANSPORTES 203
A COMARCA 209
SEGURANÇA PÚBLICA..... 212
PECUÁRIA..... 215
ENERGIA ELÉTRICA 217
EMIGRAÇÃO..... 218
POPULAÇÃO - SUPERFÍCIE E LIMITES..... 221
RIOS 224
PASSO DO ZEFERINO 227
ESTRADA JÚLIO DE CASTILHOS..... 232
JARDIM FECHADO 236
AUSÊNCIA DE CRIMINALIDADE..... 238
VOCAÇÕES SACERDOTAIS E RELIGIOSAS 240
SERVIÇO PÚBLICO 241
VISITANTES ILUSTRES..... 244
CAPELA NOSSA SENHORA DE MONTE BÉRICO - LINHA 21 245
CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - LINHA 21 DE ABRIL..... 250
CAPELA SÃO JOÃO - LINHA CÂNDIDA..... 252
CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVÁGIO - LINHA CÂNDIDA 253
CAPELA SÃO CAETANO - LINHA GUERRA..... 255
CAPELA SÃO JORGE - LINHA CÂNDIDA 256
CAPELA SANTA LÍBERA 257
CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE - LINHA DOIS DE JULHO 258
CAPELA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO - BORGO FORTE..... 259
CAPELA SANTA LÚCIA - LINHA DOIS DE JULHO 261
CAPELA NOSSA SENHORA DO CARMO - LINHA DOIS DE JULHO..... 262

CAPELA SANTO ANTÔNIO - LINHA DOIS DE JULHO 263
CAPELA SÃO PEDRO - LINHA TRAJANO DE MEDEIROS 264
CAPELA DE MONTE BÉRICO - LINHA BLESSMANN 265
CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGIO - LINHA ALMEIDA 266
CAPELA DE SANTA ANA - LINHA ALMEIDA 267
CAPELA SÃO ROQUE - LINHA DEZ DE JULHO 272
CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE - LINHA SILVA TAVARES 274
CAPELA SANTO ANTÔNIO - LINHA GOMERCINDO SARAIVA 275
CAPELA SÃO PAULO - LINHA GOMERCINDO SARAIVA 276
CAPELA NOSSA SENHORA DA SALETE - LINHA CAVOUR 277
CAPELA SANTO ISIDORO - LINHA CAVOUR 278
CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMPÉIA - VILA NOVA - LINHA DOIS DE JULHO 279
CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE DO RIO DA PRATA 280
CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVÁGIO - LINHA AMARÍLIO 281
CAPELA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - LINHA AMARÍLIO 281
CAPELA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA 282
SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO DA I PARTE 283
II Parte 329
NOVA ROMA E SUA HISTÓRIA 329
NOVA ROMA – 2° DISTRITO 329
NOVA ROMA - FUNDAÇÃO 330
OS POLONESES 333
OS SUECOS 335
OS PIONEIROS ITALIANOS 336
O CURATO 338
PE. JOSÉ BEN – 1° PÁROCO 341
PÁROCOS DE NOVA ROMA 349
A VILA DE NOVA ROMA 352
CAPELA SÃO JOÃO BATISTALINHA TRAJANO 362
NOVA TREVISOLINHA BLESSMANN 364
CASTRO ALVESCAPELA NOSSA SENHORA DO CARMO 366
LINHA PARANAGUÁ CAPELA SÃO JOSÉ E NOSSA SRA. DA SAÚDE 369
LINHA FAGUNDES VARELA CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGIO 370
CAPELA NOSSA SENHORA DA SALETE 371
CAPELA SÃO VICENTE 371
CAPELA SÃO VALENTIM 372
SÃO JOSÉ DO PRATA 372
CAPELA SÃO PAULO 372
LINHA GUSTAVO VASA 372
SÃO MARCOS - GUSTAVO VASA 373
CAPELA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTESBARATA GÓIS 373
CAPELA SÃO ROQUE 373

CEMITÉRIO MUNICIPAL 374
VULTOS ILUSTRES 376
SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO DA II PARTE 397
Indice de figuras 409

Figura 2 1ª foto de Antônio Prado — 1980: Em 1° plano a casa da família Faccioli. Notam-se ainda os restos do barracão dos imigrantes e a primeira igreja.

Figura 1 Centro da cidade de A. Prado

APRESENTAÇÃO

"Eu não sou um historiador, e sim um literato", afirmava-me Fidélis D.Barbosa, em correspondência recente, ao debatermos aspectos de suas monografias sobre temas históricos sul-rio-grandenses. Historiador ou literato, o certo é que prestou uma contribuição valiosa à historiografia regional com suas publicações sobre Lagoa Vermelha, Vacaria e, agora, Antônio Prado; isto sem falar em obras de ficção como *Prisioneiro da Montanha, Prisioneiro dos Bugres, Campo dos Bugres...* e sem falar naquela verdadeira obra-prima sobre a imigração italiana, que é *Semblantes de Prisioneiros.*

Grande parte dos municípios gaúchos esperam, ainda, por quem lhes escreva a história. Como tenho anotado alhures, na zona de imigração italiana, excetuando-se Caxias do Sul, as demais cidades não contam com uma boa monografia em data mais recente. Muitos documentos foram destruídos, e muitas fontes orais estão sendo colhidas pelos anos.

Com *Antônio Prado e sua História,* Fidélis D. Barbosa revela ao presente e preserva para o futuro amplo documentário, em grande parte inédito e em vias de destruição. Seu texto não se detém a esmiuçar fontes, a fazer interpretação socioeconômica, a esgotar o assunto: não é esta a vocação do autor. É necessário, contudo, reconhecer-lhe o mérito de um estilo fluente, de uma visão global do assunto e, acima de tudo, de ter-se voltado para fontes orais que, em poucos anos, estarão caladas.

Num trabalho de paciência e sem rompantes, buscando em arquivos e documentos bem ou mal cuidados, anotando velhos textos de periódicos, consultando livros e, sobretudo, dando-se ao trabalho de entrevistar antigos imigrantes e seus descendentes, Fidélis D. Barbosa lega-nos um farto material, contendo, inclusive, algumas páginas de

assuntos mantidos como tabu por quantos já tiveram a ocasião de a eles se referir.

Só o tempo mostrará quanto a histotiografia ficará devedora a monografias como essa que, sem grandes pretensões, conserva dados por vezes aparentemente banais, mas que serão indispensáveis para o historiador de amanhã. E é com entusiasmo que deve ser saudada a ideia do autor de, através da Editora da EST, lançar-se agora à preparação da história das duas primeiras colônias italianas: Conde d'Eu e Dona Isabel (hoje Garibaldi e Bento Gonçalves, respectivamente), às quais deverá seguir-se uma monografia sobre Flores da Cunha, a Nova Trento dos velhos imigrantes.

Porto Alegre, 4 de outubro de 1979
Luis A. De Boni
UFRGS/UCS

Figura 3 DÉCADA DE 1910 - Ema Palombini, Silene Grazziotin, Luísa Bocchese, Sra. Caetano Zanardi, Sra. João Brogli, Graciosa Mayer, Sra. Jocelito de Castro, Luísa Golin...

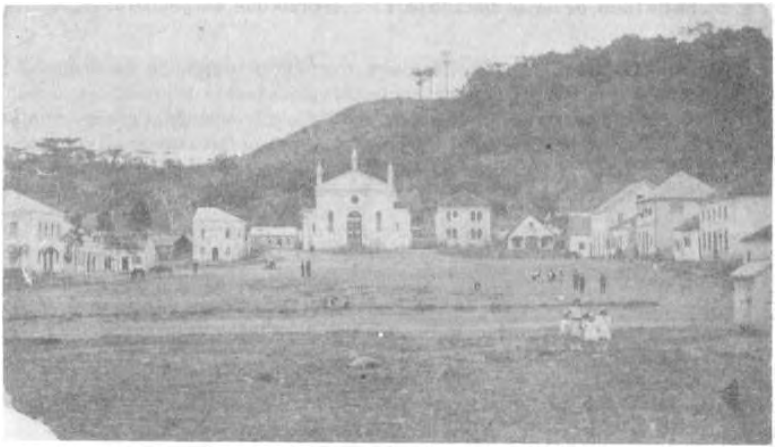

Figura 4 1919 — Praça e Igreja Matriz

I Parte

NO PRINCÍPIO ERA A SELVA

A FLORESTA milenar que revestia inteiramente os 432 quilômetros quaDRADOS DO ATUAL município de Antônio Prado, permaneceu intocável, como ILHA INACESSÍVEL, ATÉ pelo ano de 1880.

Os missionários jesuítas, que em 1702 fundaram a Vacaria dos Pinhais, e o próprio Pe. Francisco Ximenes, que em 1633 efetuou o levantamento da região, não puseram pé aqui, assim como não o fez a bandeira de Antônio Raposo Tavares em 1636. Nem mesmo o Pe. Diogo Soares, o matemático, autor de um mapa da orografia do Estado, encontrado em 1768.

Os fazendeiros dos Campos de Vacaria, no século passado, penetraram na mata que circunda o campo, ocupando as terras para suas lavouras de serra e suas invernadas. Entretanto, não ultrapassaram a atual linha divisória do município, limitando-se aos matos dos atuais distritos vacarianos de Ipê, Segredo, São Paulo e São Manuel.

Só o indígena, tape e coroado (caingangue), percorria as montanhosas paragens, cobertas de imensos pinhais, de cujo fruto se alimentava.

De acordo com informações dos descendentes dos primeiros imigrantes, praticamente em todas as linhas foram encontrados vestígios indígenas: grandes covas afuniladas, pedaços de cerâmica e até panelas inteiras.

Apesar do último assalto dos índios caingangues aos fazendeiros de Vacaria haver ocorrido em 1851, na estância de João Mariano Pimentel, no atual distrito de André da Rocha, município de Lagoa

Vermelha, segundo declarações dos mais antigos descendentes da família Martello, os coroados tinham aparecido um dia na Linha 10 de Julho, Capela de São Roque, sendo repelidos por um pelotão improvisado de imigrantes.

Com a criação dos primeiros municípios gaúchos (7.10.1809), o território do atual município de Antônio Prado ficou sob a jurisdição de Santo Antônio da Patrulha.

Em 22.10.1850, com a elevação de Vacaria à categoria de vila, o futuro município de Antônio Prado passou a pertencer a este município.

Em 16.1.1857, com a transferência da sede da vila para a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha, o território pradense ficou sob a jurisdição desta.

Em 26.11.1857, as duas freguesias de Vacaria e Lagoa Vermelha, extinto o município, retornaram à jurisdição de Santo Antônio da Patrulha, assim como as terras que formam hoje o município de Antônio Prado.

Em 12.4.1876, criado o município de Lagoa Vermelha, abrangendo toda a área ao norte do rio das Antas, incluindo Bom Jesus e Vacaria, as terras da futura colônia de Antônio Prado ficaram novamente pertencendo ao município de Lagoa Vermelha.

Em 1.4.1878, extinto o município de Lagoa Vermelha, a sede municipal retornou a Vacaria, abrangendo em seus limites a futura colônia de Antônio Prado, criada em 1886.

OS PIONEIROS SIMÃO DE OLIVEIRA E POLONESES

A marcha da colonização de toda a serra do rio das Antas por imigrantes italianos, poloneses, suecos, suíços, era irreversível e

incontrolável. Por isso, mesmo antes da resolução do governo imperial e provincial de fundar a Colônia de Antônio Prado, imigrantes transpunham o profundo e caudaloso rio e ocupavam parte das terras na sua margem direita.

O marco inicial da penetração operou-se em duas frentes. A primeira teve lugar junto à barra do rio Leão, por iniciativa de Simão David de Oliveira que deixou seu nome ao Passo e à primeira estrada construída no atual município de Antônio Prado. A segunda efetuou-se na região do atual distrito de Nova Roma.

Simão David de Oliveira foi o primeiro cidadão que, por volta de 1880, se estabeleceu na margem direita do rio das Antas, de fronte do atual distrito florense de Nova Pádua. Viera a pé de São Paulo, penetrando no território gaúcho por Vacaria. A seguir, costeando o rio Vieira, desceu até o rio das Antas, donde prosseguiu caminho até encontrar um lugar aprazível para construir seu rancho. Era o único trato de terreno plano, junto à foz do rio Leão e do arroio Tigre.

Solteiro, analfabeto, 43 anos, passou a morar aqui, junto com um agregado de nome Joaquim, casado, tendo um filho de poucos anos. Nessa terra fertilíssima, ao abrigo das geadas, Simão e seu companheiro derrubaram um eito de mato, construíram duas casas e fecharam com cerca de espinho um terreno de 330 metros de comprimento. Nele entraram a cultivar milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, pés de café, bananeiras, figueiras, ananazeiros...

Cerca de seis anos após a chegada de Simão, principiaram a estabelecer-se no local alguns imigrantes italianos, procedentes da ex-colônia de Caxias, dando início à fundação de um povoado. No meio daqueles alcantilados penedais e íngremes encostas, quase inacessíveis, o Passo do Simão, como passou a ser chamado o lugar, era apropriado a esta finalidade.

Parece mesmo que a comissão encarregada da fundação da colônia teria, a princípio, alvitrado estabelecer aqui a sede do núcleo

colonial a ser instalado. Nos arquivos da Comissão de medição de lotes, encontra-se um contrato celebrado entre o engenheiro-chefe, Dr. Henrique Cristino da Silva Guerra e o sr. Camilo Marcantônio para construção de "um barracão de madeira à margem direita do rio das Antas, no passo denominado do Simão, tendo o mesmo barracão 20 metros por seis e altura de 2,50".

Foi ainda construída uma casa canônica para o capelão, casa de pedra que ainda existe, ao lado das ruínas de uma capela e de um cemitério. O certo é que vários imigrantes ali se estabeleceram com casa de comércio e engenho de cana-de-açúcar. Entre estes figura o próprio Camilo Marcantônio e Vítor Bersani. Este em 10.11.1887 requereu legalização do lote que vinha ocupando.

Simão David de Oliveira, conforme declarações de Francisco Marcantônio (1870-1953), que o conheceu pessoalmente e com ele conviveu, foi assassinado mais tarde por um imigrante italiano de sobrenome Benetto.

Com os melhoramentos introduzidos na estrada do Passo do Zeferino em 1918, o Passo do Simão e sua estrada foram perdendo interesse, até ficarem abandonados. Hoje não existe morador algum no Passo do Simão. A terra desabitada pertence agora a Artísio Scolaro, morador na Linha Cândida. Após a grande enchente de 1956, a administração de Waldemar M.Grazziotin reconstruiu e recuperou boa parte da estrada, para atendimento dos moradores das proximidades. Por fim, o Prefeito Lino Celso Zaccani, em 1979, reconstruiu totalmente a estrada.

Embora não se encontre documento no arquivo da Comissão de medição de lotes de Caxias, antes da fundação da Colônia de Antônio Prado, com relação à penetração de imigrantes poloneses e suecos no atual distrito de Nova Roma, é certo que já em 1880, seis anos antes da fundação da colônia, esses imigrantes transpunham o rio das Antas, através dos atuais municípios de Farroupilha e Bento Gonçalves.

O fato é atestado pelo Pe. José Ben, o primeiro historiador que procedeu à ampla pesquisa entre os familiares dos primeiros colonizadores do território da sua paróquia de Nova Roma.

Outro historiador que pôde comprovar a existência de poloneses em Antônio. Prado, antes de sua fundação, é o Pe. Frei Alberto Victor Stawinski, autor de várias obras acerca da imigração polonesa no Rio Grande do Sul.

Além disso, todos os atuais moradores da região afirmam que seus avós italianos, ao chegarem aqui, encontraram muitos lotes ocupados por imigrantes poloneses e suecos, nas linhas Gustavo Vasa, Castro Alves, Fagundes Varela, Carlos Leopoldo, 10 de Julho...

A primeira capela de Santa Ana (Santa Ana Velha) foi fundada por imigrantes poloneses, todos católicos. A imagem da padroeira foi trazida da Polônia e ainda hoje se venera na nova capela de Santa Ana.

Eram duas centenas de famílias, muitas delas chegadas depois da fundação da colônia de Antônio Prado. Cada uma ocupava meio lote. Com a vinda de imigrantes italianos, a partir de 1888, os poloneses e suecos principiaram a reemigrar para a região do Alto Uruguai, em nosso Estado (1,15).

O NOME

Em 1885, sendo Imperador do Brasil D.Pedro II, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul o Conselheiro Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, Inspetor Geral das Terras e Colonização o sr. Tenente Coronel Francisco de Barros e Acioli de Vasconcelos e engenheiro-chefe da Comissão de medição de lotes o bacharel Manuel Barata Góis, ficou estabelecido que, durante o exercício de 1886-1887, fosse criado um núcleo de colonização na margem direita do rio das Antas.

Este núcleo não tinha nome. Por isso, o engenheiro-chefe Manuel Barata Góis sugeriu e solicitou que fosse dado à nova colônia o nome do Conselheiro Antônio da Silva Prado, por ter no Parlamento pugnado a favor da emigração, conforme atesta o seguinte ofício:

Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Escritório do Engenheiro-chefe da Comissão de medição de lotes para estabelecimento de imigrantes em Santa Teresa de Caxias, 14.5.1886.

Exmo. Sr., tenho a honra de passar às mãos de V. Ex.ª o incluso orçamento provável das despesas a fazer com a Comissão de medição de lotes para estabelecimento de imigrantes na nova colônia, que será fundada em terras à margem direita do rio das Antas, durante o exercício de 1886-87; e peço a V. Ex.ª que se digne tomar conhecimento do referido orçamento, e providenciar acerca da sua aprovação.

Outrossim rogo a V. Ex.ª que solicite de S. Ex.ª o sr. Ministro da Agricultura permissão para que seja denominada a nova colônia "Conselheiro Antônio Prado", por ter no Parlamento pugnado pelos meios de desenvolver a imigração para este País, que de S. Ex.ª ainda se espera em prol dos interesses da colonização.

A referida colônia terá por limites: Ao norte, os campos de Vacaria; ao sul, o rio das Antas; a leste o rio Leão e a oeste, o rio da Prata até sua margem esquerda, visto como as terras da outra margem fazerem parte da colônia novamente criada, e denominada "Conselheiro Alfredo Chaves".

Deus guarde a v. Ex.ª Exmo. Sr. Tenente Coronel Francisco de Barros e Acioli de Vasconcelos, M.D. Inspetor Geral das Terras e Colonização (Ass.)

O Engenheiro-chefe da Comissão, Bacharel Manuel Barata Góis".

O Conselheiro Antônio da Silva Prado, filho de Martinho da Silva Prado e de Veridiana da Silva Prado, nasceu em São Paulo a 25.2.1840 e faleceu no Rio de Janeiro em 23.4.1929. Formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo em 1861 com 21 anos. Foi Delegado de Polícia de

São Paulo em 1862. Vereador em 1865. Jornalista em 1866 “O País”. Agricultor e pecuarista a partir de 1866, na Fazenda Santa Veridiana, onde formou extensos cafezais e desenvolveu grandemente a criação de gado de raça. Em 1889, juntamente com seu pai e irmão Martinico, comprou a Fazenda São Martinho, transformando-a na maior plantação de café em só bloco existente no Brasil (3.300.000 cafeeiros).

Foi Deputado Provincial em 1866-69. Ferroviário da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, da qual foi presidente de 1892-1927. Deputado Geral de 1872-84. Presidente da Caixa Econômica Imperial em 1876. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo em 1877. Jornalista em 1878 — “Diário de São Paulo”; em 1879, “Correio Paulistano”. Chefe do Partido Conservador em 1881. Diretor da Associação Comercial de São Paulo em 1884. Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de 1884-1920. Ministro de Estrangeiros em 1889.

Senador do Império em 1887. Sociedade Promotora de Imigração, em 1887, com o irmão Martinico Prado e Visconde da Paraíba. Comerciante: Prado, Chaves & Cia em 1887. Banqueiro em 1889, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, do qual foi presidente de 1889-1920. Superintendente do Serviço de Imigração da Europa, sendo por sua indicação substituído pelo Barão do Rio Branco.

Porto de Santos: Conselheiro em 1885. Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Deputado dos Constituintes em 1890, não tomou posse. Industrial: Vidraçaria Santa Maria, em 1895, com Elias Fausto Pacheco Jordão; Curtume de Água Branca, em 1897; Balneário do Guarujá, em 1981; Minas de Ouro em Amaro Leite (Goiás), em 1905; Velódromo Paulista (Sportman) em 1895; Frigorífico de Barretos, em 1899-1910.

Intendente de São Paulo de 1899-1910. Arrendatário do Teatro São José. Jóquei Clube do Rio de Janeiro, corrida inaugural em 16.5.1869. Automóvel Clube de São Paulo em 1908; Sociedade Promotora do Café, em 1916 Partido Democrático em 1924. Possuía a Legião de Honra da França. Presidente honorário do Automóvel Clube da França.

Como Ministro da Agricultura, no Império, promoveu a vinda de imigrantes para o Brasil e a instalação de núcleos coloniais, principalmente no Rio Grande do Sul.(1)

FUNDAÇÃO DA COLÔNIA

Um dos primeiros documentos relativos à criação do núcleo colonial na margem direita do rio das Antas, existentes no arquivo da Comissão de medições de lotes, data de 29.4.1885.

Em 14.5.1886, o engenheiro-chefe Dr. Manuel Barata Góis enviava a Porto Alegre o orçamento provável das despesas da medição da nova colônia, que, a seu pedido, se chamará “Conselheiro Antônio Prado”.

O orçamento das despesas do pessoal montava a 21:658$000, distribuídos entre um engenheiro-chefe da Comissão, um engenheiro ajudante, 3 agrimensores, um escriturário, um médico, um capelão e um encarregado de estabelecer os imigrantes e do recenseamento.

O orçamento da despesa com a medição dos lotes era feito sobre as seguintes bases: Cada lote com 302.500 metros quadrados, ou 275 metros de altura por 1.100 metros de base; turma de trabalhadores composta de oito indivíduos; 25 dias de serviço por mês, na média; cada agrimensor podia medir e demarcar mensalmente a extensão de cerca 25.000 metros.

Para a abertura da estrada de Caxias ao Passo do Simão, passando pelas léguas 9°, 10° e 16° e linha Acioli, numa extensão de 42.680 metros, foram gastos 85:360$000, na base de 2:000$000 por quilômetro.

Em 27.12.1886, foi celebrado contrato com Dallagiovanni Agostino para transporte das bagagens dos imigrantes, à razão de $035 por quilo e 3$000 por cada animal utilizado no referido transporte. Igual contrato foi

lavrado em 6.8.1890 com João Luciano (João Gringo) e em 5.1.1891, com Antônio Fernandes de Lima. O primeiro destes contratos foi assinado, a rogo, por Rafaele Buratto, sendo testemunhas Luís Dalcanale e José Pelletti.

Para construção da balsa provisória do Passo do Simão, em 17.2.1887, foi contratado o sr. Manuel João Maria, pelo preço de 2:500$000. Balsa com capacidade para transportar quatro animais cargueiros. Foi construída sobre três canoas, sete barrotes e pranchões. Mais tarde, foi construída outra para dez animais cargueiros.

Em 17.3.1887 foi firmado, como vimos, contrato com Camilo Marcantônio para construção de um barracão no Passo do Simão. Este contrato foi assinado, a rogo, por Luís Dalcanale, porque o contratante não sabia ler nem escrever. Foram testemunhas: Raul Royer e Antônio Moro, sendo escriturário da Comissão o sr. Bento da Lavra Pinto.

Em abril do mesmo ano foi celebrado contrato com Nicolau Luís Amoretti e Stéfano Alberti para construção de um barracão destinado a alojar os imigrantes na sede da colônia. Os contratantes foram obrigados a fazer a derrubada de mato em torno do barracão até à distância de 40 metros; a pintar exteriormente o barracão com tinta a óleo, inclusive o telhado (de tabuinhas), dando duas mãos de tinta.

No barracão foram construídas quatro dependências para cozinhas. O prazo para a entrega do barracão foi de três meses, e o custo da obra orçado em 6:480$000. Em 9.12.1887, surgindo algumas falhas na cobertura do barracão, os contratantes foram obrigados a saná-las, antes de receber o pagamento.

José Pelletti, em 1.7.1887, foi contratado por 70 réis por quilo a transportar, desde as margens do rio das Antas até a sede da colônia, o material destinado à medição de lotes, víveres para as turmas de trabalhadores...

Em 5.3.1888 foram contratados os empreiteiros Marcos Bordignoni e Luís Baroni para construção de 24 pequenos barracões nas linhas e

travessões para instalação provisória dos colonos até fazerem suas casas e plantações; preço de cada barracão: 150$000.

Em 3.3.1888, o engenheiro-chefe, Henrique Cristino da Silva Guerra, solicitava com a maior urgência a nomeação de um capelão para a nova colônia de Antônio Prado, e indicava para ocupar o cargo o Pe. Alexandre Pellegrini, que se achava na sede de Nova Trento (Flores da Cunha). “Julgo desnecessário tratar das qualidades que recomendam esse padre”, diz no ofício.

Em 12.11.1888, foi contratado o sr. Vitório Panarari para construção da “capela provisória, no alpendre do barracão do lado do rio, situado na sede da Colônia “Antônio Prado”. O preço do trabalho completo foi de 132$000.Antes, por ofício, havia sido indicado o sr. Vítor Bersani.

Em 23.1.1889, por contrato, o sr. Antônio Bascon se obrigava a fornecer pelo preço de 38$000 as carroças que eram necessárias para os trabalhos de construção da estrada entre o Passo do Simão, no rio das Antas, e a sede da colônia.

Por contrato, os srs. Antônio Moro e Antônio Chiaradia forneceram pás, alavancas e colherinhas para limpar minas. Bortolo Triches e Osvaldo Artico, também por contrato, forneceram 12 picaretas, 12 marretas e 12 brocas, para começo do serviço na estrada do Simão.

Francisco Maineri contratou o fornecimento de pedras para a referida entrada. O ofício de 12.1.1889 dá conta de uma grande seca, e por isso muitos colonos foram contratados para trabalhar na construção da estrada do Simão, sendo-lhes pago um jornal de 2$000, inclusive a alimentação.

Ofício de 2.1.1889 refere que o fiscal Pedro Ouriques de Menezes, irmão de Joaquim, foi maltratado por colonos por haver exigido o cumprimento de ordens.

Em 31.4.1889, o agrimensor Clarimundo de Almeida Santos comunica ao engenheiro chefe interino da Comissão, Dr. Carlos Leopoldo

Ferreira, que foram suspensos os trabalhos de levantamento da planta do rio das Antas e abertura da linha Dr. Carlos Leopoldo, por ter virado a canoa em que transportava instrumentos e material de trabalho, tendo-se perdido a bússola, a corrente, dez fixas de ferro, dois machados, uma caderneta de apontamentos, roupas e mantimentos. Tudo em virtude da grande cheia do rio.

Em 17.7.1889, o médico das Colônias, Dr. Matias de Campos Neller, oficiava haver nomeado o sr. Martino Tedoldi para enfermeiro da sede da Colônia.

Em 16.3.1889, o chefe da Comissão, Francisco Xavier Gomes, em longo ofício ao Dr. Carlos Leopoldo Ferreira, informava que o serviço de construção da estrada do Passo do Simão se encontrava a cargo dos agrimensores Ernesto Müzell Filho e Clarimundo de Almeida Santos, os quais dirigiam ainda o trabalho nos picadões das linhas 2 de Julho, Trajano de Medeiros, Blessmann e Barata Góis. A medição de lotes em várias linhas processava-se sobas ordens dos agrimensores Major Jorge Maia de Oliveira Guimarães e Tranqüilo Antônio da Silva.

Nesse ofício, faz-se referência ao “Barracão velho”, dando a entender que nesse ano de 1889 já se encontrava construído um segundo barracão na sede da Colônia.

Ordena ainda a execução de pagamentos aos colonos Antônio Andretta e Ângelo Mabiglia, por limpeza no barracão; pagamento de 10$000 aos colonos Pedro Barbieri e Jacinto Apio pela sepultura que deram a uma mulher que faleceu no barracão vítima de bexiga. Outro pagamento a Ângelo Gubert e Antônio Bellincanta por indicarem lotes devolutos a imigrantes recém-chegados.

Em 6.9.1890 efetua-se contrato entre o engenheiro chefe da Comissão de terras e o núcleo Antônio Prado e Teodoro Tuffwesson e João Luciano, para transportar imigrantes (1).

MARCHA DA IMPLANTAÇÃO DA COLÔNIA

O período da instalação da Colônia de Antônio Prado, abalado por importantes acontecimentos políticos do País, como a proclamação da República e a Revolução Federalista de 1893, pouco ou nada sofreu no processo de implantação de imigrantes nas terras devolutas e cobertas de mata da serra do rio das Antas. Os trabalhos prosseguiram sempre sem alguma solução de continuidade, apesar da mudança radical do regime governamental, dos dirigentes federais e estaduais e novas autoridades à frente da Inspetoria e Comissão de Terras e Colonização.

A Revolução de 1893, agitando violentamente quase todos os recantos do Estado, pouco podia interferir numa colônia recém-fundada, alcandorada entre paredões, sem estradas, sem animais de transporte e sem outros recursos humanos, econômicos e financeiros.

Deixando, pois, de lado as agitações políticas, a Inspetoria e as Comissões de Medição de Lotes e as Comissões de Terras e Colonização, prosseguiram seu patriótico trabalho de estabelecer mais de um milheiro de famílias no território do atual município de Antônio Prado.

Visto como nenhum imigrante escreveu a dramática história de seus primeiros anos de vida no seio da mata virgem, achamos conveniente prosseguir transcrevendo a síntese dos documentos encontrados nos arquivos dos escritórios das várias Comissões, sendo os únicos de que dispomos e, portanto, de real valor histórico.

Em 5.5.1890, o Inspetor de Terras e Colonização, Domingos Francisco dos Santos, comunica, em resposta da solicitação dos colonos de Antônio Prado, que tomou providências no sentido de proceder à derrubada da mata nas ruas e logradouros públicos da sede; abertura de uma estrada pelo rio da Prata em direção a Alfredo Chaves (Veranópolis); construção de uma igreja, de uma diretoria e uma casa para a escola.

Em 8.8.1890, o chefe do escritório da Comissão, sr. Teodoro Tuffwsson, solicita providências para que os habitantes de Antônio Prado possam realizar o casamento civil na sede, em virtude da grande distância que separa o núcleo colonial de Vacaria, a cujo município pertence.

Em 20.8.1890, a fim de que a Diretoria Geral da Instrução Pública de Porto Alegre remeta o material para a escola da sede, foi enviada, a pedido, a relação dos alunos que frequentavam a aula regida pelo professor Sérgio Inácio de Oliveira, o primeiro professor de Antônio Prado.

No dia 3.7.1890, foram solicitados livros em italiano para a professora que lecionava na escola feminina da sede da Colônia, Genoveva Scotti.

Em 16.10.1860, Sérgio N. de Oliveira, auxiliar do escritório da Comissão de Medição de Lotes em Antônio Prado, informa à Inspetoria Geral de Terras e Colonização que os colonos resolveram construir uma igreja de madeira na sede e pediam autorização para transferir da capela do barracão os paramentos e aporta que serviam naquela capela.

Em 13.3.1891, o sr. Emílio Conci, empregado da Comissão, avisa à população que todos os lotes desabitados, sem cultura, sem casa e sem família, sejam entregues aos chefes de novas famílias de imigrantes. Da mesma forma, os lotes ocupados por solteiros ficam liberados e à disposição de famílias de novos imigrantes.

Em. 17.3.1891, Teodoro Tuffwsson, Delegado Interino da Inspetoria Geral de Terras e Colonização, em Porto Alegre - RS, comunica ao Dr. José Montaury de Aguiar Leitão, chefe da Comissão de Terras em Alfredo Chaves, que transfere, para exercer o cargo de ajudante no núcleo de Antônio Prado, o sr. João Severino de Almeida Taques, que exercia o mesmo cargo na Comissão de Terras de Caxias, que acabava de ser extinta.

Em 14.2.1891, o ajudante do escritório da Comissão de Terras em Antônio Prado solicita providências junto ao fiscal Amâncio da Rosa em favor de 14 famílias polonesas da Linha Carlos Leopoldo, que se achavam

sem alimento de espécie alguma.

Em 26.5.1891, comunicação acerca de 24 famílias de poloneses-russos, que não queriam se estabelecer, apesar das vantagens oferecidas através do intérprete José Harmenski para acompanhá-las. “Estas famílias já se acham há bastante tempo no barracão e nunca quiseram lotes e nem mesmo ir vê-los”. Segue a relação destas famílias.

Em 26.4.1892, Luís Bolde, concessionário do lote n° 7 da linha Odorico Mendes, junto ao rio das Antas, comunica que, por se achar distante légua e meia do Passo do Simão e do Passo do Zeferino, fez à própria custa uma barca para atravessar o rio, e solicita autorização para que os vizinhos se utilizem desta barca para transportar seus produtos.

Este passo foi utilizado por bastante tempo e recebeu o nome de Passo do Meio, por se encontrar a meio caminho entre os dois referidos passos. Os próprios irmãos Golin se serviram deste passo. Mais abaixo do Passo do Meio, surgiu depois o Passo do Tibúrcio, de Tibúrcio Antônio da Paixão.

Em 26.1.1893, recomenda-se aos fiscais Vicente Monteggia e Sante Vicenzi que se dê trabalho aos chefes de famílias só durante dez dias em cada mês, à razão de 1$500 diários. A referência era para as 180 famílias polonesas que acabam de chegar procedentes de São Marcos dos Polacos, hoje município de São Marcos.

Em 26.8.1893, o tropeiro Frederico Baldisserotto partia de Caxias levando para Antônio Prado: 22 fechaduras, 194 pares de dobradiças, 60 ditas de ditas, 71 pacotes com pregos, 6 pás, 10 foices, 9 serras, 22 picaretas e 12 enxadas.

Em 30.12.1899, logo após a criação do município de Antônio Prado, o amanuense da Intendência de Caxias, José Vicentino pediu exoneração por ter sido nomeado Juiz distrital do novo município, tendo sido, portanto, o primeiro Juiz distrital de Antônio Prado.

Em 24.1.1891, os comerciantes Florindo Lângaro e Pedro Bortolaz

informam que existem cerca de 150 lotes vagos, devendo ser ocupados, e que na sede da Colônia há "um vasto e cômodo barracão para os imigrantes e que custou vários contos de réis ao governo, sem ser nunca ocupado senão pelo enfermeiro, que não tem família, achando-se os imigrantes chegados com suas famílias no meio do mato e ao relento, com prejuízo da saúde, em vez de se agasalhar no referido barracão".

Em 26.2.1891, comunica-se a nomeação de Carlos Xavier de Morais Pinto para servir de agrimensor da Comissão de Terras de Antônio Prado.

Em 3.3.1891, da Comissão de Terras de Alfredo Chaves, o engenheiro chefe, Dr. José Montaury, diz que o empregado Romano Martini, inspecionando as linhas Castro Alves, Fagundes Varela, Carlos Leopoldo, Gustavo Vasa, encontrou os imigrantes poloneses revoltados e prontos a seguir para Caxias, desfeitados pela miséria em que se achavam. Para acalmá-los, foi necessário dar vales a todos, porquanto a triste situação dos colonos resultava da falta de cumprimento do dever do fiscal Amâncio. Comunicava-se também a ordem de substituição deste fiscal pelos empregados Romano Martino e João Schivach.

Em 27.4.1891, José Antoniutti pede autorização para edificar sua casa na sede e para tanto pede o lote n° 3 da quadra 40.

Em 17.5.1891, o Dr. José Montaury, da Comissão de Alfredo Chaves, ordena que os fiscais dividam equitativamente os pedidos de mercadorias entre os comerciantes da sede, a fim de que não haja reclamação, como a que recebeu do comerciante Rota.

Nos arquivos das Comissões de Terra e Colonização, encontram-se várias reclamações contra o proceder pouco correto do balseiro do Passo do Simão, sr. Hipólito de Oliveira, que, certa vez, chegou a ser substituído por ordem superior. A propósito, vamos transcrever uma passagem das memórias de José Gelain, o Fundador de São José do Ouro, que, por volta de 1889, residia em Nova Pádua, tendo ido procurar serviço na construção de estradas do tal de "Paese Novo", como os

imigrantes de Caxias se referiam à Colônia de Antônio Prado. Estas memórias fazem parte do livro “Semblantes de Pioneiros” do autor desta monografia.

“Aproveitamos a oportunidade que o governo nos oferecia para abrir a estrada que devia ligar Campo dos Bugres ao Paese Novo (Antônio Prado). Os imigrantes chegados há um ano tinham a preferência na empreitada. Foi assim que eu, o tio Prodóscimo, dois filhos de Caon e o jovem João Zanatta, nosso vizinho, fomos trabalhar na construção da referida estrada.

Ao chegarmos ao rio das Antas, surgiu um problema bastante sério: a travessia do caudaloso rio, que as últimas chuvas haviam engrossado. Deveríamos utilizar a barcaça ali existente. Diziam que a balsa era do governo e que todos podiam passar por ela sem pagar. Mas o chefe da barca não queria nos deixar passar sem pagar.

Algumas horas depois, chegou um grupo de imigrantes que se dirigiam ao Paese Novo. Insistimos para passar juntos. Mas o balseiro não levava ninguém sem dinheiro, exceto os imigrantes. E nenhum de nós possuía sequer um mísero tostão. Estávamos com imensa fome. Anoitecia. Entramos no mato e varamos a noite de qualquer jeito, mal acomodados e passando frio.

Ao clarear o dia, pedimos para passar. O barqueiro nos respondeu: Sem dinheiro não se passa. Ao meio-dia, a fome era intolerável. Eu não aguentava mais. Ajoelhei-me diante do balseiro e pedi por caridade, por amor de Deus, que nos deixasse passar, porque estávamos morrendo de fome.

Graças a Deus, passamos. O balseiro nos levou depois a um seu compadre, que morava ali perto, e recomendou-lhe que nos desse de comer. Mas o compadre, ao contrário do que nós julgávamos, nos mandou comer cana-de-açúcar. Aí eu não pude calar:

- Mas que sustento pode dar a cana se já faz dois dias que não comemos nada?

- Então, arranquem estas pedras aqui, enquanto eu vou à casa do vizinho a ver se consigo um pouco de farinha. Eu preciso das pedras para fazer uma taipa.

Começamos a trabalhar. Eu, porém, não podia por causa da fraqueza e da fome. Duas horas depois chegou o homem com a farinha. Fizemos uma polenta sem sal, porque ele nem sequer tinha sal. Como era gostosa aquela polenta! Mas muito pouca para matar a fome.

No dia seguinte, continuamos a viagem. Entramos por estreitas picadas e subíamos agarrando-nos em cipós, atalhando, a fim de chegarmos depressa ao Paese Novo. O caminho era difícil e tivemos de trepar por enormes paredões de pedra.

Ao meio-dia chegamos. No Barracão dos Imigrantes comemos, graças a Deus. Naquele tempo, além do barracão, só havia duas casas. De tarde começamos a trabalhar. O bom trabalhador ganhava dois mil réis por dia e o mais fraco, 1$500.

Labutamos durante 15 dias. Depois cedemos o lugar a outros imigrantes, que também precisavam ganhar o alimento. Pagávamos a comida e sobrava-nos um mil réis por dia. Nos 15 dias de serviço, eu e o tio Prodóscimo ganhamos 25$000. Comíamos mal e dormíamos ainda pior. A comida consistia em polenta e açúcar. Ao meio-dia, toucinho assado no fogo".

Em 20.5.1891, de Alfredo Chaves, o Dr. José Montaury informava que os imigrantes suecos de Antônio Prado se transferiam para a Colônia Lucena, no Alto Uruguai.

Em 10.6.1891, comunica-se o pagamento de 227$000 ao sr. Pedro Bortolotto e seus companheiros por trabalhos na exploração da estrada que da sede vai ao rio da Prata. No mesmo dia, Antônio Rubini requer pagamento por derrubada, estrada e casa, no lote 84 da linha Trajano.

21.7.1891, de Alfredo Chaves informa-se que seguiram para Antônio Prado: 400 pacotes de pregos, 50 fechaduras, 150 pares de

dobradiças, 25 facões, 15 quilos de pólvora e 100 metros de estopim.

Em 29.6.1891, os imigrantes Antônio Filippi, José Scarpin, João Bortolasa, Torquato Bemali e José Mono tomaram posse dos lotes 1, 7, 8, 9, 10 da linha Paranaguá, e solicitam-lhe sejam conduzidas as famílias na 10ª Légua, travessão Carvalho, n° município de Caxias.

Em 5.7.1891, solicita-se a presença no escritório da Comissão de Antônio Prado do fiscal Mateus Romano. Em 18.10.1891, comunica-se que José Marchi vendeu seu lote n° 27 da linha 10 de Julho para André Bellini.

Em 20.2.1892, o comerciante Antônio Sfoglia da linha Castro Alves solicita pagamento de 300$000 por gêneros fornecidos por ordem do fiscal José Harmenski. Em 18.3.1892, comunica-se a retirada de imigrantes poloneses.

Em 2.4.1892, o auxiliar da escrita sr. Vítor Bersani, do escritório da Comissão de Terras de Antônio Prado, remete relatório dos trabalhos na abertura da estrada do rio da Prata, sob as ordens do fiscal Edmundo de Menezes Paredes.

Em 4.7.1892, José Manfron, do lote n° 2 da linha Almeida, composto de paredões e terra má, sendo pobre e com 9 filhos, solicita uma sobra de terra n° linha 10 de Julho, às margens do rio Leão.

2.10.1892, Nazário Stimamiglio, ferreiro da sede, requer despacho do lote que ocupa há mais de quatro meses. Em 26.1.1893, recomenda-se ao fiscal Vicente Monteggia que não pode dar serviço por mais de dez dias em cada mês aos chefes de cada família, com uma diária de 1$500.

Em janeiro de 1893, o Dr. José Montaury Aguiar Leitão, engenheiro chefe da Comissão de Terras e Colonização em Alfredo Chaves, oficina ao sr. Francisco Carlos Resin Barreto Leite, ajudante da comissão de Antônio Prado, que tem sido “testemunha ocular da péssima distribuição do serviço para construção da estrada de Alfredo Chaves para a Colônia de Antônio Prado, na subida à margem esquerda do rio da Prata”, ordena que Vicente Monteggia tome conta do serviço. (1).

A SEDE DA COLÔNIA

Acerca do processo de escolha do local para a sede da nova Colônia de Antônio Prado, não existe informação alguma nos arquivos dos escritórios das Comissões de Medição de Lotes e Comissões de Terras e Colonização. Sabemos apenas, como vimos, ter sido contratado para construir um barracão dos imigrantes no Passo do Simão (17.3.1887) o pioneiro Camilo Marcantônio, considerado um dos fundadores de Antônio Prado.

Um mês após, em abril, foram contratados Nicolau Luís Amoretti e Stefano Alberti para a construção do primeiro barracão no local que foi escolhido para sede da Colônia. Diz a tradição oral que o local escolhido primeiramente teria sido onde hoje se ergue a vila Ipê, por sua posição excelente em terreno plano, mais indicado que o da sede atual. Nesse local, entretanto, havia posses de fazendeiros dos campos de Vacaria, os quais reclamaram contra a ocupação de suas propriedades, obrigando os encarregados da formação da Colônia a recuar para onde hoje se encontra, entre montanhas, nas proximidades do rio Leão.

Mas alguns imigrantes começaram a comprar as terras do atual distrito vacariano de Ipê. Em janeiro de 1900, foi construída lá uma capela dedicada a São Luís, Rei da França, em terreno doado pela viúva de Luís Augusto de Medeiros Branco, e benta por D. Carmine Fasulo no dia 20 do mesmo mês e ano, tendo em 1903 transferido para cá provisoriamente a sede da paróquia.

O pioneiro Camilo Marcantônio, que abriu a picada que se transformou na estrada do Passo do Simão, não seguiu a direção da futura sede da cidade. Galgou a serrania rumo do poente, atingindo a culminância precisamente no ponto onde hoje se ergue a capela de Nossa Senhora da Saúde, na Linha 2 de Julho. Daqui, pela cordilheira entre os

rios Inferno e Leão, atingiu a zona da futura Linha Silva Tavares.

Camilo Marcantônio, nascido em Trento em 1838, emigrou com a família para o Brasil em 1877, instalando-se, a princípio, no Barracão dos Imigrantes de Campo dos Bugres (Caxias) e, a seguir, abriu casa de comércio, tendo sido um dos primeiros negociantes de Caxias.

Quatro anos depois, transferiu-se para a Sexta Légua, onde montou moinho hidráulico, que lhe valeu um prêmio na Exposição Brasil-Alemanha. De espírito aventureiro, embora analfabeto, Camilo emigrou para a Argentina e Uruguai, onde permaneceu apenas dois anos, retornando para Caxias, quando, em 1886, se iniciava a fundação da nova Colônia de Antônio Prado.

O "Paese Novo" chamou logo a atenção dos imigrantes estabelecidos na Colônia de Caxias, tendo então início a primeira emigração interna. Juntamente com o filho Francisco, de 16 anos, Camilo, João Pellin, dois irmãos Barea e Irmãos Brandalise, Giácomo e João Sebben e Pio Voltolini, enfrentando a nova aventura, atravessaram o rio das Antas e fixaram-se no Passo do Simão, de onde, mais tarde, abrindo picada pela íngreme encosta do rio Leão, iniciavam, com centenas de outros imigrantes, o desbravamento da selva e a colonização.

Fixando-se definitivamente na sede da Colônia, a família Marcantônio dava início à campanha patriótica da fundação de Antônio Prado. O filho Francisco, em 1897, era nomeado Inspetor escolar. Com a criação do município, em 1899, foi o primeiro Juiz Municipal, presidente do Conselho Municipal durante longos anos e, por fim, Intendente, como adiante veremos.

Camilo faleceu em Antônio Prado em 4.12.1905. Seu irmão Vítor Marcantônio, da Itália emigrou para os Estados Unidos, onde se destacou na vida econômica e social, tendo um de seus netos, de nome Vitor, sido eleito deputado pelo Estado de Nova Iorque, Partido Socialista Norte-Americano.

Assim como a família Marcantônio, quase todos os pioneiros

estabelecidos na sede de Antônio Prado procediam de Caxias. Assim: João De Boni, Marco Carlesso e Luís Zurlo, da 7ª Légua. Valentino Grazziotin, Vitório Faccioli e Caetano Faccioli, da 8ª Légua. José Deluchi, da 9ª Légua. Stefano Letti, da 11ª. Antônio Andognini, Santo Ceregatto, Vicente Rodolfi, da 15ª Légua.

Os Dotti, filhos de Teresa Dotti, procediam do Travessão Lagoa Bela, assim como a família Roveda. Cristiano Ziegler e Caetano Zanardi, da 15ª Légua. Os Reginato (João e Antônio), da 16ª. Andrea Dellagiustina e irmão, da 1ª Légua. Os Valmorbida da 3ª Légua. Eugênio e Antônio Scotti, da 5ª Légua. Germano e Tranqüilo Endrizzi, da 5ª Légua. Os Antoniutti, da 6ª, como também Celso Zaccani.

Vieram ainda de Caxias: Pedro Cagliari, Luís Michelin, Luís Funini, Atílio Citton, Victo Fedumenti, Andréa Michelon, Clemente Tomazzoni e muitos outros (1, 9, 15).

OS PIONEIROS

Não existe relação completa dos imigrantes que desde 1886 se estabeleceram em Antônio Prado. Isto por que muitos já se encontravam na Colônia de Caxias, onde reemigraram, penetrando por vezes no território pradense sem controle oficial, obtendo posteriormente legalização do lote que haviam ocupado.

Pesquisando nos arquivos das Comissões de Terras e Colonização, nos arquivos da Prefeitura Municipal, das paróquias da sede e de Nova Roma, como no esboço histórico elaborado por João Spadari Adami, conseguimos apurar cerca de duas mil famílias italianas, umas 200 polonesas, suecas, francesas...

Sebben Giacomo, 26 anos, de Beluno, casado, filhos Germano e João, chegado em Caxias em 1.1.1880, ocupou o lote 26 da Linha

Almeida. Seu irmão João, de 23 anos, casado, ocupou o lote 22 da mesma Linha.

Fusinato Bortolo, 32 anos, solteiro, de Beluno, chegou em 30.4.1886, lote 15 da Linha Almeida.

Marin Antônio, 28 anos, casado, de Vicenza, chegou em 27.8.1887, com os filhos Ângela, Alexandre, Ema e João, lote 28 da mesma Linha.

Matana Antônio, 50 anos, casado, chegou em 25.4.1886, lote 10 da Linha 10 de Julho.

Montagnini, José, Francisco e Bortolo, de Vicenza, chegaram em 11.5.1886, lotes, 2, 3 e 7 da Linha Trajano de Medeiros.

Ferlin Bruno, 22 anos, solteiro, de Treviso, chegou em 1885, Linha Carlos Leopoldo.

Andrighetti Bortolo, 20 anos, casado, de Beluno, lote14 da Linha Guerra, concedido em 1890. No mesmo ano receberam lotes:

Ragnini Ângelo, 20 anos, casado, de Mântua, Linha 10 de Julho.

Roani Massimiliano, 18 anos, solteiro, de Mântua, Linha 7 de Setembro.

Benetti Eugênio, 22 anos, casado, de Treviso, Linha Mimosa.

Chiarello Catarino, 49 anos, casado, de Pádua, Linha 2 de Julho.

Esposito Luís, 47 anos, viúvo, de Bérgamo. Linha Silva Tavares.

Gazola Avenola, 18 anos, solteiro, de Treviso, Linha Almeida.

Bogoni Giacomo, 18 anos, solteiro, de Verona, Linha Cândida.

Maritan Marcos, 48 anos, casado, 5 filhos, de Pádua, Linha Almeida.

Cervelin Marcos, 46 anos, viúvo, de Pádua, 3 filhos, Linha Trajano.

Castelan José, 18 anos, solteiro, de Vicenza, Linha Guerra.

Masocchi Amadeo, 20 anos, solteiro, de Mântua, Linha 2 de Julho.

Fogetti Santo, 49 anos, casado, de Verona, Linha Trajano.

Caliari João, 48 anos, de Vicenza, Linha Trajano.

Caliari Luís, 18 anos, solteiro, de Vicenza, Linha Trajano.

Gelain Bernardo, 18 anos, solteiro, de Pádua, Linha Serro Grande.

Andretta Antônio, 50 anos, casado, filhos João e Antônio, de Pádua, Linha 2 de Julho.

Bertolini Luís, 22 anos, casado, de Mântua, chegou 1878, Linha 10 de Julho.

Casarotto Antônio, 20 anos, solteiro, de Vicenza, 1883, Linha Trajano.

Vecini Alessio, 50anos, casado, de Verona, 1889, Linha 2 de Julho.

Vecini Pasquale, 19 anos, solteiro, Verona, 1889, Linha Guerra.

Tessaro José, 22 anos, casado, de Pádua, 1889, Linha Almeida.

Galiotto Romano, 26 anos, de Vicenza, 1889, Linha Carlos Leopoldo.

Bernardi Pedro, 19 anos, solteiro, de Pádua, 1885, Linha Blessmann.

Paglioli Francisco, 22 anos, casado, de Cremona, 1878, Linha Paranaguá.

Nardello Francisco, 49 anos, casado, de Vicenza, 1888, Linha Paranaguá.

Bortoli Marcos, 37 anos, casado, de Vicenza, 1889, Linha

Mimosa.

Trentinaglia Carlos, 38 anos, casado, de Vicenza, 1889, Linha Paranaguá.

Gabriele César, 34 anos, casado, de Verona, 1889, Linha 2 de Julho.

Guarresi Gregário, 24 anos, casado, de Mântua, 1889, Linha 10 de Julho.

Segala Miguel, 24 anos, solteiro, de Vicenza, 1889, Linha Trajano.

Fabbri Leopoldo, 19 anos, solteiro, de Beluno, 1890, Linha 15 de Outubro.

Colombo Ângelo, 25 anos, casado, de Milão, 1890, Linha 15 de Outubro.

Colombo José, 18 anos, solteiro, de Milão, 1890, Linha 15 de Outubro.

Grandi João, 23 anos, solteiro, de Beluno, 1890, Linha Trajano.

De Boni João, 48 anos, casado, de Treviso, chegado em Caxias 1879, Linha Blessmann

Formighieri Cândido, 19 anos, de Mântua, 1885, Linha Blessmann.

Sanguanini Giacomo, 50 anos, casado, de Mântua, chegado n° Brasil 1883, Linha Blessmann.

Balvredi João Maria, 19 anos, solteiro, de Beluno, 1885, Linha Blessmann.

Bellosini Federico, 25 anos, casado, de Como, chegou 1877, Linha Cândida.

Bracaioli Antônio, 36 anos, casado, de Regio Emília, 1877, Linha Guerra.

Bernardi Luís, 19 anos, solteiro, de Treviso, 1890, Linha Carlos Leopoldo.

Scolaro Luís, 21 anos, casado, de Vicenza, 1884, Linha Guerra.

Didoné João, 19 anos, solteiro, de Treviso, 1885, Linha Blessmann.

Soldera Antônio, 25 anos, casado, de Treviso, 1885, Linha Trajano.

Soldera João, 36 anos, casado, de Treviso, 1880, Linha Trajano.

Madalozzo Antônio, 23 anos, casado, de Beluno, 1876, Linha Blessmann.

Madalozzo José, 19 anos, solteiro, de Beluno, 1876, Linha Blessmann.

Barea Ângelo, 19 anos, solteiro, de Treviso, 1885, Linha Blessmann.

Balvede Bartolomeu, 19 anos, solteiro, de Beluno, 1885, Linha Blessmann.

Zatti Santo, 18 anos, solteiro, de Pádua, 1889, Linha Paranaguá.

Fontana Miguel, 20 anos, solteiro, de Trento, 1877, Linha Guerra.

Salomon Emílio, 21 anos, solteiro, de Regio Emília, 1885, Linha Carlos Leopoldo.

Venturini Bortolo, 26 anos, solteiro, de Beluno, 1879, Linha Barata Góis.

Venturini Agostinho, 23 anos, casado, de Beluno, Linha Barata Góis.

Venturini Luís, 22 anos, casado, de Beluno, Linha Barata Góis.

Boni Alexandre, 23 anos, casado, de Cremona, Linha Barata Góis.

Damin Luís, 19 anos, solteiro, de Beluno, Linha Hortêncio.

Sartori Alberto, 24 anos, solteiro, de Treviso, Linha Odorico Mendes.

Venturini Ângelo, 18 anos, solteiro, de Beluno, Barata Góis.

Colla Alexandre, 23 anos, casado, de Cremona, Linha Cândida.

Loranza João, 21 anos, solteiro, de Vicenza, Linha Trajano.

Martelli Henrique, 19 anos, solteiro, de Mântua, Linha Blessmann.

Tonin José, 18 anos, solteiro. Linha 2 de Julho.

Longo Pedro, 19 anos, solteiro, de Vicenza, Linha Almeida.

Sintetizando, vamos transcrever apenas o nome das famílias que já se encontravam em Antônio Prado a partir ***de 1888:*** *Dalpasso, Milan Costa, Prevese, Comparin, Dalprá, Perbon, Pastore, Dotti, Fuga, Nosimben, Donola, Zacchinel, Antonelli, Corso, Fabris, Brusamarello, Saccon, Daniel, Scuvo, Curzel, Prataviera (João), Ranzolin, Artuzo, Rebeschini, Toresan, Zanetti, Spagnolo, Mercanti, Fiorese, Tivindelli, Bombonato, Bortoli, Vicenzi (Sante), Dallavia, Motterle, Delai, Albanello, Marcon, Malagugno, Frigotto, Dalagno, Chiarello, Denal, Fordo, Cereghin, Bortoloto, Lângaro, De Crestani, Andreoli, Tartari, Balena, Lango, Baldin, Scalcon, Golo, Sarbo, Callegari, Manfron, Viero.*

De 1893: *Guadagnin, Zanella, Bianchi, Dedea, Levis, Dondoni, Zamarato, Rosin, Gallo, Mognon, Longo, Morello, Mincato, Michelato, Zeneve, Pistorelo, Rigon, Rosa, Zanardi, Simeoni, Pasqualin, Fiorentin, Toniolo,Tomasini, Largo, Dalbosco, Fascina, Combatto, Bergamin, Borsoi, Sasso, Bonfé, Bolzoni, Vanzin, Scotá, Micheleto, Foralosso, Dalegrave, Speronello, Trentin, Paoletti, Buzeloto, Zenaro, Coronetti, Canale, Salomoni, Pontello, Bortolon, Dalmás, Conteleghe, Scarpolin, Peruzzato, Maschio, Oliboni, Zolet, Stimamiglio, Casarin, Bet, Marchiori, Follador, Reginato, Tamani, Mezzalira, Burato, Basei, Favaro, Baroni, Cressoli, Duso, Carlotto, Triches, Sbavatti, Dengo, Conte, Cadore, Boareto, Carra,*

Bee, Pilotto, Narsetti, Bacchi, Scapin, Farinca, Dallazen, Cesaro, Belato, Santinon, Mutterle, Buzzacaro, Belon, Farioli, Gasperin, Weber, Morsoleto, Manera, De Carli, Ardin, Geraton, Cassetari, Zen, Parisotto, Bressan, Dall'Agnol, Grandi, Nodari, Polo, Beltrame, Verza, Ruaro, Zulianelo, Zugililan, Faoro, Colpo, Miola, Aver, Massignan, Restelli, Baggio, Arcari, Drago, Tondello, Ghinzelli, Zompra, Marangoni, Bearsi, Gonzato, Ghiotto, Cesara, Pigosso, Gabrielli, Meglioroni, Mortari, Prandini, Ferrarese, Sega, Bettono, Visso, Serafin, Pretto, Peruzzato, Milani, Grezzana, Mussoi, Menegotto, Scopel, Scodiero, Menegoto, Mascalzoni, Susin, Zardo.

De 1900: *Belato, Passerin, Scotti, Dal Pian, Bellini, Gallio, Mortari, De Grandi, Legnaghi, Dalla Valle, Pontel, Lodi, Campara, Basso, De Biasi, De Lorenço, Negri, Bevilacqua, Moret, Battestoni, Fabian, Longhi, Citton, Morés, Agnasso, Guisetto, Garbin, Pegorini, Zulpo, Furlanetto, Macagnan, Casarotto, Riva, De Rossi, Minella, Zuco, Cechin, Stella, Masiero, Zoletti, Mora, Ceri, Dal Castel, Santi, Perozzoli, Perin, De Bortoli, Sponga, Frighieri, Zamboni, Lorenzi, Troian, Mangheri, Mattiozzi, Castagna, Venturin, Marconi, Filipini, Fin, Giacomin, Gazero, Barato, Vedana, Martinello, Andrin, Musato, Sgarion, Poli, Da Poiam, Bressanetti, Pena, Favreto, Francescato, Camatti, Vieceli, Guerra, De Negro, Pegoraro, Mancieri, Luiseto, Serena, Rizon, Zurbo, Ceregati, De Stefani, De Bona, Empinotti, Sussela, Sgarbi, Galvan, Zaballo, Muraro, Pivoto, Casali, Marcanzoni, Dal Bello, Renosto, Provin, Luchini, Boff, Rotta, Giroto, Farioli, Bizzotto, Samistraro, Furlaneto, Poltronieri, Bocchese, Slaviero, Tergolina, Magagutti, Mussato, Vigolo, Cecconeto, Migotto, Vial, Soso, Totti, Viero, Massa, Dalan, Ferrari, Leardini, Tedesco, Vaccari, Andrighetti, Jarris, Pellizzaro, Vicerini, Bertazzo, Zulian, Tieppo, Sorgato, Gobbi, Piazza, Missionera, Panassol, Isoton, Soster, Belíssimo, Perini, Stelin, Paganela, Agostini, Alvise, Faccio, Carpes, Perozzoli, Ampessan, Anziliero, Casagrande, Benini, Grassi, Reguini, Chiesa, Golin, Galuppo, Salvati, Zampieri, Araldi, Brombilla, Damiani, Rech, Pedrone, Borella, Rizzi, Barp, Dalla Costa, Zenato, Pagni, Sebbere, Barone, Camana, Massoi, Piva, Ponghilupi, Besuti, Simoneto, Fiores, Cambin, Balen, Bresolin, Zamfrondi, Zamboni, Lode, Bragali, Meyer, Fresele, Zillioto, Zabala, Berton, Anzolin,*

Sassi, Giulioli, Frana, Pellin, Pietrobiasi, Miglioranza, Toniazzo.

A relação vai prosseguir no capítulo dedicado a Nova Roma e às capelas. Em quase todos os capítulos há referência de pioneiros, para complemento da relação do grande número de imigrantes instalados em Antônio Prado (1, 2 e 3).

EPOPEIA NA SELVA

A saga dos imigrantes que escalaram os penhascos, desbravando o escabroso sertão, para fundar Antônio Prado, constitui sublime epopeia, digna de ser cantada em prosa e verso. Sertão bravio, aterrador, isolado por rios caudalosos rolando encachoeirados em vales profundos, assoberbados por trágicos fragaredos, a nova terra destinada aos heroicos imigrantes lá se postavam num gigantesco desafio.

Intrépidos desbravadores, aceitaram o repto temerário de peito aberto, enfrentando o mistério da selva insidiosa, numa aventura rocambolesca. Milhares de famílias, com numerosa prole, muitas crianças de colo, algumas nascidas em alto mar ou em plena floresta, esta sucumbindo em caminho, para pasto dos peixes do oceano, aquela sepultada à sombra dos pinheirais centenários, lá marcha o épico cortejo, abrindo picada a facão, galgando penosamente a íngreme encosta, vergando ao peso da bagagem e da prole.

Recebido o lote que a Comissão de Terras e Colonização lhe oferece, lá vai, triunfante como um descobridor, abrindo uma clareira na mata, onde ergue sua casinha e lança ao solo a primeira semente. Até que a planta não frutifica, a família lá vai vivendo pobremente à custa do governo brasileiro.

Não existe leite para as crianças. Nem há galinha que ponha um ovo. Falta o animal de montaria e de transporte. Falta o médico e a

medicina contra as contínuas enfermidades, que vão ceifando em poucos meses até seis membros de uma só família. Difícil encontrar família que não lamente a morte de um de seus filhos.

A velha mãe italiana sabe fiar. Planta logo o linho a fim de poder sem demora tecer uma roupa para os filhos, um lençol para a dura cama. Enfim, as primícias da nova terra. O milho, luxuriante, gigantesco, já sorri com suas espigas verdes, que, sapecadas na brasa, são saboreadas gulosamente, entre lágrimas de emoção.

Depois, o milho secou. Para moê-lo, improvisa-se um tosco pilão. Um que outro mais audacioso, meio quilo às costas, lá vai, em longa caminhada, em busca de um moinho na longínqua Colônia de Caxias, no Campo dos Bugres.

Por fim, fumegou na velha panela sobre improvisado poial a saborosa polenta. Uma festa inesquecível, aquele banquete! Bendito seja Deus!

A bela cidadezinha de Antônio Prado, os risonhos vilarejos do seu interior, com suas garridas vivendas, com todo o conforto da moderna civilização, firmam-se vigorosamente sobre alicerces construídos com heroísmos obscuros, argamassados com suor, lágrimas e sangue.

OS PASSOS INICIAIS

Construída, em março de 1887, a primeira balsa no Passo do Simão, e, em abril, o barracão da sede da Colônia, os imigrantes, italianos e poloneses, começaram a se estabelecer, tendo à frente o pioneiro Camilo Marcantônio, com seu filho Francisco e mais seis companheiros, como foi referido.

Dois destes, os irmãos Giácomo e João Sebben, abrindo picada, afundaram na floresta, galgando a montanha e escolhendo seu lote na

atual Linha Almeida, onde construíram a primeira moradia do interior. Dois outros irmãos, Sisínio e Anibale Curzel, foram os primeiros a efetuar a derrubada e proceder à plantação nas imediações da sede da Colônia.

Os poloneses, provisoriamente instalados num barracão erguido no local onde hoje se levanta o belo edifício do Piemonte Hotel, encarregaram-se de iniciar a construção da praça.

Neste local da praça atual, o capelão, Pe. Alexandre Pellegrini, em1888, mandou plantar a primeira videira e algumas árvores frutíferas. Em abril do mesmo ano, Antônio Longo levantava a primeira casa no perímetro urbano.

Foi decisivo este ano de 1888 para a nova Colônia. Nele inaugurava-se a série de matrimônios, com o casamento religioso de João Tergolina e Luigia Delucchi, assistido e abençoado pelo Pe. Pellegrini. Na Linha Dez de Julho, neste ano, os imigrantes erguiam a primeira capela, dedicada a São Roque.

Nesse ano ainda surgia a primeira indústria, por iniciativa de João Dambrós, que instalou um moinho hidráulico às margens do rio Inferno, no lugar mais tarde denominado Borgo Forte.

No ano seguinte, sob a coordenação do Engenheiro-Chefe da Comissão de Medição de Lotes, Dr. Carlos Leopoldo Ferreira, o Padre Alexandre Pellegrini, Sisínio Curzel e João Tergolina, organizaram uma Cooperativa de Consumo, para garantia de segurança dos agricultores.

Em 1890, a Colônia de Antônio Prado passou a fazer parte do município de Vacaria, como 4° distrito, sendo, mais tarde, por Ato n° 66 de 22 de setembro de 1894, mudado para o 5° distrito.

Antônio Prado entrou a progredir com notável rapidez. A sede crescia com a contínua edificação de moradias. A agricultura produzia seus primeiros frutos.

E, assim, como aconteceu com a Colônia de Caxias (26.6.1890), com a Colônia de D. Isabel (Bento Gonçalves) 11.10.1890, e a de Alfredo

Chaves(15.1.1898), uma nova colônia de imigrantes italianos transformava-se em município — Antônio Prado. Era a marcha impetuosa da colonização italiana no Rio Grande do Sul (1 e 10).

CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO

O primeiro município criado pelo Presidente Borges de Medeiros foi o de Antônio Prado, com o Decreto n° 220, de 11.2.1899, elevando a Colônia à categoria de vila. Eis o texto deste decreto:

"Decreto n° 220, de 11.2.1899, eleva à categoria de vila a Colônia de Antônio Prado, atual 5° distrito do município de Vacaria.

O Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 20 n° 15 da Constituição e de conformidade com as disposições do Capítulo II, título preliminar na Lei n° 10, de 16 de dezembro de 1895, considerando justa a aspiração dos habitantes da Colônia Antônio Prado, atual 5° distrito do município de Vacaria, decreta:

Art. 1° — Fica elevada **à** categoria de Vila a Colônia de Antônio Prado.

Art. 2° — Os limites do novo município serão os do atual 5° distrito de Vacaria, a saber: Ao norte o município da Vacaria (4° distrito municipal); ao sul e leste o rio das Antas, desde a barra do rio da Prata até a do São Marcos; a oeste os rios da Prata e Turvo.

Art. 3° — **O** território deste município constitui parte integrante da Comarca da Vacaria.

Art. 4° — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 11 de fevereiro de 1899.

Antônio Augusto Borges de Medeiros.

João Abbott".

A instalação da Intendência da nova vila verificou-se n° dia 25 de março de 1899, como se pode constatar pela ata que a seguir transcrevemos:

"Ata da instalação da Intendência da Vila de Antônio Prado, termo da Vacaria, Estado do Rio Grande do Sul.

Aos 25.3.1899, n° Vila de Antônio Prado, elevada a esta categoria pelo governo do Estado, em decreto n° 220, de 11 de fevereiro do corrente ano: em uma das salas do próprio Nacional em que funciona o escritório da Comissão de Terras, presente o cidadão Inocêncio de Matos Miller, intendente nomeado pelo governo do Estado, funcionários públicos e grande número de munícipes, onde fui vindo a convite do cidadão Intendente a fim de ocupar o lugar de secretário que aceitei. Declarou o Sr. Intendente que autorizado pelo governo do Estado dava por instalada nesta data a Intendência desta Vila, conforme Decreto n°220, de 11.2.1899, cujos três primeiros artigos vão aqui transcritos:

Artigo 1° — Fica elevada à categoria de vila a colônia de Antônio Prado.

Artigo 2° — Os limites do novo município serão os do atual 5° Distrito da Vacaria, a saber: ao norte o município da Vacaria (4° Distrito municipal), ao sul e leste o rio das Antas desde a barra do rio da Prata até a de São Marcos; ao oeste os rios da Prata e Turvo.

Artigo 3° — O território deste município constitui parte integrante da Comarca da Vacaria.

Prestou o cidadão Intendente o compromisso de bem e fielmente cumprir os deveres inerentes ao cargo para o qual fora designado e tomou posse, e bem assim dar execução às instruções que baixaram com o

Decreto n° 145, de 5.3.1899. Em ato contínuo o cidadão Intendente marcou o dia 1° de julho para ter lugar a eleição de Intendente e conselheiros municipais que devem servir no quatriênio de 1899 a 1903.

Nesta ocasião foi pelo cidadão Intendente levantadas vivas à República, aos cidadãos Presidente do Estado, secretário Dr. João José Pereira Parobé, tenentes coronéis Avelino Paim de Souza e Teodoro de Sousa Duarte, cidadão Sebastião Horta, padre D. Carmine Fasulo e Coronel Bento Porto, sendo entusiasticamente correspondidos pelos presentes. E não havendo mais nada a tratar-se mandou o cidadão Intendente lavrar a presente ata em que assinou comigo: Luís Angelini, secretário que escrevi e todos os presentes.

Mande-se conhecimento de todo o ocorrido ao cidadão Presidente do Estado e mais autoridades.

O Secretário Luís Angelini, o Intendente Inocêncio de Matos Miller.

Presentes: D. Carmine Fasulo, Bento da Lavra Pinto, Vittorio Faccioli, Diniz Vieira de Lemos, M. Hipólito de Oliveira, João Carneiro de Mesquita, Raul Luís Gomes de Alencar, Firmino Luís Gomes de Abreu, Bernardi Pietro, Scotti Eugênio, Vicenzi Sante, Faoro Giovanni, Busellato Luigi, Carissimi Francesco, Toniazzo Caterino, Deluchi Pietro, Coronetti Giovanni, Mattana Giuseppe, Bochese Giovanni, Sebben Giacomo, Gazolla Pietro, Lino M. dos Santos, Curzel Sisínio, Florêncio José da Silva, Tonolli Giovanni, Zaffonato Luigi, Spuldaro Ângelo, Tonolli Giuseppe e Santo Borella".

Em 8.6.1899, o Intendente Inocêncio de Matos Miller exonerou do cargo de secretário da Intendência o sr. Luís Angelini "a bem do serviço público, pelo fato de ter o sr. secretário interrompido a boa marcha desta administração", e nomeado em substituição o sr. João Carneiro de Mesquita. Em 20 do mesmo mês e ano, foi nomeado pelo sr. Intendente o sr. Ildefonso Ferreira da Cunha para secretário da Intendência, em substituição de João Carneiro de Mesquita. Diz a ata: "Manda o mesmo cidadão Intendente agradecer e louvar o cidadão Mesquita, pelo zelo,

dedicação e inteligência com que se houve naquele cargo, auxiliando eficazmente, nos difíceis momentos em que esteve o Município, quando os inimigos da ordem tentaram perturbá-la" (2).

PRIMEIRAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Em 1.7.1899, em sessão realizada na Intendência municipal sob a presidência do Intendente Inocêncio de Matos Miller, foram nomeados os mesários e suplentes que deveriam funcionar na apuração dos votos na eleição do Intendente Municipal, Vice Intendente e Conselheiros Municipais, em seção única e duas mesas.

Para a primeira mesa, a funcionar na Intendência Municipal foram nomeados mesários efetivos: João Carneiro de Mesquita, Carlos Villalva, João Müller Carpes, Giuseppe Bolsoni e Luís Marcanzoni; para suplentes: Luís Buselato e Francisco Citton. Para a segunda mesa, a funcionar no escritório da Repartição de Terras, mesários efetivos: Francisco Marcantônio, Luís Vieira de Lemos, Florêncio José da Silva, Vicenzi Sante e Francisco Busato; suplentes: Antônio Della Giustina e Domingos Correia da Silva.

No dia 21.8.1899, foi instalada a junta apuradora dos votos na eleição de Intendente municipal, Vice-Intendente e Conselheiros, ficando constituída por Francisco Marcantônio e João Carneiro de Mesquita.

Durante esta sessão, foram abertos os ofícios recebidos e contadas as autênticas, verificando serem estas em número de duas. Foi então designado João Carneiro de Mesquita para ler a relação dos nomes de candidatos, a saber: Inocêncio de Matos Miller, Firmino Luís Gomes de Abreu, Vitório Faccioli, João Carneiro de Mesquita, João Müller Carpes, José Dotti, Domingos Donida, Pasqual Meneguzzi e Francisco Busato. A ata desta sessão foi escrita pelo secretário ad hoc Arquimino Gomes de

Barros.

A 21.8.1899, foram concluídos os trabalhos da junta apuradora, verificando que o resultado da soma dos votos de todas autênticas foi o seguinte: Para Intendente, Inocêncio de Matos Miller, com 244 votos; para Vice-Intendente, Firmino Luís Gomes de Abreu, com 245 votos; para Conselheiros, Vitório Facciolli, Francisco Busato e João Carneiro Mesquita, com 244 votos cada um; José Dotti, Domingos Donida, João Müller Carpes e Pasqual Meneguzzi, com 245 votos cada um.

No mesmo dia tomaram posse de seus cargos o intendente, Vice-Intendente e Conselheiros, acima relacionados, eleitos no dia 1° de agosto do referido ano. O sr. Inocêncio de Matos Miller prestou então, perante os Conselheiros Municipais, o seguinte compromisso: "Prometo ser fiel cumpridor dos deveres do meu cargo, em cujo exercício não faltarei jamais às inspirações do patriotismo, da lealdade e da honra".

Ainda no dia 21 de agosto, procedeu-se à eleição do presidente e do vice-presidente do Conselho Municipal, que ficou assim constituído: Para Presidente, Vitório Faccioli, com seis votos: para vice-presidente, João Carneiro de Mesquita, com quatro votos.

Em 11.12.1899, no Paço do Governo Municipal, os Conselheiros procederam à eleição das mesas eleitorais. Foram então eleitos para a primeira seção os mesários: Cristiano Ziegler, Florêncio José da Silva, Luís Busselato, Vicenzi Sante, João Carneiro de Mesquita; suplentes: Francisco Citton, Carlos Villalva e Dicerlin Barbosa de Oliveira. Para a 2ª mesa, mesários: Francisco Marcantônio, Diniz Vieira de Lemos, José Henrique Pereira Porto, João Müller Carpes e Cândido Machado de Leão; suplentes: Antônio Della Giustina, João Tergolina e Pedro Bernardi.

No dia 10.1.1900, o Conselho Municipal procedeu à divisão do município em cinco seções eleitorais, a saber: A 1ª na sede do município, a 2ª em Nova Treviso; a 3ª em Nova Roma; a 4ª n° Linha Cândida e a 5ª em Castro Alves.

A seguir, foram eleitas as comissões, que ficaram assim formadas:

1ª seção: Sebben Giácomo, Arquimino Gomes de Barros, Diniz Vieira de Lemos, Cândido Machado de Leão e Francisco Marcantônio; suplentes: Pedro Bernardi, João Müller Carpes e José Deluchi. Da segunda seção: Francisco Busato, Antônio Caon, Ângelo Barea, Enrico Confortin e Domingos Torebinto; suplentes: Natale Tosati, Albano Busato e Domingos Caon. Da 3ª seção: Domingos Donida, Caetano Sareta, Florêncio José da Silva, Ettore Cavalli e Pedro Zanotto; suplentes: Giácomo Borella e Stefano Borella. Da 4° seção: Caetano Belorini, Pedro Magnabosco, Sisínio Curzel, Miguel Frigoto e João Provin, suplentes: Luís Marcanzoni, Eusébio Ferrareze e Luís Buselato. Da 5ª seção: Francisco Demarchi, Caetano Strezzi, Saule Pagnoncelli e José Fornasa; suplente: Serafim Inácio da Silva Dias (2).

INOCÊNCIO DE MATOS MILLER - Intendente de 1899 a 1923

Natural de Passo Fundo, nascido em 1865, o Tenente Coronel da Guarda Nacional Inocêncio de Matos Miller foi nomeado pelo Presidente Borges de Medeiros primeiro Intendente de Antônio Prado, havendo assumido o governo do município em 25.3.1899. Nas primeiras eleições municipais, no dia 1° de agosto do mesmo ano, foi eleito, com 244 votos, sendo Vice-Intendente Firmino Luís Gomes de Abreu, eleito com 245 votos. No dia 21do referido mês, os eleitos tomaram posse do cargo, juntamente com os Conselheiros Municipais, conforme vimos no capítulo anterior.

Do partido Republicano Rio-grandense, foi sempre fiel ao Presidente Borges de Medeiros, que nunca perdeu eleições em Antônio Prado, até 25.11.1922, quando, pela primeira vez, o Dr. Assis Brasil o derrotou fragorosamente por 360 votos contra 77.

No dia 12 de novembro daquele ano, o candidato da oposição realizara memorável comício na vila, tendo chegado procedente de

Vacaria, acompanhado pelo Coronel Libório Antônio Rodrigues, Presidente do Partido Libertador, e pelo Dr. Cassiano Ricardo, advogado, jornalista e um dos mais exímios poetas brasileiros da fase modernista, o qual, embora paulista, abraçara com paixão a causa dos maragatos, tendo, para tanto, fundado o jornal "Pátria", de Vacaria, que dirigia junto com o Dr. André Carrazzoni.

Mas, ainda desta vez, apesar da inédita derrota, o Dr. Borges de Medeiros saiu-se vitorioso em Antônio Prado, porque as eleições foram anuladas, como bem depôs para a História o próprio Cassiano Ricardo em seu livro de memórias "Viagem no Espaço e o no Tempo" (p. 20 e 21):

"Anuncia-se o dia da eleição rio-grandense. Não parei um instante. Consegui que Astrogildo Rodrigues, querido colega, me acompanhasse a Antônio Prado, onde não só obtive, depois de longa conversa amistosa, a compreensiva adesão de Elisiário Paim (irmão de Firmino) ao nome de Assis Brasil como fui fiscal junto à mesa que presidiu o pleito.

Pois aí, num reduto pica-pau, onde Borges nunca perdera uma só eleição, a vitória de Assis Brasil foi algo de espetacular, inédito.

Pormenor curioso: o relator da eleição, na Assembleia do Estado, teve de propor a anulação dos votos dados a Assis Brasil, a fim de que não atingissem o terço que impediria a reeleição de Borges e, entre os núcleos da depuração estava justamente o de Antônio Prado, sob o pretexto de ter sido iniciada a eleição depois da hora determinada por lei.

O mais curioso, porém, é que só aí vim a conhecer de nome a Getúlio Vargas, então deputado estadual, autor da anulação dos sufrágios que eu e Astrogildo havíamos conseguido para Assis Brasil".

O Cel. Inocêncio de Matos Miller governou o município de 25.3.1899 a 21.8.1907, havendo-se licenciado em favor do Vice-Intendente Cap. Cristiano Ziegler, até 1.2.1910. Neste tempo o Cel. Inocêncio foi presidente do Conselho Escolar. Foi reeleito Intendente em 1.2.1910, 21.8.1911, 21.8.1915 e 21.8.1919.

Os Conselheiros Municipais que assessoraram o seu governo, eleitos e quase todos reeleitos, foram: Vitório Facciolli (presidente), João Carneiro de Mesquita, Francisco Busato, José Dotti, Domingos Donida, João Müller Carpes, Pasqual Meneguzzi, Francisco Marcantônio (presidente), José Victor de Castro, Saule Pagnoncelli, Enrico Martelli, Stefano Letti (presidente), José Antoniutti, José Valiati, Ângelo Barea, João Grazziotin, Francisco Citton, João Fontana, José Cesa. Durante a maior parte do seu governo, exerceu o cargo de secretário municipal o sr. José Fialho de Vargas, e ainda Arquimino Gomes de Barros, Lisipo Lisboa, João Gonçalves da Cunha e outros.

Durante o governo do Intendente Inocêncio de Matos Miller, o município principiou a desenvolver-se de maneira surpreendente, tornando-se um centro mercantil que deslocou, juntamente com Caxias, os pólos comerciais de São João de Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Torres e Porto Alegre, para o Nordeste do Estado.

O escritor italiano Vittorio Bucelli, que em 1904 visitou Antônio Prado, em seu livro “Un viaggio a Rio Grande del Sud”, publicado em Milão no ano de 1905, assim se refere ao município pradense:

“Tomamos o caminho de Antônio Prado, chegando em três horas de viagem quase fantástica, em meio a tratos de vegetação luxuriante, que em nada faz inveja à da Serra dos Órgãos, que parece privilégio exclusivo da zona tropical.

O primeiro Intendente, Coronel Inocêncio de Matos Miller, foi confirmado para um segundo quatriênio em 1903. O município divide-se em 18 Linhas, com 1.291 lotes agrícolas, dos quais são habitados e cultivados1.163. A população não passa de 10.000 habitantes, sendo 85% italianos.

Possui um comércio florido, porque a maior parte dos habitantes de Vacaria, que representa um dos maiores centros da pecuária, vem aqui prover-se de todo gênero colonial, especiarias, tecidos e artigos agrícolas e domésticos.

Predomina a indústria de produtos suínos, trigo e milho.

Em 1902, foi inaugurada a estrada Júlio de Castilhos, uma das melhores do Estado, devendo ligar este município à estrada-de-ferro em construção junto a São João de Montenegro.

A vila tem 183 casas de madeira, 20 de dois pisos e dez de alvenaria. Mas os habitantes têm orgulho da sua igreja matriz, o mais belo monumento do lugar.

Ao lado da igreja, surge a moradia do pároco, mandada construir e depois doada à igreja pelo seu primeiro Vigário, D. Alexandre Pellegrini.

Em todo o município há 34 capelas, 11 escolas públicas, das quais três na sede".

Grande preocupação do Intendente Inocêncio de Matos Miller foi a promoção do ensino, criando numerosas escolas; a conservação das estradas, construindo pontes, pontilhões e bueiros em quase todas as Linhas; melhoramento das estradas do Passo do Simão, da Protásio Alves, Júlio de Castilhos, Ernesto Alves e estradas vicinais.

O maior problema a resolver foi sempre relacionado com o transporte, sendo o município cercado por rios, que durante as cheias transbordam e interrompem o serviço das balsas, deixando a comuna isolada durante semanas. Para resolver o grave problema, o Intendente conseguiu obter junto do governo do Estado uma ponte metálica, fabricada na Alemanha e destinada ao Passo do Zeferino. Como se sabe, políticos da Vacaria, que não viam com bons olhos o crescente progresso do vizinho município, seu antigo distrito, puderam modificar os planos governamentais do Estado, transferindo a ponte para o Passo do Korff, onde foi inaugurada em 15.2.1907. Era a primeira ponte sobre o rio das Antas, há muitos anos praticamente abanDONADA. Foi um dos grandes reveses sofridos por Antônio Prado.

A falta de comunicações provocou ainda nos primeiros anos do século outro sério problema, o êxodo de seus habitantes para as novas

colônias do Alto Uruguai. O Cel. Inocêncio de Matos Miller, em seus relatórios, lamenta o fato, constatando, pelo censo de 1900, que a população que era de 10.000 habitantes, em 1915 não passava de 8.500, em que pese o grande número de nascimentos.

Outro sério problema, a castigar duramente a agricultura do município, foi a invasão de nuvens de gafanhotos, que durante vários anos dizimaram as plantações, notadamente em 1905, quando os insetos liquidaram praticamente com todas as plantações, respeitando apenas a batata-doce, com que os colonos se defendiam da fome. Velhos testemunhas, como o sr. Isidoro Panisson, da capela de Santa Ana, ainda relatam com tristeza o terrível flagelo. O Intendente não poupou esforços para auxiliar os agricultores no combate à praga.

Prestou ainda ajuda financeira aos balseiros, que durante anos transportavam a madeira pelo rio das Antas, durante as enchentes.

Dedicou especialmente atenção à iluminação elétrica da vila, havendo procedido a estudos com técnicos acerca da possibilidade de instalar uma usina hidroelétrica nas cascatas dos rios Leão e do Inferno. Por fim, em 30.11.1921, contratou a firma Irmãos Cesa & Dalprá, de Caxias, aqui representada pelo sócio José Cesa, para fornecer iluminação elétrica à vila durante cinco anos. A mais vultosa transação foi a aquisição do prédio municipal pela importância de 40:000$000. O prédio, suntuosa residência de Vitório Faccioli, era então o mais belo edifício da vila.

Por ocasião da trágica morte (8.9.1915) do senador Pinheiro Machado, chefe do Partido Republicano Conservador, decretou luto oficial por oito dias, suspensão por 3 dias do expediente em repartições públicas e das aulas, havendo pessoalmente representado o município nas exéquias em Porto Alegre, depositando no túmulo uma coroa de flores. Mandou celebrar missas exequiais na igreja matriz pelos Padres José Benini e Francisco de Paula Cantalupi.

Atendendo apelo (12.9.1917) do Ministro Nilo Peçanha e do senador Rui Barbosa, promoveu campanha beneficente em favor da

Bélgica, castigada pela Grande Guerra.

Promoveu solenes festejos comemorativos do centenário da nossa Independência, cujas comissões centrais estiveram a cargo do sr. Intendente, Cônego José Benini, Joaquim dos Santos Gama, Cristiano Ziegler, Dr. Oswaldo Hampe, Sante Vicenzi, Vicente Palombini, José Cesa, Francisco de Paula Carpena, Narciso Barison, Pedro Faccio, Máximo Letti, Atílio Valiera, Manuel Eurico de Oliveira, João Brolhi, Domingos Grazziotin, Carlos Ziegler, Alberto da Silva, José Victor de Castro, Pe. José Ben e Irmãos Maristas.

Ocorreu um incidente entre o Intendente e o Dr. Oswaldo Hampe, que, acamado com febre tifoide, confundida pelo público com "gravíssima epidemia", foi ameaçado de ter sua casa cercada por um cordão de policiais, medida contra a qual se revoltou o exímio cirurgião, que ameaçou destruir a bala de parabélum o cordão de isolamento. Felizmente, graças à interferência do engenheiro Eduardo Matos, o Intendente renunciou à execução do plano, evitando assim derramamento de sangue. (Oswaldo Hampe, "Reminiscências da vida de um cirurgião", p. 62-63).

Durante o movimento revolucionário de 1923, o Cel. Inocêncio de Matos Miller deixou a vida pública, retirou-se para a cidade de Caxias, onde se entregou ao comércio. Transferindo-se mais tarde para Porto Alegre, continuou sua atividade mercantil e várias outras atividades, ligando seu nome ao desenvolvimento dos balneários da orla do Atlântico.

Com avançada idade de 94 anos, faleceu em 17.4.1959 na casa do filho Otaviano Miller. Viúvo de D. Ambrosina Carpes Miller, deixou os seguintes filhos: Otaviano Miller, funcionário do IAPC; Armando Miller, corretor de imóveis; Alberto Miller, da firma Abramo Eberle, de Caxias do Sul; a viúva Glória Darós; e a senhorinha Dalila Miller. Eram seus irmãos o sr. Luís Miller, comerciante em Porto Alegre e a viúva Carolina Dias de Morais; seus netos: Manfredo Jahn, comerciante da Capela do Estado, Emílio Miller, funcionário do Banco da Província do Rio Grande do Sul, e a menina Odete Miller. Foi sepultado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia.

Cristiano Ziegler, que assumiu o governo do município em 21.8.1907 a1.2.1910, teve como Vice-Intendente o Tenente Coronel Vitório Faccioli, sub-Intendente e tesoureiro Sante Vicenzi, secretário João Carneiro de Mesquita e porteiro, Luís Ruselato, sendo Conselheiros Municipais: José Dotti (presidente), Ângelo Barea, Domingos Donida, Francisco Marcantônio, Vicente Golin, José Victor de Castro e Saule Pagnoncelli (1, 2, 9, 11).

Pe. ALEXANDRE PELLEGRINI – 1ª CURA

Apesar do pedido (4.5.1888) ao Imperador D. Pedro II, feito pelo Pe. Luís Centin, ex-pároco de Santa Teresa de Caxias, para capelão e 1ª cura da Colônia de Antônio Prado foi nomeado o Pe. Alexandre Pellegrini, conforme solicitação anterior do engenheiro-chefe Henrique Cristino da Silva Guerra, em 3.3.1888.

Nascido na diocese de Verona em 1829 e lá ordenado em 15.10.1854, o Pe. Pellegrini veio para o Brasil em 1883, já com 53 anos. A princípio atendeu os imigrantes na Linha Jansen (hoje município de Farroupilha), passando a capelão de Nova Trento (1885-1888). Em 3.10.1888 foi provisionado 1ª cura da Colônia de Antônio Prado, onde celebrou a primeira missa no Barracão dos Imigrantes, ocasião em que proferiu as históricas palavras: “Homens livres do orbe! Eis aqui a terra de promissão. Só com os braços conquistareis o pão e a liberdade” (1).

Primeiramente o culto era celebrado na capela anexa ao barracão. Depois, numa casa de madeira doada pela cooperativa de consumo, na antiga rua Coronel Flores, onde, mais tarde, até 1953, funcionou o Colégio São José, local defronte ao atual prédio do Moinho do Nordeste.

Por sua iniciativa, a padroeira Nossa Senhora do Rosário, escolhida desde o princípio, passou a padroeira secundária, cedendo o 1°

lugar ao Sagrado Coração de Jesus. Em 1891, junto à nova praça, a atual Praça Garibaldi, o Pe. Alexandre Pellegrini iniciou a construção da atual Igreja Matriz, de alvenaria, concluída em 1897, tendo sido reformada em 1899 por Máximo Chiesa, pai do célebre professor de São Paulo Ênio Chiesa. Construiu ainda, a próprias expensas, a casa paroquial de alvenaria, que deixou em testamento à paróquia. Nele lia-se a inscrição: *Parva sed apta domus morituro:* Casa pequena mas suficiente para quem vai morrer.

Por decreto de 25.1.1897, foi incorporada ao Curato de Antônio Prado aparte do município de Vacaria, conhecida por "Mato particular", atuais paróquias de Vila Ipê, Segredo e São Paulo, as quais, por ocasião da criação da diocese de Caxias e da Prelazia de Vacaria (8.9.1934) passaram à jurisdição destas.

Em 20.4.1895, o Pe. Pellegrini pedia a sua substituição de cura de Antônio Prado e, em novembro de 1897, transferia-se para o local onde fundou Nova Roma, levado por seu zelo apostólico em favor da numerosa população daquela região, outrora atendida por dois sacerdotes.

Era aparentado com as tradicionais famílias pradenses Marcantônio e Grezzana. Foi um autêntico apóstolo dos primórdios da História do Município. Incansável batalhador, além de construir a Igreja Matriz de Antônio Prado e de fundar o curato e paróquia de Nova Roma, como adiante veremos, atendeu durante 11 anos, com extraordinário zelo, as famílias dos pioneiros pradenses, percorrendo de ponta a ponta o extenso e acidentado território, construindo numerosas capelas e promovendo a consolidação do município, criado no ano de sua morte, ocorrida em 19.8.1899.

A respeito deste abnegado apóstolo dos imigrantes, o Pe. José Ben, pároco de Nova Roma, deixou escrito no livro do tombo: "A memória deste homem de Deus, este apóstolo dos pobres imigrantes recém-chegados nestes desertos, há de ficar para sempre gravada nos corações, pelos inúmeros benefícios prestados ao povo de Antônio Prado e Nova Roma, nos momentos mais difíceis e dos trabalhos mais ásperos em que

se requeriam toda a abnegação e desinteresse" (1,13,18).

A PARÓQUIA - Pe. CARMINE FASULO

O Pe. Alexandre Pellegrini, em novembro de 1897, retirava-se da sede, indo residir em Nova Treviso e Castro Alves, acabando por fixar-se na Linha Carlos Leopoldo, onde fundou Nova Roma. Em seu lugar ficou o Pe. Carmine Fasulo, nomeado cura em 8.11.1897, havendo chegado no dia 18 deste mês.

Nascido em Monte Falcione, Província de Avelino, na Itália, entrou para a Congregação dos Padres Palotinos, ordenando-se em 22.5.1890, ano em que partiu para o Brasil, passando a trabalhar como Coadjutor de Caxias até 1891, quando passou para o clero diocesano. Foi nomeado 1° cura de Caravágio em 2.5.1893, construindo a Igreja Matriz e a casa paroquial.

Sacerdote zeloso, inteligente, empreendedor e corajoso, foi o segundo e último cura de Antônio Prado, havendo promovido a ereção do Curato à categoria de Paróquia, criada em 31.5.1900 por D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Bispo do Rio Grande do Sul. A portaria eclesiástica foi lida na Matriz no dia 15 de agosto. Ampliou a Igreja Matriz, enriquecendo-a com sete altares e embelezando-a, como podemos ver numa foto em que ele aparece junto com o seu coadjutor, Pe. Icílio Pampanelli.

Concluiu a reforma da Matriz, cujas obras estavam a cargo da comissão composta por D. Carmine Fasulo, Inocêncio Faccioli, Pedro Calliari, Stefano Letti, Diniz de Lemos, Giácomo Mondadori, Pelegrino Grazziotin, Napoleão Nodari e Pedro Bortolotto; o empreiteiro, Máximo Chiesa, tinha sob contrato os pedreiros: Domingos Bassacaro, José Lagni, César Bassacaro e Virgínio Carlin.

Fundou a Pia União das Filhas de Maria, que floresceu de modo admirável, englobando quase todas as jovens da sede e muitas do interior. Em1900, indo a Garibaldi, obteve da superiora provincial das Irmãs de São José a vinda de sete religiosas francesas, que fundaram o Colégio São José, educandário tradicional, a que tanto deve o ensino e a cultura do município.

Em 5.7.1902, instituiu a Irmandade do Santíssimo Sacramento. Em 7.7.1902, obteve de D. Cláudio portaria criando o Curato de Nova Roma, desmembrado da Paróquia de Antônio Prado, "por causa do rio do Inferno, que no tempo de enchente não dava passo".

Procedeu à bênção inaugural das capelas: São João da Linha Trajano(1898), em terreno doado por Mateus Gerolimeto; Nossa Senhora da Conceição (10.11.1899), na Linha Dez de Julho (Borgo Forte), em terreno doado por Giácomo Dambrós; São José da Linha Tavares (27.5.1899), terreno doado por Valentim Cervelin, São José da Linha Trajano (12.2.1899) terreno doado por Pedro Triches; São Luís de França (Vila Ipê) 3.1.1900, terreno doado pela viúva de Luís Augusto de Medeiros Branco; São Valentim (12.6.1902); São Roque (8.4.1902); Santo Antônio da Linha Odorico Mendes (1.6.1900) e outras.

Em 3.3.1903, D. Carmine foi nomeado administrador de Nova Roma, por espirar o prazo do Pe. Basílio Píria. Além deste sacerdote, teve como coadjutores os Padres Francisco Morottoli, Icídio Pampanelli e Ângelo Donato.

Como sucedia nas colônias italianas de Caxias e Bento Gonçalves, havia também em Antônio Prado um grupo de carbonários anticlericais. Eram imigrantes esclarecidos, velhos revoltados contra a Igreja e o clero em virtude dos Estados Pontifícios, que impediam a unificação da Itália.

Vendo o crescente desenvolvimento católico impulsionado por D. Carmine Fasulo, estes maçons tramaram a expulsão do inteligente e dinâmico Vigário. Conseguiram aliciar alguns católicos e formaram uma

escolta de umas 15 pessoas, entre elas: Vítor Fedumenti, João Miller, João Tonoli, José Agnini, Antônio Menegazzi, José Deluchi, Emílio Mondadori, Rômulo Mondadori, os Irmãos João, Domingos e José Fontana, conforme notícia do historiador João Adami (1).

A fim de convencer os católicos da necessidade de expulsar o Vigário, os carbonários alegaram o pretexto da tentativa de D. Carmine contra a castidade de algumas Filhas de Maria, ainda de acordo com a informação do referido historiador.

O Pe. Icídio Pampanelli e o sr. José Dotti haviam prevenido o pároco acerca do plano. Foi em 1903. O Pe. Fasulo teria sido convidado a visitar um moribundo, altas horas da noite. Montado a cavalo, tomou o rumo do Passo do Simão, onde o grupo pretendia transportá-lo ao outro lado do rio das Antas, sob ameaça de morte.

O Padre, já a esta altura convencido da má intenção dos acompanhantes, que seguiam a cavalo à frente e retaguarda, aproveitando a escuridão da noite sem luar, enveredou por um atalho, que ele conhecia perfeitamente, e se evadiu sutilmente. Ao chegar ao passo, os sequestradores deram com espanto pela falta do Vigário, que já se havia refugiado em casa da família Bortolotto, onde pernoitou. Os perseguidores, desorientados e envergonhados, vagaram pela selva, só retornando à vila no dia seguinte.

O lamentável episódio, que abalou profundamente toda a população, motivou a voluntária transferência do pároco, que em 21.12.1903 passou a residir por dois meses na capela de São Luís do Formigueiro (Vila Ipê).

Até hoje se comenta que os perseguidores de Pe. Carmine não tiveram a bênção de Deus, passando a viver como sob atormentadora sina. O último do grupo a falecer foi Rômulo Mondadori (1878), que residia em Capão Alto, em Vacaria, o qual não escondia a ninguém a sua mania de perseguição, que o acompanhou durante toda a sua longa existência.

Em 1904, o Pe. Carmine Fasulo, transferindo-se de Antônio Prado,

foi para Caxias (15.7.1904). Aqui obteve a vinda dos Irmãos Lassalistas em1906. Fundou o jornal “La Libertà”, que em 1909 vendeu para o Pe. João Fronchetti, vigário de Garibaldi, recebendo o nome de “II Colono Italiano”, seguido de “La Staffetta Riograndense”. Em 1921 o jornal foi adquirido pelos Padres Capuchinhos, que mais tarde mudaram-lhe o nome para “Correio Riograndense”, há muitos anos editado em Caxias do Sul, sendo o semanário católico mais antigo do Brasil.

Em 1904, o P. Carmine Fasulo foi outra vez Vigário de Caravágio (Farroupilha), a seguir em Bento Gonçalves (1914), Triunfo (1916) e, finalmente, em Gramado (1917-1920), de cuja paróquia foi o 1° Vigário. Em setembro de 1920 voltou para a Itália, tornando-se Cônego da Catedral de Terni, na Umbria. Da Itália não esquecia os bons paroquianos de Antônio Prado, a alguns dos quais enviou a bênção apostólica, como aconteceu com o sr. Remígio Scotti, filho de Genoveva Denale Scotti, que ele considerava o “para-raios da paróquia”. Faleceu em Terno a 23.1.1935, com 70 anos de idade (1, 3, 18).

PADRE JOSÉ BENINI

Retirando-se o Pe. Carmine Fasulo em 1904, assumiu a direção da paróquia o Pe. Ângelo Donato, que era coadjutor. Nascido na Itália (27.12.1863), diocese de Pádua, foi ordenado em Porto Alegre em 30.11.1899.Trabalhou em Nova Trento como último cura, Vigário de A. Prado (1904-1905), cura de Nova Roma, Vigário de Bento Gonçalves (1906-1907) coadjutor e Vigário de Caxias, S. Pedro de Caxias, Caravágio, Galópolis. Em 1928 recebeu o título de Cônego. Faleceu em Caxias a 6.8.1953 com 90 anos de idade.

Em Antônio Prado inaugurou a capela de Nossa Senhora da Saúde, na Linha Dois de Julho, ereta por provisão de 14.5.1904. Teve como coadjutor o Pe. Emílio Silvestri. Em 20.1.2.1904 Antônio Prado e

Nova Roma recebiam a 1ª visita pastoral de D. Cláudio Ponce de Leão, demorando-se aqui seis dias. Nos arquivos das duas paróquias pradenses existe numerosa correspondência desse apostólico Prelado, impregnada de zelosa preocupação em favor da conservação e crescimento da fé.

Em 25.2.1906 era nomeado Vigário o Pe. Antônio Pertile, tendo como coadjutor o Pe. José Benini, o qual em 20.4.1907 assumia a direção da paróquia, que governou com zelo e dedicação durante 30 anos, até sua morte em 29.11.1937. Natural da Itália (11.2.1875), Feltre, emigrou com os pais para o Brasil. Estudou no Seminário de Porto Alegre, ordenando-se em 13.5.1906. Em 2.8.1921, D. João Becker nomeou-o Cônego honorário Cabido Metropolitano.

Nos 30 anos de paroquiato, D. José Benini escreveu uma autêntica epopeia de consagração ao povo pradense, colaborando vigorosamente no desenvolvimento não apenas espiritual mas também social e econômico do município. Três décadas de contínuos serviços a bem da Igreja e da Pátria trabalhando sempre a contento de seus superiores: D. Cláudio, D. João Becker e D. José Barea. Sua longa permanência ininterrupta à frente da mesma freguesia é o mais eloquente atestado do fiel cumprimento de sua apostólica missão.

Em 1926 João Fontana escreveu ao Arcebispo D. João Becker, fazendo queixas contra D. José Benini. A pedido da Cúria Metropolitana, reuniram-se então na casa paroquial o Dr. Oswaldo Hampe, o Intendente Caetano Reginato e Vicente Palombini, Vice-Intendente, e formularam resposta ao prelado, declarando a carta caluniosa, pois o padre gozava da melhor fama.

É de se estranhar que o mesmo Dr. Oswaldo Hampe, em seu livro de memórias, tenha usado expressões e denúncias desairosas contra o Cônego José Benini, sobretudo com referência ao trágico acontecimento de 25.5.1936 em que perderam a vida o Delegado de Polícia, sr. Armindo Cesa, e colonos, chegando a responsabilizar o Vigário pela reunião dos paroquianos na qual ocorreu o conflito.

"Terrível miopia intelectual... Tornou-se um gládio manejado por um grupo de indivíduos, quase todos de maus instintos, e alguns deles simples delinquentes condenados na Itália e até na Bolívia como criminosos comuns" (p. 148). À página 206, o autor do livro coloca nos lábios de D. Benini estas palavras incríveis e estarrecedoras: "Eu mandei os colonos e outros elementos da população virem até a Praça para uma manifestação pacífica e não com a finalidade de vos assassinar e destruir vidas".

O autor da presente monografia consultou a respeito dezenas de pessoas autorizadas, entre elas ex-prefeitos, e todas, todas sem exceção, declararam que o Cônego Benini não foi absolutamente o autor da convocação e que ele não se envolvia em questões políticas e nada tinha a ver com a questão. Por isso, o Vigário nem sequer foi convidado a depor no longo processo instaurado para apurar a responsabilidade. A História deve registrar a verdade apresentando categórico desmentido, a bem de uma pessoa que, por estar morta, não pode se defender.

No livro em língua italiano "La Cooperazione degli italiano al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud", publicado em 1925, por ocasião do 1°cinquentenário da colonização italiano no Estado, lê-se a respeito do Pe. José Benini:

"Este zeloso sacerdote, por muitos anos administrou sozinho todo o município de Antônio Prado e parte de Vacaria. Fez importantes melhoramentos na igreja matriz e na casa paroquial, avaliados em cerca de 90 contos de réis. Entre estes citaremos o campanário, os sinos, o pavimento de ladrilhos, os bancos, a escadaria, a fachada da igreja, o relógio, a sacristia, vários edifícios e terrenos e o colégio dos Irmãos Maristas.

Na noite de 4 de abril de 1911, conduzidos em três carretas e saudados por numerosos tiros de rojões e morteiros, entravam na vila três sinos, com peso de 890 quilos, 640 e 464, fundidos pela firma Cavadini de Verona. Uma imensa multidão de povo movimentou-se ao seu encontro e muitas pessoas choraram de emoção.

D. José Benini, nomeado cônego honorário por ocasião do seu 25° aniversário sacerdotal por D. João Becker, teve os seguintes coadjutores: Pe. Antônio Marcelino (1908), Pe. Barnabé Nichisolo (1909), Pe. Francisco de Paula Cantalupi (1910-1922), Pe. Ângelo Monaco (1923), Pe. Félix Busatta (1923) e Pe. Ângelo Gialdini (1923). O Pe. Cantalupi, que durante 12 anos foi a alma do Apostolado da Oração, deixou de si uma lembrança inesquecível.

Na sua primeira visita pastoral a Antônio Prado, em 1914, D. João Becker deixou escritas estas palavras: “A vida religiosa é florescente, devido ao zelo apostólico, piedade e espírito de disciplina do reverendo Pároco e de seu coadjutor. Por isso não tememos em proclamar que a Paróquia de Antônio Prado, no seu complexo, pode servir de modelo a todas as demais da zona colonial”. E em outra ocasião, escreveu D. João Becker: “Antônio Prado é a pérola das paróquias da zona colonial”.

Em preparação à terceira visita do mesmo Prelado, os Padres Passionistas Dâmaso, Atanásio e Simão pregaram uma santa missão, na qual foram distribuídas 6.950 comunhões. 96% da população é católica praticante. Na vila moram 254 famílias, das quais 210 de origem italiano e na colônia 950. As capelas são 33, entre as quais citaremos a de São Pedro do Segredo do “Mato Particular”, já destinada a ser paróquia em 4.6.1922. Existem dois colégios: O dos Irmãos Maristas, frequentado por 120 alunos e o das Irmãs de São José com 180”. Em 1915, os pedreiros Giacomo Degrandi e seus filhos Cristiano e Amadeu substituíram o piso de madeira da Matriz por tijoletas e a escadaria de madeira por escadaria de pedra.

Os sinos da Igreja Matriz custaram 5:867$000, havendo o Pe. Benini conseguido isenção dos direitos alfandegários, por intermédio do deputado José Carlos de Carvalho. Para a vinda dos Irmãos Maristas efetuou várias tentativas, até que um dia, quando o Provincial, impedido de viajar por causa da enchente do rio das Antas, que não dava passo, conseguiu convencê-lo a aceitar o convite, em 1919, acontecimento marcante para a vida espiritual e cultural do município. Com a implantação

do Colégio Sagrado Coração de Jesus, nasceram numerosas vocações religiosas, cerca de uma centena. Entre os Irmãos Maristas, filhos de Antônio Prado, destacam-se quatro superiores provinciais, sendo o atual (1979) um deles.

Em 18.11.1924, D. João Becker nomeou D. Benini para visitador das paróquias de Vacaria e Bom Jesus. Promoveu a criação ou reforma de várias dezenas de capelas.

Em 24.9.1926 iniciava a reforma da Igreja Matriz, com uma comissão formada por José Cesa, Narciso Barison, João Grazziotin, Giácomo Grezzana, Alcides Pezzi, Máximo Letti e Ângelo Golin, que aprovaram o projeto apresentado pelo arquiteto Vitório Zani. Em 25.3.1927 foi nomeado diretor das obras da Matriz Amadeu Michelon.

Ele mesmo iniciou a doação de janelas, seguido por: Stefano Letti, Domingos Grazziotin, Mateus Rizatto, João Grazziotin, João Colombo, Marcos Bocchese, Regina Golin, Elisa Endrizzi, Pedro Mussatto e filhos, Viúva Mondadori e filhos, Corona Grazziotin e filhos, Modesto e João Casagrande e Dr. Virgílio Ramos.

Em 3.2.1927 promoveu a arrecadação de ofertas para a construção DA CATEDRAL Metropolitana, auxiliada pelo Pe. Luís Polesso. Promoveu a vinda DE sinos para quase todas as capelas da Paróquia. Em 17.6.1928 organizou a união DAS capelas de Santa Ana, Nossa Senhora de Monte Bérico E Santo Antônio, junto À estrada Ernesto Alves, berço de florescente povoado DE SANTA Ana, inaugurado em 1930.

Promoveu as seguintes visitas pastorais de D. João Becker:

2.2.1911; 1.12.1914; 24.5.1923; 23.3.1924; 27.3.1933. Em 22.10.1918, visita pastoral do Cônego João Emélio Berwanger.

Em 17.1.1926 foi, em comissão presidida pelo Dr. Oswaldo Hampe, a Nova Roma acalmar as desavenças surgidas entre o Vigário daquela paróquia e a autoridade civil.

Fundou a Irmandade do Apostolado da Oração, o salão paroquial

Pio XI e, em colaboração com o Intendente Francisco Marcantônio, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, um dos pontos turísticos, religiosos e sociais do município.

De 7-14.4.1935 promoveu as santas missões, pregadas pelos Padres Capuchinhos Frei Antônio de Caxias, Frei Eduardo de Alfredo Chaves e Frei Emanuel de Nova Trento.

Ainda em 20.10.1918 D. João Becker instalava em Antônio Prado a Comarca Eclesiástica.

O Cônego José Benini veio a falecer no Hospital São José de Antônio Prado, no dia 29.11.1937. Ao solene funeral compareceu D. José Barea, BisPO de Caxias do Sul e mais 19 sacerdotes, juntamente com uma multidão de fiéis de todo o município. Celebrou a missa exequial o Pe. Ângelo Gialdini, seu antigo coadjuto.

O 1° sacristão da Matriz da sede foi Pedro Zanardi, falecido em 1912, seguido de João Prataviera e Sebastião Pegoraro (3, 5, 18).

Pe. HENRIQUE GELAIN – 3° PÁROCO

Por morte do Cônego José Benini, D. José Barea nomeou para substituí-lo o Pe. Luís Savio, natural do Piemonte, Itália, o qual havia exercido o ministério paroquial durante 15 anos na diocese paulista de Ribeirão Preto. Vindo para o Rio Grande do Sul, foi coadjutor em Bento Gonçalves, e daí para Antônio Prado.

Adoentado e já de certa idade, pôde trabalhar poucos meses, vindo a morrer repentinamente, de síncope cardíaca, durante a celebração da santa missa, no dia 1.5.1938, na capela de Santa Ana, numa solenidade da Primeira Comunhão. Após o sermão, ao iniciar a recitação do Creio, caiu sobre o altar, diante da estupefação dos fiéis. O enfermeiro e farmacêutico Bórtolo Bernardi, que se encontrava na igreja, tentou

reanimá-lo, em vão.

As exéquias foram presididas por D. José Barea, com a presença de numerosos sacerdotes, entre os quais o Pe. João Meneguzzi, Pe. Henrique Compagnoni, Pe. José Bin, Pe. Maximiliano Franzoi, Frei Eduardo, Vigário de Ipê, Frei Luís Ferronato.

A seguir, foi nomeado pároco o Pe. Henrique Gelain, que tomou posse em 15.5.1938. Natural de Nova Pádua, distrito de Flores da Cunha, então 4° distrito de Caxias, onde nasceu em 12.6.1910, foi ordenado sacerdote por D.João Becker em 28.10.1935, tendo iniciado seu ministério pastoral em Vista Alegre, Nova Prata.

Em três de setembro do referido ano, D. José Barea esteve em Antônio Prado a fim de angariar donativos destinados às obras do Seminário Diocesano de Caxias do Sul. Graças à dinâmica colaboração do Pe. Henrique Gelain, na cidade foi angariada a importância de 33:541$300 e nas capelas, 26:712$000.

Em 5.3.1939 promoveu a visita pastoral de D. José Barea. Em agosto, lia na Matriz e capelas carta circular de Bispo diocesano proibindo pregação em língua estrangeira, podendo, entretanto, no fim repeti-la em língua italiana. Mais tarde, por ordem policial, foi proibida a repetição em italiano na Matriz, podendo apenas ser feita nas capelas.

Em 1940 promoveu solene festa na Gruta, com a bênção do sino, doado por Marino Parisoto, bênção dada por D. José Barea. Em 16 a 18 de outubro de 1940, foram pregadas missões pelos renomados pregadores redentoristas Pe. Antônio de Andrade e Pe. Vitor Coelho, que pronunciaram 39 pregações,9 conferências e 4 instruções. Realizaram-se 5.209 confissões, 10.761 comunhões e a legitimação de 25 casamentos. No encerramento, como lembrança da missão, foi inaugurado no morro da Gruta um belíssimo Cruzeiro Luminoso, dominando a cidade e saudando à noite os visitantes que entram procedentes de Caxias e de Vacaria. Durante anos a cidade ficou conhecida por cidade de Cruzeiro Luminoso.

Em 1941, fundava a Ação Católica, com a colaboração do Irmão

Paulo da Cruz e demais Irmãos Maristas, integrada pela elite da sociedade, como Luís Marcantônio Grezzana, Coletor Federal, Altair Amorim, escrivão da Coletoria Federal, João Luís de Melo, agente postal e telegráfico, João Lucena, Augusto Guerra, Pedro Cesa Sobrinho, João Grazziotin, Reinaldo Barison, Ermelindo Denale, Domingos Grazziotin, Abramo Grazziotin, Romeu Michelon e Ernesto Zolet.

Em 15.8.1940, o Pe. Henrique Gelain fundava a União Católica de Antônio Prado, integrada pelo Prefeito Major Miranda, Reinaldo Barison, Luís Grezzana, Máximo Empinotti, Abramo Grazziotin, Pedro Cesa Sobrinho, Sebastião Furlin, João Forlin, Domingos Grazziotin, Augusto Guerra, Ângelo Rossi e João Luís de Melo.

Sendo, naquela época, Antônio Prado um dos maiores produtores de trigo do Estado, o Pe. Gelain promoveu grande coleta em favor das obras do Seminário Maior de Viamão.

Enfim, foram tantas e assinaladas as realizações do Vigário Pe. Henrique Gelain, que lhe mereceram a honra do Episcopado Brasileiro, acontecimento de notável promoção para Antônio Prado. Por isso, para a sagração episcopal do seu Vigário, o povo pradense realizou uma das maiores festas de toda a sua história.

Nomeado Bispo de Cajazerias, na Paraíba, D. Henrique Gelain foi sagrado na Matriz de Antônio Prado no dia 10.12.1944, por D. José Barea, D. Antônio Zattera, Bispo de Pelotas, e D. Cândido Bampi, Bispo-Prelado de Vacaria. Estavam presentes 51 sacerdotes, numerosos religiosos e uma multidão superior a seis mil pessoas.

Foram paraninfos o Dr. Alberto Zanardi, Prefeito Municipal, e Dante Marcucci, Prefeito de Caxias do Sul, o qual, por estar enfermo, se fez representar pelo Vice-Presidente, sr. Ademar Faccioli. D. João Becker se fez representar por Monsenhor Emílio Berwanger, que foi o cerimoniário da migração. O coral esteve a cargo de Mons. João Meneguzzi, Vigário Geral da Diocese de Caxias do Sul.

Durante o banquete, saudou o novo Bispo o Dr. Hildo da Costa

Guiloux, em magistral oração, em nome da população pradense. Em nome das Associações, discursou o sr. Luís Marcantônio Grezzana. Representando a diocese de Cajazeiras, falou o Pe. Manuel Lira, S.J. O sr. Prefeito Municipal, Dr. Alberto Zanardi, que havia decretado feriado municipal aquele dia pronunciou discurso monumental, que os jornais da época reproduziram na Integra. O novo Bispo, agradecendo, proferiu patética oração. Por ocasião da inauguração da placa comemorativa, falou D. Antônio Zattera, tendo decerrado D. Rosa Pilatti Gelain, mãe do novo Bispo, a qual vinha acompanhada pelo esposo Luís Gelain, D. Henrique falou então pela segunda vez, despedindo-se do rebanho.

Estiveram presentes a todos os atos as seguintes autoridades: capitão Jacinto Targa, representante do Interventor Federal no Estado Ten. Cel. Ernesto Dorneles; Dr. Luís Dalben, delegado regional do ensino, representando o Dr. Coelho de Sousa, Secretário da Educação; Amaro Chini, coletor estadual, representando o Dr. Carneiro da Fontoura, secretário da Fazenda; Timóteo dos Santos, chefe do Laboratório de Análises, representando o Dr.Ataliba Paz, secretário da Agricultura; Dr. João L. Figueiredo, juiz municipal, representando o Desemb. La Hire Guerra, presidente do Tribunal de Apelação e os drs. Rui Caravantes e Júlio Rosa, respectivamente juízes de direito de Caxias do Sul e Vacaria; Dr. Alberto Zanardi, prefeito da cidade e representante do Dr. Acioli Peixoto, presidente do Conselho Administrativo; bem como a Associação Comercial de Patos, na Paraíba, mais os prefeitos de Cajazeiras e Farroupilha; aspirante Oscar Maia Paranhos, representando o cap. Darci Vignoli, chefe da Polícia do Estado; Pe. Frei Manuel Assunção, carmelita, representante de D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria; Dr. Bélgio Trindade e Rogério Galeazzi, prefeitos de Flores da Cunha e Alfredo Chaves. O anel episcopal de D. Henrique foi ofertado pelos filhos do casal Luís P.Chaves Barcelos e D. Carlinda Barcelos, que foi representado por D. Marieta Barcelos e D. Carlinda Chaves Barcelos.

O poeta Elvaldo de Alercon, secretário da Prefeitura Municipal de A.Prado, dedicou a D. Henrique estes versos:

Eu bebera o vinho entorpecente
do ceticismo do século XX!
Bebera em cântaros bojudos do Himalaia,
em finas taças de cristal,
em negras ânforas satânicas,
os licores amargos da Dúvida
— gênese da minha descrença
e origem desta sede de Verdade...
E recusei as águas diamantinas do Perdão
e chafurdei na torrente celígena do Amor.
Toldava o curso de águas puras da Bondade.
Vida... Incerteza... Busca vã...
E, tonto de Dúvidas, um dia
aplaquei a sede das felicidades desejadas
na linfa que a Fé Cristã pôs nos meus lábios,
que se abriram em bênçãos para a vida (3-9).

Pe. ERNESTO MÂNICA - 4° VIGÁRIO

Em 13.1.1945 assumia a direção da paróquia de Antônio Prado o Pe.Ernesto Mânica, professor universitário, sacerdote ilustrado, dinâmico, de atuante atividade religiosa, social e política, ao qual o desenvolvimento cultural e econômico do município muito deve. Em todas as importantes iniciativas da Comuna, o zeloso sacerdote estava sempre na frente para prestar incentivo, numa colaboração decisiva.

Convidado a depor para a História, assim se manifestou o 4° Pároco de Antônio Prado, em 4.2.1979: “Fui nomeado Pároco de Antônio Prado no ano de 1945, por D. José Barea, que chamava o município pradense “a pérola mais preciosa da minha diocese”. Quando cheguei, dia 13 de janeiro, ainda me lembro a data, encontrei Antônio Prado tomado de grande desânimo. Naquele ano ia funcionar a BR-116, e o tráfego para o

centro e norte do País, que antes passava todo por Antônio Prado, agora passaria por aquela rodovia, deixando de lado a cidade e o município. Todos diziam, muito tristes: “Agora, fim para Antônio Prado”. E mesmo num caminhão podia-se ler esta frase: “Visite Antônio Prado antes que desapareça”.

Eu então lhes perguntava: “E que é que vocês fizeram quando tudo e todos passavam por aqui?” De fato, pouco fizeram, para não dizer nada. Era uma cidade em completa decadência. Hoje, muitos padres, depois de Medelim, se preocupam quase exclusivamente com a promoção humano e material do homem, e parece que religião passou a ser um pequeno biscate.

Mas, naquele tempo, sem Medelim, achei que eu devia me preocupar com todos estes problemas, e procurei reanimar aquele povo tomado de desânimo e sem esperanças de dias melhores. As famílias de mais posses pensavam em sair de lá, pois não tendo Ginásio, deviam procurar centros maiores onde poderiam educar seus filhos, e, então sim, era o descalabro total.

Pensei que devíamos fundar um estabelecimento de ensino secundário, mas ninguém acreditava que tal pudesse ser realizado. Mesmo as lideranças, que sempre atendiam aos apelos do padre, neste particular eram todas contra e achavam a iniciativa simplesmente inviável, mesmo por que diziam: “Onde os professores e, além disso, quantos poderiam frequentar e pagar seus estudos?”

Pois bem, contra tudo e contra todos, meti mão à obra, e hoje lá está o colégio que foi construído e que prestou benefícios incalculáveis a grande número de jovens. Vou contar um fato que me deixou muito satisfeito e muito bem pago de todos os sacrifícios que foram feitos. Eu podia então lecionar quatro disciplinas. Com mais algumas Irmãs, muito inteligentes e dedicadas, o Ginásio começou o seu trabalho.

Eu lecionava na Faculdade de Economia de Caxias do Sul. Numa noite, fazendo parte de uma banca examinadora de História do Brasil, e

eram já três horas da madrugada, sentou na minha frente um moço alto, que, como constava da lista, se chamava Raul Rigon. Olhei para ele e perguntei: “Mas escuta, tu não és aquele Raul Rigon de Antônio Prado, que no meu tempo frequentava o Ginásio? “Sou eu mesmo. Terminado o Ginásio, formei-me contador e agora vou tentar a Faculdade. Estou trabalhando, estou ganhando muito bem e até estou ajudando minha família”. E concluiu: “Mas se não fosse o senhor, eu e muitos outros, não seriamos nada”. Outros jovens, em outras oportunidades, me disseram o mesmo. E ou não é isso tudo uma grande satisfação e uma remuneração altíssima, considerando que eu. Diretor e professor, não ganhava um vintém?

Um dia, retornando de Porto Alegre, encontrei um rapaz de 16 anos, que me chama pelo nome e me cumprimenta. Disse que fora obrigado a trabalhar em Porto Alegre, porque em Antônio Prado não encontrava serviço. Fiquei impressionado e pensei: Aqui está um jovem que vai perder tudo, a fé e a moral... Chegando em casa, procurei elementos de posse, lhes contei o fato e lhes disse textualmente que nós todos iríamos para o inferno. Perguntaram-me o que deviam fazer. Respondi-lhes que era necessário industrializar Antônio Prado. Era preciso dar condições de trabalho aos jovens, etc.

Animei o sr. Valdomiro Bocchese, que estava iniciando o que é hoje talvez um dos maiores moinhos do Rio Grande, o Moinho do Nordeste. E com incríveis dificuldades iniciamos o Frigorífico Pradense. Foi instalado também um curtume, e eu queria que fundassem depois uma fábrica de calçados, outra de massas, etc., etc. E assim, com impropérios, com ameaças, aos poucos, Antônio Prado foi se mexendo, e hoje, com grande alegria, constato que Antônio Prado é uma cidadezinha bonita, em franco progresso, novas indústrias. Lá se instalou há pouco a Sehbe de Caxias, com grande número de operários. Enfim, não só não desapareceu, mas cresceu e apareceu que é uma maravilha”.

No dia 4.6.1953, festa de Corpus Christi, na escadaria da Igreja Matriz, diante de grande multidão de fiéis, promoveu, em nome seu e do

sr. Bispo D.José Barea, solene protesto contra a agressão sofrida pelo Pe. Reinaldo Zolet, Coadjutor da Paróquia e filho de Antônio Prado, por parte do Inspetor de Polícia João Cândido de Freitas, titular da Delegacia, ocorrência que mereceu repulsa geral e um protesto oficial da Câmara de Vereadores, no dia 2.6.1953, havendo o insulto ocorrido no dia 30.5.1953. O fato provocou a vinda do Dr.Galeão Xavier de Castro, Delegado Regional de Polícia em Caxias (2-15).

PE. ANTÔNIO GALIOTO

Ao Pe. Ernesto Mânica, promovido para a paróquia de Santo Antônio de Bento Gonçalves, sucedeu o Pe. Maximiliano Franzoi, que anteriormente fora coadjutor do Cônego Benini. Foi empossado em 1.1.1956, permanecendo no cargo até 15.2.1958.

A seguir foi nomeado o Pe. Antônio Galioto, jovem sacerdote de 31 anos que pela primeira vez assumia a direção de uma paróquia. Chegava, como bem diz ele, “num fogo danado para derrubar meio mundo e endireitar tudo”. Permaneceu no cargo até dezembro de 1963, realizando uma obra notável, que a História deve registrar.

Seguindo o exemplo do Pe. Ernesto Mânica, dedicou-se de corpo e alma ao bem-estar dos seus paroquianos. É o próprio Pe. Mânica a depor: “Muitos méritos neste particular tem o Pe. Galioto, que no Ginásio instalou a Escola de Nazaré, onde as noivas, num curso de quatro meses, poderiam aprender o que uma esposa deve saber para bem dirigir sua casa e sua família, fazendo um bem imenso a grande número de jovens. Era diretora da Escola uma religiosa de São José que na França dirigira escola similar.

O Pe. Galioto foi ainda quem levantou a colônia. Longo seria dizer tudo o que fez. Modernizou a agricultura e ensinou aos agricultores a

terem mais capricho e conforto em suas casas. Ensinou-lhes que deviam ter dentro de casa todo o serviço sanitário. Muitos achavam isto impossível, pois quem iria suportar o mau cheiro? Leva ele então os agricultores à casa canônica, leva-os aos sanitários, abre a porta e diz: Botem aqui o nariz. Vocês sentem algum cheiro desagradável? Não está até perfumado?

Numa viagem que fizemos a Antônio Prado, demos um pulo pela colônia e fiquei embasbacado quando vi o grande número de construções novas. E, visitando uma família que tinha recém-terminado de construir casa nova, o dono, sabe o que nos mostrou como última novidade do século XX? As instalações sanitárias, com banheiro e tudo. E nos disse: "Como agora é outra coisa! A gente volta da roça, toma um bom banho, e como a gente se sente melhor e como se dorme melhor! "Isso dito em dialeto italiano tinha sabor todo especial".

Mas deixemos que fale o Padre Galioto: "Naqueles anos os agricultores viviam do trigo e criação de porcos. Duas culturas fraquíssimas e sempre exploradas, época do trigo papel... Situação das moradias, sem higiene, sem WC, sem energia elétrica, sem água a não ser em fontes poluídas, e sem possibilidade de estudo.

O meu primeiro trabalho foi "benzer" as casas, mas sempre com uma reunião na capela, quando era feita ampla explanação do que se pretendia nesta linha de higiene, casas, etc. Depois, nas visitas às famílias, água benta era apenas pretexto. Mas ia vendo e falando. Fonte de água às vezes abaixo do chiqueiro, sujeira dentro de casa... Com jeito e calma, eu falava e orientava. Houve até reclamações, pois achavam que o padre tinha só que benzer e não tratar de outras coisas.

Outra rodada era feita e desta vez tratando de problemas de família, desde os do uso do sexo, terreno que era tabu, mas que acontecia cada barbaridade que nem dá para falar, até a limitação dos filhos, coisa de que no tempo era proibido falar. Mas dava orientação. Destas reuniões, partimos para duas coisas concretas, pois foi sentida e vivida a necessidade de se procurar soluções. Eram os mesmos colonos que

queriam procurar soluções.

Sindicato e cooperativismo. Eram os anos quentes de Brizola e da reação dos Bispos com a Frente Agrária e daí os sindicatos. Creio que na região italiano o Sindicato dos Trabalhadores de Antônio Prado foi o primeiro a dar entrada de papéis para a sua aprovação. Houve demora e talvez não tenha sido o primeiro aprovado, porque ninguém tinha prática e os papéis iam e voltavam. Mas quantas reuniões foram feitas, assembleias... E o povinho topando a parada e querendo mesmo. Falar em aposentadoria naquela época, era de fazer rir os paredões do rio das Antas. Mas acreditaram e veio. O bem que fez este sindicato não tem tamanho!

Entrar no setor trigo e porco, era perigoso demais, pois existiam os donos locais, todo-poderosos, dispostos a usar revólver para não perder direitos de exploração. Tentei então uma cooperativa de lacticínios. E para isto viemos em caravana a Carlos Barbosa. Muito entusiasmo, fundação, mas faliu pouco depois por falta de ânimo e de capacidade de seus diretores. Mas na hora certa foi feita fusão com uma cooperativa de vinho, a do Borgo Forte, que ainda lá está e vai muito bem, tendo sido iniciativa nossa também. Daí surgiu a Linha Trajano, que, como a do Borgo Forte, era uma cantina da Vinícola Riograndense, que os colonos compraram e transformaram em própria cooperativa. Foi ampliada e é forte.

O que isto custou, hoje não se calcula. Papéis, correrias, reuniões e mais reuniões, discussões, brigas e eleições de diretorias... O gozado da vida é que há pouco passei lá numa dessas cooperativas e pedi um garrafão de vinho; como gratidão tive que pagá-lo e bem pago. Mas é isto mesmo: a gente não fez para receber retribuição e sim por amor a esta gente.

Escola familiar. O outro problema, que saltava aos olhos, era a falta de preparação das moças para esposas e mães. Os rapazes deviam ser preparados, mas as mães têm muito mais influência no bem-estar da família, e por isso a ideia: Uma escola familiar. Naquela época valeu, hoje devia ser diferente. No colégio São José, com bastante espaço, as noivas,

em geral 15 a 20 por vez, eram internadas por três meses, podendo sair aos domingos para namorar. Recebiam aulas de corte e costura, culinária e nutrição, saúde e higiene, enfermagem e religião. Uma religiosa sempre estava junto e tínhamos a colaboração do médico, que as levava ao hospital até para assistira partos. Não sei quantas fizeram o curso, cuja manutenção empenhou o colégio, a paróquia e os pais; mas deviam ser mais de 800. Depois o curso foi assumido pelo Sindicato Rural, e hoje é dado de outra forma, em cursos rápidos. Mas quando se visitava uma família cuja esposa havia feito o curso, percebia-se logo e os pais nunca deixavam de agradecer.

Nesta linha promocional, dei muito de mim e com muitas contrariedades para obter a ponte do Passo do Zeferino no rio das Antas, digno de ser admirada até hoje, agora mais bem compreendida, pois está sendo aberta moderna rodovia ligando Antônio Prado a Flores da Cunha passando por esta ponte.

Também nos custou muitas viagens, reuniões e dissabores a vinda da Agência do Banco do Brasil, que injetou sangue na economia pradense de forma espetacular. O desânimo que reinava antes, agora virou um mundo novo e todos queriam construir e se instalar em Antônio Prado. Foi a fase dos motoristas de caminhões, que logo viraram frotas e que também injetaram ânimo e dinheiro no fraco Antônio Prado.

A paróquia tinha tudo: boa igreja, canônica; esta eu havia conseguido construir ampla e confortável. Condução nova. Lugar para as festas na Gruta. Apenas o hospital, o Hospital São José não correspondia, com atendimento muito aquém do indispensável. Pois então foi o golpe: Vamos comprar o hospital. E foi comprado mesmo, por quatro milhões, junto com o de Nova Roma. Foi realmente um negocião. Mas, depois para montar direitinho, para encontrar médico de confiança do povo... Tive que levar o novo médico nas capelas, apresentá-lo, apresentá-lo e depois fazer consulta de graça, para poder merecer confiança... Nem quero me lembrar. Mas hoje passou tudo, e o hospital, ampliado depois por meu substituto, quanto bem que fez nestes anos, só Deus sabe. Tudo melhorou

depois, com INPS, Funrural... E hoje três médicos, laboratório, tudo. Mas valeu o trabalho. O resto foi aventura. Hoje tenho até saudade daquele tempo e daquele bom povo" (3-15).

Pe. LEONEL PERGHER - Pe. JOÃO BOSCO LUÍS SCHIO

Em substituição ao Pe. Antônio Galiotto, assumiu a direção da Paróquia da sede, em março de 1964, o Pe. Leonel Pergher, sacerdote zeloso, culto e dinâmico. Além de seu rotineiro trabalho pastoral, ao novo Pároco cabia agora a construção e modernização do Hospital São José, adquirido pela Mitra através de um trabalho ingente do seu predecessor. A obra está ali como um dos mais estimados estabelecimentos hospitalares da região, atraindo clientes de outros municípios, graças à sua modelar organização e atendimento da equipe de bons médicos.

A fundação da Cooperativa Agropecuária Pradense Ltda. contou igualmente com a eficiente colaboração deste operoso sacerdote. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a ASCAR, no seu trabalho de orientação dos agricultores, a Escola Familiar Nossa Senhora de Nazaré, o Planejamento Pastoral, a construção de salões da comunidade das capelas, o incentivo para o cultivo de macieiras, e muitas outras iniciativas de caráter social, econômico e religioso, tiveram sempre o apoio decisivo do Pe. Leonel Pergher e do seu coadjutor Pe. João Bosco Luís Schio, que desde janeiro de 1976 o vem substituindo à frente da Paróquia.

Pena brilhante e combativa, o Pe. Leonel Pergher foi fundador e colaborador assíduo dos jornais PANORAMA PRADENSE e JORNAL DE ANTÔNIO PRADO, abordando os mais variados temas com admirável senso crítico e construtivo. Ao seu sucessor, Pe. João Schio, assessorado pelo Pe.Nivaldo Piazza desde vários anos, coube a continuação do trabalho incessante junto ao Hospital São José, Cooperativas, cultivo de macieiras, Escola de Nazaré, encontros de comunidades rurais,

construção de sedes sociais das capelas e, sobretudo, a construção da maior de todas as sedes sociais do município, o grande pavilhão da Gruta de Bossa Senhora de Lourdes, inaugurado durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro de 1979.

A comunidade pradense, que sempre contou com o apoio de todos os seus pastores de almas, em todos os setores de atividade, continua agora confiante no trabalho orientador e construtivo de seus dois dirigentes paroquiais, os Padres João Schio e Nivaldo Piazza, que em fins de 1979 foi transferido para Caxias do Sul (3,7,15).

INTENDENTE CAETANO REGINATO

Caetano Reginato, filho do pioneiro Antônio Reginato, assassinado na Revolução de 1893, e de Lúcia Reginato, foi o 2° Intendente eleito de Antônio Prado, havendo exercido seu mandato de 21.8.1923 a 21.8.1927. Como Vice-Intendente do Cel. Inocêncio de Matos Miller, assumiu a administração do município em 7.12.1922.

Professor público municipal em Nova Roma, na década de 1910, saudou o sr. Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker, quando, no dia 27-11-1914, chegava para o lançamento da pedra fundamental da futura igreja matriz daquela localidade.

Governando o município durante o crítico período da Revolução de1923, foi obrigado a usar de extrema energia a bem da ordem, vendo-se, além disso, constrangido a arregimentar soldados voluntários entre os colonos, requisitar animais, caminhões, gêneros alimentícios, em favor das forças legalistas, medidas extremas pouco simpáticas, criando uma situação de hostilidade entre os agricultores e as autoridades municipais, como podemos ver no capítulo referente a Nova Roma.

Entre as numerosas realizações de sua gestão, salienta-se a

criação do Grupo Escolar Prof. Ulisses Cabral, “atendendo à necessidade do ensino e consoante desejo unânime da população local”. Após solicitar a criação deste estabelecimento, não havendo prédio apropriado para tal fim, ofereceu, de momento, o andar superior do prédio municipal. O Grupo Escolar, hoje Escola Estadual Prof. Ulisses Cabral, foi criado em 25.2.1926, havendo iniciado suas atividades em 29.4.1926.

Caetano Reginato, durante o período revolucionário, enfrentou sérias dificuldades para manter as finanças em dia, havendo assumido o governo com a renda ordinária de 59:506$634, que em 1923 decresceu para 52:949$101. Entretanto, com seu esforço, finda a Revolução, a renda passava em 1924 para 85:409$017 e em 1925 subia para 114:962$510, isto sem alteração dos impostos. Assumiu ainda a responsabilidade de saldar a dívida de 40.041$520 proveniente da aquisição da suntuosa casa do sr. Vitório Faccioli para prédio da Intendência Municipal, transação efetivada por seu antecessor, Intendente Inocêncio de Matos Miller.

Sua mais importante realização foi iniciar a construção da usina Hidroelétrica Municipal no rio do Inferno, obra levada a efeito graças a um vultoso financiamento bancário. Preocupou-se também pela transferência do Cemitério, velha aspiração do 1° Intendente. Deu sobretudo ênfase às obras de viação, como a Estrada Júlio de Castilhos e a do Passo do Zeferino, em colaboração com o Governo Estadual, estradas vicinais, pontes, melhoramentos na urbanização da vila, inauguração de nova barca do Passo do Zeferino, melhoramentos da linha telefônica ligando a sede com as localidades de Passo do Zeferino, Nova Treviso, Castro Alves e Nova Roma. Em virtude da renúncia dos Conselheiros Ângelo Barea e Pedro Donida, procedeu em22.2.1925 a eleição dos substitutos na pessoa de Napoleão Compagnoni e Antônio Golin.

Juntamente com o sr. Francisco Marcantônio, Presidente do Conselho Municipal, tomou parte no Congresso dos Intendentes Municipais, realizado em Caxias do Sul, na primeira quinzena de maio de 1925, de cuja Comissão Central, o sr. Caetano Reginato participou, ao lado dos Intendentes Celeste Gobato, João Batista Pianca e Joaquim

Mascarello. Estiveram representados no Congresso os municípios abaixo por seu respectivo Intendente e Presidente do Conselho:

Alfredo Chaves - Sigismundo Reschke e Vitório Dal Pai,
Antônio Prado **-** *Caetano Reginato e Francisco Marcantônio,*
Bento Gonçalves **-** *João Batista Pianca e Amadeu Arioli,*
Caxias - Celeste Gobbato e Orestes Manfro,
Encantado **-** *Antônio Di Conto e Vitório Costi,*
Garibaldi - Antônio Paganelli e Arduíno D' Arrigo,
Guaporé - Manuel Francisco Guerreiro e Alberto Morassutti,
Nova Trento **-** *Joaquim Mascarello e Anselmo Carpeggiani,*
Prata - Félix Engel Filho e Adolfo Schneider,
São Sebastião do Caí - Ernesto Noll e Carlos Oderich,
São Francisco de Paula **-** *Dr. Odon Cavalcanti e Dr. Alfredo Lucena.*

Em 11.12.1924, promoveu festiva recepção ao Cav. Arduini, representante consular do Rei da Itália, que foi homenageado com um banquete de 70 talheres no Hotel Riograndense, sendo saudado, em nome do Intendente, pelo Dr. Paulo Rache, advogado de Caxias.

Em 3.6.1925, a convite do Intendente Caetano Reginato, visitou Antônio Prado o Dr. Firmino Paim Filho, Comandante do Destacamento do Nordeste, ocasião em que foi homenageado com um banquete de 126 talheres no referido hotel. O Intendente saudou o ilustre visitante, iniciando sua oração com as palavras de Júlio César: *Veni, vidi, vici.*

Em 16.6.1925, recebeu a visita do Dr. Vico Barbieri, agente consular italiano em Caxias, que aqui vinha angariar donativos para as festas do cinquentenário da colonização italiano no Estado. Caetano Reginato, dos cofres da Intendência Municipal contribuiu com a importância de dois contos de réis.

Exonerou do cargo de Sub-Intendente de Nova Roma o sr. João Fontana, para que pudesse exercer o cargo de fiscal municipal, nomeando

para a subintendência do 2° distrito o sr. Domingos Caon.

Deixando a Intendência Municipal nas mãos do seu sucessor Francisco Marcantônio, Caetano Reginato assumiu o cargo de Delegado de Polícia. Entre seus filhos, destaca-se o Dr. Eduardo Reginato, primeiro médico filho de Antônio Prado, já falecido (2 – 9).

FRANCISCO MARCANTÔNIO - INTENDENTE E 1° PREFEITO

(21.8.1927 a 15.7.1935)

Francisco Marcantônio, nascido em Trento, na Itália, em 15.1.1870, filho de Camilo e Luísa Ducatti Marcantônio, veio para o Brasil em 1877, estabelecendo-se com os pais numa das ruas centrais de Caxias, com casa de comércio, e em seguida na 6ª Légua, com moinho hidráulico colonial. A família esteve ao depois em Buenos Aires, Montevidéu e São Paulo, durante dois anos. Retornando ao Rio Grande do Sul, Francisco, já com 16 anos, acompanhou o pai na abertura da primeira estrada da nova Colônia de Antônio Prado e na demarcação de lotes.

Depois de residir por algum tempo no Passo do Simão, onde o pai se dedicava ao comércio e indústria, veio fixar-se definitivamente na sede da Colônia; em 1.8.1893 contraiu matrimônio com Angelina Grezzana, sobrinha do Pe. Alexandre Pellegrini, que presidiu a cerimônia do casamento. Sua irmã Judite casou com Giácomo Grezzana, irmão de Angelina. A irmã Otília casou com Antônio Della Giustina, irmão de Andrea. Este viuvou cedo, pois Otília faleceu de nostalgia e saudade de sua querida Itália. As duas famílias Marcantônio e Grezzana, troncos pioneiros de Antônio Prado, moravam na mesma casa, exercendo a mesma profissão, sendo sepultados no mesmo túmulo.

Com a morte do pai em 4.12.1905, Francisco assumiu a direção da

firma comercial, que atuava com açougue, selaria, ferraria e artesanato, neste auxiliado por Antônio e Andrea Della Giustina. Dotado de espírito administrativo e comunitário, participava ativamente de todos os empreendimentos sociais, políticos e econômicos. Foi auxiliar do engenheiro Barata Góis, da Comissão de Terras e Colonização, e depois do Dr. José Montauri Aguiar Leitão. Em 1897 foi nomeado Inspetor Escolar pelo Governo do Estado. Em 11.3.1900 foi nomeado 1° Juiz Municipal. Em 1903 foi promovido a Major Cirurgião da Guarda Nacional. Durante a gestão do Intendente Caetano Reginato, ocupou a presidência do Conselho Municipal.

Em 1926, idealizou e localizou a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, sob a orientação do Cônego José Benini, Vigário da Paróquia, em terreno doado por Domingos Grazziotin, mais tarde, a Gruta foi transferida para o local onde hoje se encontra, constituindo um dos pontos de maior atração religiosa, social e turística.

Eleito Intendente pelo Partido Republicano Liberal, assumiu a administração do município em 21.8.1927, cargo que exerceu com admirável proficiência, merecendo, após a Revolução de 1930, ser confirmado como primeiro prefeito, permanecendo no posto até 15.7.1935.

Durante sua longa gestão, o Major Francisco Marcantônio realizou numerosas obras, destacando-se a Usina Hidroelétrica Municipal, instalada junto à cascata do Rio do Inferno, no Borgo Forte, empreendimento da mais expressiva importância para o desenvolvimento econômico do município, que custou aos cofres a elevada soma de 380:000$000, por empréstimo do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, em 1929. Esta usina funcionou até15.6.1951, quando a Companhia Estadual de Energia Elétrica assumiu o compromisso de fornecimento através da usina do Saltinho, no município de Vacaria.

Outra obra de vulto promovida pelo Intendente Francisco Marcantônio foi a construção da ponte metálica sobre o rio das Antas, no Passo dos Navegantes, pelo então Presidente do Estado Dr. Getúlio Vargas. Esta ponto, iniciada em novembro de 1928 e concluída em

outubro de 1930, velha aspiração, inaugurou uma era de desenvolvimento no setor dos transportes, pela Estrada Júlio de Castilhos.

Fato relevante durante a gestão do 1° Prefeito de Antônio Prado foi a eleição do Dr. Oswaldo Hampe para Deputado Estadual, caso inédito em toda a história do município. Por isso, em 3.10.1934, prestou-se significativa homenagem ao candidato eleito, ocasião em que foi reconstituída a comissão diretora do Partido Republicano Liberal, composta dos membros: Dr. Oswaldo Hampe, presidente; Major Francisco Marcantônio, vice-presidente; José Fialho de Vargas, secretário; membros: Dr. Oscar Geyer, Dr. Eduardo Alencastro Guimarães, Cel. Teodoro Camargo, José Cesa, Atílio Valiera e José Golin. Na eleição de 14.10.1934 votaram 1.322 eleitores, dos 1.695 inscritos. Nas escolas municipais, estaduais e particulares, havia em 1935 uma matrícula de 1.407 alunos. Durante o governo do Major Marcantônio foram criadas três escolas rurais estaduais. Sua gestão teve como tesoureiro o sr.Guilherme Grazziotin e secretário o sr. Alonso Lautert.

Entretanto, a mais destacada contribuição para o engrandecimento de sua segunda Pátria reside na numerosa e luzente descendência de Francisco Marcantônio, dando para o Brasil oito filhos e uma legião de netos e bisnetos. Entre seus filhos não podemos omitir a construtiva obra de Atílio, Luís, Camilo e Valdemar, que transferindo-se para o vizinho município de Vacaria, entregaram-se ao comércio e à pecuária, sendo que Atílio, falecido em 15.1.1974, foi o pioneiro em plantéis de raças finas, proprietário do maior plantel de gado charolês do Brasil, enquanto seus filhos, Onor e Francisco Flávio Marcantônio, criaram um esplêndido haras, com numerosas vitórias no turfe do Brasil e do estrangeiro.

Entre os netos do 1° Prefeito de Antônio Prado, figuram médicos como o Dr. Telmo Marcantônio Cunha, sacerdotes como o Pe. Francisco Marcantônio Andognini, advogados como o Dr. Getúlio Marcantônio, ex-deputado estadual e ex-Secretário da Agricultura no governo do Dr. Sinval Guazzelli, e mais uma luzida série de comerciantes, pecuaristas, professores e várias outras profissões.

O Major Francisco Marcantônio faleceu em Antônio Prado, em 1953, com a idade de 83 anos (2, 9).

OSCAR HAMPE - PREFEITO DE15.7.1935 a 4.4.1937

O historiador Benito José Fattori escreve: “Corriam dias de murmúrios e horas de descontentamento contra arbitrariedades municipais, pelos mais variados recantos pradenses. As últimas eleições, onde quem votava ganhava um quilo de café, haviam dividido o município em duas fortes correntes. **E** haviam sido vencidas pelo sr.Oscar Hampe, elegendo-se Prefeito Municipal sucedendo ao governo o sr. Major Francisco Marcantônio. A outra facção era liderada pelo sr. Calvino Palombini, que perdera, e iria colocar a sua indústria de álcool logo fora da cidade e dentro dos limites do município de Vacaria...”

O sr. Oscar Hampe, ex-Delegado de Polícia, irmão do Dr. Oswaldo Hampe, candidato do Partido Liberal, principiou o seu governo assessorado pelo sr. Reinaldo Barison, Vice-Prefeito, e pelos Vereadores: Atílio Valiera, José Golin, João Letti, Horácio Letti, Pedro Mondadori, Dante Paganella e José Anghinoni. Em 1936, assumiu o suplente Ermelindo Denale, em substituição de Pedro Mondadori. Para Delegado de Polícia, nomeou seu genro Armindo Cesa.

Entre as iniciativas mais importantes do seu governo, destaca-se a construção de uma grande barragem no rio do Inferno, para ampliação da capacidade da Usina Hidrelétrica Municipal, a qual em tempo de estiagem apresentava sério problema, com fornecimento de energia elétrica insuficiente, causando racionamento.

Ao Prefeito Oscar Hampe coube a difícil tarefa de introduzir no município o novo sistema tributário, pelo qual o imposto territorial de 44$000 passou a ser uma tributação de rendas rurais, cobrada de um

modo relativo à produção. Esta cobrança não agradou aos agricultores, alguns dos quais, pertencentes à Capela de São Pedro, se movimentaram, surgindo daí grave conflito, que constitui o mais dramático capítulo da História de Antônio Prado. O episódio vem narrado detalhadamente em outro capítulo deste livro.

O sr. Oscar Hampe era casado com D. Querida Hampe e teve os seguintes filhos: Isolda, casada com o Delegado de Polícia Armindo Cesa, assassinado, havendo casado em segundas núpcias com Laurindo da Poian, residente em Caxias do Sul; Dr. Oswaldo Hampe Sobrinho, médico já falecido, casado com D.Maria Fonini Hampe, residente em Porto Alegre (2, 9)

CAP. WALDEMAR ALVES DE MIRANDA -PREFEITO DE 4.4.1938

a MAIO-42

O Cap. Waldemar Alves de Miranda, mais tarde promovido a Major e reformado como Coronel da Brigada Militar, falecendo em 23.7.1971, foi nomeado Prefeito em abril de 1938, com a finalidade de pacificar a família pradense em face do lamentável episódio de 25.5.1936, permanecendo no cargo até maio de 1942. Era casado com Da. Rosa Ness Miranda, que ainda vive em Porto Alegre, com 76 anos de idade, tendo os filhos: Íris Ness Miranda, Professor e Bancário; Ieda Miranda Martins; Ivan Ness Miranda, Coronel Reformado da Brigada Militar; Iara Ness Miranda, Professora de Letras; Neusa Miranda Gomes, Professora de Letras; e Eunice Miranda Rodrigues, residindo em S.Catarina. - De acordo com o sr. Waldemar M.Grazziotin, que foi seu colaborador como Contador da Prefeitura, não era muito comunicativo, mas dotado de grande bondade e de espírito pacificador.

Durante a sua administração, procurou desenvolver o ensino, ampliar as estradas e dar à cidade um aspecto modernizado. Em 1940 deu início à construção da Estrada do Turvo, obra continuada pelo sucessor Cap. Felisbino Monteiro, que inaugurou a primeira etapa em 1944, tendo o Prefeito Carlos Rotta concluído em 1946. Sob sua administração foi construído o prédio do Grupo Escolar "Professor Ulisses Cabral", em terreno com a área de 5000m^2, doado ao Estado pela Prefeitura. A inauguração ocorreu em Setembro de 1942, já na administração de seu sucessor.

Logo ao assumir o comando da Prefeitura, o Cap. Miranda dirigiu telegrama ao Sr. Interventor Federal, colocando à disposição o cargo, inconformado com a pequena área anexada ao município, quando se pretendia parte do território dos 4° e 9° distritos de Vacaria. Como se sabe, o Decreto-Lei Federal n° 311, de 2.3.1938 cedia a Antônio Prado uma área de 98 km^2, do município de Vacaria, quando ela devia ter sido muito superior, conforme entendimentos havidos (2, 9).

FELISBINO MONTEIRO -PREFEITO 1942 – 1944

O Capitão Felisbino Monteiro, cirurgião-dentista do Corpo de Saúde da Brigada Militar, assumiu o poder executivo em 3.6.1942, nomeado em substituição ao Cap. Waldemar Alves de Miranda, permanecendo no cargo até junho de 1944. Jornalista, foi diretor e proprietário do jornal "O Castilhista", de Santa Maria. Foi Prefeito de Santa Maria e de Sobradinho. Faleceu em Porto Alegre, em junho de 1949. Era casado com Otalice Flores Monteiro, tendo as filhas: Gasparina M. Pereira, casada com Fernando Pereira, de Santa Maria; Mary M.Quites, casada com o Cap. Afonso Quites, de Porto Alegre; Eunice M. Bruno, casada com Jovino Bruno, funcionário do Departamento das Prefeituras Municipais, residente em Porto Alegre.

Escreve o historiador Benito José Fattori: “Estávamos em guerra e a História de Antônio Prado haveria de registrar alguns atos do Cap. Felisbino Monteiro, como a construção de abrigos antiaéreos na sede e em Nova Roma. Foram construídos abrigos de encontro ao Morro da Gruta, nos moldes de Nova Roma, só que estes recebiam os bombardeios noturnos das prostitutas e seus fregueses. Mas uma das atitudes das mais dignas do Prefeito Felisbino Monteiro, foi o de ter enfrentado corajosamente um grupo de arruaceiros, que, comandados por Itagiba Machado, invadiam a Praça Garibaldi, carregando a Bandeira Nacional, dando vivas aos Aliados e gritando ameaças a italianos e alemães e querendo destruir suas propriedades. Enfrentando-os o Cap. Felisbino tirou-lhes a bandeira das mãos e deu ordem para se dispersarem, sob pena de prisão.

Corria o ano de 1942. Pelo município realizavam-se concentrações cívicas, paradas e comícios inflamados contra italianos e alemães. As ameaças e tentativas de ataques às casas de italianos foram frequentes, porém reprimidas. Todas as noites, após os comícios, havia estas tentativas. E durante o dia os imigrantes italianos e seus filhos trabalhavam e recolhiam seus impostos, lutando pela grandeza da pátria brasileira. Alguns de seus filhos já haviam seguido para a Itália no 1° Contingente Expedicionário, outros estavam em preparativos para seguir. Edgar Mondadori foi o 1° expedicionário pradense que reforçou as forças nacionais gloriosas na Europa.

Outra atitude tomada pelo então Prefeito Major Felisbino Monteiro foi a realização de um blackout em outubro de 1942. Constituía um grande meio de defesa passiva antiaérea e era um dos treinamentos grandemente realizados em todo o Brasil. Embora sendo cidadezinha pacata e desprovida de indústrias básicas, para poder receber a possibilidade e o interesse de um ataque aéreo, Antônio Prado não ficou de lado. Então numa quarta-feira de outubro de 1942, conforme as instruções da Comissão, foi realizado um treinamento de blackout. Seriam, mais ou menos, 20 horas, quando o estouro de um foguete, o repicar dos sinos, o som estridente da sirene do cinema, deram o alarme de um simulado

ataque aéreo. Imediatamente a vida da cidade parou. Os automóveis deixaram de circular. As luzes de todas as residências e dos postes das ruas foram apagadas. E toda a população recolheu-se às suas casas. E de repente as ruas pradenses tornaram-se desertas e sinistramente silenciosas, ouvindo-se apenas os sinos do campanário da Matriz e a sirene do cinema. Profunda e densa escuridão tomava conta da cidade, e quando os sinos e sirene silenciaram, o silêncio se fez mais profundo, mais tétrico e imensamente fantasmagórico. Era um silêncio que lembrava outra noite, de um acontecimento passado em 1936...

E de repente, pelas ruas escuras e desertas, ouviram-se passos cadenciados dos que faziam a inspeção, para verificar se a população atendia as ordens da Comissão. E assim se passou meia hora, que pareceu longa como a eternidade e que ficaria para a história com o mesmo toque de ridículos atos de ditadores e dos que abusam do poder. Passada aquela meia hora, espocou outro foguete, os sinos voltaram a tocar festivos e era alegre e emocionante o som da sirene. Terminara o ataque e o perigo. As moças da Cruz Vermelha começaram a percorrer as ruas à procura de feridos para atender. Um incêndio irrompeu numa rua, mas a população estava preparada para vencer as chamas fatais. Todos suspiraram: O blackout terminara! Os automóveis tornaram a circular, os rádios transmitiam músicas alegres...

Era a época de patriotismo inflamado. E Itagiba Machado, fiscal do vinho, chefe do Laboratório de Enologia, incitava ao ataque e destruição do patrimônio dos italianos. Descortês e violentamente atacava em seus discursos. A população começava a enervar-se, começava a perder a paciência. E certa manhã, por ocasião do hasteamento da bandeira, na Praça Garibaldi, após se fazerem ouvir diversos oradores, pediu a palavra o famoso Itagiba que atacou e ofendeu aos italianos locais, e seus filhos sentiram-se atingidos. Tiveram de imediato vontade de também atacar e destruir. Notaram, entretanto, que seria usar as mesmas armas do inimigo, que eles reprovavam. Seria o mesmo que que morder o cachorro só por que o cachorro os mordera. Por isso, usaram de outro expediente. Quando o orador terminou seu discurso, um longo silêncio percorreu os presentes.

Ninguém bateu palmas. Ninguém, nem os estudantes, nem o povo, nem as autoridades. Todos permaneceram quietos e parados... Magoado, Itagiba retirou-se às pressas, com receio de alguma represália. De noite, no Clube União, durante outra sessão cívica, Itagiba começou o seu discurso assim: “Hoje pela manhã, quando pronunciei meu discurso, vocês não aplaudiram...” Foi a sua última aparição em cena. Foi transferido para outro município gaúcho. Por volta de 1943, os ânimos inflamados pela guerra amainaram. O Cap. Felisbino Monteiro foi transferido do município que ele dirigira com a melhor de suas intenções. Ele era bom e simples, e o povo gostara dele. O que ninguém sentiu e lastimou foi a transferência do sr. Itagiba. E para suceder ao Cap. Monteiro, o povo de Antônio Prado recebeu com orgulho, alegria e satisfação a notícia de que um de seus filhos seria o próximo Prefeito, e o escolhido seria o Dr. Alberto Zanardi, filho de tradicional família pradense, moço que crescera correndo pelas ruas de Antônio Prado” (6, 9 15).

DOMINGOS CAON - PREFEITO EM JUNHO DE 1944

Em substituição ao Major Felisbino Monteiro, assumiu o Poder Executivo interinamente, durante o mês de junho de 1944, o sr. Domingos Caon, que por duas vezes foi subprefeito de Nova Roma. Político, industrialista, comerciante, artesão e intelectual, nascido em Pádua, na Itália, veio para o Brasil em 1889, partindo de Gênova em 14.1.1889, em navio francês, com mais 2.800 imigrantes. Casou em Nova Trento com Teresa Fabris, em 22.2.1897. Estabeleceu-se a princípio na Linha Barra margem esquerda do rio das Antas, passando depois para a margem direta, proximidades do Passo do Simão.

Aqui, conforme relata seu filho Catulino, Domingos conseguiu salvar a sua casa, que começava a ser arrastada pela enchente do rio, amarrando-a em troncos de árvores com laços de couro que ele fabricava.

A seguir estabeleceu-se em Nova Treviso, tornando-se líder da região. Quis mudar o nome da localidade por Dante Alighieri, pelo grande amor que tinha ao poeta florentino, cuja obra, a Divina Comédia, sabia de cor. De posse de um belo volume encadernado, hoje nas mãos do filho Dante em Xavantina, em Santa Catarina, fotografara-se quase sempre com o livro na mão. Em Nova Treviso mandou construir um belo monumento de granito a Dante, que ainda existe, embora danificado por uma bomba, jogada por mãos criminosas. No pedestal da estátua lê-se este verso do próprio poeta - *Onorate ilaltíssimo poeta.*

A princípio, às margens do rio das Antas, montou fábrica de aguardente, açúcar e rapadura, que exportava para vários municípios. Em Nova Treviso, estabeleceu-se com casa comercial, fábrica de cerveja e gasosa, de erva-mate e produtos suínos. Montou uma grande olaria e fábrica de cerâmica e louças, produzindo potes, canos de condutos d'água, que ainda hoje podem ser observados em Nova Treviso. Artesão de objetos de couro, como laços, cabrestos, baixeiros. Vitivinicultor. Importou de Barbacena o bicho da seda, que difundiu por toda a região. Grande incentivador de trigo. Montou a primeira serraria de toda a região de Antônio Prado e Vacaria. Exportava a madeira por meio de balsas pelo rio das Antas. Na segunda viagem perdeu 500 dúzias de tábuas. Por balsa exportava igualmente erva-mate. Pecuarista no município de Vacaria, perdeu certa vez toda uma tropa de bois, conforme declarou ao jornal PIONEIRO, de Caxias do Sul (17.12.1949). Foi premiado várias vezes com medalha de ouro em exposições. Tropeiro e carreteiro, viajava até Porto Alegre, transportando seus produtos.

Em 1903, prestou compromisso de Oficial da Guarda Nacional. Em 6.12.1940 naturalizou-se brasileiro. Era irmão de Antônio Caon, avô do Pe.Caetano Borges Caon, atual cura da Catedral de Vacaria. Teve 19 filhos, muitos deles professores. Vivem ainda: Catulino Príncipe Caon, que durante 30 anos foi titular do Registro Civil de Coxilha Grande, Vacaria; Elvira, casada com Primo Pigatto; Ema Roell, viúva; Sara Biasolli; Verônica Cirelli, Dante Leão. Seus netos e bisnetos, várias centenas, exercem as mais variadas profissões, espalhados pelo Brasil. Vários são professores,

outros religiosos, uns médicos, como o Dr. Flávio Zanotto Caon, filho de Jordão Bruno Caon, ex-exator de Lagoa Vermelha, que também tem uma filha professora e escritora.

Faleceu em Nova Treviso em 27.12.1949, com 72 anos, havendo nascido em 1877. Ao seu funeral compareceram o sr. Waldemar M. Grazziotin, Prefeito Municipal, o sr. Vicente Palombini, Presidente da Câmara, que fez uso da palavra no cemitério, o sr. Luís Marcantônio Grezzana, que também discursou, o sr. Dartagan de Farias Pinto, funcionário da Estatística Municipal, e uma grande multidão de pessoas, procedentes de todo o município e dos municípios vizinhos. As cerimônias fúnebres, na capela de Nova Treviso, foram oficiadas pelo Pe. Tranquilo Mugnol, Vigário de Paróquia de Nova Roma. (9, 15).

ELVALDO ALERCON - PREFEITO EM MARÇO DE 1945

O Prefeito Dr. Aberto Zanardi, durante a sua administração, esteve assessorado por importante vulto de nossas letras - o poeta, jornalista e escritor ELVALDO ALERCON, que durante o mês de março de 1945 assumiu o governo municipal como Prefeito interino. Além de publicar vários livros em prosa e verso, Alercon trabalhou em numerosos jornais de Porto Alegre, Rio Grande, Cachoeira, Santa Maria e Bagé.

Entre as realizações no campo econômico, social e cultural, devemos destacar a criação da Festa Nacional do Trigo, juntamente com Iwar Beckmann. Graças a suas campanhas jornalísticas é que surgiu em Porto Alegre o Cemitério São João. Foi ele o fundador e primeiro presidente da Associação Riograndense de Imprensa.

Perdendo sua esposa, caiu num profundo abatimento, que aumentou depois do segundo casamento, em virtude do abandono em que o deixou a segunda esposa. Entregou-se então ao álcool e caiu doente,

abandonado, numa enfermaria da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Morreu em11.6.1957 e seu sepultamento no cemitério que ele idealizou e ajudou a construir teve apenas nove acompanhantes (9).

PREFEITO DR. ALBERTO ZANARDI -1944-1945

O nome do Prof. Alberto Zanardi, filho de tradicional família pradense, indicado para Prefeito, foi saudado com aplausos gerais. Finalmente, um filho da terra tornava a dirigir os destinos do município.

Nascido em 4.9.1908, na cidade de Antônio Prado, contraiu matrimônio com D. Horizontina Souto, tendo os filhos: Dr. Carlos Alberto Zanardi, jornalista e advogado, atualmente Diretor da Arauto Publicidade Ltda. e jornalista da Assessoria da Assembleia de Comunicação Social da Secretaria da Segurança Pública do Estado; e Vera Maria Zanardi Hernandez, casada com o Major Júlio César Barbosa Hernandez, atualmente servindo no Batalhão de Polícia do Exército em Porto Alegre.

O Prof. Alberto Zanardi em 1930 foi nomeado para o cargo de escrivão da Coletoria de Itaqui, passando a seguir, por concurso, a exercer o cargo de escrivão da Mesa de Rendas da mesma cidade. Em 1938, por concurso, passou a exercer atividades no Tesouro do Estado, onde obteve sucessivas promoções, até 1944, quando pelo Tribunal de Contas do Estado foi nomeado assessor do então Conselho Administrativo. Nesse mesmo ano foi nomeado Prefeito de Antônio Prado, enquanto concluía o curso de Ciências Econômicas na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.

Depois de um ano à frente do Executivo pradense, renunciou ao cargo, retornando à Capital do Estado, onde em 1955 iniciava sua longa carreira de professor, a princípio na cadeira de Contabilidade Geral no Colégio Comercial Protásio Alves e, a partir de 1958, na cadeira de

Contabilidade Pública da PUC. Em 1960 assumiu a função de chefe de gabinete da Secretaria da Educação e Cultura, até 1964, retomando então ao magistério, até 1971, quando se afastou, por motivo de saúde, vindo a falecer em 21.11.1972.

No dia 13.6.1944 recebia de Domingos Caon, Prefeito interino, pelas mãos do secretário Mauro de Castro, o comando do Poder Executivo de Antônio Prado. A seguir nomeou Antônio Zulmiro Grazziotin Contador da Prefeitura e Osmar Maciel Berend para o cargo de secretário, sendo mais tarde, substituído pelo escritor, jornalista e poeta Elvaldo de Alercon.

O Prof. Alberto Zanardi, embora em curto período, exerceu brilhante administração, havendo presidido as imponentes festividades da sagração episcopal de D. Henrique Gelain, ocasião em que proferiu belíssima oração. Reformou o prédio da Prefeitura. Promoveu campanha do agasalho e Natal da Criança carente, em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência. Deu especial atenção ao meio rural, através de contatos diretos com os agricultores. Concluiu os trabalhos de construção da avenida Rio Branco. Cuidou da urbanização e ajardinamento da praça e ruas da cidade. Solicitou instalação de um campo de multiplicação de sementes, criação de um Grupo Escolar em Castro Alves, aumentou o salário do funcionalismo municipal, instalou o Cruzeiro Luminoso, reorganizou a Biblioteca Pública por meio do escritor Elvaldo de Alercon... (9, 5).

CALVINO PALOMBINI - PREFEITO DE a 18.2.1946

Em substituição ao Dr. Júlio Martino Porto, que governou o município como Prefeito nomeado de 17.11.1945 a 20.12.1945, assumiu o comando do poder executivo o sr. Calvino Palombini, filho do ex-Prefeito Vicente Palombini. Nascido em 1908, faleceu tragicamente em 5.11.1951, caindo de um poste da iluminação pública, sendo transportado de avião

para Porto Alegre, morrendo durante a viagem, segunda-feira, dia seguinte ao acidente.

Titular do Registro de Imóveis, operador do cinema do Clube União, industrialista, Calvino Palombini era uma das pessoas mais representativas da sociedade pradense da época. Senhor de alta responsabilidade, estava sempre disposto para qualquer serviço. Por isso, havendo surgido defeito na rede da iluminação pública, ele mesmo tratou do conserto.

Casado com Maria Rosalba (Vilma) Bocchese, é pai do Dr. Marcos Palombini, dinâmico Prefeito de Vacaria (1973-1977), cirurgião-dentista e farmacêutico, do Dr. Vicente Palombini Neto, médico, proprietário dos Serviços Médicos Canoas Ltda., de Canoas, e Dra. Ema Luíza Palombini Morales.

Político atuante, disputou o cargo de prefeito em pleito renhido, no qual saiu vencedor o candidato do Partido Liberal, sr. Oscar Hampe (2, 9,15).

CARLOS ROTTA DUAS VEZES PREFEITO E DUAS VICE-PREFEITO

de 21.3.1945 a 17.11.45 e de 20.12.45 a 10.5.47.

Dotado de invejável senso prático, aliado a um dinamismo incomum, Carlos Rotta Filho, embora de instrução primária, exerceu a mais profícua administração, à frente do poder executivo, duas vezes como Prefeito e duas vezes como Vice-Prefeito, havendo nestas assumido a direção da Prefeitura Municipal em diversas ocasiões.

Sua intensa atividade administrativa vinha-lhe como herança de uma longa e dura vida de trabalho nos primórdios da organização do município, filho como era de um dos fundadores de Antônio Prado, tendo

exercido as mais variadas profissões, como tropeiro, carreteiro, açougueiro, padeiro, caixeiro-viajante e balconista.

Terceiro filho de numerosa família de seis homens e quatro mulheres os pioneiros italianos Carlos Rotta e Maria De Negri, nasceu na sede de Antônio Prado em 24.3.1888, sendo um dos primeiros pradenses natos, nos primórdios da colonização. Na mesma cidade veio a falecer em 2.4.1965.

Conforme declara seu filho Rubem J. Rotta, "começou a trabalhar desde muito moço, a serviço de seu pai, que possuía aqui uma casa comercial e um matadouro de suínos e bovinos. A ele, como o mais velho dos filhos homens, cabia-lhe, com uma tropa de muares ou com a carreta, trazer do interior do município os animais para o abate, o milho, o trigo, etc.

Também ao seu cargo ficava a tarefa de, com a tropa de vinte, trinta ou quarenta cargueiros, transportar para São Sebastião do Caí os produtos da industrialização dos suínos e bovinos: banha, salames, toicinho, linguiças, etc. Na volta vinha com fazendas, miudezas, sal, açúcar, querosene, e outras dezenas de encomendas. Parte dessas mercadorias era para suprir a casa comercial e parte ia com os muares de carga para Vacaria, Bom Jesus e até Lages, onde fazia a troca por lãs, couros, cabelo e queijos.

As viagens para São Sebastião proporcionaram-lhe a oportunidade de aprender a língua alemã, idioma que dominava perfeitamente. Com a liquidação da loja, meu pai foi empregar-se como balconista na firma Frederico Mentz & Cia., de Porto Alegre, firma de grande expressão comercial na época. Retornando para Antônio Prado em 1913, casou com Elvira Dotti, aquela que seria minha mãe. O casal teve sete filhos, dos quais cinco vivos atualmente (1979).

A convite de seu sogro, José Dotti, passou a trabalhar novamente como tropeiro, carreteiro, açougueiro, acrescentando mais uma profissão, na qual se revelaria muito hábil - a de padeiro. Depois de alguns anos

nessas lides, o negócio foi fechado, quando meu pai, solicitado pelos antigos empregadores Frederico Mentz & Cia., passou a fazer parte do seu quadro de caixeiros-viajantes. Creio ter sido essa a sua profissão mais estável, pois, por muitos e muitos anos, primeiro para a firma citada e posteriormente para Paetzel & Cia., também de Porto Alegre, com um Ford modelo 28, percorreu os municípios de Nova Prata, Guaporé, Serafina Correia, Marau, Casca, Passo Fundo, Soledade, Carazinho, Tapera, Getúlio Vargas, Erechim e outros.

Foi Prefeito de 21.3.1945 a 17.11.1945, nomeado pelo Interventor Federal Tte. Cel. Ernesto Dorneles. Em 19.2.1946 a 10.5.1947, cumpriu um segundo mandato também por nomeação. De 1952 - 1955, no cargo de Vice-Prefeito, auxiliou a administração do Prefeito sr. Vicente Palombini, e na qual acumulava o cargo de chefia do Departamento Municipal de Estradas de Rodagem, supervisionando neste setor todo o município.

Tenho lembrança de que nessas funções sua atividade foi intensa, principalmente no interior do município, com abertura, conservação e melhoramentos das estradas vicinais, pois a Prefeitura já contava com alguns implementos rodoviários. Teve atuação marcante na implantação da linha telefônica para Nova Roma, segundo distrito, e na abertura da estrada do rio Turvo.

Na gestão do Prefeito sr. Waldemar Mansueto Grazziotin, 1956 - 1959, ocupou o cargo de Vice-Prefeito, e por diversas vezes assumiu a Prefeitura no impedimento de seu titular.”

Carlos Rotta Filho tem um destaque especial na história de Antônio Prado, por ter sido o idealizador do maior clube social do município - o Clube União, do qual foi seu primeiro presidente no período de 30.7.1911 e 22.5.1912.

Pai de sete filhos, cinco homens e duas mulheres, dos quais restam cinco, duas mulheres, uma viúva e outra casada, e três homens Rubem J.Rotta, bancário, jornalista brilhante, ex-gerente do Banco do Rio

Grande do Sul em Antônio Prado; Dr. Benito Rotta, médico, atualmente exercendo a profissão em Flores da Cunha, com consultório no Hospital Nossa Senhora de Fátima; e Deomar Rotta, técnico-mecânico, chefe da oficina do Moinho do Nordeste Ltda., em cujo escritório de contabilidade trabalhou o filho Adelar Walter Rotta, intelectual, exímio poeta que altamente honrou a cultura pradense, falecido em 4.8.1977, com 62 anos de idade.

CATULINO DOMINGOS BOCCHESE, nomeado Prefeito, governou de 10.5.1947 a 8.12.1947. Nasceu em Antônio Prado a 15.7.1916 e faleceu em Porto Alegre em 4.10.77. Casado com Noelcia Marcantônio Bocchese, professora estadual. Filhas, todas com curso superior: Jane, casada com Itagiba Camargo Machado, contador; Margarida (odontóloga), casada com o odontólogo Sérgio Paganella; Dora Luíza, casada com o médico Dr. Pasquale Gallo.

WALDEMAR MANSUETO GRAZZIOTIN - DUAS VEZES PREFEITO

1947 - 1951 e 1956 - 1959

Um dos mais destacados governantes municipais de Antônio Prado, por duas vezes Prefeito, é certamente o sr. Waldemar Mansueto Grazziotin, descendente dos pioneiros italianos que fundaram o município, do qual seu avô foi um dos primeiros comerciantes estabelecidos na sede. Filho de Domingos Grazziotin e de Ersilia Pezzi Grazziotin, neto de Valentino Grazziotin e de Abramo Pezzi, um dos primeiros professores de Caxias do Sul, aqui nasceu em 16.12.1914.

Casado com a professora Vanda Rodrigues Grazziotin, é pai dos seguintes filhos: Maria da Glória, formada em Letras, professora em Erechim, onde seu marido, Telmo Scotti, é subgerente do Banco do Brasil;

Maria Claudette, formada em Educação Física, casada com Ody A.Zanotto, diretor comercial da Madeprado S.A.; Vanderlei, formado em Jornalismo, assessor do deputado Romeu Martinelli, casado com Isabel Arnt, arquiteta, residente em Porto Alegre; Maria de Fátima, formada em Tradutor e Intérprete, casada com Ronal E. Mondadori, Analista de Sistemas da COBRA, residente em Porto Alegre; e Elisabete Rodrigues Grazziotin, estudante.

Formado pela Escola Superior de Comércio de Porto Alegre, exerceu o cargo de Contador da Prefeitura Municipal (1939-1943); é sócio-gerente da firma Comercial Domingos Grazziotin Ltda. e sócio fundador das firmas Moinho do Nordeste Ltda., Frigorífico Pradense Ltda., Veículos e Auto Peças Ltda. e Madeprado S.A.

Ex-Presidente, Secretário e Tesoureiro do Tiro de Guerra n° 355, da Associação Comercial, do Clube União, inclusive nos jubileus de Prata e de Ouro, deste faz parte do atual Conselho Deliberativo. Em 1936 ingressou na Ação Integralista Brasileira, exercendo a função de secretário de Finanças no núcleo de Antônio Prado, até a extinção do partido, quando, em 1952, se filiou ao Partido Social Democrático.

Candidato único, pela União Pradense, foi Prefeito de Antônio Prado de 8.12.1947 a 31.12.1951, eleito com 1.617 votos. Candidato pela legenda do P.S.D., elegeu-se com 2.110 votos para o quatriênio de 1956-1959.

Para a Câmara de Vereadores em 1947 foram eleitos: Vicente Palombini PTB (Presidente), Avelino Mazzotti PRP (Vice-Presidente), Germano Bellan PRP (Secretário), Luís Marcantônio Grezzana PSD, Waldomiro Bocchese PSD, Narciso Verza PSP e Gregório Panazzolo PSP. Na hora da posse, o vereador Waldomiro Bocchese do PSD renunciou a favor do Dr. Hildo da Costa Guilloux, suplente do PL. Vice-Prefeito, sr. Adelar Arcádio Letti; subprefeito, Augusto Guerra, subprefeito do 2° distrito, Virgínio Panosso. Gregório Panazzolo, por sua vez, vereador por Nova Roma, veio a falecer repentinamente durante o seu mandato, em maio de 1950; contava 39 anos e era diretor comercial da Cooperativa

Mista Guararapes Ltda.; o Prefeito Waldemar Grazziotin decretou luto por três dias. Ao funeral estavam presentes todos os Vereadores, tendo discursado o sr. Vicente Palombini e o Dr. Hildo da Costa Guilloux.

Logo que o Prefeito e Vice-Prefeito tomaram posse, o Presidente da Câmara, sr. Vicente Palombini, comunicava que os Vereadores desistiam de todo o subsídio a que tinham direito, em benefício dos cofres da Prefeitura, que se encontrava em precárias condições financeiras. Na mesma reunião, o Vereador Luís M.Grezzano solicitou moção aprovando a cassação dos deputados comunistas, que foi aprovada.

O jovem, simpático, inteligente e dinâmico Prefeito, congraçando todas as correntes políticas, desenvolveu vigorosa administração, de sorte que, ao findar o primeiro ano de sua gestão, a Prefeitura encerrava o ano com saldo em suas finanças. Para o exercício de 1949, houve um saldo de 32.367.90 cruzeiros, com um balanço da conta patrimonial de 130.666,30 cruzeiros de superávit.

No dia 13.3.1949, Antônio Prado celebrou uma notável festa de confraternização política, com participação de todos os partidos, a presença dos deputados Guido Mondin e Luís Compagnoni, ocasião em que discursaram o sr. Vicente Palombini, Dr. Hildo Guilloux, Luís Rubin, Luís Grezzana e os deputados presentes. Com uma festa na Gruta foi também homenageado no dia 23.2.1949 o Dr. Alceu Barbedo, Procurador Geral da República.

Digno de registro histórico é a festa comemorativa do Cinquentenário da criação do município, promovida pelo sr. Prefeito e comunidade pradense em 18.12.1949, com a presença do Governador Dr. Walter Jobim, Dr. Balbino Mascarenhas, Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio, Major Nicomedes Becon, Chefe da Casa Civil, Cel. Dagoberto Gonçalves, Chefe de Polícia, D.José Barea, Bispo Diocesano, D.Henrique Gelain, Bispo de Cafelândia, ex-intendente Cel. Inocêncio de Matos Miller, Caetano Reginato, Francisco Marcantônio, Cel. Waldemar Alves de Miranda, Carlos Rotta, Oscar Hampe, Dr. Alberto Zanardi, Dr. Júlio Martino Porto e Calvino Palombini, ex-Prefeitos. Vários deputados,

prefeitos de todos os municípios da região. Nesse dia foi lançada a pedra fundamental do Ginásio São José, iniciativa do Pe. Ernesto Mânica, Vigário da Paróquia, que foi o primeiro diretor do estabelecimento. Durante estas festividades jubilares foram pronunciados importantes discursos, que os jornais da época reproduziram, destacando-se a oração do Governador do Estado.

Entre as numerosas e importantes promoções do Prefeito Waldemar Grazziotin, salientamos: Criação e organização da Carreira do Magistério Municipal, em 5.2.1949; isenção de impostos para instalação de novas indústrias; encampação da Usina Hidroelétrica Municipal pelo Governo do Estado e sua inclusão no sistema Saltinho, em 1950; construção e inauguração do Estádio Municipal de Esportes, em 16.12.1951; aquisição do terreno e construção do Campo de Pouso Municipal, em 1951; dotação do primeiro parque de Máquinas rodoviárias; funcionamento da Comissão Municipal da Legião Brasileira de Assistência; construção e melhoria das comunicações viárias e obras de arte no interior, obras de alargamento e aterro de trechos da avenida Rio Branco e dos Imigrantes; urbanização da cidade; construção do prédio do Posto de Saúde; 1ª etapa construção de escolas, estradas e pontes no interior do município; abastecimento de água para a cidade, em cooperação com o Ministério da Saúde e do Estado; abertura de poços artesianos; solicitação de projeto de abastecimento de água para Nova Roma; urbanização da praça e ruas de Nova Roma; pedido do projeto e de verbas para execução do saneamento da cidade, pelo DNOS; verba para a eletrificação rural junto ao Ministério de Minas e Energia, unificação da Legislação Tributária Municipal e saneamento das finanças; providências para a construção do prédio dos Correios e Telégrafos; construção da Escola Isolada Rural Estadual “Major Miranda”, de Nova Treviso, com recursos da União, Estado e Município, a qual começou a funcionar em 1950, tendo a obra custado 130mil cruzeiros: contribuição de 50 mil cruzeiros para a Escola Agrícola Santo Isidoro e de 90 mil para a Escola Pio X de Nova Roma; auxílio financeiro de100 mil cruzeiros para a construção do ginásio São José; vários pedidos ao Governo do Estado em prol da construção de uma

ponte no Passo do Zeferino no rio das Antas; ligação Antônio Prado - Nova Prata, Antônio Prado -Veranópolis e Nova Roma - Nova Pádua; participação no 75° aniversário da Colonização Italiana, Festa da Uva e Exposição Agroindustrial de Caxias do Sul em 1950, na qual 47 expositores pradenses foram premiados com medalhas de ouro, prata e bronze; neste certame a representante da mulher antônio-pradense, srta. Jaqueline M. Grazziotin, foi agraciada com título de Princesa da Festa da Uva; por ocasião da morte de D. José Barea, filho da terra, em 19.11.1951, decretação de oito dias de luto; urgentes providências ao Governador Leonel Brizola em favor das famílias flageladas do 2° Distrito, sobretudo Castro Alves, por ocasião do violento furacão de 13.8.1959, que ocasionou um prejuízo cerca de cinco milhões de cruzeiros, morte de duas crianças, filhas de Dionísio Rossi, e ferimento em muitas pessoas; restabelecimento do antigo nome de Nova Roma, que por algum tempo se chamou Guararapes e Guaicurus (31.12.1949).

Durante a primeira gestão, o Prefeito Waldemar Grazziotin contou na administração municipal com os auxiliares: Augusto Guerra, subprefeito do 1° distrito; Mauro Lautert de Castro, fiscal; Prof. Vanda Rodrigues Grazziotin, Orientadora do Ensino; Olímpio Roveda, tesoureiro; Srta. Nelly J.Ranzolin, escriturária e Íris Alves de Lima, porteiro-contínuo. Em substituição do vereador Vicente Palombini, candidato a prefeito, tomou posse o suplente Ângelo Golin.

Em sua ausência, assumiram o governo do Município o sr. Adelar A.Letti em julho de 1949, e Germano Bellan, Presidente da Câmara, em fevereiro e março de 1951.

Na gestão de 1956 - 1959, o sr. Waldemar Grazziotin prosseguiu com o mesmo invulgar dinamismo no engrandecimento da Comuna, salientando-se a recuperação das obras destruídas pela devastadora enchente de 4-4-1956, quando choveu durante 11 horas consecutivas, atingindo 323 milímetros, que representam a quinta parte das chuvas de um ano inteiro. Foram incalculáveis os prejuízos na cidade e no interior, com a destruição de numerosas pontes, danificação de estradas, rede

telefônica. Ao apelo do sr. Prefeito, compareceu em Antônio Prado o sr. Ildo Meneghetti, acompanhado dos engenheiros Pargas Torres, Diretor do DAER, e Crispim Marques, chefe da 2° Residência. O sr. Governador prometeu valiosos auxílios, responsabilizando-se pela reconstrução das obras na sede, prometendo ainda construir ponte no Passo do Zeferino.

Em 2.9.1957, visitou oficialmente o município o Dr. Camilo Leonini, Cônsul Geral da Itália, que conferiu a comenda de "Cavalliere de 3ª Classe" ao ex-Prefeito Vicente Palombini. Por ocasião da visita do Presidente Giovanni Gronchi da Itália a Caxias, em 1958, o Prefeito Waldemar Grazziotin foi condecorado com a comenda "Stella Della Solidarietá Italiano de 3ª Classe" e "Medaglia D'Oro Ricordo". Em 2.7.1957 transmitiu o cargo ao Vice-Prefeito, sr. Carlos Rotta, repetindo-se em 31 de dezembro e em outras oportunidades. A secretaria da Prefeitura esteve a cargo do Dr. Francisco de Bastiani. A Câmara esteve representada pelos Vereadores: Luís M.Grezzana, presidente; Waldomiro Bocchese, vice-presidente; Avelino Mazzotti, João Amaro Chini, Afonso Marin e Afonso Cadore.

Em 20.4.1958, ao lado do seu colega de Flores da Cunha, Severo Ravizzoni, o Prefeito Waldemar M. Grazziotin presidia a um dos mais esperados acontecimentos da História de Antônio Prado e da região - o lançamento da pedra fundamental da Ponte do Passo do Zeferino. O ato solene foi executado pelo Major Euclides Triches, Secretário das Obras Públicas e representante do Governador Ildo Meneghetti, enquanto D.Benedito Zorzi, Bispo Diocesano procedia à bênção.

No dia 22.6.1958 verificou-se outro importante acontecimento, iniciativa do dinâmico Prefeito - entronização do crucifixo no gabinete do Executivo, da imagem do Sagrado Coração de Jesus na Câmara dos Vereadores e consagração do município pelo sr. Waldemar M.Grazziotin e sr. Luís Marcantônio Grezzana, presidente do Legislativo. O ato contou com a presença do Governador do Estado, Eng. Ildo Meneghetti, e do Bispo Auxiliar da Diocese, o Frei Cândido Bampi, que procedeu à bênção da imagem e do crucifixo. À noite, durante o jantar, saudaram o sr.

Governador e o sr. Bispo o Dr. Francisco de Bastiani, Secretário da Prefeitura, e o Pe. Antônio Galiotto, Vigário da Paróquia.

No quatriênio de 1952-1955, o sr. Waldemar M.Grazziotin foi eleito com 210 votos Vereador da Coligação União Pradense. Em 1960-1963 foi 1°suplente pela legenda do P.S.D. com 221 votos. Já em 1954 fora candidato a Deputado Estadual pelo P.S.D. Foi ainda suplente de Juiz Distrital da Cidade. Atualmente é filiado à ARENA e desenvolve as profissões de comerciante e contador (2, 9, 15).

VICENTE PALOMBINI - PREFEITO de 1.1.1952 a 31.12.1955.

Assim como o Partido Republicano não perdia eleições em Antônio Prado, com exceção da memorável vitória do Dr. Assis Brasil em 1922, também o Partido Social Democrático nunca deixou de eleger seu candidato a prefeito. Entretanto, no pleito de 1.11.1951, o Partido Trabalhista Brasileiro, pela primeira vez, elegia seu candidato, na pessoa do farmacêutico e político Vicente Palombini, após intensa campanha, tendo à frente o poderoso alto-falante do Sr. Júlio Gomes da Silva, a bela voz de locutor de todas as festas. Vicente Palombini fora durante longos anos, desde 1924, Secretário do Conselho Municipal e, de 1947 a 1951, Presidente da Câmara de Vereadores.

À frente do Executivo Municipal, teve como Vice-Prefeito o sr. Carlos Rotta, e Vereadores: Olímpio Dotti, do P.R.P., Presidente: Walter Luiz Bertholdo, do P.L., Vice-Presidente; Carlos Bocchese, do P.T.B., Secretário; Aurélio Cavalli e Narciso Verza, do P.T.B; Waldemar Mansueto Grazziotin, Luís Marcantônio Grezzana, da União Pradense.

Por ocasião da posse do novo Prefeito, no dia 1.1.1952, discursaram o sr. Waldemar Grazziotin, ex-Prefeito, Luís M.Grezzana, ex-presidente da Câmara de Vereadores, Olímpio Dotti e Vicente Palombini,

que assim iniciou sua bela oração:

"Quando, em 1906, chamado pelo Intendente que naquela época governava esta Comuna, Cel. Inocêncio de Matos Miller, cheguei para colocar a farmácia nesta cidade, que se achava desprovida de recurso sanitário, o município de Antônio Prado contava com uma população de 14 mil almas, e aqui na sede havia 15 boas casas comerciais. Hoje, depois de 45 anos, a população do município, conforme a última estatística, é composta de 11.224 habitantes e as casas comerciais aqui na sede ficaram reduzidas a quatro..."

Embora abalado pela trágica morte do seu único filho, Calvino Palombini, cinco dias após a sua eleição, o novo Prefeito, com sua larga experiência de 73 anos e a disposição de um jovem inteiramente voltado para o desenvolvimento de Antônio Prado, Vicente Palombini não mediu esforços para desenvolver o vasto programa em vista: Estradas do Interior, Instrução Pública, edifício para os Correios e Telégrafos, Campo de Aviação, Posto de Higiene, calçamento da cidade, ponte sobre o rio das Antas, rodovia Lagoa Vermelha - Nova Prata - Antônio Prado e colaboração com o poder público.

A arrecadação, que em 1951 era de 1.150.000 cruzeiros, no final do seu mandato subia para 2.227.000 mil. Do Governo Federal, sobretudo graças à intervenção do deputado Aquiles Mincarone, obteve benefícios para a Sociedade Operária de Mútuo Socorro, por ele fundada, o Ginásio São José e hospitais. Mas não pode concretizar a construção do prédio dos Correios e Telégrafos.

Do Governo Estadual, mediante o governador Gal. Ernesto Dorneles e o Secretário das Obras Públicas, eng. Leonel Brizola, obteve a verba de 250 mil cruzeiros para reconstrução de obras destruídas pela enchente de 1954. Para a construção da Estrada ligando o município a Nova Prata, obteve um auxílio de 500 mil cruzeiros, através do D.A.E.R. Em 30.9.1954 foi inaugurado o Posto de Higiene. Em 1954 firmou convênio tríplice entre a Prefeitura, a CEEE e os moradores do povoado Tiradentes (Linha 21 de Abril) para extensão da rede elétrica do Saltinho

àquela localidade.

Para o quadro do pessoal de trabalho, nomeou o sr. Carlos Rotta, Vice-Prefeito, para a chefia do Departamento de Estradas de Rodagem; para subprefeito de Nova Roma o sr. Cristiano Henrique Finger e depois Augusto Guerra; secretário da Prefeitura Dr. Hildo da Costa Guilloux e a seguir Dr.João Luís Maineri, por fim, o sr. Sílvio Palombini; contador, sr. Antônio Zulmiro Grazziotin, depois substituído por Olímpio Roveda e Sílvio Palombini; fiscalização, sr. Mauro Lautert de Castro; Orientadora do Ensino Municipal, Professora Hedy Rossi de Prates Piccoli; Junta do Serviço Militar, 1° Tenente Bernardino Coelho.

Promoveu a pavimentação das rodovias da zona urbana, construção de importante bueiro na avenida Rio Branco, canalização do arroio Comendador na zona urbana, construção de um bueiro na rua Moreira César, ponte sobre o rio Leão na rua Coronel Flores, abertura das ruas General Hipólito, Almirante Gonçalves, Gustavo Sampaio, Ramiro Barcelos, pavilhão do Estádio Municipal de Esportes, construção de vários bueiros na zona urbana, prolongamento de outras ruas.

No interior, abertura da estrada do rio Turvo (Humatã), ponte sobre o rio Jararaca na Estrada Ernesto Alves e na Linha Silva Tavares, ponte sobre o arroio Quaresma, pontes sobre os arroios Coruja, Mercúrio, Leão na Linha Amarílio, Palmares na Linha Odorico Mendes, Garganta, arroio da divisa, arroio da Linha 21 de Abril, Linha Trajano, 2 de Julho, 10 de Julho, Cavour e outros. Abertura e reconstrução de numerosas estradas. Iniciou as obras de construção do Campo de Pouso, sem poder concluí-las. Estendeu novas linhas telefônicas para o povoado de Santa Ana, na Linha 10 de Julho, melhorando a de Nova Roma, Linha Trajano, Nova Treviso e Castro Alves. Em30.9.1954 promoveu a inauguração da usina elétrica de Nova Roma, pelo Governador do Estado Gal. Ernesto Dorneles, com um motor diesel Mercedes-Benz de 82 HP e gerador A.E.G. de 45 KVA. Adquiriu Motoniveladora Caterpillar e montou novo conjunto de britagem Plangg.

No setor educacional, instalou gabinete de Orientação do Ensino

Municipal, mandou construir novos prédios escolares em número de seis, criou cinco novas escolas; em fins de 1954, inaugurou a Escola Agrícola Santo Isidoro anexa ao Instituto Sagrado Coração de Jesus, dos Irmãos Maristas; prestou assistência às três escolas estaduais existentes...

No setor agrícola, distribuiu farta quantidade de adubos aos agricultores, mudas de videiras de castas finas, provenientes da Estação Experimental de Flores da Cunha; promoveu participação na segunda Festa Nacional do Trigo em 1952 na cidade de Júlio de Castilhos, na qual Antônio Prado conquistou vários prêmios, inclusive obtendo a Primeira classificação em trigo em espiga para lavoura não mecanizada, recebendo uma fins taça. Na Exposição Feira Industrial do Rio Grande do Sul, realizada em Caxias do Sul em fevereiro e março de 1954, Antônio Prado conquistou 70 prêmios, sendo 12 medalhas de ouro. Na Exposição de Erechim em 1953, os produtores pradenses conquistaram outra série de prêmios, constantes de medalhas de ouro, prata e bronze.

No setor comercial e industrial: construção e funcionamento do Frigorífico Pradense Ltda., posto de gasolina de Bellan & Cia, oficina mecânica de Mário Scapinelli, inauguração das novas instalações da Estação Rodoviária, agenciada por Natal Betoni, construção de um grande pavilhão anexo ao Hospital São José, destinado à maternidade, construção da nova Capela de N.Sra. da Conceição do Borgo Forte, construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora de Fátima, em homenagem ao Ano Mariano, no bairro Golin, pertencente à Paróquia de Ipê. Em Nova Roma, inauguração do Moinho Prado de Virgínio Mazzotti, construção do Frigorífico Bertholdo, construção do novo prédio do posto de vinificação da Cooperativa Vitivinícola Garibaldi Ltda., inauguração da firma Irmãos Rocchetto de Marcenaria e artigos elétricos, inauguração do Posto Atlantic, reforma do Hotel Nova Roma, novo prédio do Hotel Central, junto ao qual foi instalada a Estação Rodoviária, novo prédio do Hotel dos Viajantes, instalação do picador de Ricardo Damiani, inauguração do Hospital Sagrado Coração de Jesus, de propriedade do Dr. Mário Antônio Bocchese, construção do Hospital Dr. Oswaldo Hampe, de propriedade do sr. Cristiano Henrique Finger. No povoado Tiradentes, ampliação das

instalações da Sociedade Vinícola Rio Grandense Ltda., filial de Caxias do Sul; na Linha Trajano de Medeiros, construção de um grande prédio da firma Sociedade Vinícola Riograndense Ltda.; construção de novo prédio de alvenaria da cantina da Cooperativa São João Ltda. em Castro Alves. Por morte do Major Francisco Marcantônio, dia 10.1.1953, o Prefeito Vicente Palombini decretou luto oficial por três dias.

Em 22.12.1955 promulgou a Lei que criava o Emblema Municipal, simbolizando o setor histórico com a legenda Antônio Prado - 11 de fevereiro de1899; o setor político administrativo com duas estrelas de ouro, representando os dois distritos; o setor econômico representado por arados, uma abelha, uva, trigo e uma fábrica; o setor religioso por uma cruz; o setor cultural por um livro aberto, o setor geográfico com um trecho do rio das Antas com dois exemplares deste animal e o setor cronológico pelas cores do pavilhão rio-grandense.

Ao concluir o relatório de sua administração, o Prefeito Vicente Palombini diz: “Nunca poupei sacrifícios pessoais a bem do bom andamento da administração. Inúmeras vezes, financiei do meu próprio bolso pagamentos os mais diversos, seguidamente com longo prazo de reposição. Para a instalação da Usina Elétrica Municipal de Nova Roma, colaborei responsabilizando-me pessoalmente com cem mil cruzeiros pelo prazo de mais de um ano, ao insignificante juro de 5% ao ano... Encontro-me satisfeito com a obra realizada. Deixo a municipalidade com a consciência tranquila”. Em 1957, recebeu do Cônsul Geral da Itália, Dr. Camilo Leonini, a comenda de “Cavalliere de 3ª Categoria”. Ao completar 75 anos (24.9.1953), foi alvo de grandes homenagens, com missa, sessão na Câmara Municipal inaugurando o seu retrato e o do Juiz de Direito Dr. Humberto Prates Piccoli; à noite banquete no Clube União, ocasião em que discursaram o Dr. Humberto Piccoli, o vereador Luís M. Grezzana e o Dr. Hildo da Costa Guilloux, estando presente o eng. Euclides Triches, Prefeito de Caxias. Faleceu em Antônio Prado no dia15.1.1965 (2, 9, 15).

CLÁUDIO POLYCARPO BOCCHESE - PREFEITO DE 1960 - 1963

Cláudio Polycarpo Bocchese, 11° membro de uma família de 16 irmãos, filho dos pioneiros Marcos Bocchese e Luísa Bocchese, nasceu em Antônio Prado em 21.1.1921. Iniciou seus estudos no Colégio São José, como aluno das Irmãs Cláudia e Madalena. Prosseguiu estudando no Colégio Sagrado Coração de Jesus, dos Irmãos Maristas, e daí no Colégio Rosário, de Porto Alegre, onde concluiu o Ginásio pelo Artigo 100. Em 1946, enquanto à noite estudava no Curso de Perito-Contador do mesmo estabelecimento, passou a trabalhar com o irmão Luís na firma de Pedro Moacir Cordeiro, Cônsul Honorário da Bélgica.

Em 1947, casando com Terezinha de Jesus Camargo, passou a trabalhar no comércio no ramo de cordoaria e papelaria, sob a razão social de Perlot & Cia. Em 1952 voltou a Antônio Prado para assumir a chefia da Contabilidade do Moinho do Nordeste, do seu irmão Valdomiro. Em 1957, a convite do Juiz de Direito Dr. Charles Edgar Tweedie, entrou para o quadro dos serventuários da Justiça do Estado, mediante concurso na vaga de Tabelionato de Registro de Títulos e Documentos, e, com a morte do sr. Calvino Palombini, assumiu também o Cartório de Registro de Imóveis, atuando também pelo Cartório Judicial da Comarca desde 1972 até 1978, sendo até hoje oficial do Registro de Imóveis, Títulos, Protestos e Registro Civil de Antônio Prado.

Convidado para candidato ao cargo de Prefeito Municipal no pleito de 8.11.1959, pela Coligação P.T.B. – P.R.P., tendo como companheiro para vice o sr. Olímpio Dotti, teve de enfrentar a poderosa chapa da Frente Democrática, formada pela Coligação P.S.D. – P.D.C. – P.L. e U.D.N. que apresentou os nomes do advogado e ex-secretário da Prefeitura Dr. Francisco de Bastiani para Prefeito e o sr. Valdomiro Bocchese para Vice.

Foi uma parada histórica, vencendo pela estreita margem de apenas quatro votos, 1.517 contra 1.513 da Frente Democrática, a qual,

entretanto, elegeu o seu candidato a Vice-Prefeito, com 1.600 votos contra 1.362 dados ao sr. Olímpio Dotti. Na primeira apuração, a diferença era de cinco votos. Fato inédito: Dois irmãos à frente do Poder Executivo, um da situação, outro da oposição.

Para a Câmara Municipal, a Frente Democrática elegeu quatro Vereadores: Walter Luiz Bertholdo, Avelino Mazzotti, Affonso Marin e Luís Marcantônio Grezzana. A Coligação PTB — PRB elegeu três Vereadores: João Amaro Chini, Affonso Ciotta e Vittório Dotti. Entretanto, no segundo mês de sua administração, o Prefeito Cláudio Bocchese obteve o apoio do Presidente da Câmara, Vereador Luís Marcantônio Grezzana, surgindo daí uma cisão dentro da coligação PTB - PRP, que passou a combater o chefe do Executivo.

Com o apoio da maioria do Legislativo, o novo Prefeito pode realizar uma excelente administração, passando para a história como Prefeito Urbanista, por haver construído a atual Praça Garibaldi e calçado as principais avenidas e ruas, modernizando ainda todo o serviço de iluminação pública.

Orientado por exímio paisagista alemão, arrancou os velhos plátanos quase centenários da praça, derrubou o antigo e deselegante muralhão que sustentava aquele logradouro público e deu à cidade um dos aspectos paisagísticos mais lindos de todo o interior do Estado. A par do calçamento das avenidas Rio Branco e dos Imigrantes, como das principais ruas, reflorestou toda a cidade, conferindo-lhe um belo feitio moderno. Foi durante a inauguração da Praça que o Governador Ildo Meneghetti, por ocasião do churrasco, prometeu iniciar a construção da ponte do Passo do Zeferino, o que realmente aconteceu.

Pormenor interessante: Necessitando de recursos para conclusão do prédio do Posto de Saúde e não sendo conhecido dos governantes da época, o Prefeito Cláudio Bocchese serviu-se de um estratagema pitoresco, que resultou altamente válido. Conseguiu cem perdizes e ofereceu, num restaurante da Capital, ao Sr. Governador, Secretários e Deputados, uma histórica perdizada, que lhe custou 12 mil cruzeiros, mas

que lhe rendeu um auxílio de 2.600.000,00 com o qual concluiu a obra, um belo e grande prédio, superior ao de Caxias do Sul de então.

A fim de realizar seu plano de obras, aumentou os impostos, que há oito anos não eram reajustados. Promoveu a compra do Hotel Bocchese para construção do Hotel de Turismo, conseguindo que a maioria dos proprietários fizessem doação. Adquiriu um vasto terreno para cultivo dos produtos hortigranjeiros destinados ao futuro Hotel Piemonte, terreno que mais tarde foi cedido para construção da Madeprado S.A. Em questão de dois meses estendeu a rede de iluminação ao distrito de Nova Roma. Construiu oito escolas. Liberou o terreno para a construção do prédio do Fórum. Idealizou a instalação do Banco do Brasil, construindo inclusive o seu prédio, diante do qual colocou o letreiro *Banco do Brasil S.A.*. Entre as escolas que construiu, devemos recordar a da localidade de Santa Ana, Castro Alves, Trajano de Medeiros, Linha Paranaguá e, na sede, o Grupo Escolar Caetano Reginato.

Findo o seu mandato de Prefeito, o sr. Cláudio P.Bocchese candidatou-se e elegeu-se Vereador, tendo sido eleito Presidente da Câmara. Mas pouco depois renunciou à sua cadeira.

Casado com D.Teresinha de Jesus Bocchese, Ajudante substituta do Tabelião, o sr. Cláudio Bocchese tem os seguintes filhos: José Ignácio Bocchese, médico cardiologista em Vacaria; Maria de Lourdes Bocchese, Funcionária Pública em Porto Alegre; Luiz Alberto Bocchese, Engenheiro-Agrônomo em Brasília; Luiz Calvino Bocchese, Instrutor do SENAI em Brasília; Charles Edgar Bocchese, estudante universitário em São Leopoldo; e César Augusto Bocchese, estudante universitário em Bento Gonçalves.

Durante a sua administração, o Prefeito Cláudio Bocchese contou com a decisiva colaboração dos seus auxiliares Vittório Dotti, Augusto Guerra e Olímpio Roveda (9, 15).

LUIZ BAGGIO - PREFEITO de 1964 a 1968

Em 31.12.1963 tomava posse no cargo de Prefeito de Antônio Prado o sr. LUIZ BAGGIO, tendo como Vice-Prefeito o sr. Hugo Jácomo Mondadori, que assumiu o poder interinamente. Em virtude do Ato Complementar n° 37, Luiz Baggio teve seu mandato prorrogado por mais um ano, até dezembro de 1968, fato de que altamente se beneficiou o município, que teve neste notável administrador um dos governantes mais ativos de toda a sua história.

Durante o seu mandato de cinco anos, a Câmara Municipal esteve assim constituída: Cláudio P.Bocchese (Presidente), Saturnino Francisco Anghinoni (Vice-Presidente), Oswaldo Pellin (Secretário), Walner José Borges, Afonso Ciotta, Narciso Verza e Pedro Carminatti. Por desistência do sr. Cláudio Polycarpo Bocchese, assumiu a presidência o sr. Walner José Borges, entrando como suplente o vereador Felizardo Marques.

Como veremos, o Prefeito Luiz Baggio realizou uma administração admirável, bastando para o imortalizar apenas dois feitos: A Ponte do Passo do Zeferino e o Banco do Brasil. Batalhador humilde, confessou no seu discurso de encerramento de seu mandato: “Fui candidato contra a minha vontade. Jamais pensara em ser candidato, muito menos Prefeito. Cheguei a esta casa possuído de boa vontade, dedicação ao trabalho e disposto a dar tudo de mim em prol de nossa terra. Contava com a união de todos... A fé que sempre tive me sustentou. No dia em que fui proclamado eleito pelas urnas, à noite, ao me recolher, como sempre faço, junto à imagem do Sagrado Coração de Jesus, que orna meu lar, a ele me dirigi e rezei. Entreguei a Ele a minha fé e a minha confiança e nele depositei minhas esperanças. Confesso agora, após a longa jornada, que não desmereci a confiança do Padroeiro”.

Eis em resumo as principais realizações do Prefeito Luiz Baggio:

No setor urbanístico: o calçamento das ruas, que era de 13.600

metros, subiu para 28.800; transformação de diversos aspectos da cidade, como, na saída para Farroupilha, abertura do morro do Cemitério; para Caxias e Vacaria, abertura do morro do Campo de Futebol, apresentando assim amplas avenidas; trabalhos de recuperação e melhoria dos acessos ao ponto turístico da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes; recuperação do Cemitério Municipal, com construção de muros laterais e remodelação da capela; abertura de nova ruas; arborização e ajardinamento das ruas principais e praças; construção de uma fonte luminosa na Praça Garibaldi; substituição das lâmpadas comuns por fluorescentes da iluminação pública; construção de um novo Cruzeiro no morro da Gruta.

No setor de saneamento, foram empregados 2.500 metros de canos para escoamento de águas pluviais; por meio do D.N.O.S, construção da parte inicial da canalização do arroio Comendador; instalação de duas bombas para água potável; construção da Hidráulica de Nova Roma.

Com aplicação dos 60 mil cruzeiros da Municipalidade e um auxílio obtido por intermédio do deputado federal Daniel Faraco, no valor de 40 mil cruzeiros, iniciou a construção do Hotel Piemonte, em terreno da família Bocchese, por doação e compra efetuada pelo Prefeito Cláudio Polycarpo Bocchese, em 1966, tendo sido destinada para o exercício de 1969 uma verba de 40 mil cruzeiros, para conclusão da primeira fase da obra.

Construção de 14 casas populares, através do Banco Nacional de Habitação. Completa remodelação do prédio da Prefeitura Municipal; isenção de impostos ao Banco do Brasil por 15 anos; escavação do terreno para construção do novo prédio do Clube União; colaboração com o Hospital São José e com todas as Cooperativas do município, fornecendo ainda material para obras dos agricultores no interior do município; doação do terreno para sede do Clube de Nova Roma; doação do terreno para a Campanha Nacional de Educandários na sede e em Nova Roma, ambos com dois mil metros...

Encascalhamento da Estrada Júlio de Castilhos, em colaboração

do DAER. Enquadramento dos funcionários municipais no Instituto da Classe. Duplicação do parque de máquinas da Municipalidade. Encascalhamento de 80% das estradas do interior, num total de 400 quilômetros. Cursos intensivos e ginasial para todos os professores municipais. Construção de 18 escolas municipais, uma Escola Rural no Borgo Forte e criação de mais quatro Escolas Rurais. Criação do Colégio Comercial Conselheiro Antônio Prado e o Ginásio Comercial Pe. José Bem, de Nova Roma. Eletrificação de dez zonas rurais e projeto para execução de mais 15, que foram efetuadas pelos seus sucessores, de sorte que hoje, em 1979 todas as Linhas possuem eletrificação. Construção de linha dupla telefônica entre a sede e Nova Roma. Extensão da rede telefônica para Castro Alves, Santa Ana e 21 de Abril. Instalação do escritório municipal da ASCAR. Conclusão da Ponte do Passo do Zeferino, "obra que se deve a um trabalho de todas as administrações anteriores, iniciada no governo do Dr. Ildo Meneghetti e inaugurada pelo Cel. Walter Peracchi de Barcelos" no dia 6.6.1968, como declarou modestamente.

"Acompanhei dia a dia o trabalho da máquina, da professora, do funcionário, do pessoal de obras, e sempre estive à frente de todos os problemas. Nunca me omiti". Entregou a Prefeitura ao seu sucessor Valdomiro Bocchese com um superávit de cerca de cem mil cruzeiros.

A prova de que Luiz Baggio realizou excelente administração durante o seu mandato à frente do executivo é o convite que recebeu para se candidatar a prefeito para um novo mandato. Como a imprensa da época amplamente divulgou, surgiram dificuldades dentro da própria ARENA, em virtude da intenção de indicar outro candidato por parte de uma ala do partido, na pessoa do Dr. Pedro Panazzolo. Por fim, procedendo-se à votação, foi escolhido o sr. Luiz Baggio, tendo como candidato a vice-prefeito o sr. Walter Luiz Bertoldo. Entretanto, o partido da oposição, o MDB, entrou com um processo de impugnação, alegando falta de quórum da convocação para a convenção, que devia ser de 51%, conforme a Lei. Não havendo mais tempo para nova convenção, a ARENA não pode apresentar o seu candidato, beneficiando-se com isso o

Movimento Democrático Brasileiro, com seu candidato único na pessoa do sr. Vitório Dotti.

Atualmente, o sr. Luiz Baggio, embora residindo na cidade de Vacaria, é Presidente da Cooperativa Agropecuária Pradense Ltda., fundada em 20.1.1974, que se encontra na sua melhor fase de desenvolvimento (2, 9, 15).

VALDOMIRO BOCCHESE – PREFEITO DE 1969 - 1972

Figura impressionante de administrador, empresário, industrialista, Pecuarista, dotado de extraordinário dinamismo e de invulgar capacidade tantas vezes comprovada, o sr. Valdomiro Bocchese dedica amor entranhado à sua terra, a ela consagrando todas as suas alegria, à frente de todos os setores de atividades. Nascido em Antônio Prado a 20.12.1907, filho dos Pioneiros Marcos Bocchese e Luísa Reginato Bocchese, de uma ilustre família de 16 filhos, casado com D.Adélia Grazziotin Bocchese, celebrou em 28.6.1979 suas bodas de ouro, cercado pelo carinho de sua filha Nilsa, do seu genro Dr. Telmo Marcantônio Cunha, dos netos e bisnetos.

A épica história do município foi escrita por muitas famílias de pioneiros italianos, entre as quais se destaca a família Bocchese, tendo à frente a figura genial de Valdomiro, sem o qual a história estaria truncada e incompleta. Líder político de valor inconteste, depois de ter sido Vereador, Presidente da Câmara Municipal e Vice-Prefeito, elegeu-se para presidir o poder executivo no período de 1969 - 1972, tendo como Vice-Prefeito o Dr. Pedro Panazzolo, hoje Juiz de Direito, e no poder legislativo os Vereadores: Dr.Clóvis José Mânica, Presidente, José Luiz Verdi, Affonso Marin, Avelino Borsoi, Pedro Carminatti, José Campagnaro e Loris Zanella.

Em resumo, vai aqui a relação das principais realizações da

notável administração do Prefeito Valdomiro Bocchese: No setor educacional, ampliação e remodelação da Escola Estadual Prof. Ulisses Cabral, da Escola Estadual Caetano Reginato, construção das Escolas Rurais de Fagundes Varela, da Linha 21 e da Capela de São Pedro da Linha Trajano; construção das Escolas Municipais Pe. José de Anchieta, Rui Barbosa, Pe. Alexandre Pellegrini e D.Pedro II; criação da Associação de Pais e Mestres; Biblioteca Pública Municipal; Campanha do Natal do Amor Presente em 1971 e 1972.

Obras realizadas: Ponte sobre o rio da Prata, na Estrada Ernesto Alves, no valor de 350 mil cruzeiros; reforma da estrada da Linha Santa Ana em comunicação com Veranópolis, estrada de Nova Roma a Nova Pádua, prosseguindo ao longo do rio das Antas até à ponte dos Navegantes, numa extensão de 20 km; construção de uma balsa na mesma estrada; construção de outras estradas. Construção do Fórum e casa do Juiz de Direito. Eletrificação rural em 30 localidades, beneficiando 780 famílias; levantamento para eletrificação de mais seis localidades. Abertura ou reforma de 30 estradas municipais. Alargamento e melhoramentos em mais dez estradas municipais. Encascalhamento de várias estradas. Construção de numerosos campos do futebol no interior; terraplenagem e construção de salões de festas...

Ampliação da rede de abastecimento de água, beneficiando cerca de 100 novas famílias na sede e outras em Nova Roma; construção do prédio próprio da CORSAN. Aquisição de uma dezena de máquinas rodoviárias.

Criação da entidade jurídica ANTÔNIO PRADO HOTÉIS E TURISMO S/A., com registro na EMBRATUR em 29.11.1972 e licença para captação dos incentivos fiscais; reforma do projeto da construção do Hotel de Turismo, por ser inviável o anterior, acarretando gastos inúteis à renda municipal.

Construção do Edifício “Conselheiro Antônio Prado” com apartamentos e duas lojas, em terreno doado pela Prefeitura Municipal, Construção da Nova Estação Rodoviária, com aval do DAER para o

proprietário Mário Schiochet. Reforma do Estádio Municipal. Doação do terreno para construção do prédio da Delegacia de Polícia. Abertura e reforma de ruas. Calçamento de 30 mil metros quadrados de ruas na sede, dez mil em Nova Roma e dez mil em várias outras localidades. Colocação de 300 lâmpadas novas da iluminação Pública.

Por ocasião da visita do Governador Cel. Euclides Triches em 1.8.1971, o sr. Prefeito Valdomiro Bocchese solicitou e obteve promessa da solução para a construção da estrada Antônio Prado - Flores da Cunha. Representação do município na Festa da Uva de 1972 em Caxias do Sul, sendo o carro alegórico iniciativa particular do sr. Valdomiro Bocchese (2, 9, 15).

VITTORIO DOTTI — PREFEITO de 1973-1977

Vittorio Dotti é mais conhecido por Francelino, apelido que recebeu do seu padrinho Francisco Marcantônio (França). Nasceu em Antônio Prado, em 9.5.1916, filho dos pioneiros Ernesto e Carmilinda Cursel Dotti. Estudou com a professora Adolfina Visintainer, no Grupo Escolar, que funcionava num velho casarão, nas proximidades do Hospital São José. Aprendeu com o pai a arte de pintar igrejas e capelas, havendo exercido este ofício por todo o município, municípios vizinhos e catarinenses. Em 1933, com seu avô José Dotti, fiscal da Intendência Municipal, chefia trabalhos de construção de estradas municipais. A seguir passa a trabalhar na firma José Cesa & Cia. Em 1936 torna-se capataz da Fazenda do Frade, de Assis José do Amaral, de Vacaria. Retorna a Antônio Prado a exercer a sua antiga profissão de pintor. Em maio de 1940 casa com Sila Andrighetti, de cujo feliz matrimônio nascem sete filhos. Em 1942, a convite de José Cesa, passa a motorista de caminhão, um caminhão Ford modelo A, movido a gasogênio, viajando para Lages, Irani, Porto Alegre. Transfere-se depois para São José do Ouro, então distrito de Lagoa

Vermelha, como motorista de caminhão da madeireira de Arão Briullmann, que a seguir passou a gerenciar. Em1949, por conta própria, viaja de caminhão para São Paulo, pela velha estrada de tantas peripécias. Em 1953, estabelece-se no ramo de comércio com bar e hotel na sede do Clube Atlético Pradense, profissão que ainda exerce atualmente (1979) como proprietário da Churrascaria Dotti.

Em 1960, é eleito vereador pelo PTB, licenciando-se para assumir o cargo de subprefeito do sr. Cláudio P.Bocchese, chefe do Executivo. Em 1964, candidato a Prefeito pelo mesmo partido é derrotado por Luiz Baggio. Todavia, em 1972, beneficiado com a crise da ARENA, que não pode apresentar candidato, elegeu-se como candidato único com 3.291 votos contra 1.287 em branco e 1.118 nulos. Assumiu o governo tendo como Vice-Prefeito o sr. Afonso Ciotta, secretário o Dr.Paulo Welter e Vereadores: Valner José Borges (presid.), Hugo Jácomo Mondadori (vice), José Campagnaro (secretário), Avelino Borsoi, José Lúcio Verdi, Hélio Alves Cordeiro, Stefano Borella, Vily Verza e Ângelo Schiochet Sobrinho.

Vittorio Dotti, com sua larga experiência de trabalho, exerceu uma boa administração; entre suas numerosas e importantes realizações, destacamos: Eletrificação Rural, a melhor de todo o Estado; transferência do ruidoso britador para fora do centro da cidade; fábrica de tubos de cimento; consolidação da Madeprado S.A.; conclusão da Escola Rural Santana; Escola Rural de 21 de Abril; escolas de alvenaria das Linhas Camargo, Amarílio, Silva Tavares e Dois de Julho; calçamento e reurbanização de várias ruas da cidade; conclusão da estrada do rio Veira; 12 mil m^2 de calçamento na cidade e Nova Roma; 40 km de estradas novas; seis veículos novos para obras rodoviárias... (8)

LINO CELSO ZACCANI – PREFEITO DE 1977 a 1981

Neto de Celso Zaccani e de Ana Antoniutti, pioneiros de Antônio Prado, filho do industrialista Otávio Zaccani, Lino Celso Zaccani nasceu aqui em18.12.1925. Aos 14 anos começou a trabalhar na indústria de tijolos e telhas do pai, passando a seguir para a agricultura, voltando-se para novas ideias de preservação do solo, instalação de métodos modernos, novas experiências, sementes selecionadas, gado leiteiro de boa qualidade... Foi secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que em 1970 passou a presidir, sendo reeleito por unanimidade em 73 e 76, quando construiu sede própria, assinou convênios hospitalares, conseguiu dois gabinetes de assistência odontológica, para sede e Nova Roma, ambulatório, assistência jurídica, aposentadoria, escola familiar. Assumindo a direção da Associação Rural em 16.3.1971, transformou-a em Cooperativa em 9.11.1973, sendo definitivamente instalada em 20.1.1974. Como presidente da Cooperativa Agropecuária Pradense Ltda., construiu um pavilhão de 60 X 12m, com secador automático, logo acrescido de outro de 102 X 12 metros. Por meio do Vinosul, resolveu a crise do vinho colocando 1.400.000 litros de mosto. Em 1976 alugou a Cantina Cesa, construindo seis pipas; construiu em1976 cantina própria com capacidade para 4 milhões de litros, construiu uma área de 2.000 m^2 para cereais, frutas e cebolas, havendo encaminhado a instalação de um posto de resfriamento de leite.

Candidato a prefeito pela ARENA, recebeu em 15.11.1976 a maior votação da História do município: 2.538 votos, enquanto seu companheiro de partido, Clóvio Pedro Zulian obteve 1.024 e os candidatos do MDB - Villi Verza, José Campagnaro e Dr. José Paulo Welter fizeram 2.787 votos. Vice-Prefeito: Pedro Carminatti. Câmara de Vereadores: ARENA: Octacílio Thomaz Beltrame, o mais votado, com 525 votos; Perci Antônio Centenaro (atual presidente), Luiz Carlos Grazziotin, Afonso Marin e Antônio Panazollo. MDB: Idílio Pasuch, Raul Romano Riva, José Verdi, Ângelo

Schiochet Sobrinho.

Acerca da capacidade administrativa e o montante de realizações durante o 1° ano de seu governo, fala com eloquência a escolha de Lino Celso Zaccani como o 7° melhor Prefeito entre os 232 Prefeitos gaúchos, escolha realizada pela U.C. de Pesquisas especializadas de opinião pública, com sede em Assis, Estado de São Paulo. Título que o atual Prefeito, na sua humildade e simplicidade, atribui "ao povo que me apoia dia a dia". No seu discurso de posse, prometera uma série de realizações tão grande, que o vice-prefeito e o presidente da Câmara o advertiram de que para cumpri-las se tornava indispensável um período superior a quatro anos. Pois bem, decorridos apenas dois anos de administração, Lino Zaccani já havia cumprido todas as suas promessas, indo até além, confirmando plenamente mérito do prêmio recebido pelo seu 1° ano de administração.

Entre as numerosas realizações do atual chefe do Executivo, destacamos: criação do Distrito Industrial; zona residencial para 88 famílias carentes; promessa de construção de mais 35 casas de alvenaria a serem pagas no prazo de 15 anos; conclusão e inauguração do Piemonte Hotel, cujas obras estavam paralisadas havia 10 anos; construção de um Ginásio de Esportes, em via de conclusão, com 1.400 m^2 de área construída, com capacidade para 2.500 pessoas sentadas; construção de uma dezena de pontes; construção de um posto de Saúde em Nova Roma; construção de 5.400 m de rede de esgoto e 20 mil metros de calçamento; construção de seis escolas e reforma de 18; retificação e alargamento de todas as estradas municipais; instalação de 50 km de eletrificação rural; construção de um galpão para o CTG local, com campino e benfeitorias; construção de um prédio ao lado da Prefeitura Municipal, centralizando a Biblioteca Pública, Diretoria de Ensino, Junta do Serviço Militar, EMATER e INCRA; construção de sanitários na Praça principal da cidade e no interior, aquisição de oito veículos rodoviários; reconstrução da velha Estrada do Passo do Simão, valorizando o local mais histórico e turístico do município; obtenção de promessa da CRT da instalação de telefone automático com DDD para 1980; construção de uma

nova estrada a ser asfaltada entre a sede e o Passo do Zeferino, cujas obras se encontram em andamento, embora com paralisações (2, 7,15).

Em 8.9.1979, o Prefeito Lino Zaccani e a Câmara de Vereadores concederam o título de "Cidadão Benemérito Pradense" ao ex-Governador Eng. Ildo Meneghetti, em sessão solene no Centro Cultural, estando presentes os deputados Víctor Faccioni (representando o Governo do Estado), Lóris Reali e Jarbas Lima, como também os ex-prefeitos Waldemar Grazziotin, Cláudio Bocchese, Valdomiro Bocchese e Luiz Baggio.

O CONFLITO DE 25.5.1936

A data fatídica de 25.5.1936 aparece gravada, perene e fria, em quatro placas de bronze. Uma junto à porta do edifício da Municipalidade, com o nome Delegado de Polícia Armindo Cesa, assassinado na flor da idade, com apenas 24 anos. As demais, em três túmulos enfileirados no cemitério da Capela de São Pedro da Linha Trajano, assinalando o nome de Pedro Pastore, Vitório Meneguzzi e Antônio Perosa.

Quatro vítimas do lamentável episódio que enlutou o município, abalando toda a pacata região colonial italiano e inaugurando uma era de novo êxodo da população pradense, em demanda de outras terras.

Para determinar as causas do sangrento conflito, convém recordar que naquele tempo não reinava, entre agricultores e autoridades civis e militares, o entrosamento amistoso que hoje se verifica. Não existia então o mesmo espírito de confiança, de colaboração, de cordialidade, de entendimento. Vigorava, isto sim, certa animosidade e, por vezes, espírito de vingança e revolta, por parte de alguns colonos menos retraídos e humildes.

Reclamações a autoridades superiores contra perseguições aos

colonos raramente mereciam acolhida. Em que pese as declarações em contrário do Dr.Oswaldo Hampe, em seu livro, página 204, reproduzimos aqui, para amostra, algumas citações, adiante referidas, extraídas de arquivos oficiais e que falam em altos gritos do ambiente hostil reinante no período que antecedeu o sombrio acontecimento.

"Calúnias, perseguições, ameaças estão sofrendo os que votaram na oposição ou se abstiveram de votar... Os que trabalhavam na roça tiveram que fugir. Assim aconteceu com as famílias Calábria e outras, que tiveram de se deitar atrás das taipas para não ser atingidas por balas... Foram maltratados e injuriados os que votaram com a oposição. Foram retirados os mestres do município que não acompanharam, os zeladores de estrada, empregados de exportação; moços ordeiros e pacíficos, que nada tinham a ver com a política, foram presos violenta e brutalmente, incorporados no corpo provisório e no Exército como "voluntários", como Caetano Zanella, João Fiorese e Máximo Terribile. Requisitaram milho com promessa de pagar, 116 cavalos, arreios, capas, caminhões sem necessidade e nada restituíram nem pagaram... Multa de 500$000 por fabricação de vinho, exigindo ainda de cada agricultor 40$000... Invadiram casas de famílias, de noite, arrastando violentamente maridos e mulheres da cama, espancando, como aconteceu com as famílias Posser, Balestrin, Chiarentin e José De Bastiani, da Linha Trajano... Os colonos que não votaram a favor de Oscar Hampe, foram objeto de terrível vingança...

Merece também recordar o aspecto político da vida de Antônio Prado, onde a oposição não tinha vez desde a criação do município. Além disso, o Fascismo de Mussolini, tinha seus admiradores na pessoa de alguns italianos atuantes. Haja à vista a acusação do Prefeito Oscar Hampe acerca dos autores intelectuais do: sangrento episódio.

O "Correio do Povo" de 28.5.1936 dedicou duas páginas da edição aos acontecimentos de Antônio Prado, estampando 24 fotografias. Dessa ampla reportagem, redigida no dia seguinte ao evento, reproduzimos alguns tópicos que julgamos perfeitamente esclarecedores e imparciais.

A respeito da modificação do sistema tributário, que teria sido o

motor das reclamações dos agricultores, resultando o conflito, eis o que declarou ao repórter daquele jornal porto-alegrense o Prefeito Oscar Hampe:

"Os colonos pagavam, anualmente, a quantia de 44$000, correspondente ao imposto territorial. Este sistema, agora, conforme fora aprovado pelo Tribunal de Contas, foi modificado. Assim, em vez de ser o imposto territorial, ficou sendo uma tributação de rendas rurais, cobrada de um modo relativo à produção. E isto não agradou aos colonos, que começaram a se movimentar no sentido de evitar que a nova medida fosse posta em prática, culminado essa atitude no dramático episódio de segunda-feira".

Quanto aos responsáveis pelo sangrento tiroteio, ainda de acordo com o "Correio do Povo", "o sr. Oscar Hampe, depois de várias sindicâncias, formulou uma acusação contra o sr. Vicente Palombini, Luís Pastore e Luís Angelini, apontados como os autores intelectuais do conflito".

Ainda conforme o referido jornal, foram enviados presos para Porto Alegre os srs. Vicente Palombini e Antônio Geremia, enquanto Luís Angelino se encontrava recolhido ao hospital, em virtude dos ferimentos recebidos". "Uma força da Brigada Militar de Porto Alegre seguira para Antônio Prado, devendo permanecer lá alguns dias, fazendo um serviço de policiamento especial".

E agora vejamos como o "Correio do Povo" relatou o desenrolar dos acontecimentos: "O aspecto de Antônio Prado, como verificamos logo à chegada, era muito diferente daquele que imaginávamos. As ruas estavam completamente desertas, apesar do calor que se fazia sentir.

Defronte aos hotéis da localidade reuniam-se pequenos grupos que tiveram a sua atenção despertada com a presença da reportagem. Alguns praças da Brigada Militar do Estado guarneciam o edifício da Prefeitura, e os estabelecimentos comerciais estavam com as portas cerradas.

A vila apresentava um aspecto quase desolador, dando a impressão de temido atingida em cheio pelos trágicos acontecimentos desenrolados na véspera, na praça principal, em pleno coração da localidade.

Antônio Prado, apesar de lutar com as dificuldades ocasionadas pela falta de meios de comunicação rápidos e eficientes, conseguiu atingir um grau apreciável de desenvolvimento.

Existem, no centro da vila, boas edificações de material, sendo a maioria outras casas de aspecto colonial.

O nosso primeiro passo foi reunir elementos para reconstituir os trágicos acontecimentos da véspera. Abordamos alguns moradores da vila, mas todos se esquivavam, permanecendo num mutismo irredutível. Ninguém queria falar. Procuramos, então, o sr. Oscar Hampe, prefeito de Antônio Prado, que estava atarefado em atender algumas pessoas na Prefeitura.

Em vista disso, estivemos no Hospital São José, onde se encontrava o Dr.Olmiro Azevedo, subchefe de polícia da 10ª região, que havia seguido de Caxias a fim de proceder a um rigoroso inquérito em torno dos sangrentos sucessos de Antônio Prado.

Aquela autoridade desenvolvia o seu trabalho de investigação entre as pessoas que estavam hospitalizadas. Um dos feridos, o sr. Luís Angelini, correspondente consular da Itália em Antônio Prado, encontrava-se internado no hospital, pois apresentava três ferimentos por bala.

Quando ali chegamos, o Dr.Olmiro Azevedo interrogava o sr. Angelini. Este respondia claramente às perguntas que lhe eram feitas, procurando esclarecer a sua situação em face do conflito de segunda-feira.

O sr. Luís Angelini, antigo morador de Antônio Prado, explicou que não estava envolvido no caso. Afirmou que saíra de casa a fim de atender a um chamado de um parente, quando foi surpreendido pelo tiroteio, sendo, então, atingido por três projéteis. O sr. Angelino entra a

pormenorizar outros fatos, acentuando o detalhe de ter sido alvejado diretamente por um dos elementos da situação. Alegou que não estava armado, porquanto uma pistola de pequeno calibre, que momentos antes tinha em seu poder, deixara-a em casa, ao sair à rua.

As declarações do sr. Angelino foram registradas em termos pelo amanuenda subchefatura da 10ª região, sr. Otacílio Almeida. A seguir, o Dr. Olmiro Azevedo esteve noutro quarto do hospital, onde está recolhido o agricultor Ângelo Borsoi, casado, de 25 anos de idade e residente na Linha Blessmann, Borsoi também nada sabe do caso, alegando que não teve nenhuma participação no conflito.

Esse agricultor apresenta quatro ferimentos por bala, sendo dois nas pernas e dois nos braços. O seu estado não tem muita gravidade. O sr. Angelino tem três ferimentos, sendo um no antebraço esquerdo, um no antebraço direito e outro na região do hipocôndrio esquerdo, interessando a pele, à altura da 7ª costela do mesmo lado.

Na ocasião que esses feridos eram ouvidos, estava presente o Dr. Rodolfo Meyer, que serviu de médico para o corpo de delito.

Também naquele estabelecimento hospitalar encontramos a sra. Ângela Durante, que apresentava um ferimento por projétil de arma de fogo no pé direito.

Ângela explicou à reportagem do “Correio do Povo” ter sido atingida no momento em que atravessava a praça, sendo surpreendida pelo forte tiroteio quando se achava justamente no meio daquele logradouro público.

O violento tiroteio de segunda-feira surpreendeu a população de Antônio Prado às 14,30 horas, quando as casas comerciais estavam em pleno funcionamento.

Havia muita gente nas ruas e na Praça Garibaldi, situada defronte à Matriz e o edifício da Prefeitura. Na ocasião que começou a fuzilaria, originou-se uma confusão indescritível. Mulheres, homens e crianças,

corriam em todos os sentidos, a fim de evitar serem atingidos pelas balas.

Muita gente não sabia explicar as causas do forte tiroteio, que ocasionara a morte de quatro homens e de vários feridos. A debandada foi geral, verificando-se, depois, a existência de dois corpos estendidos num dos ângulos da praça, esquinada rua principal da vila, um outro cadáver caído no centro deste logradouro e o do delegado de polícia, sr. Armindo Cesa, que se achava em meio de grande poça de sangue, na calçada, a poucos metros da porta principal da Prefeitura.

Como era natural, somente alguns minutos depois do fato é que tiveram início os trabalhos de auxílio aos feridos. O prefeito de Antônio Prado, sr. Oscar Hampe, que tomou parte ativa no tiroteio, correu em direção ao corpo do sr. Cesa, no sentido de retirá-lo daquele local, verificando, então, que o mesmo estava sem vida, pois fora atingido por oito projéteis.

O cadáver foi logo dali levantado e levado para o interior do edifício da Prefeitura. E os demais corpos dos colonos mortos recolhidos a um improvisado necrotério, num galpão situado nos fundos da Municipalidade. Enquanto isso, os feridos eram também socorridos no Hospital São José.

Presume-se que o número de feridos tenha sido maior ao que se conhece atualmente, em virtude de muitas pessoas terem procurado receber curativos em sua residência para não trair a sua participação no caso.

Alguns minutos após, o telefone transmitia para Caxias a notícia do tiroteio. O Dr. Olmiro Azevedo, então, juntamente com o tenente Hermeto Silveira, delegado de polícia de Caxias, e de uma força composta de 20 praças da Brigada Militar do Estado, seguiu imediatamente para Antônio Prado, onde aquelas autoridades entraram logo em ação.

Alguns dos envolvidos no conflito já estavam detidos, sendo, depois da chegada do subchefe, efetuada a prisão de outros acusados, que foram presos pelas imediações da vila.

O edifício da Prefeitura foi devidamente guardado por praças da Brigada e o policiamento na localidade redobrou de vigilância. O comércio cerrou imediatamente as portas, surgindo, em seguida, os comentários sobre o fato.

O Dr. Olmiro Azevedo, antes de seguir para Antônio Prado, deu ciência do ocorrido ao Dr. Poty Medeiros, chefe de polícia, que providenciou na remessa de uma força daquela milícia estadual para ali. Esta força somente chegou em Antônio Prado à tarde de terça-feira, sob o comando de um oficial.

Procedendo indagações em várias fontes informativas, a nossa reportagem conseguiu reconstituir os acontecimentos desde a sua fase inicial. Logo depois do meio-dia de segunda-feira, na Praça fronteira à Prefeitura, estavam reunidos cerca de 200 colonos das Linhas Trajano, Amarílio e Dois de Julho, a fim de tratar com o prefeito sobre o novo sistema de cobrança de imposto que iria ser aplicado de agora em diante.

No interior da Prefeitura, numa sala de reunião, a comissão permanente da Câmara dos Vereadores discutia o assunto, quando um dos colonos, o velho Francisco Carissimi, que segundo se afirma, estava embriagado na ocasião, afastou-se do grupo dos companheiros e se dirigiu à porta principal do edifício.

Informações de fonte oficial adiantam que Francisco estava armado de cacete e que tentou entrar na Prefeitura, com visíveis intenções de agredir o delegado de polícia, que estava presente na ocasião.

Diante da atitude de Francisco, o sr. Armindo Cesa ordenou a uma praça que efetuasse a prisão do mesmo. Esta cena se passava justamente na porta do edifício da Prefeitura. Francisco, homem velho, de cabelos brancos, já cansado de tanto trabalhar, num gesto de instintiva defesa, procurou evitar a prisão e correu em direção a um portão da cerca existente nas imediações. O soldado saiu no seu encalço e conseguiu alcançá-lo, ocasião em que outro colono resolveu interferir, dizendo que a prisão era ilegal.

Em face da inesperada ação do segundo personagem, o delegado Armindo Cesa, segundo apuramos, deu voz de prisão, surgindo daí o conflito, que se generalizou rapidamente.

As informações obtidas em fonte oficial e entre os elementos acusados da responsabilidade do tiroteio são completamente opostas. Enquanto estes afirmam não terem provocado o tiroteio, as autoridades adiantam que se limitaram a reagir contra a agressão inesperada de duzentos homens armados.

Logo que teve início o conflito, entre o delegado Cesa e os colonos, o sr.Oscar Hampe, juntamente com o sr. Oscar Cesa, irmão do referido delegado, e mais algumas praças da Brigada Militar entraram logo em ação, disparando as suas armas.

A massa de mira do revólver de Oscar Cesa foi arrancada com um tiro, tendo o mesmo saído ileso, assim como o prefeito e as praças.

O sr. Oscar Hampe, abordado pela nossa reportagem, disse que a atitude de Francisco Carissimi foi secundada por Dante Meneguzzi, tendo este dado o primeiro disparo que atingiu o delegado Armindo na mão direita. Nessas circunstâncias, o sr. Hampe afirma que deu um golpe de coronha na cabeça de Dante, momento em que ouvia inúmeros disparos que partiam do grupo de colonos, generalizando-se, rapidamente o conflito.

O prefeito de Antônio Prado entra, depois, a pormenorizar os antecedentes do caso, dizendo que tudo aquilo fora devidamente preparado pelos colonos. Estes, aos poucos, foram-se reunindo defronte da Prefeitura, devidamente armados, num momento propício, entraram em ação contra as autoridades.

O sr. Hampe, segundo declara, já tivera conhecimento, domingo último, que grande número de colonos, dizendo-se descontentes com o novo sistema de cobrança de impostos, viriam manifestar publicamente o seu desagrado pela modificação introduzida no pagamento da tributação.

Em vista disso, o prefeito resolveu falar diretamente com o sr. Carlos Pastore, colono de muito prestígio entre os agricultores, no sentido de combinar com o mesmo a melhor maneira de resolver a situação, fazendo-lhe ver que seria desnecessária a manifestação projetada, porquanto as colônias da Linha Trajano e de outras zonas, ainda não haviam sofrido modificação alguma no tocante ao pagamento dos impostos.

O resultado da entrevista do sr. Hampe com o sr. Carlos Pastore foi a reunião da comissão permanente da câmara dos Vereadores que estudaria o assunto e daria o resultado a uma comissão de colonos chefiados pelo referido intermediário.

Segunda-feira, depois do meio-dia, a comissão estava reunida na sala onde funciona a Câmara dos Vereadores, quando o sr. Hampe ouviu a balbúrdia na frente da Prefeitura. Descendo, em seguida, verificou a existência de um grupo considerável de colonos no centro da praça, enquanto que o velho Francisco Carissimi estava às voltas com o delegado Cesa e uma praça da Brigada Militar. Procurando intervir na questão, momentos depois, deu-se a interferência de Dante Meneguzzi, ocorrendo ai o que acima já dissemos.

Nos xadrezes da delegacia de polícia de Antônio Prado estavam recolhidos cerca de vinte colonos, que foram detidos em consequência do grande conflito.

A nossa reportagem, valendo-se de uma ocasião propícia, entrou em contato com os mesmos, recolhendo a sua impressão sobre o caso em que estão envolvidos.

Todos são unânimes em afirmar que a manifestação seria pacífica, senão tivesse surgido o incidente já referido. De maneira alguma eles seriam capazes de vir, armados, provocar o conflito com as autoridades. O que desejavam era conhecer perfeitamente a modificação na cobrança do imposto deste ano, que deixaria de ser cobrado como nos anos anteriores para dar lugar ao sistema de renda rural.

Todos lamentavam profundamente o ocorrido e demonstravam o seu descontentamento para com a situação asfixiante em que vivem, em face das tributações elevadas a que estão sujeitos, apesar das dificuldades na venda e no transporte dos seus produtos. E estas tributações, afirmavam, com o sistema a ser agora adotado, viria agravar ainda mais a situação difícil em que se encontram.

Quando estivemos em Antônio Prado, já estavam detidos na delegacia de polícia à disposição do Dr. Olmiro Azevedo, os colonos João Mezzalira, Antônio Sacaroli, Avelino Dotti, Abramo Maschio, Arlindo Mezzalira, filho de João, João Marcanzoni, Aldo Carissimi, Francisco Carissimi, Fioravante Piola Sobrinho, Antônio Melklami, José Mezzalira, Giacomo Sartori, Sebastião Furlin, Luís Pastore e Luís Zanella.

Os três colonos que morreram por ocasião do tiroteio eram moradores da Linha Trajano. São eles: Vitório Meneguzzi, Pedro Pastore e Antônio Perosa, estes dois últimos genros de Carlos Pastore. Os cadáveres foram levados para a Linha Trajano, onde se deu o sepultamento.

Vitório Meneguzzi caiu morto no centro da Praça Garibaldi, enquanto que os outros foram encontrados num dos ângulos da praça, afirmando a polícia que eles estavam ainda com os revólveres na mão.

O cadáver do sr. Armindo Cesa, à tarde de terça-feira, foi removido para a cidade de Caxias, onde se realizaram as cerimônias fúnebres, com grande acompanhamento.

O sr. Cesa era casado com uma filha do sr. Oscar Hampe. Assim logo que o atual prefeito assumiu as rédeas do município de Antônio Prado, um dos seus primeiros atos foi convidar o seu genro para ocupar o cargo de delegado de polícia. A malograda autoridade possuía um vasto círculo de boas relações em Caxias donde seu trágico desaparecimento causou profundo pesar".

Deve-se observar que na reportagem acima ocorreu alteração de nomes, confundindo Vitório Meneguzzi com Antônio Perosa. Este e não

aquele era o agricultor que atirava contra o prédio da Prefeitura e recebeu um balaço num olho, caindo morto, tendo na mão um revólver Taukeç 32.

Ignora-se o autor do disparo que matou o Delegado. Entretanto, há suspeita de que poderia ter sido atingido por balas disparadas pelos próprios policiais, o Cabo Alexandre Borges, Nei Bottaro e um soldado.

Segundo Olímpio Dotti, que assistiu ao tiroteio, foram disparados cerca de 20 tiros. Ele conta que se encontrava na praça, quando viu o grupo de colonos chegando a cavalo. Amarraram os animais e dirigiram-se à Prefeitura. Ouviu a discussão, o tumulto e o tiroteio, quando se deitou atrás de um muro e ficou apreciando o espetáculo. Viu o Delegado tombar, como também Antônio Perosa. Viu o brigadiano respondendo aos tiros de Ângelo Borsoi. Num instante os colonos debandaram, deixando a praça deserta.

Já haviam transportado o corpo do sr. Armindo Cesa e de Antônio Perosa, quando o Dr. Oswaldo Hampe, irmão do Prefeito, chegava em traje de cirurgião em atividade. Ele havia deixado a sala de cirurgia e descia pela rua, acompanhado do seu motorista o sr. Eduardo Delucchi. Naquela hora, vendo os colonos Vitório Meneguzzi e Pedro Pastore, o médico e seu acompanhante dispararam as armas, matando os dois, na esquina da rua, diante da casa comercial de Francisco Grazziotin, hoje Escritório de Contabilidade. Disse o sr. Olímpio Dotti que, dias após, foi encontrado um revólver no quintal de uma casa da praça.

O Cônego José Benini imediatamente saiu, no meio das balas, indo administrar os Sacramentos aos moribundos, procurando ainda "acalmar os ânimos com zelo sacerdotal, que a todos comoveu e edificou". Em seguida, foi à igreja, expôs o Santíssimo, diante do qual se prostrou a orar... Foi contra esse virtuoso Vigário que, conforme vimos, alguém fez recair a responsabilidade da convocação dos colonos para a infeliz manifestação.

Atente-se para o absurdo: Como poderia ele, sendo vigário de uma só paróquia, convocar os paroquianos de Nova Roma? Apesar do convite

ser dirigido aos moradores de todas as Linhas, tomaram parte, quase exclusivamente, os da Capela de São Pedro, sendo dela as três vítimas. Então o apelo do Vigário teria apenas repercutido numa só capela? Os paroquianos tinham o seu vigário em alta estima, e uma ordem dele seria fielmente cumprida...

O Dr. Oswaldo Hampe, que descreve o acontecimento conta, em seu livro, que se encontrava com o Dr. José Bruno Gonçalves pronto a praticar uma cirurgia ginecológica, quando irrompeu o tiroteio e resolveu interferir. Diz ele: “Era uma luta a tiros de muitos homens da colônia contra uns poucos que se encontravam no prédio da Prefeitura Municipal, em pleno centro da cidade. Os projéteis roçavam o corpo de um Oscar Hampe, que sereno, com um revólver em cada mão, retribuía aos tiros...”

O escritor Benito José Fattori assim descreve o final daquele dia de tragédia: “E caiu a tarde tenebrosa e veio o crepúsculo. Os mortos foram recolhidos. E veio a noite. Uma noite triste e aquela que foi a mais longa de todas as noites pradenses. As luzes não foram acesas e a escuridão serviu para ainda mais encher a cidade de medo. Soldados percorriam as ruas em todas as direções e muitos internaram-se pelas colônias em busca de culpados. Então tímidos colonos foram caçados do fundo de suas terras e trazidos para interrogatórios e violências tremendas. Pouca gente dormiu naquela noite. E muitas crianças de então hão de levar sempre na memória as recordações daqueles tristes e trágicos acontecimentos. Muitos inocentes sofreram injustamente. Alguns bons cidadãos, de passado limpo e honesto, foram levados presos a Porto Alegre. Trágico foi aquele acontecimento para Antônio Prado. E dentro daquele noite ouvia-se ainda o martelar na residência da família Aires, que estava encaixotando seus pertences, pois no outro dia partiria para Farroupilha, onde iria fixar residência. Aquele foi também o início de êxodo de pradenses, que seguiriam para ir colonizar Santa Catarina, ou mesmo fixar residência em outros municípios gaúchos. Entre pessoas que sofreram inocentemente, lembramos o sr. Vicente Palombini, honesto cidadão que viveu verdadeira via crucie, mas que mais tarde a população, como que pagando velha conta, o haveria de eleger Prefeito Municipal.

Prêmio mais que merecido. Tendo sido levado preso a Porto Alegre o Sr. Vicente, seu filho Calvino, que era operador do Cinema União, haveria de suspender as funções desta casa de diversão, em vista do que estava acontecendo com o pai. E ficaram os habitantes privados de cinema, situação que não haveria de durar muito. Sem cinema. Êxodo de famílias de colonos para as chamadas "terras novas" em Santa Catarina. Mocidade buscando um melhor futuro em outros municípios gaúchos. Indústrias instalando-se fora do município. Tudo iria concorrer para iniciar o maior regresso de que se tem notícia dentro da História do município. Fora aberta enorme chaga, que levaria décadas para sarar ou mesmo jamais encontraria cura".

"Nunca mais Antônio Prado foi o mesmo — escreve o Dr. Oswaldo Hampe. Um véu de tristeza, de abatimento, caiu sobre tudo e sobre todos. Famílias inteiras retiraram-se desta localidade, a procurarem novos ares, novos estados, novas coisas. Os dias tornaram-se longos e tristes, as casas fechadas, o comércio estacionário, a colônia decadente".

A respeito da perseguição de que foram vítimas os pobres colonos, eis o que escreveu o Pe. Ernesto Mânica: "As barbaridades que depois foram cometidas, só mesmo escrevendo um livro. Muitos fugiam ou de noite dormiam nos matos, pois a caçada humana preferivelmente era feita à noite, pois era mais fácil encontrá-los em casa. Muitos, para não viverem num ambiente desses, acabaram mudando definitivamente de residência, sendo tudo isso para Antônio Prado uma das causas da sua estagnação e do seu retrocesso.

Não fosse a intervenção de D.José Barea, que tomou a defesa dos colonos, num artigo cheio de revolta e de indignação, contra tudo o que estava ocorrendo, coitados de nossos pobres e indefesos colonos!" (5, 6, 9, 15).

O SINO DA CAPELA

O imigrante que penetrou nessa espécie de península, cercada de rios, alcantilada de montanhas e rasgada de canhões, lutou, a princípio, com incríveis dificuldades, para se estabelecer, derrubar a mata, construir sua casinha e iniciar a plantação. O chefe de família, em geral auxiliado por parentes ou vizinhos, derrubava um pinheiro, serrava as toras, rachava-as e com pranchões levantava um rancho provisório. A mulher e os filhos menores, que se haviam hospedado nos barracões da sede ou das Linhas, vinham então tomar posse da moradia, construída em sua propriedade, quase sempre a primeira propriedade.

Que suspiro de alívio! Enfim, somos proprietários, donos de uma terra exclusivamente nossa e que podemos desfrutar à vontade! A terra é escabrosa, montanhosa, pedregosa, mas é nossa!

Sertão alpestre e bravio, pleno de mistério, povoado de feras e talvez de selvagens. Mata virgem de grosso pinhal. Gigantescos pinheiros, o tronco liso, ereto, abrindo no alto airosa copa, semelhante a um enorme guarda-chuva. O chão, no inverno, cobre-se de um tapete vermelho de pinhão, gostosa fruta providencial, saborosa, substanciosa, que matava a fome e salvava muito imigrante da morte.

Sertão povoado de aves e de feras. Que sensação, acordar cedinho coma imensa orquestra poli crômica da passarada, no meio da qual se destacava o forte apito do inhambu e o canto estridente e metálico da branca araponga, semelhante a violenta marretada na bigorna.

E os animais selvagens, a onça, a anta, as manadas de porcos-do-mato, os macacos, que liquidavam as plantações de milho, em camanga com bandos de papagaios. Essa abundância da fauna brasileira constituía valiosa contribuição à mesa frugal dos pioneiros, nos primeiros anos de sua vida na nova pátria.

Surgia daí a prática da caça, uma das características dos colonos italianos. Não caçavam apenas papagaios na roça de milho, mas também as gordas queixadas. Caçavam com grossas espingardas trazidas da Itália, e caçavam também com armadilhas, cavando fojos no carreiro da anta e do tateto. Fojos cobertos de taquaras e folhas, dentro dos quais se precipitava até uma pequena manada.

A anta, muito abundante, galgava a encosta dos rios e era caçada até mesmo a machado, como aconteceu na capela de São Roque, no açude do moinho de Cesare Ghinzelli. Duas vezes a anta fugiu com o machado cravado no pescoço, andando cerca de 500 metros antes de se entregar.

A fim de obter algum dinheiro, uma vaca, um cavalo, os imigrantes dirigiam-se aos campos de Vacaria, a trabalhar na construção de taipas de pedra nas fazendas. Por vezes, iam a Caxias comprar algum animal de montaria.

Com as primeiras criações de porcos, vacas e cavalos, não raro aparecia a onça, que levava ora um porco, ora uma vaca, ora uma mula. Os agricultores armavam então as espingardas junto dos restos do animal morto, conseguindo assim matar vários exemplares do felino. Assim aconteceu nas Linhas Almeida, Dois de Julho e Dez de Julho. João Battistin, de Nova Roma conta que seu pai, Antônio Battistin, na Linha Gustavo Vaza, caçou um tigre dentro de uma espécie de forno, armadilha dentro da qual colocou um porco de isca.

Outra ocasião, de noite, ouvindo o latir dos cães, olhou pela janela e uma onça pulou, ferindo-o no peito, deixando-lhe uma cicatriz para o resto da vida. Outro imigrante narra: “Estávamos todos dormindo em nosso rancho. De repente fomos despertados pelo bufo das mulas que corriam feito loucas. Pouco depois ouvimos um estouro terrível, a porta da casa foi posta abaixo, e por ela entrou precipitadamente o cachorro e atrás dele um tigre! O cachorro se escondeu debaixo da cama, de onde o tigre o arrastou para fora...”

No meio daquele sertão, os pioneiros sentiam uma falta imensa do sacerdote, da missa, da igreja. Por isso, em todas as linhas trataram logo de construir uma pequena capela, dedicada aos santos da sua tradição, como Nossa Senhora do Caravágio, Nossa Senhora da Saúde, Nossa Senhora do Carmo, Santo Antônio, São Pedro, São Roque, Santo Isidoro, São Caetano, São Valentim...

Mas, a princípio, não havia sino. Então o fabriqueiro convidava os fiéis pra o culto fazendo soar uma corneta de aspa de boi. Uma saudade infinita de ouvir o bimbalhar de um sino!

Enfim, depois de anos de espera, chegou o sino, encomendado pelo Pe.Carmine Fasulo, pelo Pe. José Benini. O sino era sempre recebido com festas extraordinárias, no meio de cânticos, preces, espocar de tiros de morteiros.

Agora, quando o som nostálgico do bronze principiou a romper o silêncio, no meio da imensa floresta, eram poucos os imigrantes que, recordando o velho sino de sua antiga aldeia italiana, não se comovessem até às lágrimas! Durante dias, semanas e meses, quando, ao cair da tarde, colono ouvia o som do sino, anunciando a Ave-Maria, recordava a velha Itália e chorava. Ah, o sino! O sino da capela batendo, fazia bater o coração do pioneiro, perdido no sertão de Antônio Prado! (9, 15).

ENSINO

A 1ª professora - GENOVEVA SCOTTI

Nos primeiros anos, durante a implantação da Colônia, não havendo professores de língua portuguesa e nem escola pública, a professora Genoveva Denale Scotti, filha de João Denale, abriu uma pequena escola particular, em que ministrava aulas em língua italiana,

recebendo livros e material da Inspetoria de Imigração, inaugurando desta maneira o ensino em Antônio Prado.

Casada com Antônio Scotti, um dos primeiros moleiros do município, Genoveva Scotti, além de professora, exerceu intensa atividade cultural, social e religiosa, sendo considerada o para-raios da Paróquia. Mãe de numerosos filhos, era sogra do exímio escultor Ângelo Rossi, residente em Lages, autor de verdadeiras obras-primas de arte, como as imagens do Senhor Morto, veneradas em cidades gaúchas e catarinenses. Sogra do industrialista Mário Leonardelli, da Cervejaria Pérola de Caxias do Sul e de vários comerciantes e do fazendeiro Domingos Sgarbi, de Bom Jesus, falecido no dia de Natal de 1978.

Cerca de uma centena de netos e bisnetos, formados em cursos universitários, exercem as mais variadas profissões, como o Dr. Paulo Nivaldo Broglio Scotti, que foi assessor do Ministro do Planejamento Reis Veloso do governo do Presidente Geisel; Dr. Nivaldo José Scotti, professor da PUC de Porto Alegre; José Orbato Scotti, gerente do Banco do Estado de São Paulo em Coatá; Clodoveu Romualdo Scotti, gerente do Banco do Brasil em Itu, para falar em apenas alguns dos 15 filhos de Remígio Scotti, nascido em 1898 e residente em Vacaria, o qual também tem dois netos trabalhando no Sudão, o engenheiro Ivar e a Odontóloga Mirian. A professora Genoveva faleceu em Antônio Prado no dia 20.6.1959. Por ter sido a primeira professora do município, por sua numerosa e ilustre descendência e por suas notáveis realizações sociais, culturais e religiosas, é de se esperar que seu nome seja imortalizado num monumento ou numa rua.

PRIMEIRO PROFESSOR PÚBLICO - SÉRGIO INÁCIO DE OLIVEIRA

Em 1890 começou a funcionar na sede da Colônia a primeira escola pública, sob a regência do professor Sérgio Inácio de Oliveira, cujos

primeiros discípulos foram:

Paulo Reginato, de 12 anos, Pedro Reginato, de 9 anos, Ludovico, de 8 anos, e Luís, de 7 anos, filhos de Antônio Reginato. João Baldini, de 12 anos, filho de Luís. Umberto Mazziero, de 11 anos, filho de Alexandre. João Zoletti, de 9 anos, filho de Biagio. Manuel Antônio de Oliveira, de 12 anos, filho de João Antônio. Luís Santi, com 10 anos, e Francisco Santi, de 11 anos, filhos de Valentim Santi. Ângelo Slonghi, de 10 anos, filho de Bortolo. Luís Marcanzzone, de 11 anos, e Santo, de 9 anos, filhos de João Batista Marcanzzone. Iluminato Prataviera, de 9 anos, filho de João. José Antônio Rizzardo, de 13 anos, filho de João. Giácomo Fortunatti, de 9 anos, e Agostinho Fortunatti, de 8 anos, filhos de Giácomo. Luís Bove, de 9 anos, e Florindo, de 7 anos, filhos de João Bove. Ângelo Marroco, de 12 anos, filho de Domingos. Rômulo Mondadori, de 10 anos, filho de Emílio. Manuel Virgílio Boeno, de 10 anos, filho de Francisco. Manuel Eurico de Oliveira, de 11 anos, filho de Sérgio Inácio de Oliveira. Fernando João Mazziero, de 9 anos, e Fernando Ermenegildo, de 8 anos, filhos de Fernando. Caetano Zanardi, de 9 anos, filho de Pedro. Emílio Prometeu, de 8 anos, filho de Roque. João, de 11 anos, Demétrio, de 9 anos, Antônio, de 8 anos, e Alfredo Paim de Andrade, de 7 anos, filhos de Diogo Paim de Andrade. Neno Reginato, de 7 anos, filho de Alexandre, Oralino Costa, de 8 anos, filho de Manuel Costa. Ambrósio Canova, de 9 anos, filho de José. Antônio De Boni, com 10 anos, e Oreste, de 8 anos, filhos de João De Boni. Vitório Prataviera, de 8 anos, filho de Zianela. Antônio Roa, de 9 anos, filho de José. Jesuíno de Oliveira, de 12 anos, filho de João A. de Oliveira, Caetano Bueno de 9 anos, filho de Francisco. Alexandre, de 10 anos, filho de José Giorgi. Alberto Langaro, de 10 anos, filho de Florindo. Antônio Bee, de 8 anos, filho de Luís. José Diniz, de 9 anos, e Abel, de 8 anos, filhos de Manuel. Antônio Zolletti, de 7 anos, filho de Biagio.

Em 1903 principiou a funcionar uma aula estadual regida pelo prof.José Vítor de Castro, para alunos do sexo masculino, em prédio no local onde existe hoje o café do sr. Ari Girotto. No mesmo ano havia uma aula estadual feminina sendo Madalena Meneguzzo uma de suas primeiras professoras. Outros professores pioneiros: Florêncio José da

Silva, João Rosa e Castilhos, que foi assassinado.

ESCOLAS MUNICIPAIS

Ainda antes da criação do município, sendo 5° distrito de Vacaria, foram criadas as primeiras escolas municipais no interior, iniciando na capela de Nossa Senhora da Saúde, na Linha Dois de Julho.

O 1° Intendente, Cel. Inocêncio de Matos Miller, criou 24 escolas, providas de professores pagos pela Intendência, pelo Estado e, por vezes, pelos pais dos alunos. Em 1912 funcionavam três escolas estaduais, sendo uma na vila, com o prof. João Evangelista de Andrade Saraiva; em Castro Alves, com o prof. Carlos Mantovani, que depois se transferiu para Erechim; na Linha Dez de Julho, com o prof. João Tavares de Carvalho.

Funcionavam então as seguintes escolas municipais, subvencionadas pelo Estado: Linha Dois de Julho, prof. Alcides de Matos Miller; Linha Almeida, prof. Lisipo Lisboa; Nova Roma, Caetano Reginato; Linha Cândida, Miguel Frigotto, italiano naturalizado brasileiro em 11.9.1941; Linha Guerra, Maria Lunardi; Nova Treviso, Albano Donadel; Linha 21 de Abril, Antônio Camozzato; Linha Almeida, Josefina Sega; Estrada Ernesto Alves, Ângelo Fambicelli; Linha Trajano, Armando P. da Costa; e Orosimbo Zanetti; Paranaguá, Guido Andreoni; Fagundes Varela, Marcelo Fianco. Em 1913 a matrícula era de 997, sendo 303 do Colégio São José, na sede.

Em 1915, no quadro do magistério municipal, foram criadas as escolas: Duas na Linha Silva Tavares, prof. Antônio Tondello e Normélia Andrade Saraiva. No mesmo ano foram nomeados os professores: Atílio Camozzato, Linha Dois de Julho; Virgínia De Boni, L.Almeida; Teresa Antoniutti, estrada Ernesto Alves; Artur Bogoni, L.Trajano; Pascoal Meneguzzi, L.Dois de Julho; Inês Mondadori, L.Dez de Julho; Carolina

Pansera, L. Fagundes Varela; Marcos Battistin, L. Dois de Julho e Amabília Deluchi, L. Dez de Julho. O total de matrículas em 1915 era de 1.205 alunos, sendo 263 do colégio São José.

Em 1917, foram contratados os professores: Isidoro Menegati, L.Paranaguá; Erzila Meneguzzo, L.Dez de Julho; Aires Meneguzzo, L. Dois de Julho; João C. Albernaz, Rio do Inferno; Madalena Meneguzzo, Colégio São José. Em 1923, lecionavam nas escolas municipais mais os seguintes professores: Angelina Segala, L. Dois de Julho: Paulo Maccarini, Nova Roma; Rosário Frigotto, L.Cândida; Rosa Andreoni, Nova Treviso; Corona Frigotto, L.Cândida, 3ª seção; Justino Vieira Albernaz L.21 de Abril; Castorina Vieira Albernaz, Castro Alves; Maria Tondo, L.Barata Góis; Angelina Mondadori, L.Dez de Julho; Erina Dal Molin Verza, L. Mimosa; Angelina Mondadori, L.Dez de Julho; José Albernaz, Fagundes Varela; Ernesto Bogoni, L.Dois de Julho; Dosolina Zatti, Paranaguá; João Tondello, L.Almeida; Olga Citton, L.Almeida, 3ª seção.

Em 1925, sob o governo do Intendente Caetano Reginato, funcionavam 25 aulas municipais, três estaduais, o Colégio São José e Escola Paroquial de Nova Roma. Em 1934, sob o governo do Prefeito Francisco Marcantônio eram 29 os professores municipais contratados, a saber: Afonso Perosa (2 de Julho), Miguel Frigotto (21 de Abril), Antônia Marin (21 de Abril), Martin Frigotto (Cândida), Marcelina White (Guerra), Cecília De Bortoli (Blessmann), Samuel Baldin (Castro Alves), Artur Bogoni (Trajano), Antônio Forlin (Cândida), Jocondo Caon (Almeida), Cipriano Carminatti (Carlos Leopoldo), Amábile Baldin (Castro Alves), Erina Dal Molin Verza (Mimosa), Dante Leão Caon (2 de Julho), Adélia Forlin (10 de Julho), Doralina Cavalli (Fagundes Varela), Verônica Sandi Brambilla (Cândida), Josefina Bernardi Tondello (10 de Julho), Albino Tondello (Silva Tavares), Pierina Sala (Gustavo Vaza), Francisca Maccarini (Carlos Leopoldo), Maurício Piola (Almeida), Alexandrino Caon (Trajano), Jordão Bruno Caon (Paranaguá), Angelina Segala Mezzalira (Blessmann), Amabília Deluchi (Almeida), João Tondello (Almeida), Angelina Chiarello (2 de Julho) e Elvira Piola Caon (2 de Julho).

Em 1951, sob o governo do Prefeito Waldemar Mansueto Grazziotin, o magistério compunha-se de 42 professores, com matrícula total de 1.100 alunos. Havia ainda três Grupos Escolares Estaduais, uma Escola Isolada (Cândida), uma Escola Rural em Nova Treviso e outra em Santa Ana, quatro estabelecimentos particulares: Colégio São José, na sede, e Escola Pio X em Nova Roma, ambos dirigidos pelas Irmãs de São José; Escola Agrícola Santo Isidoro e Escola Sagrado Coração de Jesus, dos Irmãos Maristas. Durante o governo do Prefeito Vicente Palombini, foram criadas mais cinco escolas subindo a matrícula para 1.155 alunos, com 49 professores.

Em 1979, sob a administração municipal do Prefeito Lino Celso Zaccani, há 62 escolas, 279 professores e 3.199 alunos, abrangendo o ensino municipal, estadual e particular. Particular: Escola Cenecista de 2° Grau "Conselheiro Antônio Prado" (habilitações de Magistério, Contabilidade e Auxiliar de Escritório), com 36 professores e 340 alunos; Escola São José, até 8ª série, com 36 professores e 476 alunos; Escola Comercial Pe. José Ben, de Nova Roma, com a 7ª e 8ª séries, 36 professores e 340 alunos. Estadual: 18 escolas, sendo três na sede, jurisdicionadas à 4ª Delegacia de Ensino, de Caxias do Sul; 13 escolas com 1ª a 4ª séries; uma com 1ª a 5ª; uma de 1ª a 6ª; três da 1ª a 8ª; 154 professores 21 funcionários e 1.639 alunos.

Municipal: 39 escolas, sendo 37 de 1ª a 4ª séries e duas de 1ª à 5ª séries; 45 professores e 700 alunos; quatro distritos educacionais: Sede, Santana, Nova Roma e 21 de Abril; supervisão do Órgão Municipal de Educação, diretor Vítor Luiz Tonin (desde 1974, tendo substituído a prof. Vanda Rodrigues Grazziotin); assessora administrativa, Inês Valiatti Tonin; assessora técnica, Maria Ercília Grazziotin Colossi; informática e protocolo, Lígia M.Meyer Grazziotin, merenda e Mobral, Regina A.Alves de Moraes. A Escola Especial Santa Rita de Cássia, mantida pela APAE, para crianças com deficiências mentais, com quatro professoras e 11 alunos; a Escolinha de Arte Catavento, com maternal e infantil, possui duas professoras e 26 alunos. O Setor Municipal de Alimentação Escolar atendeu em 1978 a 16 escolas estaduais e 36 municipais, num total de 234.710 refeições.

ESCOLA DE 1° GRAU SÃO JOSÉ

A pedido do Pe. Carmine Fasulo, Pároco de Antônio Prado, chegavam em 10.11.1900 quatro religiosas da Congregação de São José, vindas de Garibaldi numa viagem de dois dias a cavalo. Eram a Madre Maria Azélia, Ir. Vitória, Ir. Paula e Ir. Francisca. Foram recebidas apoteoticamente. Dezenas de arcos com faixas saudando as religiosas. Ao longo das estradas, as capelas abertas, velas acesas e o povo saindo de velas acesas na mão, dando vivas e ajoelhando-se à beira da estrada. Chegando na vila, sob espocar de foguetes e bimbalhar dos sinos, a multidão acompanhou-as à igreja, onde D.Carmine fez uma bela saudação começando assim: “Agora, Senhor, podeis deixar partir o vosso servo”...

As quatro Irmãs ficaram instaladas provisoriamente na antiga casa paroquial, enquanto aguardavam a conclusão do prédio escolar, um vasto casarão de madeira, no local onde fora construída a primeira igreja, esquina da rua Cel.Flores, hoje avenida dos Imigrantes. No dia 26.11.1900, inauguravam-se as atividades com 160 alunos, que foram aumentando, havendo 303 em 1913 e em1979 cerca de 500. Por iniciativa do Pe. Ernesto Mânica, foi iniciada a construção do novo prédio, no dia 15.12.1949, durante as comemorações do Cinquentenário da criação do município, com a presença do Governador do Estado, sr. Walter Jobim. Para tão importante obra, colaboraram, além das religiosas tendo à frente a Superiora Geral, Madre Joana Vitória, e a Provincial Madre Maria Felicidade, toda a população incentivada pelo Prefeito sr. Waldemar M.Grazziotin. A comissão das obras estava a cargo do Pe. E.Mânica, Reinaldo Barison, Dr. Hildo da Costa Guilloux e Pedro Cesa Sobrinho.

Já em março de 1950 foi autorizado a funcionamento do curso ginasial, inaugurando assim o ensino médio no município, acontecimento marcante para a cultura da região. Em dezembro de 1953, com a solene formatura da 1ª turma de ginasianos, foi inaugurado o novo prédio, um dos

mais belos ornamentos arquitetônicos da cidade. O 1° diretor foi o próprio Pe. Ernesto Mânica, seguido por Madre Angelina Permaggiani, Madre Maria de Lourdes Benetti, Madre Teresa Ângela Montemaggiori, Madre André Roncato, Madre Camila Parmagnani, Madre Maria Celeste Canzi, Ir. Henriette Cembrani, Ir.Joana Perini, Ir. Nayr Terezinha Vazatta, Ir. Judith Vieira Velho e Ir.Enedina Pierdoná (atual).

Em 10.4.1975 foi inaugurado o Pavilhão dos Esportes, anexo à escola, com área de 45 X 15 metros, pela diretora Ir. Judith Vieira Velho, tendo falado, em nome do Prefeito Municipal, o sr. Valner Borges, Presidente da Câmara de Vereadores. A diretora discursou, falando da importância do ginásio coberto, destinado às aulas de Educação Física e promoções sociais. Foram realizadas partidas de voleibol, futebol e handebol.

Por iniciativa do Pe. Antônio Galiotto, foi fundada no Ginásio São José a Escola de Educação Familiar "Nazaré", que em poucos anos preparou mais de 800 jovens para a vida matrimonial e doméstica. O estabelecimento possui ainda curso de Inglês, equipe de jovens para a assistência social, grupo de jovens com treino de liderança e reflexão, Grupo Vocacional e outros. A Escola de 1° Grau São José vem realizando concorridos certames, como o que recebeu o nome de "Antônio Prado sua terra e sua gente", em 4 a 6 de agosto de 1978, no qual os alunos apresentaram notáveis trabalhos acerca da História e Cultura pradenses.

A presença das Irmãs de São José desde 1900, com atividades educacionais e hospitalares, em duas escolas e em dois hospitais, na sede e em Nova Roma, foi sempre vigorosa promoção da cultura e da religião no município, fazendo com que surgissem aqui mais de uma centena de religiosas dessa benemérita Congregação, religiosas hoje espalhadas por todo o Brasil, realizando uma obra social de grande envergadura. Milhares de jovens que hoje se destacam em atividades culturais e assistenciais surgiram graças ao trabalho incessante e heroico das Irmãs de São José. Entre as numerosas religiosas ilustres, filhas de Antônio Prado, podemos citar a:

Ir. Teresinha Maria Nodari, ex-superiora provincial, já falecida; a Ir.Marta Valliera, educadora e psicóloga de renome internacional; Ir. Teresinha Pegoraro, atual diretora da Escola Sevigné de Porto Alegre. De outras religiosas da mesma Congregação, filhas de Antônio Prado, vai aqui uma relação incompleta:

Ana Maria Fusinatto, Helena Cecília Colla, Zenaide Inês Calliari, Elisa Maria Bisotto, Maria Virgínia Fusinatto, Inocência Virgínia Tartari, Daniela T. Zafonatto, Pierina Zafonatto, Eugência Vicência Brusco, Rosa de Lima Bisotto, Inês de Jesus Calliari, Maria A.Baggio, Luísa Gonzaga A.Ziegler, Clarícia V. Gris, Pierina Benetti, Madalena S.Assunta Benetti, Clotilde B.Nodari, Joanita C.Forlin, Rosina Stela Maschio, Eufrosina V.Polli, Jorgina Ana Polli, Geraldina H.Colla, Conceição Lúcia Zuanazzi, Celestino Rosa Zamboni, Rufina D.Spironelli, Cristino P.Righez, Pascoalina J.Tibola, Armandina P.Tondello, Teodolina Anita Pastore, Maria C.T.Tondello, Eloah M. Rizzi, Constantino A.Pastore, Bibiana I.Ziliotto, Natália M.Ziliotto, Rosa A. Elisa Rizzoto, Palmira Rosa Piazzon, Benvinda Helena Pontel, Laurinda G.Camatti, Uldérica J.Dall'O, Maria F.Otília Marini, M.Inocência Andognini, Benvenuta O.Camatti, Graciema A.Slongo, Evarista T.Slongo, Enedina M.Slongo, Guerina A. Dotti, Sebastiana M.R.Pegoraro, Maria Celina G.Benini, Luísa Bortolotto, Arminda A.Chilanti, Fausta P.Chilante, Luísa Margarida A.Camatti, Juvelina Z. Dotti, Sabina E.Zuliotto, Ângela M.A.Agustini, Albina G. Tondello, Liliana M. Ciotta, Maria D.G.Basso, Ângela A. Cadore, Odila M. de Jesus Cadore, Ceverina A. Cadore, Domingas A.Martello, Isabel Pastore, Melânia Hilda Marin, Maria E.A. Slongo, Teresa Leonor Turmina, Mirian Laura Slongo, Ana A.Lourdes Zambon, Francisca A.V.Camatti, Regina A.A.Contin, Selen Teresinha Marin, Luísa F. Bellan, Teresinha Rosa Camatti, Rosa Elisa Ciotta, Nair Stela Louvatel, Alexandrina Lourdes Agustini...

OS IRMÃOS MARISTAS EM A.PRADO

Durante seis anos a população pradense, encabeçada pelo Cônego José Benini, pleiteava em vão a vinda dos Irmãos Maristas, que fundassem uma escola de alto padrão educativo. Por fim, em 1919, quando o Ir. Livino, então Superior Provincial, se dirigia a Vacaria a fim de tratar da fundação de um colégio naquela vila, aconteceu um fato imprevisto e providencial, do qual resultou a decisão da aceitação do convite. Uma grande enchente levantou as águas do rio das Antas, interrompendo o tráfego no Passo do Zeferino, retendo o Provincial em Antônio Prado por oito dias, hospedado na Casa Paroquial, onde durante todo esse tempo escutou os argumentos e o apelo do Vigário, acabando por ceder.

Em 13.1.1920 os Irmãos Edmundo Ernesto (Diretor), Pedro Luís, Henrique Suso e Amâncio chegavam e davam início a 55 anos de intensa atividade escolar, principiando com uma matrícula de 68 alunos. Mas os abnegados Filhos do Beato Champagnat encontraram benfeitores generosos, que ofereceram admirável colaboração decisiva para a implantação e desenvolvimento de sua escola, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Entre muitos cooperadores da obra marista, destacam-se a Prefeitura Municipal, o Vigário José Benini, o seu inteligente e dinâmico cooperador Pe.Francisco de Paula Cantalupi, o Pe. Henrique Gelain, atual Bispo de Vacaria, Francisco Marcantônio, Narciso Barison, Luís Marcantônio Grezzana, Marcos Bocchese, Pelegrino Grazziotin, Alcibíades Pezzi, João Letti e, especialmente, Domingos Grazziotin, “o mais devotado amigo nas diversas Comissões que trabalharam no educandário”.

Eis a relação dos Diretores do Colégio: Irmãos Edmundo Ernesto (1920-1926), Fabiano (1926-1930), Pedro Luís (1930-1937), Paulo da Cruz(1937-1943), Flaviano (1943-1949), Efrém Abel (1949-1956), Irineu Pasuch (1956-1963), Nadal Sfredo (1964), Arduíno Zancan (1965-1973) e Antônio F.Tecchio (1974-1975). Neste ano de 1975, os Irmãos Maristas retiraram-se e o Colégio foi alugado.

Os bravos Irmãos retiravam-se como quem retorna do campo de batalha, após gloriosa conquista, por 55 anos, durante os quais perdeu a vida um de seus comandantes (Ir. Irineu Pasuch, 1921-1963). Voltavam desfraldando a bandeira de missão cumprida.

Na sala de honra do Colégio, no dia 5.11.1920 foi solenemente entronizada a Imagem do Sagrado Coração de Jesus, ao lado de outra, esta da Santíssima Virgem, cujas devoções cultuadas pelos Irmãos, alunos e juvenistas, contribuíram para o surgimento de uma centena de religiosos educadores. Entre estas Vocações Maristas do Colégio Coração de Jesus, salientamos uma bela relação:

Adelino Michelon, Adolfo Soldatelli, Afonso Scolaro, Alberto Michelon, Alberto Rissi, Alexandre Durante, Amábile Gentile Biazus, André Parisotto, Angelo Frigotto, Angelo Gazzi, Angelo Pasa Neto, Antônio Fioravante Appio, Antônio Bet, Antônio Bet Sobrinho, Antônio Nalon, Aristides Zanella, Arlindo Benini, Aurélio Ortigara, Avelino Madalazzo, Avelino Parisotto, Cadorna M.Casarotto, Carlos Rissi, Firmino Caetano Biazus, Florisberto Félix, Francisco Leonardelli, Henrique Maurina, Irineu Pasuch, João Batista Bizotto, João Bizotto Filho, João Dondé, Jorge Perboni, José Bet, José Pasa, José Rigo, José Spigolon, Laurindo Benini, Laurindo Parisotto, Laurindo Trombetta, Laurindo Viacelli, Luiz Atílio Rodolfi, Luiz Viacelli, Mainar Longhi, Moacir Caetano Empinotti, Modesto Girotto, Olívio Domingos Santi, Olmes Adelino Michelon, Pascoal Pasa, Pedro Marcon, Pedro Pasuch, Pedro Pellizzaro, Plácido Zulianello, Salvador Durante, Santo Turchetto, Severino Suzin, Silvino Suzin (irmãos gêmeos), Silvio Lodi, Teonesto Lovatel, Vitório Rigo, Virgílio Ghinzelli, Virgílio Luiz Baiotto, Narciso Camatti...

Destes religiosos, quatro foram Superiores Provinciais: ir. Amábile Gentile Biazus, Ir. Avelino Madalozzo, Ir. Moacir Caetano Empinotti e Ir.Silvino Susin, atual Provincial de Porto Alegre. Este, nascido na Linha Amarílio, em 8.8.1920, filho de João e Teresa Madalozzo Susin, ex-diretor da Escola Santo Antônio de Garibaldi, fez seus primeiros estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, formado em Letras Clássicas na

PUCRS, completou seus estudos na França e em Brasília, tendo sido diretor do Colégio São Tiago, de Farroupilha, do Colégio Rosário de Porto Alegre, do Colégio São José, de Lajeado, do Colégio São Luís, de São Leopoldo, Superior Provincial em 1969 e novamente em 1977, sendo atualmente Presidente da União Sul Brasileira de Educação e Ensino; assíduo colaborador da Revista Interno da Província.

Atualmente são diretores de Colégios: Ir. Alexandre Durante, Ir.Laurindo Trombetta, Ir. Severino Susin, Ir. Virgílio Guinzelli, Ir. José Pasa que está em Moçambique, na África, há mais de 25 anos; Ir. Avelino Parisotto, Ir. Laurindo Parisotto, Ir. Mainar Longhi, Ir. Modesto Girotto, Ir. Pedro Marcon, Ir. João Dondé, Ir. Irmino Caetano Biazus, Ir. Ângelo Gazzi. O Ir. Marcílio Casarotto, nascido em Antônio Prado em 4.12.1917, diretor de vários colégios nos três Estados do Sul, fundador e 1° diretor da Faculdade de Administração de Joaçaba, SC, diretor-executivo da Faculdade de Educação de Joinvile, compõe o Conselho Superior da Fundação Gaúcha do Trabalho e da Fundação do Bem-Estar do Menor do Rio G. do Sul.

Grande mérito na promoção vocacional de tantos jovens pertence ao saudoso Ir. Pedro Luís, um dos fundadores do Colégio e da Casa de Formação.

Ao chegarem a Antônio Prado, os 4 Irmãos fundadores ficaram hospedados durante vários meses no prédio da Sociedade de Mútuo Socorro, enquanto estava sendo construído o edifício da escola. O novo e vasto prédio foi construído sob a direção dos Irmãos Flaviano e Efrém Abel, para a instalação da Escola Agrícola Santo Isidoro, dirigida por este último, presidente da Associação Rural de Antônio Prado, reestruturada em 1.7.1951. A inauguração do novo prédio da Escola Santo Isidoro ocorreu em dezembro de 1954, durante a administração do Prefeito Vicente Palombini.

Alunos dos Irmãos Maristas, às centenas, projetaram-se na vida nas mais variadas profissões, desde o episcopado, medicina, engenharia, magistério, advocacia, até simples agricultores da colônia. Quase todos os

jovens estudantes de 1920 a 1975 estudaram no Colégio Coração de Jesus e na Escola Agrícola Santo Isidoro.

Por ocasião do Jubileu de Prata do Colégio Sagrado Coração de Jesus, houve solene pontifical presidido por D.José Barea, Bispo diocesano, estando os cânticos a cargo do coral dos Irmãos Maristas. Em nome do Governo do Estado, o Prefeito Dr. Alberto Zanardi saudou os Irmãos, dos quais 70 eram filhos de Antônio Prado. Falaram ainda o Ir.Afonso, Assistente Geral dos Irmãos Maristas no Brasil, o Ir.Vendelino, Superior Provincial e o sr.Calvino Palombini, ex-aluno do estabelecimento.

ESCOLA ESTADUAL DE 1° GRAU IRMÃO IRINEU

Em 1969, sob a direção do Ir. Arduíno Zancan, o Instituto Sagrado Coração de Jesus passou a denominar-se Escola Particular Irmão Irineu, da qual de 1974 a 1975 foi diretor o Ir. Antônio F.Tecchio. Com a retirada dos Irmãos Maristas, a Escola passou a Grupo Escolar, hoje Escola Estadual de 1° Grau Incompleto Irmão Irineu, com curso pré-primário à 4ª série. Atualmente seu corpo docente está constituído pelos professores: Liane Simioni, Leoner Valmorbida, Helena Scheider, Ignês Dalla Zen, Dolores Bochese, Diva Marcon, Margarete Zamboni, Noelcir Stedile, Delci Pelliccioli, Aidée Sartori Plachi, Lourdes Tomazi, Vítor Luiz Tonin, Marlene Poitevin, Yola Terezinha Ferrary Lucena.

A Escola está sob a direção da professora Norma Tereza Nodari, natural de Antônio Prado, nascida em 2.6.1940. Professora normalista formada em 1963 pelo Colégio São José de Caxias do Sul, iniciou sua atividade na Escola Isolada São João Bosco, passando em 1966 a lecionar no Instituto Sagrado Coração de Jesus. Formada na Faculdade de Educação da UNISINOS, de São Leopoldo, possui vários cursos, estando atualmente, em 1979, cursando Licenciatura Plena de Economia Doméstica na Universidade de Passo Fundo, havendo em 1974 concluído o Curso de Licenciatura de Artes Plásticas. Desde 1975, leciona Educação

para o Lar na Escola Cenecista de 2° Grau “Conselheiro Antônio Prado”. Em 8.8.1975 junto com a professora Liane Simioni fundou a Escolinha de Arte Cata Vento para crianças de três a cinco anos.

ESCOLA CENECISTA DE 2° GRAU CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO

No prédio dos Irmãos Maristas funciona a Escola Cenecista de 2° Grau Conselheiro Antônio Prado, fundada em 1968 sob o nome de Colégio Comercial, fruto de um movimento conjugado da comunidade, liderado pelo então Prefeito Luiz Baggio. Através da portaria de reorganização n° 23.281, de 28.12.1977, da Secretaria de Educação e Cultura, recebeu a denominação atual. Para sua manutenção, foi criada a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, cujo primeiro presidente foi o sr. Domingos Antônio Grazziotin, no período e 1968 a 1970.

O primeiro Diretor da Escola foi o sr. Valner José Borges, tendo como secretário o sr. Clodoveu Fortuna e professores: Irmão Arduíno Zancan, Irmã Hilda Halfelz, Irmã Graciosa Vicenzi, Rosa Maria Guerra, Dr. Clóvis José Mânica, Nelson Giulian e Álvaro Antônio Cesa. O corpo discente em 1968 era de 41 alunos. O Colégio foi autorizado a funcionar pela Portaria n° 5110/68CEE e reconhecido pela Portaria n° 10.536/71, Parecer n° 55/71 – CEE.

Na presidência da CNEC estiveram ainda o Dr. Olímpio Dotti Filho(1970-1975), Prof. Vítor Luiz Tonin (1975-1977) e atualmente (1979) o sr.Júlio Zaniol. Na direção da Escola, ao sr. Valner José Borges sucederam: Rosa Maria Guerra, Vunibaldo Teodoro Esser e Vítor Luiz Tonin.

Em 1975 a Escola implantou a reforma de 2° Grau com as habilitações de Contabilidade e Auxiliar de Escritório. Em 1976 conseguiu-se a aprovação de mais a habilitação ao Magistério de 1ª à 4ª série do

ensino do 1° grau. O Colégio já formou 124 alunos. Conta hoje com 340 alunos e 29 professores, sendo a única escola de 2? grau do município.

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ULISSES CABRAL

A Escola Estadual de 1° Grau Professor Ulisses Cabral, que durante quase meio século levou a denominação de Grupo Escolar Prof. Ulisses Cabral, o primeiro Grupo Escolar do Município, foi criado durante a administração do Intendente Caetano Reginato, em 25.2.1926, pelo Decreto n?3618/26, tendo o seu funcionamento iniciado em 29.4.1926, sob a direção do Prof. José Fialho de Vargas. Funcionava a princípio em prédio alugado sito no lugar onde mais tarde se ergueu o Hospital Dr. Oswaldo Hampe, passando mais tarde para um prédio do local da Biblioteca Municipal, a seguir para o prédio da Churrascaria Aver, hoje de propriedade do Banco do Brasil S. A. e finalmente para o prédio atual, na rua General Moura, que foi inaugurado em 7.9.1942, sendo Interventor do Estado o Gal. Osvaldo Cordeiro de Farias e Secretário de Educação e Saúde o Dr. José Coelho de Sousa.

Por Decreto de 21.11.1938, recebeu a denominação de Grupo Escolar Prof. Ulisses Cabral, em homenagem ao Prof. Ulisses José da Costa Cabral, nascido em Porto Alegre em 24.9.1885, fundador do Ateneu Brasileiro, importante estabelecimento de ensino na época, e mais tarde vice-diretor do Ginásio Júlio de Castilhos. O nome foi sugestão do então diretor do estabelecimento prof. Alfredo Valdomiro Fischer. O 1° diretor contou com os prof. Florêncio José da Silva, Madalena Meneguzzo e Adolfina Wisintainer.

Em 23.9.1939 foi solenemente entronizado na escola o Crucifixo, sendo diretora a prof. Maria José Fonini Hampe. Em 1971 o prédio foi ampliado e em 1977 foi construído mais um pavilhão, que aumentou o número de salas de aula de 8 para 12. Até 1976 a escola atendia o pré-escolar e o 1° Grau da 1° à 5ª série. Em 19.5.1975, encaminhado pela

Prof. Vanda Rodrigues Grazziotin, mediante o deputado estadual Jarbas Lima, foi dirigido ao Governador Sinval Guazzelli um pedido assinado por mais de 500 pessoas, solicitando a instalação do Curso Fundamental da 1ª à 8ª série, tendo sido implantada a 6ª série em 1977, a 7ª em 1978 e a 8ª a partir de 1979.

Atualmente, esta Unidade Escolar conta com 530 alunos, distribuídos em 22 classes, atendidos por 51 professores. Por Decreto n° 28314 de 16-2-1979, passou a chamar-se Escola Estadual de 1° Grau Professor Ulisses Cabral. Eis a relação dos diretores do Estabelecimento, desde a sua criação: José Fialho de Vargas (1926-1938), Alfredo Waldomiro Fischer (1938-1939), Maria José Fonini Hampe (1939-1940), Norma da Cunha Grazziotin (1940-1942), Noelcia Marcantônio Bocchese (1943-1954), Eny Varela Correa (1954-1955) Vanda Rodrigues Grazziotin (1955-1956), Therezinha M.P.Andrade (1956), Lucilla Dotti (1956-1957), Helga E.N. De Bastiani (1958-1959), Gelci Rosa M.Hardt (1959-1973), Nayr Terezinha Vazatta (1973-1975) e Rosa Maria Guerra (1975....).

APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) foi fundada em 1975, tendo como presidente o Dr. Clóvis Mânica; desde 1977 dirige o Instituto Educacional Santa Rita de Cássia (1, 5, 9, 15 – 16).

IMPRENSA

Denominava-se “O Pradense” o 1° jornal de Antônio Prado, fundado em 21.11.1916, por José M.Acauan e Alexandre Ramos, que mais tarde dirigiu o jornal caxiense “O Momento”. Acerca de “O Pradense” aquele semanário escreveu em 9.12.1944:

“Antônio Prado teve sua imprensa - um semanário que muito contribuiu para a difusão de nossa língua no meio colonial... Periódico que durante sua existência prestou relevantes serviços à coletividade deste

município.

Entre outros, figuravam como colaboradores e assíduos frequentadores das colunas de O PRADENSE, os professores José Fialho de Vargas, vigorosa pena; João Evangelista Saraiva, o comedido pregador de bons costumes e assuntos escolares; Vicente Palombini, o polemista arrebatado; Salatiel Pires, o telegrafista sempre bem humorado, fazia versos, escrevia prosa e já naquela época era conhecido como o homem de trocadilhos. De cachimbo à boca, vasto ventre, sempre sorridente, dava entrada na redação fazendo blague; José Michel Barros Cobra, de saudosa memória, se vivo fosse seria perigoso concorrente do Dr. Hildo da Costa Guilloux; poeta, prosador e advogado, alma boa, simples, apaixonado pelas letras; a seguir figura pela nossa memória cansada a figura do então gerente - José Acauan, filho de Bom Jesus, a gargalhar escandalosamente na redação do jornal, gargalhadas que só eram interrompidas quando chupava o amargo, sua bebida predileta. E o Nino Alexandre? Um dos tipógrafos, a dedilhar cantando para as moças bonitas a “Roseira sem galho”. Tempos bons aqueles! Antônio Prado era uma só família. Não havia concorrências, tricas políticas e outras coisitas mas, próprias dos lugares pequenos, Era um santuário orientado pelo saudoso Padre Benini, na parte religiosa, e pelo Cel. Inocêncio de Matos Miller, na parte política administrativa.

Em 28.10.1928 apareceu o 1° número do semanário A SENTINELLA”, sob a direção de Raul G. da Silva e Dr. José B.Ferreira (redator-chefe). O 1° número tinha por finalidade “prestar uma significativa homenagem ao vulto do ilustre clínico Dr. Oswaldo Hampe”. O jornal “A Sentinella” teve efêmera duração.

Em fevereiro de 1936, principiou a circular “A FAISCA” sob a direção de Wanderley Moraes, Luís Michelin, Dr. José Rigon e Laurindo S.Grazziotin. No mesmo ano apareceu “TAXINHA”, dirigido por Jabiru. Os dois semanários eram mimeografados e tinham por lema “o proveito público". Notícias locais, vida social, humorismo, literatura, páginas em língua italiana. O jornal, certa vez, chamava atenção da polícia contra o

costume dos irmãos Pereira de “aproveitarem-se das ocasiões em que o correio da linha Vacaria a Caxias faz diversas voltas para desembarcar seus passageiros, engaruparem-se na traseira ou nos estribos do carro para assim dar um passeio”.

PANORAMA PRADENSE, órgão da Sociedade Literária e Jornalística Pradense, fundado em 1.9.1971 por Carlos Beltrão Heller (diretor), Clodoveu Fortuna (tesoureiro), Floriano Molon (redator-chefe) e equipe de redação: Rosa Guerra, Hilva Ampessan, João Schio, Ubirajara de Oliveira, Josileu Bottini, Vunibaldo Esser, Sérgio Bellé, Ody Zanotto, Laureano Antônio Fortuna, Luiz Carlos Grazziotin, Sandra Citton, Leonel Pergher, Claudete Grazziotin Zanotto, Laurindo Bortolotto, Norma Nodari, José Clair Martins, Noreno Pellin, Eliete Furlin, Nilton Simioni, Osvaldo Petersen Filho, Hamilton Ramos, Stela Maria Furlin, Nivaldo Piazza, Vanderlei Grazziotin, Geraldo Rossi, Maria Helena Ziegler, Pedro Camozzato. Jornal mensal, a princípio impresso na Gráfica da Editora São Miguel de Caxias do Sul, atualmente, sob a direção do Dr. Clodoveu Fortuna, é impresso na Gráfica Leão, com primorosa apresentação, farto noticiário, abundante colaboração. Abordando todos os aspectos da vida de Antônio Prado, de Vila Ipê e da região, “Panorama Pradense" constitui legítimo orgulho da terra, como um dos melhores jornais do interior do Estado.

JORNAL DE ANTÔNIO PRADO de propriedade da Sociedade Cultural dos Amigos de Antônio Prado, foi fundado em março de 1974 pelo Dr. Telmo Marcantônio Cunha (diretor de produção), tendo como diretores de redação:

Rubem José Rotta, Corina Michelon Dotti, Dr. Perci Centenaro, Rosa Maria Guerra, Neusa Maria Alves De Boni, Zeli Biazus Chini e Olímpio Dotti. Corpo redacional: Adail Mário Lucena, Dr. Clóvis José Mânica, Dario Ascari, Ester Mânica, Genor Mussato, Huldo Cony Filho,

Inês Valiati Tonin, José Machado, Laura Guilloux Hampe, Maria Antônio Calliari, Maria de Lourdes Marcantônio da Cunha, Méris Antônio Mascarello, Manuel Cesário Bulcão de Azevedo, Nardelli Lucena, Nelson De Nardi, Nério Letti, Nicanor Letti, Telmo Cunha Zanini, Terezinha Mazzotti Panazzolo, Valdir Anziliero, Vitor Tonin e Zenor Bortolotto.

Jornal semanal, circulou até meados de 1975, havendo prestado relevante colaboração à cultura, à história, economia, agricultura e a todos os setores da vida de Antônio Prado e região, com farto noticiário, primorosa apresentação gráfica e esmerada redação, profusamente ilustrado, colaborando, sobretudo, para o brilhantismo das festividades comemorativas do centenário da colonização italiano no Rio Grande do Sul. Antônio Prado muito deve às brilhantes iniciativas promocionais deste vitorioso órgão da imprensa.

Antônio Prado tem orgulho de seus numerosos jornalistas, escritores e poetas, espalhados pelos recantos do Brasil. Entre outros lembramos: Frei Arcanjo Bizzotto (escritor e jornalista), atuou no Correio-Riograndense), Benito José Fattori (jornalista, escritor e poeta), Oscar Bertholdo (poeta várias vezes premiado), Celestino Narciso Dotti (fundador do “Eco Lagoense”, de Lagoa Vermelha, e ex-diretor da Rádio e TV Difusora, de Porto Alegre), Adelar Santo Vicenzi (ex-redator do Correio-Riograndense, colaborador de jornais e revista de Brasília, escritor e exímio professor da Universidade de Brasília), Clementino Dotti (atual diretor do Correio Rio-grandense, de Caxias do Sul), Dr. Ênio Chiesa (notável educador em São Paulo), Luiz A. Cadore (fecundo escritor), Enedina Chiesa Beltrame (poetisa), Telmo Cunha Zanini (redator dos jornais ZERO HORA, FOLHA DA MANHÃ, repórter da Rádio Guaíba), Gaudêncio Veronese (jornalista e escritor), Marcelino Rizzon (brilhante poeta), Maria de Lourdes Marcantônio da Cunha Zanini (fulgurante poetisa), Dr. Carlos Alberto Zanardi, diretor da Arauto Publicidade Ltda. e jornalista da Assessoria de Comunicação Social da Segurança Pública do RS (7-9).

SAÚDE

O serviço sanitário na Colônia de Antônio Prado inaugurou-se em 17.7.1889, quando o médico das Colônias, Dr. Matias de Campos Neller, nomeou o sr. Martino Tedoldi para enfermeiro dos imigrantes fundadores do município. A Inspetoria de Porto Alegre, atendendo às solicitações do enfermeiro, fornecia os medicamentos. Com o andar dos anos, as casas comerciais, por falta de farmácias, começaram a operar com uma série de medicamentos indispensáveis às famílias dos imigrantes.

Em 1906, a convite do 1° Intendente, Cel. Inocêncio de Matos Miller, estabeleceu-se na vila o farmacêutico italiano Vicente Palombini, que abriu a primeira farmácia, fazendo muitas vezes de médico prático de notável habilidade. A este benemérito pioneiro, o município deve numerosas e importantes iniciativas, não apenas no setor sanitário, mas também social, econômico e político.

A Farmácia Palombini & Cia Ltda. continua até hoje atendendo a população pradense, agora sob a responsabilidade do Dr. Marcos Palombini, neto do sr. Vicente, e aos cuidados médicos do Dr. Mário Antônio Bocchese.

A farmácia, durante mais de dois anos, contou com o apoio do Dr. João Palombini, médico italiano, irmão de Vicente, o qual a seguir se estabeleceu com farmácia em Vacaria, Flores da Cunha, Caxias, Palmeira das Missões e em outros municípios. Escreveu um livro, ainda inédito, sob o título de “Usos e Costumes do Rio Grande do Sul e suas riquezas naturais”. Em Antônio Prado promoveu coleta de pelegos para os soldados italianos. Pai de vários filhos, inclusive médicos, o Dr. João Palombini veio a falecer em10.6.1927, sendo sepultado no cemitério de Ana Rech.

Chegado em Antônio Prado, o sr. Vicente Palombini, em sua profissão de farmacêutico e médico prático, associou-se a outro farmacêutico e médico prático de extraordinária valia - o sr. Olímpio Dotti,

filho do pioneiro José Dotti. Durante toda a sua longa existência, ainda em pleno vigor, ainda em atividade profissional à frente de sua farmácia, a Farmácia Cesa, da qual é sócio e responsável, Olímpio Dotti nunca esmoreceu na labuta constante, ao lado do sr. Vicente Palombini e, a partir de 1916, do Dr. Oswaldo Hampe.

Fundador e presidente do Aero Clube de Antônio Prado, Vereador e Presidente da Câmara Municipal, Presidente do Clube Atlético Pradense durante 25 anos, candidato a deputado federal e duas vezes a deputado estadual, candidato a vice-prefeito, Juiz de Paz, fundador e presidente da Sociedade Pradense de Cultura, sempre presente em todas as iniciativas culturais, sociais, políticas e econômicas do município, Olímpio Dotti é sobretudo um abnegado e benemérito profissional da Medicina, ao qual os pradenses muito devem. Continua hoje à frente da Farmácia Cesa, fundada em 1950.

Em 1916 chegava o Dr. Oswaldo Hampe, para iniciar uma longa jornada de trabalho de mais de 60 anos, como exímio cirurgião, que passou a absorver as atividades médicas do município e de toda a região do Nordeste do Estado, fato de que se beneficiou Antônio Prado, que a partir de então principiou a atrair as atenções, transformando a cidade em concorrido centro médico, em destaque até hoje. Integrando-se na vida comunitária pradense, como líder em diversos setores, chegou a eleger-se deputado estadual. Sua dilatada e agitada vida profissional e política pode ser admirada através do seu livro de memórias “Reminiscências da Vida de um Cirurgião”, publicado pela Editora Globo em 1974 e prefaciado pelo Dr. Álvaro Barcelos Ferreira, então Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio G.do Sul, e que exerceu a profissão em Antônio Prado, onde, em 1928, contraiu matrimônio com Zulmira Grazziotin, filha do pioneiro Pelegrino.

Inicialmente, o Dr. Hampe trabalhou em colaboração com o sr. Vicente Palombini, proprietário da primeira farmácia e do primeiro hospital do município, contando ainda com a valiosa colaboração do sr. Olímpio Dotti, que sempre o acompanhava em todas as circunstâncias da

profissão. Em 1927, surgindo divergências entre o Dr. Hampe e Palombini, os serviços médicos foram descentralizados, surgindo dois grupos, que passaram a recebera contribuição de numerosos e abalizados médicos. O Dr. Oswaldo Hampe fundou então o seu hospital na casa do sr. José Dotti, e o sr. Vicente Palombini transformou sua pequena casa de saúde num amplo estabelecimento hospitalar, o qual por ter agora a assistência interna das Irmãs de São José, recebeu o nome de Hospital São José, fundado em 1.1.1928.

Com o grupo do Dr. Hampe trabalharam simultânea ou sucessivamente os médicos Dr. Álvaro Barcelos Ferreira, Dr. Argemiro Dorneles, Dr. Oswaldo Hampe Sobrinho, Dr. Lauro Hampe Mueller, Dr. Oscar Geyer, Dr. José Bruno Gonçalves, Dr. Breno Cardia Alves, Dr. José Foster Camboim e outros. O grupo do sr. Palombini contou com a colaboração de Dr. José Serafim Antunes, Dr. Mário Antônio Bocchese, Dr. César Ávila, Dr. Irineu Vasconcelos, Dr. José Antunes Filho, Dr. Daquir Duarte, Dr. Rolf Wolfenbuttel, Dr. Benito Rotta, Dr. Bruno Wahys, Dra. Miréia Simões Pires Wahys, Dr. Breno Winkler, Dr. Taufick Saadi, Dr. Telmo Marcantônio Cunha, Dr. Pedro Ruschel, Dr. Cássio Costa, Dr. Mário Costa, Dr. Antônio Dias Fernandes...

Anteriormente ao Dr. Palombini, em 1912, exerceu a Medicina em Antônio Prado o Dr. Otávio Giuriolo. Outros médicos: Dr. José Benoni, Dr.Afonso Bortoluzzi, Dr. Adalberto Cochlar, Dr. Rodolfo Meyer, Dr. Câmara. Médicos práticos: Alberto da Silva, coletor estadual, que possuía farmácia;

João Meneguzzo e Bortolin Bernardi; Fernando Rosa, que também tinha farmácia.

O Hospital São José, do sr. Vicente Palombini, em 1943 foi ampliado com a construção de um novo pavilhão, com aumento de 12 quartos e 24 leitos. Em 1950, estando a direção aos cuidados do Dr. José Serafim Antunes Filho e Dr. Mário Bocchese, surgindo um desentendimento entre o proprietário e as Irmãs de São José que trabalhavam no hospital, este foi vendido ao Dr. Mário Bocchese pela

soma de 1.200.000 cruzeiros, a mais vultosa transação comercial da época, incluindo a Farmácia Palombini de Vicente Palombini e Olípio Dotti.

Em 1957, a Mitra Diocesana, por intermédio do Pe. Antônio Galiotto, dinâmico e esclarecido Vigário da Paróquia, adquiriu, pela quantia de quatro milhões de cruzeiros o Hospital São José e o Hospital Dr. Oswaldo Hampe, de Nova Roma, ambos de propriedade do Dr. Mário Antônio Bocchese, que aplicou grande parte desta soma na fundação do Frigorífico Pradense.

Graças ao esforço dos Vigários Pe. Antônio Galiotto, Pe. Leonel Pergher e Pe. João Schio, o velho e obsoleto Hospital São José sofreu substancial transformação, assim no prédio como na parte relativa ao atendimento sanitário, sendo hoje o único hospital da cidade e um dos mais bem aparelhados de toda a região do Nordeste do Estado, continuando a tradição de atrair doentes de outros municípios, como acontecia nas décadas anteriores, quando dois hospitais funcionavam na sede do município e dois na vila de Nova Roma, perfazendo o número de quatro, alta expressão para um dos menores municípios gaúchos.

O Hospital encontra-se sob a direção técnica do Dr. Clóvis José Mânica, assessorado pelo Dr. Júlio Mânica e Dr. Paulo de Moraes Sasso.

O Posto de Saúde, fundado em 7.7.1954 e inaugurado em 30 de setembro do mesmo ano, com a presença do Governador Gal. Ernesto Dorneles, sendo Prefeito o sr. Vicente Palombini, funcionou durante anos em casa alugada, passando para o prédio próprio em 1962, sob o governo estadual do Eng. Leonel de Moura Brizola e municipal do prefeito Cláudio Bocchese. O 1° médico do Posto foi o Dr. Beno Winkler, seguido do Dr. Bruno Wahys, 1° médico nomeado em 9.8.1959, assessorado pela esposa Dr. Miréia Simões Pires Wahys. É seu médico chefe desde 1963 o Dr. Mário Antônio Bocchese, sendo administrador o sr. Leonardo A.Bocchese, visitadora sanitária Idalina Smiderle Ortigara e auxiliares Zilba Zulian e Natalino Tondo Viali.

O 1° médico nascido em Antônio Prado foi o Dr. Eduardo

Reginato, já falecido, seguido do Dr. Oswaldo Hampe Sobrinho, do Dr. Mário Antônio Bocchese, Dr. Nicanor Letti, Dr. Telmo Marcantônio Cunha, Dr. Franklin João Marcantônio da Cunha, Dr. João Antônio Letti, Dr. Francisco José Letti, Dr. Vicente Palombini Neto, Dr. Benito Rotta, Dr. Ronei Marcon, Dr.José Ignácio Bocchese, Dr. Armindo Cesa, Dra. Maria Celina Gezzana, Dr.Ari Mazzoti, Dra. Maria de Lourdes Mazzotti, Dr. Adelar Pegorini e outros.

O Dr. Oswaldo Hampe, após haver exercido a Medicina como excelente cirurgião durante cerca de 60 anos, mereceu o título de Cidadão Pradense em1974, vindo a falecer em 5.5.1977. Nasceu em São Jerônimo em 28.10.1891.

O Dr. Mário Antônio Bocchese nasceu em A.Prado em 1915. Esteve estudando com a Companhia de Jesus durante sete anos, abandonando a carreira religiosa e sacerdotal por motivo de saúde. Formou-se em Medicina em Porto Alegre em 1947. É filho do pioneiro Marcos Bocchese, proprietário do Hotel Riograndense. É irmão de Valdomiro, Cláudio, Antônio, Otacílio, Domingos Catulino, Luiz (no rio) Clóvis (Porto Alegre), Malvília Maria, Maria B.Guazzelli, Leovigildo, Vilma B.Palombini e Ruth Andreoni.

Dr. Telmo Marcantônio Cunha nasceu em 19.6.1924, filho do Dr. João Baptista Gonçalves da Cunha e de Luiza Marcantônio Cunha, formou-se em Porto Alegre em 1948, trabalhou em Silva Pais, Chapada, Antônio Prado, São Jerônimo, Charqueadas, Arroio dos Ratos, Butiá, Porto Alegre, outra vez Antônio Prado (1969) e atualmente Porto Alegre. É irmão do Dr. Franklin, médico obstetra e ginecologista, e da poetisa Maria de Lourdes Marcantônio Cunha Zanini, advogada, e dr. José Maria, funcionário da Secretaria da Fazenda. Casado com D.Genebra Nilza Bocchese da Cunha, filha do sr. Valdomiro Bocchese. Tem quatro filhos, todos com curso superior.

Dr. Clóvis José Mânica nasceu em 1.5.33. Professor e médico. Formou-se em Medicina em Porto Alegre em 1960. Trabalha em Antônio Prado desde1961. É casado com Dra. Ester Veraldi Mânica e filho de Júlio

Adolfo Mânica e Alzira Inês Fabrin Mânica. Dr. Júlio Augusto Mânica, irmão do Dr. Clóvis, nasceu em Porto Alegre em 22.7.1946. Formou-se em Medicina em Porto Alegre no ano de 1973. Dr. Paulo de Moraes Sasso nasceu em Santa Maria a 23.4.1937, filho de José Sasso Filho e Selva de Moraes Sasso. Formou-se em Medicina em Santa Maria em 1964. É casado com D.Scheila Maria Grisolina Sasso.

Dr. Nicanor Letti, médico chefe (1979-1981) do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina da URGS. Nasceu em A.Prado a 10.1.1932. Bacharelou-se em Medicina em Porto Alegre em 1956. Livre docente em 1961, estagiando em São Paulo, trabalhando em seguida em Botucatu. Em 1964 reassumiu o cargo na URGS, transferindo-se em 1969 para a cadeira de Otorrinolaringologia. Junto com o Dr. Rudolf Lang fundou a Sociedade Brasileira de Otologia, lançando revista e estruturando a disciplina na PUC. Em 1972, 73 e 74 estagiou nos Estados Unidos. Tem mais de 40 trabalhos publicados. Estudioso da História do RS e de Antônio Prado. É membro efetivo de CIPEL e das comissões de História da Faculdade de Medicina e atual presidente da Comissão Executiva da Residência Médica da Faculdade.

D.Cezira Deluchi Barrueco, a enfermeira de Antônio Prado, nasceu em10.4.1891 em A.Prado, filha dos pioneiros José e Helena Fregonese Deluchi. Filha única e órfã de mãe, foi educada pela madrinha Otília Marcantonio Della Giustina. Aos 23 anos casou com o uruguaio José Barrueco, que morre 15 meses após o casamento. Passou então a auxiliar o Dr. Oswaldo Hampe, como parteira e enfermeira dedicadíssima por mais de 50 anos. Seu nome está imortalizado numa rua de Antônio Prado. Seu filho, Dr. José Barrueco, advogado, foi Exator Federal em Flores da Cunha.

Outras enfermeiras pradenses que merecem registro são: Giuliana Camana, uma heroína, natural de Santana. Companheira e continuadora de D.Cezira, faleceu em 1975. Ester Alvise, parteira que pereceu afogada quando lavava roupa. Marieta Cipriani. Marica Ferreira, a parteira dos pobres. E mais as parteiras Stefanin e Virgínia. Enfermeiras Albino

Ferrarese e Amália Francescatto.

DENTISTAS — Os primeiros dentistas de A.Prado foram: Dra. Menthia Wortmano Pitta, Dr. Igino Junqueira Gil, Dr. Albérico Casacurta (durante 40 anos), José Rigon, Dr. Pedro Juchen (década de 1940), Dr. Pedro Noll (que faleceu em acidente de ônibus da empresa Gambatto entre Nova Roma e a cidade), Dr. Tibério Varisco (décadas de 40 a 60), Dr. Silvio Postalli (década de 30 até hoje), Dr. Domingos Varaschin (desde 1930), Dr. Olímpio Dotti Filho, Dr. Abrelino Faccioli, Dr. Marcos Palombini, (ex-prefeito de Vacaria), Dr. Domingos Antônio Grazziotin, Dra. Maria Angélica Grazziotin Rigon, Dra. Janete Corona Grazziotin, Dr. Silvio Rocco, Dr. Arnaldo Grazziotin, Dra. Jussara Ranzolin, Dra. Olga Dotti Cesa, Dr. Flávio Sangoi. A Dra. Maria Teresa Pegoraro, cirurgiã-dentista, encontra-se atualmente nos Estados Unidos, realizando estágio de estudos na Faculdade de Odontologia da Universidade de Indiana, com o patrocínio do programa “Companheiros das Américas”, Comitê do Rio Grande do Sul, sob a presidência do Dr. Gilberto Hanke.

Ao encerrar o capítulo da saúde, é forçoso registrar o nome de Romeu Michelon, o bom samaritano de Antônio Prado, que passa a vida cuidando dos doentes pobres, atendendo os moribundos, lavando e vestindo os defuntos com sua própria roupa, realizando o seu funeral por conta própria. Alma dos pobres, extremamente caridoso e humilde.

Outro registro merece a sra. Olga Bendo Longo, nascida em 1918, que se encontra acamada há cerca de 20 anos, pesando uns 300 quilos, sendo, pois, uma das pessoas mais gordas do mundo.

Entre os médicos filhos de pradenses, deve-se registrar o Dr. Sérgio Francisco Piola, filho do professor Maurício Piola. O Dr. Sérgio Piola é assessor categorizado do Ministério do Planejamento, destacado a desempenhar importantes missões no estrangeiro.

CASAS FUNERÁRIAS — Antigamente as famílias em geral fabricavam os ataúdes para os seus defuntos. Mas foram surgindo agentes

funerários, como Francisco Rigon, que depois se transferiu para Vacaria (Funerária Ghisolfi); Ângelo Rossi; Augusto Guerra; Guerino Bertelli; José Spiaci; Miguel Belatto; Valentim João Frizzo e Arlindo Frizzo. Atualmente existem as Casas Funerárias de Irineu Citton, Funerária São José de Gaudêncio Anziliero, fundada em 1978, e a Funerária Vizentino inaugurada em1959, com nova sede e capelas inauguradas em 1979.

COMÉRCIO

As primeiras casas comerciais surgiram no Passo do Simão, por iniciativa de Camilo Marcantônio e Vítor Bersani, os quais, juntamente com outros, serviam de intermediários entre a Comissão de Terras e os imigrantes, fornecendo víveres em troca de vales, até que se efetuasse a primeira colheita. Os dois primeiros comerciantes na sede foram Carlos Rotta e José Dotti, seguidos de Emílio e Giácomo Mondadori. Estes depois de um ano de permanência no Passo do Simão, transferiram-se para a sede da Colônia, onde abriram a terceira casa comercial. Os Irmãos Mondadori, auxiliados por Rômulo, filho de Emílio, transportavam seus produtos em nove cargueiros para São Sebastião do Caí, onde trocavam os produtos por sal, açúcar, café nos armazéns de Agusto e Carlos Trein. Para suprir a falta de troco, os Mondadori mandaram imprimir cédulas especiais com valores monetários, que datam de 1891. Traziam de um lado o valor da cédula e no outro: “Devo ao portador deste a quantia de 500 réis, por falta de troco. Colônia Antônio Prado” e no alto: “Mondadori Emílio & Irmão”. Os Irmãos Mondadori, em 1908, construíram a primeira casa comercial de alvenaria, hoje desocupada, de propriedade de Olímpio Zanella. São filhos de Giácomo: Humberto, José e Pedro.

A seguir viria se estabelecer na sede da Colônia a família de Valentino Grazziotin, cujos filhos, todos comerciantes, darão origem a uma série de firmas comerciais espalhadas pelo Estado, tendo à frente a

Comercial Grazziotin, de Passo Fundo, um dos grandes grupos econômicos do Sul do Brasil, com várias dezenas de filiais no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Tranquilo Grazziotin, gerente das Lojas Grazziotin, é neto de Ângelo Grazziotin e bisneto de Valentino. Gilson Grazziotin, vice-presidente da Comercial Grazziotin S.A., é em 1979 membro do Conselho Técnico Consultivo da Confederação Nacional dos Diretores Lojistas do Brasil.

Valentino Grazziotin, casado com Luiggia Poloni Grazziotin, chegou ao Rio Grande do Sul em 13.2.1879, ambos com 41 anos, estabelecendo-se em Antônio Prado na década de 1890, onde ele faleceu em 1908. O casal teve os filhos: Felice, Pelegrino, Luís, Domingos, João, Antônio, Santo, José, Francisco, Ângelo e Ângela.

De 1900 a 1922 Antônio Prado era o celeiro da região. Duas dezenas de fortes casas comerciais abasteciam os municípios da campanha gaúcha e parte de Santa Catarina. Eram de propriedade de:

Francisco Marcantônio, Luís Michelin, Eusébio Ferrarese, José Dotti, Antônio Ranzolin, Irmãos Rotta, Vitório Faccioli, José Grazziotin, Giácomo Mondadori, Pedro Faccio, Iluminato Prataviera, Narciso Barison, Orozimbo Zanotto, Marcos Bocchese, Stefano Letti, Santo Grazziotin, Domingos Grazziotin, Francisco Grazziotin, Pelegrino Grazziotin, Antônio Grazziotin, Cesa & Daros, José Fattori, Golin Irmãos, Luís Santi, José Grazziotin, Dante Paganella, Francisco Michelin, Pedro Zen, Domingos Caon, Ângelo Caon, Ângelo Barea, Domingos Donida, Saule Pagnoncelli e outros. Com a Revolução de 1923, o comércio decaiu, de sorte que na década de 1940 havia na sede apenas estas firmas: Irmãos Golin, José Cesa & Cia, Irmãos Bocchese, Amadeo Faccio, João R.Grazziotin, José Fattori, Dante Paganella, Viúva Domingos Grazziotin (desde 1917), Avelino Mazzotti (Nova Roma), Ricardo Bianchi, Pedro Bertholdo (Nova Roma), João Francisco Rodrigues (que adquiriu a casa comercial de Giácomo Mondadori.

AÇOUGUES — de Afonso Menegazzo, Canarin Michelin, José Lopes, Marcos Bocchese e Gregório Rotta.

Em 1979 funcionavam na cidade as seguintes firmas comerciais: Comercial Domingos Grazziotin, desde 1917; Comercial de Armarinhos Visentin, de Nicola Visentin, fundada em 1963; Comercial Irmãos Anghinoni(1960); Comercial Ernesto Marcon (1961): Casa Comercial de Victório Chiarello (1958); Loja Nadicler de Clair Pasa (1975); Armazém de Laticínios Feliz de Juvelino de Rossi (1976); Consertos de rádio e TV de Pedro Ciconetto (1969); Damiano Slongo & Cia Ltda., de Hermes Damiano e Roberto Slongo(1976); Armazém de Valdir Fernandes Lima (1971); Bezutti Verza Cia. Ltda., de Silvestre Bezutti e Wily Verza (1972); Cia. Agrícola Dotti de Raimundo Dotti (1978); Bar de Honório Dotti (1975); Loja de Calçados Madalozzo(1978); Loja de Calçados Nossa Senhora de Salete, de Iva de Sousa Felício(1975); Relojoaria Andreoli Ltda., de Cláudio Pires (1974); Loja de Aquilino Perosa (1970); Perosa Cia Ltda., de Marcelo Perosa (1965); Bar de Ricieri Francisco Andretta (1967); Loja de Aristides João Geremias (1978); Bar Nordeste de Celso João Batista Pasetto (1935); Loja de Inês Clementino Bocchese Grazziotin, de Joana Madalena Bocchese (1902); De Boni Berggio & Cia Ltda., de Lino Lauro. Leonora Baggio. José De Boni e Laurindo Baggio; Supermercado Pasetto, de Telmo, Celso e Álvaro Pasetto, inaugurado em15.12.1977; Bar e Armazém da Gruta, de Dorival Visentin (1977); Bar Susin, na Praça G.Dapoian; Bar da Estação Rodoviária de Mário Schiochet; Auto elétrica Pradense, de Furlin e Carlesso; Eugênio Barbieri (1971); Comercial Zanotto de Móveis Ltda. (1978); Comercial de Peças P/Automóveis, de Carlos Zulian Filho e Rutinez Zillioto; Loja de Calçados de Almelina Nicolussi; Minimercado e Borracharia de Zenor Comparin (1968); Loja de Ivalino Andreoli (1969); Postos de Gasolina; Posto Antônio Prado Ltda., de Clóvis Zulian, Mário Schiochet, Walner Borges e Valdomiro Turmina (1969); Posto São Judas Tadeu, de Cloé Domingos Golin Faccio (1943); Posto Ipiranga, de Mário Scapinelli & Filhos; Relojoaria De Boni; Armazém de Ernesto Carra; Distribuidora de Bebidas FAMÁ, de Falavigna; Bar de Ari Girotto; Oficina Mecânica Mário Scapinelli; Oficina Mecânica de Anselmo Rigon; Indústria e Comércio de Bebidas Cesa Ltda., distribuidora dos produtos “Serramalte” e “Pepsi-cola”; Oficina Chapeação Planalto, de Esílio Dezanetti e Lenor Marin; Oficina Mecânica de João Alves Pereira

(1975); Mecânica Pellin De Carli & Cia Ltda. (1975); Alécio Scopel Cia Ltda., Chapeação (1972); Vulcanizadora Sartori Ltda. (1964); Lancheria Sampaio de Nelson Castagna (1978). Em agosto de 1979foi inaugurada a grande Loja de Material de Construção e Ferragem BELTRAME, uma das maiores da região, com dois mil metros de área construída, no local da antiga casa Golin. Em 7.4.1979 foi inaugurada a grande Loja Alfred, sob a regência de Mari Lúcia Pavan.

Padarias: A primeira padaria de Antônio Prado foi fundada por José Dotti e Carlos Rotta Filho; Padaria de Guilherme Casaroto foi vendida em1920 a Ângelo Zulian; José Rech, Ernesto Rech, Assunta e Santina Rech; em1925, adquiriu a moradia de Alberto Mondadori, sendo então construída nova padaria, como nova sociedade; depois surgiu a firma dos Irmãos Rech a hoje Rech, Slongo & Cia, sob a gerência de Roberto Slongo. Por ocasião da mudança da casa, ocorreu um fato pitoresco: Uma terneira devorou todo o dinheiro de papel, que se encontrava numa gaveta sobre uma cama; estiveram a ponto de matar a terneira, na esperança de reaver o dinheiro. A Mercearia e Panificadora Mezzalira, de Severino Mezzalira, foi fundada em 1970.

Livraria Adilva e **Gráfica Leão** - A primeira tipografia de Antônio Prado surgiu na década de 1920, por iniciativa de Pedro Cesa em sociedade com Stimamiglio. Em 1955, Adiles Ampessan adquiriu a Tipografia Cesa e em 18.9.1968 fundava uma livraria, alterando a razão social com a fusão dos nomes Adiles e Hilda - ADILVA. Em 22.12.1970. Adiles morre repentinamente. Em setembro de 1973 a tipografia passa a denominar-se Gráfica Leão, mudando-se para a av. dos Imigrantes, sob a direção de Virgínio J.Bortolotto, vulgo Nilo, ex-diretor da tipografia e editora São Miguel de Caxias do Sul, empresário de larga experiência, que reestrutura a firma em moldes modernos, adquirindo máquina compositora Intertype, capaz de imprimir jornais e livros, em bicromias, tricomias e policromias. Vencendo dificuldades, construiu novo prédio na av. Castelo Branco para instalação da Livraria Adilva Ltda. e Gráfica Leão, com inauguração em 12.12.1977, sendo no gênero uma das melhores empresas de toda a região do Nordeste do Estado, legítimo orgulho da

terra pradense. Na Gráfica Leão imprime-se o jornal "Panorama Pradense", em primorosa apresentação, fundado em 1.8.1971. Na década de 1920, também funcionava a Livraria de Florêncio José da Silva.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, fundada em 30.5.1935, esteve com a 1ª diretoria assim: Domingos Grazziotin, José Golin, Atílio Valiera, Armindo Cesa, João Letti, Alcibíades Pezzi, Vicente Palombini, João Alfredo Kuhn, Horácio Letti, Jaques Grazziotin e Luís Antoniutti. Com intervalos de recesso, sempre marcou presença nos momentos em que era necessário, participando com destaque ainda nas Convenções Regionais e Congressos Estaduais. Cedeu lugar ao

CLUBE DE DIRETORES LOJISTAS, criado em 31.10.1973, tendo por Clube Padrinho o CDL de Caxias do Sul, da 4ª Delegacia Distrital. 1ª Diretoria: Saturnino F.Anghinoni, Eugênio Barbieri, Hilva Maria Ampessan (hoje Bortolotto), Ernesto Marcon, Valner José Borges, Dr. Itacir José Grezzana, Agostinho Pasuch, Lauro Baggio, Estêvão Borella, Nelson Giulian e Mário Schiochet. Fizeram uso da palavra na ocasião: Rui Angonese, do CDL de Caxias do Sul; Adelino Colombo, delegado do 4° distrito do RS, Dr. Paulo Welter, em nome do Prefeito Municipal e Dr. Valner José Borges, Presidente da Câmara de Vereadores. Estavam presentes: Vittorio Dotti, Prefeito Municipal; Afonso Ciotta, Vice-Prefeito; Waldemar Grazziotin, Presidente da Associação Comercial; Lino Celso Zaccani, Presidente do Sindicato Rural; Dr. Mário Bocchese, médico chefe do Posto de Saúde; Ernesto Flores da Silva Neto, gerente do Banco do Brasil e Clodoveu Fortuna, diretor do jornal "Panorama Pradense". A seguir o CDL teve na presidência: 1975, Eugênio Barbieri; 1977, Hilva M.Bortollo; 1978, Armindo Beltrame e 79, Telmo A.Pasetto.

HOTÉIS

Nas décadas de 1900 - 1920 Antônio Prado gozava a fama de

possuir os melhores hotéis de toda a região colonial italiana. Estavam então em funcionamento os hotéis: Hotel dos Viajantes, de João Tergolina, que foi o 1° hoteleiro pradense; Hotel Riograndense, de Marcos Bocchese; Hotel Brasil, de Pedro Gazola; Hotel Mayer, de Alberto Mayer; Hotel Grezzana, de Giácomo Grezzana; Hotel Citton, de Antônio Citton, Casa de Pasto Zapan, de João Zapan; Casa de Pasto Burato, de Olinto Burato; Hotel Fianco, de Marcelo Fianco, que depois se transferiu para Iraí, onde instalou um grande hotel; Pensão Casarotto, da Viúva Casarotto. Funcionavam ainda os botequins de: Carlos Marin, João Paganella Letti (Pensão Letti), Emílio Mondadori, Pedro Zen, Caetano Zanardi, Ângelo Rigon e Camozzato.

Riccieri Letti vendeu mais tarde o seu hotel para Joaquim Biazus, que passou a denominar-se Novo Hotel, tendo funcionado durante cerca de 25 anos. A família Aver, proprietária do Hotel Aver, transferiu-se para Caxias do Sul, onde continua a operar no ramo. O Hotel Riograndense passou para os filhos, os Irmãos Bocchese, no local onde hoje se ergue o Piemonte Hotel. Na década de 1930, ao lado da Igreja Matriz, alteava-se o Hotel Central de David e Cipriani, que, à semelhança do Hotel Riograndense, passou a gozar de fama pela especialidade dos pratos, excelência dos quartos, pontualidade de serviço e preços módicos.

No ano de 1914 os hotéis da vila apresentaram o seguinte movimento de forasteiros: Caixeiros-viajantes: 420; excursionistas: 33 homens, 20 mulheres e 8 crianças; transeuntes: 542 homens; 67 mulheres e 49 crianças; num total de 1.139 pessoas.

Nas décadas de 1960 - 1970: Hotel Pradense de Laurindo Fochezatto; Hotel Dotti, de Vitório Dotti; Restaurante do Clube União e Porão Restaurante de Pedro Magnabosco (desde 1965), além da Lancheria da Estação Rodoviária, de Mário Schiochet e outras.

PIEMONTE HOTEL, inaugurado em 10.11.1978, pelo Dr. Flávio Ioppi, Secretário de Turismo do Estado, que é filho ilustre de Antônio Prado, constitui legítimo orgulho do município, que o construiu numa epopeia de trabalho de mais de dez anos, com a participação dos últimos

Prefeitos, firmas comerciais locais e de outros municípios. Localizado no centro da cidade, possui 21 apartamentos modernos, amplos, confortáveis. Propriedade de "Antônio Prado Hotéis e Turismo S.A.", tem na gerência o sr. Roberto Zaccani e na direção o Dr. Leucir Carlos Zanotto e Júlio Zaniol. A Prefeitura é o principal acionista.

As obras, ao longo de dez anos, tiveram decisivo apoio do atual Prefeito, sr. Lino Celso Zaccani, assessorado pelo Dr. Leucir Zanotto e Júlio Zaniol, que não mediram esforços para levar a cabo o grandioso empreendimento. Mediante a cooperação do deputado Romeu Martinelli e do seu secretário Dr. Vanderlei Grazziotin, então secretário da Prefeitura Municipal, obteve-se, através da EMBRATUR e da FUNGETUR, um empréstimo do Banco Regional de Desenvolvimento BRDE, que tinha então na direção o Dr.Mauro Knijnik. Piemonte Hotel, mais conhecido por Hotel de Turismo, coloca Antônio Prado, no setor hoteleiro, à altura dos grandes centro urbanos, a cujos hotéis este nada fica devendo (1, 7, 15, 17).

FOTÓGRAFOS

É filho ilustre de Antônio Prado um dos mais conceituados fotógrafos do Brasil - JOSÉ MACAGNAN, proprietário do Real Color Laboratório Fotográfico, sucessor de Macagnan Color Prints, de Caxias do Sul, com filiais em Bento Gonçalves e em outras cidades, atendendo ainda a todos os Estados do Sul do Brasil, com uma rede de malotes e reembolso postal.

José Macagnan iniciou seu trabalho de fotógrafo em 1956, na cidade de Antônio Prado, com estúdio instalado junto ao antigo prédio do Banco do Brasil, av. dos Imigrantes. Naquele tempo trabalhava na cidade o colega Guerino De Bortoli. Transferindo-se para Caxias do Sul, principiou a trabalhar com fotografia a cores, dominando aos poucos, com paciência

e dedicação, a arte. Adquiriu máquinas impressoras e reveladoras modernas. Em setembro de 1976, participou de um curso de especialização em Zurich, na Suíça, a convite da firma Gretag. Em 1978 retornou à Suíça, acompanhado da filha Odete Maria, para outro curso de aperfeiçoamento, tendo ainda visitado na cidade de Colônia, na Alemanha, a Exposição Internacional FOTOKINA, de equipamentos fotográficos.

Hoje José Macagnan conta com uma equipe de 25 funcionários, loja de material fotográfico, cinco impressoras, três processadoras, duas reveladoras... É auxiliado pela esposa D.Ilda Polesso Macagnan, que lhe vem prestando importante colaboração. O casal tem cinco filhos: Odete Maria, 20 anos, cursando o 3° ano de Serviço Social da UCS; Gilmar, 19 anos, servindo no Exército; Wilson, 14 anos, estuda na 7ª série; Fernando, 10 anos, 5ª série, e Cláudia, 8 anos, 3ª série.

Outro fotógrafo pradense ilustre que se transferiu para Caxias foi o sr. Giácomo Geremia, fundador do célebre Foto Studio GEREMIA, que iniciou a profissão aqui no começo do século. Exerceram ainda a profissão em Antônio Prado os fotógrafos: Luís Angelini, Emílio Valmorbida, Ernesto Dotti, Egídio Bragaglia, José Barrueco, Rizzieri Letti, Guerino De Bortoli, Giovani Macarroni, Valdir Rosa, Bortolo Bernardi e José Bernardi. Este um dia praticou uma bela façanha em favor de um casal de noivos. Acontece que a noiva era excessivamente alta. O fotógrafo não hesitou: Abriu uma cova no seu quintal e colocou a noiva de pé, numa profundidade suficiente para igualar com a altura do noivo.

Atualmente exercem a profissão de fotógrafos em Antônio Prado: Henrique Macagnan e Júlia Tondello Bernardi na sede e Lino José Polesso em Nova Roma. As fotos que ilustram a presente obra são de autoria dos fotógrafos aqui relacionados. A eles a gratidão do autor (15).

COOPERATIVAS

Antônio Prado, município essencialmente agrícola, assinala-se pelo elevado número de suas cooperativas agrícolas, tendo surgido aqui a primeira Cooperativa Agrícola do Estado. Trata-se da Cooperativa Agrícola de Antônio Prado, fundada em 21.10.1911 pelo Dr. De Stefano Paternó, assessorado pelo Intendente Cel. Inocêncio de Matos Miller, Stefano Letti, João Grazziotin, José Dotti, Ricieri Tergolina, Pe. José Benini, Narciso Barison, Domingos Grazziotin e outros.

Esta Cooperativa trouxe extraordinário desenvolvimento para os agricultores, que desta maneira começaram de maneira decisiva a comercializar seus produtos agrícolas, pecuários e industriais. Funcionou regularmente durante mais de dez anos, decaindo em seguida, até que em 18.6.1924, falindo, sua vasta cantina foi vendida à firma José Cesa & Cia, de José e Afonso Cesa, que a incorporaram à sua poderosa empresa, fundada em 1915.

COOPERATIVA MISTA PRADENSE LIMITADA, fundada em 26.4.1935 como Sociedade de Produção Vitivinícola Pradense Ltda., por iniciativa de João Turmina (42 quotas), Germano Girotto (18), João Polli(30), João Pasa (30), Ermelindo Denale (15), Pedro Mondadori (12), Teodoro Salame (12), Ângelo Zulian (12), Francisco Carra (12), João Martello (21),Cipriano Frigotto (11), José Castagna (30), José Foschesatto (18), Natal Menegussi (13), Pedro Marin (18), Antônio Albarello (12), Isidoro Panisson(12), Ricardo Zanotto (14), Frederico Berboni (12), José Manera (12), Biaggio Gri (12) Antônio Garbin (18), Rocco Zambon (12), Viúva Josefina Marcilio(2), Benito Pontel (18), Carlos Pastori (12), Giácomo Rech (10), Constante Terribelle (9), Olivo Sabedot (11), Ermenegildo Brollo (12) e mais 213 associados com quotas menores.

Esta Cooperativa iniciou suas atividades com a aquisição dos bens móveis e imóveis da Cantina da SOCIEDADE BRASILEIRA DE VINHOS

(Scanzilli) mantida na cidade, onde hoje funciona a CANTINA TRIÂNGULO LTDA, que em 1951 adquiriu todos os Bens da Cooperativa, por ocasião de sua falência decretada em 1950. Foram diretores desta Cooperativa, entre outros: Ermelindo Denale, João Pasa, Germano Girotto, Pedro Mondadori. Inicialmente, a Cooperativa operava apenas com vinhos e a seguir, após a transformação em Mista, com outros produtos agrícolas, e fornecia aos associados sulfato, cal, insumos, café, açúcar, sal, pregos, arame...

CANTINA TRIÂNGULO LTDA, foi fundada em 1951 por Laurindo Zanotto (diretor-presidente desde a sua fundação), Laurindo Bianchi, Olímpio Zanotto, Armando Zanotto, Francisco Zanotto, José Lovatel, Alberto Carra, Ângelo Poltronieri, Ivanor Zanotto, Valmor Zanotto, Honorino De Rossi, Nini de Rossi, Antônio Valdir De Rossi e Zenor Bortolotto. Alguns destes sócios não são fundadores.

A Cantina industrializa anualmente cerca de 800 mil quilos de uva. Entretanto, nos últimos anos vem decaindo a entrega de uva dos associados, alguns dos quais procuram outros mercados mais vantajosos, uma vez que a procura de uva de mesa vem crescendo todos os anos. Por isso, a Cantina vem se ressentindo deste fato e está propensa a vendê-la, conforme nos declarou o diretor-presidente, sr. Laurindo Zanotto.

COOPERATIVA AGROPECUÁRIA PRADENSE LTDA. A ideia de fundação desta Cooperativa partiu do sr. Ernesto Flores da Silva Neto, gerente do Banco do Brasil, e do Pe. Leonel Pergher, Vigário da Paróquia. A fundação, realizada por Lino Celso Zaccani, atual Prefeito Municipal, resultou da transformação da Associação Rural, da qual ele era presidente desde longos anos.

Fundada em 20.1.1974, teve a sua 1ª Diretoria assim constituída: Lino Celso Zaccani, Afonso Marin, Luiz Ceron, José Zulian Sobrinho, Dionísio Carra, José Benini e José Francisco Brusamarello. Atual Diretoria: Luiz Baggio (presidente), Lino Celso Zaccani (vice), Luiz Ceron (secretário), suplentes: José Benini, Ivo Geraldo Camatti, José Zulian Sobrinho, Dionísio Carra, José Francisco Brusamarello e Oscar José Lodi;

contador: Mário Antônio Borges; diretor-comercial: Ivanor Zanotto.

O número de associados era de início de 376; atualmente são 820. A Cooperativa dispõe de enorme cantina de vinho comum, com uma fabricação atual de mais de três milhões de litros por ano. O vinho é exportado para São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e, sobretudo, Rio Grande do Sul.

Desde a sua fundação, a Cooperativa preocupa-se com o plantio de macieiras. Em 1977, foram comercializados pela Cooperativa cerca de 60 mil quilos de maçãs; em 1978: 220.000 kg; 1979, cerca de 150.000 kg. Em 1977 a maçã foi comercializada a 4,00 o quilo, e em 1978 a 3,50.

Em 1976, a Cooperativa comercializou 400 mil quilos de cebola; em 1977, 280 mil kg e em 1979, cerca de 800 mil quilos.

Era 1977, foram comercializados 34 mil sacos de trigo, no valor de750 mil cruzeiros; em1978, dois mil sacos no valor de 487 mil cruzeiros; em 1979, três mil sacos, no valor de 409 mil cruzeiros.

A Cooperativa opera ainda com outros produtos agrícolas, como soja, milho, feijão, alho... Possui grande estoque de mercadorias de uso e consumo dos associados. Através dela, os agricultores obtêm quanto necessitam para o desenvolvimento crescente de suas iniciativas no setor agrícola, vinícola, frutífero, pecuário...

Em 17.5.1975 foi solenemente inaugurado o Secador de Cereais numa área de 40 mil metros quadrados e de 842 m^2 de construída. Cortaram a fita inaugural o deputado Jarbas Lima, representante do Governador Sinval Guazzelli, e o sr. Lino Celso Zaccani, dinâmico presidente. Sua capacidade de secagem é de 8 toneladas por hora e a capacidade de armazenamento do silo é de .500 toneladas.

Em janeiro de 1978, a Cooperativa inaugurava sua cantina própria, obra que custou muito sacrifício e uma despesa de mais de três milhões de cruzeiros, mediante empréstimo do Banco do Brasil. A cantina tem uma capacidade de vinificar cerca de 2.500.000 quilos de uva por ano, quando

antes na Cantina Cesa a Cooperativa só podia receber 1.100.000 quilos (7, 8, 9,15)

INDÚSTRIA

As primeiras indústrias estabeleceram-se junto ao Passo do Simão, com engenhos de cana-de-açúcar, fabricando aguardente, rapadura e açúcar amarelo. A indústria da madeira esteve sempre vigorosa desde os primeiros dias da colonização, quando pinheiros e árvores de madeira-de-lei eram abatidos e rachados para construção de barracões e moradias. Município de prodigiosa riqueza florestal, sem um palmo de pastagens nativas, Antônio Prado foi sempre auto suficiente em madeira, que durante mais de meio século era exportada por balsas, carretas e caminhões. Nas décadas de 1910 e 1920 multiplicaram-se as serrarias. Em 1913, o município registrou uma produção de 5.980 dúzias de tábuas, elevando-se em 1916 para sete mil dúzias.

Em *1913,* a indústria pradense registrava o seguinte quadro estatístico: Banha, 523.500 quilos; queijo, 19.380; manteiga, 2.700; erva-mate, 120.300; mel, 17.384; farinha de trigo, 16.425; cera, 2.520; carne de porco, 124.638; salame, 38.980; presunto, 3.784; linho, 4.620; corda de linho, 1.890; ovos, 250.600 dúzias; vassouras, 324 dúzias, vinho, 694,500 medidas; graspa, 5.624 medidas; aguardente, 6.480; trança, 99.450 metros.

Uma das indústrias pioneiras de vulto são os moinhos hidráulicos, que e *1914* somavam 19, havendo ainda dois a vapor. Os principais foram de Giácomo Dambrós, Cesare Ghinzelli, Vitório Faccioli, Antônio Scotti, Eusébio Ferrarese, Pedro Faccio, Vicente Golin, Orosimbo Zanotto, Pedro Cesa, Pedro Zolet, Germano Girotto, Golin Irmãos.

Nas décadas de 1900 a 1920 havia os seguintes estabelecimentos

industriais:

Marcenarias de Napoleão Nodari & Irmãos; Ângelo Rossi, famoso escultor; Vicente Rodolfi; Irmãos Valmorbida, que também eram exímios escultores; fábrica de vassouras de Antônio Zanotto & Irmão; Produtos suínos de Giacomo Mondadori, Carlos Rotta, Antônio Zanotto, José Cesa (Cooperativa), Golin Irmãos; Oficinas Mecânicas de André Della Giustina, Atílio Fedumenti, Octávio Zaccani, Luís Antoniutti, José Da Poian, Domingos Bocchese (famoso fabricante de carretas): Antônio Citton, Luís Da Poian, Nazareno Stimamiglio. Funilarias de Albano Zambianco, João Zambianco, Germano Endrizzi, Tranqüilo Endrizzi (que um dia soldou um tostão grande para Antônio Ranzolin (que usava brinco numa orelha) e cobrou dois tostões); Iluminato Prataviera, Luís Destefani, Antônio Morsoletto; Luís Ortigara; Família Marcon; Atílio Beltrame; Augusto Pozzolo. Selarias de: João Marcon, João Lazzarini, Luís Grazziotin, Rizzieri Letti, Coetano Constanzi, Antônio Della Giustina, Napoleão Dalla Zen e Irmãos Golin. Ferrarias de: Nazario Stimamiglio, Andréa Della Giustina, Augusto Stimamiglio, Ludovico Marcon, Atílio Citton, Luís Da Poian, Giordano Scopel e João Bocchese. Alfaiatarias de: Gregório Marin, Pedro Calliari, Torquato Farioli, Pedro Da Poain, João Baggio, Antônio Baggio, Mário Calliari, Agostinho Vicenzi, Ricieri Tergolina, João Antoniutti, João Spadari Adami, Laurindo Tergolina, Altino Valmorbida, Atílio Baggio, Octacílio Da Poian. Sapatarias de: Marcos Bocchese, Pedro Gazola, João Rigon, Andrea Susin, Luís Menegazzo e Caetano Zanardi. Barbearias de: Torquato Farioli, Martins Ribas, Arlindo Valmorbida, João Adami, Porfírio Medeiros, Laurindo Grazziotin e Atílio Baggio. Costureiras: Luísa Stimamiglio Empinotti, Brigida Stimamiglio, Elisa Endrizzi, Luisa Michielin Bragaglia, Ildegonda Biazus Letti, Marieta Baggio e Isolina Nunes. Pintores: Ernesto Dotti e Martins Ribas. Escultores: Napoleão Nodari, José Nodari e Ângelo Rossi. Móveis: Napoleão Nodari, Antônio Valmorbida, Emílio Valmorbida e Ângelo Rossi. Carpinteiros: Augusto Guerra, Antônio Longo, Napoleão Nodari, Atílio Nodari, Máximo Empinotti, Vicente Rodolfi e Golin Irmãos. Chapelarias de: Teresa Baggio Valmorbida e Augusta Destefani. Fábricas de doces: João Andrin e Dona Frida. Pedreiros:

Giacomo De Grandi, Cristiano De Grandi, Amadeo De Grandi e Irmãos Buzzacaro. Torrefação de café: José Rigon e Golin Irmãos. Fábrica de cadeiras: Leonardo Coronetti e Zamboni. Fábrica de cerveja marca "Pomba": Luís Santi; Fábrica de cerveja marca "Zebu": José Grazziotin; fábrica de enxadas: Atílio Citton, Fábrica de bebidas: Pedro Mondadori.

Em 1914, existiam as indústrias: Nove alfaiatarias, 16 sapatarias, 2 chapelarias, 4 funilarias, 2 ourivesarias, 1 padaria, 12 ferrarias, 3 oficinas, 2 olarias, 7 curtumes, 7 selarias, 18 alambiques, 7 barbaquás, 4 cervejarias, 2 queijarias, 1 serraria hidráulica, 4 serrarias a vapor, 1 cordoaria de linho, 1 salsicharia, 19 moinhos hidráulicos, 2 moinhos a vapor, 2 fábricas de pólvora e foguetes, 1 vimeiro e 2 fábrica de móveis.

No interior, nas décadas de 1920 - 1950 funcionaram os moinhos de José Ghinzelli, Sebastião Furlin, Caetano Peretti, Benjamin Simioni, Antônio de Bortoli, Antônio Simonetto, David Bortolini, Dionísio Pasinatto, José Fazoli, José Longhi. As olarias de José Brusamarello & Irmãos, Família Cavalli, Otávio Zaccani. Na linha Amarílio a Fábrica de Carroças de Ângelo Golin Neto, de João Golin. Na sede instalavam-se agências de automóveis, tendo à frente a Agência Chevrolet de Luís Da Poian.

Em *1942,* havia no município 71 estabelecimentos industriais com 159 operários. Em 1955 a indústria apresentava a seguinte contribuição percentual das principais classes: Indústrias alimentares, 73,9%; Indústrias de bebidas,17,1%; Indústria de madeira, 5,5%. Nesse ano as principais indústrias do município eram: Pedro J.Bertoldo, Moinho do Nordeste Ltda., Cooperativa Mista Guararapes Ltda., Frigorífico Pradense Ltda., Cooperativa Mista Guararapes Ltda., Frigorífico Pradense Ltda., Moinhos Pradenses Golin Irmãos & Cia, Cantina Triângulo, Pedro Ditadi & David Dal Bello, Sociedade Vinícola Riograndense e Cantina Cesa. Em 1944 o Moinho de José e Ângelo Golin inaugurou novas instalações, com capacidade para moer 280 mil sacos de farinha por dia.

MOINHO DO NORDESTE LTDA foi fundado em 3.3.1946 por Valdomiro Bocchese e um grupo de amigos, perfazendo um total de 120 acionistas e um capital inicial de Cr$ 2.800,00, que em 1977 passou para

cinco milhões de cruzeiros e em 1979, quinze milhões. Atualmente conta com apenas oito acionistas, tendo em 1° lugar o sr. Valdomiro Bocchese com 89,55% do capital, isto é: Cr$ 13.432,500,00. Em 2° lugar a filha D.Genebra Nilza Bocchese Cunha, com 4,4% isto é: 606.000,00 cruzeiros. Os demais acionistas são: Abramo Valentino Grazziotin, Olímpio Dotti, América Marcantônio Letti, Guido Della Giustina, Zilba Verza da Rosa e Edy Verza Pegoraro. O edifício foi ampliado em 1961 e em 1978, possuindo uma capacidade de produção de 432 mil sacos de farinha por dia, devendo em 1979 industrializar um milhão de toneladas de trigo. Produz 1.440.000 quilos de farelo. Conta com 96 operários, 15 caminhões de transporte de mercadorias, que exporta para os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Em 1978 arrecadou de ICM Cr$ 2.579.850,86. É o maior moinho do interior do Estado e um dos maiores do Rio Grande do Sul. Em 1972 chefiavam os setores os funcionários: Ludwig Prechtl, Canarino Tiepo, Deomar Rotta, Adelar Walter Rotta, Leonardo Stedile, Mário Zaniol, Severino De Boni, Zenor Antônio Fialho. Em 1979: Contabilidade: Perci e Darci Centenaro; Vendas externas; João Bettoni; Vendas internas: Ary A. Alves; Pessoal: Nereu José De Boni; Tesouraria: Ilse Maria Guerra e Denise Bertelli, Faturamento: Geni Dalla Costa Andretta; Trigo-SUNAB: José Luiz Bonatto de Oliveira; Veículos e oficina mecânica; Odi Galvani; Técnicos moageiros: Vlademir Colossi e Ludwig Prechtl; Construções: José Pasa; Manutenção: Mário Zaniol; Produção: Valdemar De Boni; Recepção de matéria prima: Zenon Fialho; Expedição: Olinto Scudiero; Laboratorista; Ana Maria de Oliveira Ramos; Representante em Santa Catarina: Emílio Girardi; Centro Cultural Pradense Cine Nordeste: Valdemar De Boni; Agropecuária: Ciro De Boni e José Valter Galvani; Planejamento: Rubens Muratore Schmitz.

FRIGORÍFICO PRADENSE LTDA teve como idealizador o Pe. Ernesto Mânica, sendo seus fundadores: Waldemar Mansueto Grazziotin (Prefeito), Germano Bellan (diretor), Reinaldo Barison, Zulmiro Della Giustina, Luís Marcantônio Grezzana e outros. Iniciado em 1952, foi inaugurado em14.4.1953. Mais tarde, em 1957, o Dr. Mário Bocchese adquiriu a maior parte das ações, para em breve, passar a administração

ao sr. Valdomiro Bocchese, que impôs novo ritmo em sua produção. Em julho de 1973, foi vendido ao grupo Frigoríficos Bordon S.A., tendo na direção o sr. Alfeu Marcos Bocchese. Em janeiro de 1978 retornou à propriedade dos pradenses, na pessoa de Valdir Maurílio Ghinzelli e Vicente Basso, gerente comercial e gerente industrial, respectivamente. Em julho de 1979, Valdir Ghinzelli vendeu sua quota social a Vicente Basso, Nilva Basso e Luiz G.Falavigna. O Frigorífico abate atualmente cerca de 4 mil bovinos por mês e mil suínos. Possui 117 funcionários, dois caminhões boiadeiros, duas camionetas e dois automóveis. Produz salame, salamito, copa, linguiça, mortadela, produtos que são exportados para São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com um faturamento mensal de 14 milhões de cruzeiros. Em 1978 a arrecadação de ICM foi de Cr$ 9.053.586,00. Durante vários anos exportou para diversos países da Europa. Em 1972 exportava 50 toneladas de carne bovina por semana para a Holanda, Bélgica, França e outros países europeus. Dispunha então de uma frota de dez caminhões.

MADEPRADO S.A. fundada em 21.7.1973 por Alfeu Marcos Bocchese, Dr.Itacir José Grezzana e Iraci João Tonin, seus primeiros diretores, com a colaboração de outros capitalistas pradenses, iniciou suas atividades com um capital de 400 mil cruzeiros, passando em 1974 para um milhão, em 76 para 1.384 mil e 2.261.950 e, finalmente, em 1978, oito milhões e quinhentos mil cruzeiros. Fabricante de móveis modulados, em 1978 comercializou no valor de Cr$ 35.544.308,94, com a arrecadação de ICM de 2.974.102,66. Exporta para quase todos os Estados do Brasil, dispondo de caminhões próprios exporta para os Emirados Árabes Unidos e Venezuela através da Madezzatti, de Caxias do Sul. Em 1978 forneceu móveis para a Usina Internacional de Itaipu no valor de sete milhões e quinhentos mil cruzeiros. Diretor administrativo: Alfeu Marcos Bocchese, diretor comercial: Ody Antônio Zanotto; diretor industrial: Luiz Alberto Paviani; diretor financeiro: Clovis Zamboni; contador: Dr. José Augusto Stimamgilio e Clovis Zamboni; gerente de vendas: Gilso Tomasi; contramestre: Roberto Machado da Silveira; 125 operários.

JOSÉ CESA & CIA, fundada em 1915, por José Cesa (diretor

comercial) e Afonso Cesa (diretor técnico), fabricante dos afamados vinhos "Cesa", gozou durante cerca de 40 anos da preferência decidida dos consumidores brasileiros, com sua vasta produção de vinhos finos, vinho tinto, conhaque e aguardente, de absoluta pureza e qualidade insuperável, figurando entre as melhores e mais bem instaladas organizações do gênero no Estado e uma das empresas vinificadoras de maior relevo no Brasil. Autêntico orgulho da indústria gaúcha encerrou suas atividades em 1976.

KALIL SEBHE S.A., unidade da importante empresa do vestuário de Caxias do Sul, foi instalada aqui em 4.9.1978, sob a gerência de Vanderlei Pavan, conta com 130 operários, sendo 127 mulheres, devendo subir para 400. Mantém uma produção atual de três mil confecções por mês, sendo 80% exportadas para os Estados Unidos e Alemanha. Dispõe de 150 máquinas. Iniciou suas atividades nas antigas instalações da Veículos Autopeças. Em 7.4.1979 inaugurou a Loja Alfred.

Comércio e **Indústria de Tijolos São José Ltda.,** a mais antiga e importante olaria do município, fundada por Celso Zaccani, iniciou suas atividades no antigo Bairro Golin, fabricando tijolos a mão e depois a burro. Mudou várias vezes de lugar, encontrando-se atualmente a poucos quilômetros da cidade, na Linha Cavour. Esteve sob a direção de Manuel Zaccani, Otávio Zaccani, Lino e Otávio Zaccani e Irmãos Zaccani. Atualmente possui cinco sócios: Otávio José Zaccani Filho (gerente), Valner José Borges, José Borges, Álvaro Cesa, Agenor Contin, Sérgio Zaccani e Celso Zaccani. A produção atual é de 30 mil tijolos de seis furos, mensalmente, e 40 mil tijolos pequenos. Abastece Antônio Prado, Flores da Cunha, Vacaria e Caxias do Sul. O fundador, Celso Zaccani, veio da Itália com 30 anos, teve olaria em São Borja, Santa Rosa e Caxias. Quase todas as casas de alvenaria de Antônio Prado foram construídas com tijolos desta firma. Os filhos de Otávio José, Sérgio Celso (contador), Maria da Glória e Maria Aparecida são estudantes universitários.

Veículos e Autopeças Antônio Prado Ltda. - fábrica de trucks e caçambas, reforma de jamantas, posto autorizado Mercedes-Benz, tendo

como gerente e maior acionista o sr. Alfeu Marcos Bocchese, depois de servir por longos anos a comunidade local, transferiu-se para Carazinho, onde já tinha filial, em 1978, ficando aqui o escritório central, que a partir de 1980 será atendido pelo jovem Fernando Hampe Bocchese, estudante de Ciências Contábeis na UCS.

Carrocerias Prado Ltda. de Mário Antônio Schiochet, Clóvis Pedro Zulian, Valner José Borges, Waldemiro Turmina, firma fundada em 10.11.1974, fábrica carrocerias de madeira na média de 30 por mês, exportando para vários municípios; ocupa 18 operários, tendo na gerência o sr. Mário Schiochet e na contadoria: José Dotti, Beatriz Lourdes Ghinzelli e Francisco Carlos Scopel.

Perfilados Prado Ltda., indústria de aberturas de ferro, janelas, portas, grades, de Nelson Pasetto, João Batista Pasetto e Félix Pasetto, filhos de Antônio Pasetto Neto, que foi o fundador em 1974. Contador: Dr. Valner José Borges. O filho Claudir Pasetto é estudante de Engenharia na UCS.

Estofados e Serralheria Dezanetti de Carlos Dezanetti, fundada em 1978, tem como contador o Dr. Valner José Borges. Fabrica aberturas de ferro, janelas, portas, grades, estofamentos para veículos, salas, colchões, travesseiros...

Móveis Personalizado Ltda. de Dr. Lauriano Antônio Fortuna, Dr. Valdir Pelliccioli, Laurindo Tocchetto, João Tocchetto e Natalino Tocchetto, fundada em 1.7.1977, vai transferir-se para o Distrito Industrial, com área construída de 3.200 metros. Produção no valor superior a 500 mil cruzeiros por mês, com exportação para diversos Estados do Brasil, inclusive Ceará. Diretor comercial e administrativo: Dr. Valdir Pelliccioli. Contabilidade: Dr. Lauriano Fortuna e Jacinta Tocchetto.

Mecânica Pellin De Carli & Cia, em anexo Eletro Prado, serviço de alternadores, dínamos e motores de arranque, de Norte Pellin, Oscar De Carli, Marcos Pellin e Vicente Pellin, fundada em 1974; contabilidade: Escritório Fortuna, auxiliar: Ângela Pellin. Afirma encontra-se em projeto de

ampliação.

Madeireira Pradense de Olinto Zanotto, fundada em 1964, é a mais antiga da cidade. **Serraria de Osvaldo Pellin** e João Pellin, fundada em 1953, funciona no zona urbana. **Anselmo Rigon,** marcenaria, vidraçaria, portas, janelas, esquadrias, uma indústria pioneira. Representa, também, a Madezzatti.

Merece registro Emílio Valmorbida, vulgo Gregolin, marceneiro, artista de tanta capacidade, que foi convidado por Abramo Eberle a trabalhar na sua indústria em Caxias. Mas como Abramo lhe perguntasse se ele sabia fabricar puxador de osso, ofendeu-se e não aceitou o convite.

Entre os *engenheiros* pradenses, figuram: o Dr. Norberto Letti (Venezuela), Dr. Luiz Alberto Letti Morsoletto (Divinópolis), Dr. Hugo Grazziotin (Caxias do Sul), Dr. Pedro Jorge Grazziotin, Dr. Luiz Beltrame Dal Molin, Dr. Tranqüilo Rigo, Aldo Panazzolo, Dr. João Girelli.

O Distrito Industrial foi criado em 1978 pelo Prefeito Lino Celso Zaccani.

Existem na cidade dois Empreendimentos Imobiliários autorizados por lei municipal: Empreendimentos Imobiliários Panorâmico Ltda. (1978) e Loteamento São Luiz, do Expresso São Luís Ltda. (1979).

AGRICULTURA

Base da economia do município, a Agricultura absorve cerca de 80% das atividades da população Antônio-pradense, em que pese a hostilidade do seu solo, extremamente montanhoso e pedrento, tão impróprio às lides agrícolas. Em 1913 a produção agrícola apresentou o seguinte quadro estatístico: Milho, 135.500 sacos; feijão, 1.680; Batata, 3.422; trigo, 35.000; centeio, 250; aveia, 680; cevada, 557; amendoim, 1.120; alfafa, 153.700 quilos; vinho, 694.500 medidas. Em 1940: trigo,

1.742 toneladas; milho, 13.500 toneladas. Em 1948: trigo 3.309 toneladas, milho, 4.800 toneladas. Em 1956: trigo, 7.200 toneladas; uva, 6.000 toneladas; milho, 5.520 toneladas. Em1952: trigo, 200.000 sacos.

Nos primeiros anos, os agricultores enfrentavam sérias dificuldades para colocar seus produtos, pois a falta de transporte obstaculava a sua comercialização. Acontecia então, como ocorreu com um colono polonês, chegar à sede do município e tentar em vão trocar o milho por algum produto, resolvendo por fim espalhar o cereal pelas ruas. A praga dos gafanhotos liquidou inteiramente por várias vezes todas as plantações, respeitando apenas a batata doce. Numerosas safras de trigo foram igualmente destruídas por fortes geadas. Mas Antônio Prado, apesar de tudo, foi durante várias décadas um dos municípios de maior produção de trigo do Estado, possuindo por isso os maiores moinhos de farinha de trigo. Na II Festa Nacional do Trigo, realizada em Júlio de Castilhos, em 1952, Antônio Prado conquistou o 1° lugar em trigo em espiga, para lavoura não mecanizada. Em todas as exposições estaduais e nacionais Antônio Prado figurava com seus produtos agrícolas, levantando sempre numerosos prêmios. Na Feira de 1954, foram premiados 50 agricultores.

Atualmente o município baseia sua economia na produção e comercialização da uva e do vinho. A produção de uva nos últimos anos, em toneladas, foi a seguinte: 1949: 4.200; 1950: 6.800; 1951: 6.700; 1952: 6.700;1953: 7.200; 1954: 8.000; 1955: 7.600; 1960: 8.000; 64: 9.700; 70: 9.700; 71:12.600; 75: 19.000; 76: 19.000; 77: 21.000; 78: 22.600. Deve-se observar que a partir de 1960 começou a sair muita uva para fora do município, não sendo vinificada. Atualmente mais de 30% da uva é vendida em caixas e exportada para São Paulo e outros centros. Desta maneira, a produção de uva em 1979 ultrapassou a expressiva cifra de mais de 100 mil toneladas.

Nos últimos anos intensificou-se a cultura da cebola, com vigoroso reflexo na economia do município. Cultiva-se ainda o alho, o amendoim, a batata, o feijão, e especialmente o soja, desaparecendo quase inteiramente o trigo.

A agricultura pradense, nas últimas décadas, graças à eficiente colaboração das Cooperativas, Associação Rural, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ASCAR e EMATER, como também do clero, evoluiu de maneira surpreendente, com extraordinárias vantagens para os agricultores, hoje bem instalados em modernas moradias, todas beneficiadas com a eletrificação rural.

A ASCAR e agora a EMATER, com Clubes 4 - S, com cursos para dirigentes de comunidade rurais, Inspetoria Veterinária e Paróquia, vêm proporcionando valiosos ensinamentos. Um exemplo: Daniel Antônio Suzin, sócio do Clube 4 - S da Linha Amarílio, em 1974 conquistou o título de campeão estadual em produtividade de milho, havendo concorrido com 13 regiões; obteve 12 mil quilos por hectare (200 sacos), dez vezes superior à média no Estado. Em julho de 1974, o campeão pradense foi recebido pelo Governador do Estado Cel. Euclides Triches e Ministro da Agricultura. O Escritório da ASCAR foi instalado em 1964 e a incorporação da EMATER em 14.3.1977. Seu atual presidente é o eng. agrônomo Rodolfo Tácito Ferreira. Outros engenheiros agrônomos que estiveram a serviço destas repartições foram, entre outros: Renato Pettersen, Bento Pires Dias, José Clair Martins, José Portelinha, Nelson Anziliero, Célio Cantuária, Roger Bustillo.

Ocupou as manchetes dos jornais, repercutiu pelo Brasil e atraiu a Antônio Prado caravanas de deputados, o célebre episódio de 1948, quando o deputado Luiz Compagnoni denunciou que trinta mil toneladas de trigo jaziam abandonadas e apodrecendo por falta de comercialização.

Marília Aparecida Scalcon, agente de Extensão em Economia Doméstica da ASCAR, mereceu Portaria de Louvor do Prefeito Valdomiro Bocchese.

Hugo Jácomo Mondadori foi durante mais de 30 anos (1945-1978), Chefe do Posto de Análises de Vinhos e Derivados; filho do industrialista Pedro Mondadori, nasceu em Antônio Prado em 23.2.1920, casado com D. Julieta Michelon Mondadori, pai de Rejane Mondadori Forest, casada com Valdir Forest, madeireiro e pecuarista em Vacaria, e de Ronal Mondadori,

casado com Maria de Fátima Grazziotin Mondadori. Foi Vice-Prefeito na gestão do sr. Luiz Baggio, havendo assumido o cargo interinamente, foi Vereador reeleito.

ASSOCIAÇÃO RURAL foi fundada em 10.3.1939, com a seguinte Diretoria: Luís Golin (Presidente), Oscar Cesa (1° vice), Domingos Caon (2° vice), Dr. Homero Paim de Andrade (1° secr.), Antônio Sassi (2° secret.), João Letti (1° tesour.), Afonso Cesa (2° tesour.); Conselho Fiscal: Francisco Marcantônio, Ângelo Golin, José Cesa, Livino Ravanello, Atílio Beltrame e Natal Colombo. Em 1973 foi transformada em Cooperativa.

A Dra. Rosinha Peroni Mesquita, engenharia-agrônoma, filha de Paulo e Erna Peroni, casada com o médico Dr. Antônio Mesquita, atualmente em Porto Alegre, foi durante 6 anos funcionária do Ministério da Agricultura no município de Alenquer, no Pará, em cargo de chefia. O Dr. Narciso Barison Neto, filho de Reinaldo Barison, trabalha em Vacaria (7, 8, 15).

FRUTICULTURA

Antônio Prado foi sempre um município de fruticultura, em virtude das excelentes condições propícias de solo e clima. O 1° Intendente Cel. Inocêncio de Matos Miller, em seu relatório de 1913, trazia o seguinte quadro estatístico de árvores frutíferas: 68.941 videiras; 6.836 laranjeiras; 1.065 macieiras; 1.450 nespereiras; 629 nogueiras; 1.200 pereiras; 990 amoreiras; 46 oliveiras; 968 bergamoteiras; 974 ameixeiras; 9.982 pessegueiros; 590 limoeiros; 7.422 marmeleiros...

Na década de *1970,* à imitação de Vacaria, Antônio Prado despertou para a manicultura, tendo à frente o sr. Ernesto Flores da Silva Neto, gerente do Banco do Brasil, o atual Prefeito Lino Celso Zaccani, o Pe. João Schio, a Cooperativa Agrícola Pradense, o Sindicato dos

Trabalhadores Rurais. Surgiu daí o Projeto Integrado de Fruticultura (Vacaria e Antônio Prado). Organizaram-se visitas aos pomares de Fraiburgo. O Banco do Brasil ofereceu financiamento. E com a assistência de técnicas deu-se o início ao plantio de macieiras de origem francesa. Alguns agricultores aderiram ao movimento, obtendo excelentes resultados com as primeiras safras. Atraídos pelo exemplo dos pioneiros, outros abraçaram a cultura de sorte que em 1979 existem mais de cem cultores de macieiras, cuja fruta é em geral comercializada pela própria Cooperativa.

Eis a relação dos pioneiros da cultura da maçã:

Santana: Antônio Benetti, Antônio Fantin, Pedro Fantin Sobrinho, Francisco Zanin, Olímpio Favretto, João Camatti, Ivo Camatti, Domingos Riva, Guilherme Foralosso, Viúva Teresinha Sabedot, Valdomiro Marin, Olívio Camatti; Nova Roma: Luiz Donadel, Domingos Turchetto, José Comin, Adelino Comin, Vva. Ermelinda Sartori, Domingos Camatti, Luiz Bett, Ernesto Tonin, Valdomiro Marin, Hilário Cagnin, Fiorentino Vezzaro, Francisco Kriger, Tranqüilo Caon, Francisco Kloss, Evaristo Testolin, Marcos Testolin, Santo Isidoro: Deoclides Zanotto, Vilmar Zanotto, Dorvalino Denale, José De Rossi, Sérgio Michelotto, Odolino Michelotto, Antônio Michelotto, Alcides Michelotto, Rodolfo Zolet, Arcângelo Bernardi, Eliseu Ciotta, Dionísio Ciotta, Olívio Faraon, Pedro Brusamarello, Pedro Martello: São Pedro: Avelino Borsoi, Marcelino Pastore, Sílvio Pastore; Sede: Mário Borges, Roberto Zaccani, Luiz Zulian, Valner Borges; Linha Cavour: Nilson Zanotto, Laurindo Susin, Francisco Anghinoni, Raimundo Piazza, Melzi Michelotto; Linha Guerra: Tranqüilo Pontel, Artísio Scolaro, José Pontel, Otacílio Lilipini e Félix Scolaro.

No município numerosos agricultores cultivam o tunge, sendo sócios da Cooperativa dos Produtores de Tunge “Paulo Monteiro de Barros”, de Caxias do Sul (7, 8, 15).

AGÊNCIAS BANCÁRIAS

Antônio Prado, na década de 1920, com seu intenso comércio, que na região do Nordeste do Estado era superado por apenas Caxias, contou com cinco agências bancárias operando simultaneamente, a saber:

Banco Pelotense, instalado em 28.6.1915, funcionou até dezembro de1930, sempre sob a correspondência do sr. Domingos Grazziotin.

Banco da Província, que tinha como agente o sr. Pedro Cesa Sobrinho.

Banco Popular do Rio Grande do Sul, agente o sr. José Cesa.

Banco Porto-Alegrense, agente o sr. Mário Zanella Grazziotin.

Banco do Comércio.

BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S.A. começou a funcionar em 1930 como um anexo da Coletoria Estadual, sendo o Coletor, o sr. Pedro Ranzolin, o seu 1° agente. Em 1931, o Banco foi desligado da Coletoria, passando a gerência ao sr. Pedro Cesa Sobrinho, na qualidade de "correspondente particular". Em outubro de 1943 ocupou o cargo de gerente o sr. Virgílio Tocchetto, bancário de carreira, que permaneceu na gerência até agosto de 1948, sendo substituído pelo sr. Rubem José Rotta. A seguir a gerência do banco esteve a cargo de Esterino Lunardi, Fábio Fonseca de Azambuja, Italgani José Kieling Falceta, Romeu Maraschin e, atualmente, desde 1979: Luiz Fernando Cassal.

Os demais funcionários do Banco em 1979 são: Amantino Christiano Faganello (subgerente), Alcides Barp (tesoureiro), Luiz Antônio Grazziotin e Paulo Fernando Grazziotin (conferentes), Valdesir Francisco Carra e João Carlos Magero (caixas); Auxiliares de Escrita: Ieda Genoveva Tonin Paviani, Zenir Fins Eliete Teresinha Furlin Rizzon, Zulmiro Antônio Ghinzelli, Luís Ildefonso Bellan, Paulo Ernesto Faccio, Paulo Roberto Golin, Olita Carra, Áurea Linck Marques, Ana Maria Mandelli, Ana Maria

Zaccani, Rosane Goretti Galvani; Pessoal de Portaria: Flávio Luiz Plachi, Raimundo Vizentino Tereza Lúcia Dalla Zen Nodari.

BANCO DO BRASIL S.A. foi solenemente inaugurado em 28.7.1968, com a presença do Dr. Nestor Jost, Presidente do Banco do Brasil, do Dr. José Antônio de Mendonça Filho, Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, do Dr. Antônio Carlos Silveira Abboto, Chefe do CTRIN do Dr.Sinval Guazzelli, Diretor da Caixa Econômica Estadual, sr. Luiz Baggio, Prefeito Municipal, do Deputado Estadual Dr. Paulo Brossard de Sousa Pinto. O Pe. Leonel Pergher, Vigário da Paróquia, procedeu à bênção das novas instalações. A seguir discursou o sr. Luiz Gonzaga Lopes, 1° gerente da nova agência. Em nome da comunidade local falou o Dr. Hildo da Costa Guilloux. O Dr. Nestor Jost, antes de proceder ao corte da fita inaugural, fez uso da palavra. A seguir foi servido um coquetel nas dependências da agência e ao meio-dia, almoço na residência do sr. Valdomiro Bocchese, um dos grandes promotores da instalação do Banco em Antônio Prado.

No dia 14.8.1976, com a presença do sr. Daniel Faraco, Diretor da 7ª Região do Banco do Brasil S.A. e do sr. Alcides Benetti Covolo, Gerente Operacional, foi solenemente inaugurado o prédio próprio da agência local, havendo cortado a fita simbólica o sr. Vittorio Dotti, Prefeito Municipal, e o sr. Valdomiro Bocchese, tendo o Pe. Leonel Pergher procedido à bênção das novas instalações, ocasião em que fez uso da palavra, para enaltecer o trabalho do então gerente, sr. Ernesto Flores da Silva Neto. Em nome do Poder Executivo, discursou o sr. José Paulo Welter, Secretário da Prefeitura, e, por fim, o sr. Ernesto Flores.

A agência esteve sob a direção de Luiz Gonzaga Lopes (1968-1971), seguido de Nestor Streb (1971-1973), Ernesto Flores da Silva Neto (11.6.1973- 29.1.1979) e Alceu Machado Polvora (desde 30.1.1979).

Atualmente trabalham na agência os funcionários: Roberto Wayss, gerente-adjunto; Adail Mário Lucena e José Eurico Grazziotin, supervisores; Irineo Rizzon, Neimar Bordin e Roque Benini, auxiliares de Supervisão; José Celso Zaccani, auxiliar de Cadastro; Ialmar Pio

Scheinder, Josmar Antônio Michelon, Luiz Carlos de Souza Piccini, fiscais do Setop; Joaninha Conceição Brandelli Scopel, Valdir Gaviraghi e Valmor Zandonai, Caixas-Executivos; Ascânio Antônio Sartori, Atílio Antônio Citton, Carlos Alberto Turmina, Carlos Fernando Garcia da Silva, Carlos De Nardi, Deusa Zardo Fin, Diana Maria Oselame, Elson Dotti, Fernando Assis Rotta, Geno Luiz Rigon, Gilmar Antônio Michelon, Gilson Rigoni, Gladis Bernardete Amado Marini, Helena Maria Castagna Visentin, Iracy Bettoni, José Antônio Seferin, José Carlos Dotti, Maria da Glória Silvestrin, Maria Lúcia Tosi Michelon, Marlene Rigon, Neiva Frare, Nilo da Gama Lobo, Noelci Pellin, Paulo Roberto Andrighetti, Roberto André Spellmeier, Silvino Bisinella e Maria Bernadete Hexel Schiochet.

Além destas duas poderosas agências bancárias, a população antonio-pradense tem na vila Ipê, a seis quilômetros da cidade, uma agência da Caixa Econômica Estadual (1976) e outra do Banco Brasileiro de Descontos -BRADESCO, inaugurada em 7.6.1979.

Em novembro de 1978 a comunidade pradense ofereceu um Jantar de Gratidão, organizado pelo CDL, ao sr. Ernesto Flores da Silva Neto, gerente do Banco do Brasil, ao sr. Romeu Maraschin, gerente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, ambos transferidos para Lagoa Vermelha, e ao subgerente do Banco do Brasil sr. Jordão Calegari, igualmente transferido. Era uma homenagem de gratidão pelos trabalhos relevantes prestados à comunidade pelos três incansáveis dirigentes bancários, que receberam um cartão de prata, enquanto suas esposas foram mimoseadas com um ramalhete de flores. O jantar realizou-se no Clube União, a cargo de Armindo Beltrame e Francisco Anghinoni (9, 15).

VIDA SOCIAL

Inicialmente, passemos a palavra ao historiador João Spadari Adami, que nos fala das “bandas de música” “Santa Cecília” e

"Independente", regidas pelos competentes maestros Pedro Calliari e Victor Fedumenti; do cinema "Familiar", de José Antoniutti, da Sociedade Italiano Vittorio Emanoele, do Clube União, o qual realizava festas inesquecíveis, que, apesar de, no início de sua vida, não possuir sede própria, nas festas que levou a efeito, tanto no salão-plateia do citado cinema como no salão nobre da Intendência Municipal, proporcionou aos seus associados e exmas. famílias todo o conforto possível da época, em cujas festas eram servidos café e bebidas no próprio salão de baile, em bandejas, pois não se usavam mesinhas ainda no local onde se realizavam os bailes, naquele tempo".

Adami nos fala também dos "piqueniques que foram realizados tanto nos arredores da vila como no Capão do Bugre e no Capão da Erva, sitos à entrada dos campos de Vacaria, pelos clubes União e Gaúcho, igualmente inesquecíveis para os que tiveram a ventura de assisti-los... As suntuosas festas em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da paróquia de Antônio Prado.

De todas as festas que tivemos a ventura de assistir - prossegue o historiador - na hoje florescente cidade de Antônio Prado, a que mais ficou gravada em nossa memória foi a festa de "Maria Bambina", realizada a 8.9.1915, da qual foi Imperatriz-Festeira a jovem Etelvina Lauter de Castro (Morena), organizada com todos os requisitos próprios à veneração de Nossa Senhora Menina.

Para a referida cerimônia religiosa, houve tríduo três noites antes do dia da festa e nestes quatro dias houve leilão e quermesse. Para a quermesse, principalmente, foram erigidas artísticas tendas e organizados grupos de quermessistas, com trajes característicos as quais não davam folga aos Romeus ao lado de suas amadas Julietas, na oferta de objetos para presentes. Muitas são as que possuem ainda daqueles presentes ofertados pelos seus namorados ou admiradores.

A Imperatriz-Festeira, de elegante porte, com traje de cetim cor-de-rosa, mandado confeccionar em Taquari, sua terra natal, para ser usado na missa e respectiva procissão em louvor a Maria Bambina, cuja imagem,

deitada em seu berço celestial, colocado no andor magnificente, foi carregada por uma plêiade de jovens pradenses, também trajadas a rigor, em homenagem àquela cerimônia ainda ímpar...

Muito poderíamos falar a respeito daquele Antônio Prado romântico, das serenatas, dos jogos de prenda, dos bailes em casa de aniversariantes. Principalmente sobre os bailes realizados nas residências do Intendente Inocêncio de Matos Miller e de José Victor de Castro, nas quais havia piano, que as suas respectivas prendas, Glória e Morena, executavam magistralmente.

As serenatas eram feitas tanto com canto acompanhado de violão, como por orquestra, nas quais os namorados depositavam, na fachada da casa da sua eleita, geralmente no peitoril de uma janela, um ramalhete acompanhado de um bilhete, no qual muitas vezes se lia: “Será prova que me amas, se fores à igreja ou ao cinema com este molhozinho de flores ao peito”.

O CLUBE UNIÃO foi fundado em 30.7.1911, na casa do sr. Ernesto Dotti, por: Carlos Rotta, Luís Marcantônio, Antônio Bocchese, Ricieri Tergolina, Ricieri Letti, Camilo Marcantônio, Manuel Claro de Lima, César Dotti, João Empinotti, Pedro Da Poian, Amadeo Faccio, Oscar Ziegler, Pedro Grazziotin, Vitório Manfron, Dante Mondadori, Domingos Legnaghi, Umberto Mondadori, Olinto Andrin, Ângelo Rigon, Otaviano dos Santos Gama Carlos Ziegler, Augusto Dal Cortivo, João Brolhi, Manuel Soares Zaccani, Lúcio Compagnoni, Alberto Mayer, José Fialho de Vargas, Vicente Palombini, Manuel Eurico de Oliveira, Atílio Citton, Guido Andreoni, José Paim de Andrade Filho e Leonel Mosselle.

Do dia da fundação até o jubileu de ouro em 1961, o Clube União teve os seguintes presidentes:

Carlos Rotta, Antônio Bocchese, Virgílio Faccioli, João Evangelista de Andrade Saraiva, Guerino Grazziotin, Vicente Palombini, Laurindo Paim Sobrinho, José Vítor de Castro (construção do edifício do Clube 1921-1923), Domingos Grazziotin Sobrinho, Vicente Palombini, Guerino

Grazziotin, Luís Marcantônio Grezzana, Alcebíades Pezzi, João Letti, Atílio Valliera, Máximo Letti, Afonso Cesa, João Golin, Arlindo Valmórbida, Laurindo Grazziotin, João Alfredo Kuhn, Tem. Argeu Gonçalves de Morais (Jubileu de Prata -1936-1937). Remígio Nodari, João Andognini, João Grazziotin, Waldemar Mansueto Grazziotin, Matias Claro de Lima, Otacílio Bocchese, Lourenço Golin, Adelar Arcádio Letti, Dr. Hildo da Costa Guilloux, Oscar José Cesa, Horácio Letti, Clodoveu Golin, Catulino Domingos Bocchese, Lourenço Golin, Afonso Cesa, Vicente Golin, José João De Boni, Valdomiro Bocchese e Zulmir Della Giustina (Jubileu de Ouro - 1961).

A construção do novo prédio foi iniciada em 1968, na gestão do presidente Raimundo P.Zanon. A antiga sede, inaugurada em 1923, com respectivo terreno, localizados em frente da atual, foi vendida em agosto de 1979 pelo preço de Cr$ 962.000,00 para Celso Pasetto.

A diretoria do Clube neste ano de 1979 está assim constituída: Saturnino Francisco Anghinoni (pres.), Zulmiro Bressan (vice), Eugênio Barbieri (2° vice), Nelson Piazza (secret.), Júlio Zaniol (2° secret.), Lauro Baggio (tes.), Adair Lucena e Valdir Pelliccioli, diretores sociais. O novo edifício do Clube, um dos mais belos do interior do Estado, foi construído em 1974 sob a direção de Saturnino Anghinoni, Eugênio Barbieri, José Campagnaro, Albino Bett e outros. Dispõe de restaurante.

Durante muitos anos o Clube União manteve cinema, sendo operador o sr. Calvino Palombini. Foi inaugurado em 26.12.1928, entrando a competir com o Cine-Familiar do Clube Gaúcho. Este, fundado em 14.7.1927, adquiriu a casa e o cinema Familiar de José Antoniutti, o 1° cinema de Antônio Prado, inaugurado por volta de 1912. Após o conflito de 25.5.1936, deixou de funcionar o cinema do Clube União, com a desistência do seu operador, Calvino Palombini, cujo pai, Vicente Palombini, fora preso para Porto Alegre.

A respeito dos cinemas, eis o que escreve Benito José Fattori: “O cinema foi reaberto. A Empresa do Cinema Central, de Caxias, montara imediatamente um cinema em Antônio Prado, na rua Almirante Gonçalves,

onde, antigamente, por muitos anos, era a sede do Grêmio Gaúcho, prédio muito apropriado para cinema, que haveria de merecer grande aceitação dos pradenses e onde seriam assistidos grandes filmes, até então desconhecidos. E denominou-se Cinema Pradense, obedecendo à gerência do sr. Bimbo.

Seis meses depois que fora levado a Porto Alegre, o sr. Vicente Palombini foi posto em liberdade e voltou a Antônio Prado. Isto fez com que o velho cinema União, instalado no Clube União, reabrisse suas portas. Com isto a cidade deu-se ao luxo de possuir dois cinemas, gozando a população de todas as prerrogativas da situação e os benefícios de uma titânica concorrência. Desde os locais para colocação de cartazes nos postes das ruas mais acessíveis ao público, ao bom gosto de confecção de programas a serem distribuídos à população, aos filmes a serem exibidos, notava-se grande interesse dos cinemas para colher a maior assistência sempre. Quem chegava primeiro colocava os cartazes nos postes das ruas. Por isso, na madrugada de domingo, já se movimentavam os funcionários. Chegou-se a colocar cartaz preso a corrente e cadeado. Certa noite o concorrente arrebentou todo o cartaz e colocou o seu no lugar. Era enfim uma guerra tremenda. E quanto aos filmes, a disputa era intensa. Lembramos o que aconteceu com o filme “A Mascote do Regimento”, da então menina Shyrlei Temple, prodígio da época e que o Cinema Pradense vinha anunciando com intensidade. E numa quarta-feira, para surpresa geral, o Cinema União colocou em cartaz o mesmo filme. Resultado: casa lotada para o União, colhendo a maior assistência da época, pois em cidade pequena a concorrência é fatal.

Funcionou nas décadas de 1940 - 1950 o Cinema Rex. Mais recentemente, o Cine Nordeste do sr. Valdomiro Bocchese, que dispunha de 385 poltronas estofadas. Tendo cerrado suas portas em dezembro de 1973, foi reaberto em 1974, e funciona no centro Cultural Pradense, no mesmo local.

A cidade contou com excelente movimento teatral do Grupo Teatral Pradense, encabeçado por Concetina R.Ranzolin, Adelaide

Grazziotin, Ernesta Lucena, Calvino Palombini, Olímpio Dotti, os quais nas décadas de 1930-1940 fizeram sucesso com seus apreciadíssimos espetáculos beneficentes.

A família Egídio Bragaglia, na década de 1930 encenou com extraordinário sucesso, no Cinema Familiar, a Paixão de Cristo, tendo dentre outros participantes: Arlindo Valmorbida, Alcebíades Pezzi, Olímpio Dotti, Ferrucio Morsoletto. Curiosidade: Acenado enforcamento de Judas teve que ser repetida, pois o gancho da corda não funcionou.

SOCIEDADE PRADENSE DE MÚTUO SOCORRO, fundada em 22.11.1911 com o nome de Sociedade Pradense de Mutuo Socorro Vitorio Emanoelle III, por um grupo de imigrantes italianos, teve durante a II Grande Guerra todos os seus documentos apreendidos pela Polícia, devendo alterar o nome pelo atual. A 1ª diretoria era constituída por Pedro Calliari, Vicente Palombini, Stefano Letti, Govanni Tergolina, Pedro Gazzola, Marcos Bocchese, Germano Endrizzi, Antônio Anghinoni, Eugênio Scotti, Antônio Grazziotin, Antônio Bocchese, João Grazziotin, Máximo Empinotti, Antônio Zanotto, Luís Santi e Pelegrini Grazziotin.

No período de 1938 a 1978 administração da Sociedade esteve a cargo de Pedro Calliari, Calvino Palombini, Mário Marcon, Lívio Baggio, Germano Girotto, Paulo Peroni, Vicente Palombini, Luís Aver, Silvino Postali, Osvaldo Pellin, Hodir Sain, Anselmo Rigon, Clóvis Zulian, Víctor Luiz Tonin, Flávio Citton e José Campagnaro. A atual Diretoria, eleita em janeiro de1978: José Campagnaro, Anselmo Antônio Rigon, Oldevir Chiarello, Osvaldo Pellin, Ivo Antônio Campagnaro, Victório Chiarello e Waldomiro Links Marques.

Logo após a fundação, a Sociedade adquiriu um prédio de alvenaria de dois andares, que adaptado para sede e hoje conservado como Patrimônio Histórico, por seu estilo de construção. Em 1967 a 1968 foi construído mais um pavilhão de alvenaria, que serve de salão de festas, com capacidade para 500 pessoas. Atualmente a Sociedade conta com

350 sócios, sendo 90% operários, por isso é conhecida como Sociedade Operária Pradense. Prestava socorro aos sócios em caso de doença e auxílio funeral, proporcionando ainda divertimentos aos seus associados. Hoje apenas proporciona diversões públicas, jogos carteados, bochas, snooker, e atende o serviço de bar e restaurante.

GRUPO DE TEATRO AMADOR - G.T.A.: Fundado em 21.1.1962, é uma sociedade civil com finalidade recreativa, cultural e desportiva. Possui uma sede social campestre própria, dotada com piscina, campo de esporte e área verde nativa, nas proximidade da Cidade, ponto de atração turística. Sua primeira Diretoria foi assim constituída: Presidentes de Honra: Prefeito Cláudio Polycarpo Bocchese e Pe. João Bosco Schio. Presidente; Dr. Olimpio Dotti Fo.; Vice, Hodyr Sain; Aldo Amaro Chini e Nereu De Boni, 1° e 2° Secretários; Álvaro Cesa e Alcides Barp, 1° e 2° Tesoureiros; Dr. Nério Letti, Orador. Departamento Cultural: Lucila Dotti e Rosa Maria Guerra. Departamento Social: Inocência Bernardi e Corina Michelon, Departamento Esportivo: Adyles Ampessan e Vitor B.Grazziotin, - Diretoria atual: Presidente, Álvaro A.Cesa; Vice, Valner J.Borges; Secretário, Inocência Bernardi; Tesoureiro, Vitor L.Tonin, Encarregados da Sede Campestre: Dr. Domingos A.Grazziotin e Lauro Baggio. Departamento Social: Laura G. Hampe e Dra.Scheila G. Sasso. O quadro social é composto de 26 associados.

CASCATA CAMPO CLUBE: — Fundado em 11.1.1971, é uma entidade civil com finalidade recreativa, cultural e desportiva, possuindo um quadro social de mais de 70 associados. Tem sede campestre própria, num dos mais belos locais do município, distando 4 km da cidade nas proximidades da Capela de Santa Libera, também ponto de atração turística. Em 1972 iniciou a construção de uma piscina, ainda não concluída. Sua primeira Diretoria esteve assim constituída: Presidente, Alfeu Marcos Bocchese; Vice, Waldemar M.Grazziotin, Secretário, João Betoni; Diretor Social; Ody A. Zanotto; Diretor da Comissão de Obras:

Leonardo Bocchese. O Presidente atual é o sr. Mário Golin Faccio.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "CANCELA DO IMIGRANTE" foi fundado em 29.6.1959 por iniciativa de Lola Paim Della Giustina, Olga Michelin Teixeira, Edith Rodrigues Golin e Vanda Rodrigues Grazziotin, com a decisiva colaboração de Osmar Rodrigues, Percy Guerreiro, Francisco Broglio, a prenda Alba Rocha.

A primeira Diretoria esteve assim constituída: Protásio Duarte Guazzelli (patrão), Dr. Vitório Manuel Ferreira (capataz), Norte Guerra (1° sota-capataz), Alfeu Bocchese (2° sota-capataz), Abramo V.Grazziotin (1° agregado das pilchas), Jairo Guazzelli (2° agregado das pilchas); Conselho de Vaqueanos: Waldemar Mansueto Grazziotin, Valdomiro Bocchese, Zulmiro Della Giustina, Normélio Paim, Oscar Cesa, Olímpio Dotti, Lourenço Golin, Paulo Peroni, Gremano Welter e Reinaldo Barison; Posteiro da Invernada das Falas, Dr. Vitório M.Ferreira; Posteiras da Invernada Artística, Vanda Rodrigues Grazziotin e Lola Paim Della Giustina; Posteiro da Invernada Campeira, Jairo Guazzelli; Bibliotecárias, Olga M.Teixeira e Edith Golin; Posteiro da Invernada de Divulgação, Adyles Ampessan. Primeira Prenda, Hilva Maria Salamon, que no 3° Rodeio de Vacaria, conquistou o título de "A mais prendada prenda", classificando-se ainda em 2° lugar em concurso de declamação.

Por lei n° 390, de 25.9.1959 o CTG pública do Imigrante foi declarado de utilidade pública pelo Prefeito Waldemar M.Grazziotin.

O Centro teve os seguintes patrões: Protásio Guazzelli (1959-1963), sendo Waldemar M.Grazziotin interino de março a maio de 1959; Oscar Cesa (1963-1967); Erony Castilhos dos Santos (1969-1970); Erico Escobar (1971-1976); Hélio Nunes da Fonseca (1977-1978) e Leonardo Bocchese (1978) atual, que tem como sota-capataz José Farlei Paim Barbosa, tendo realizado o 1° Rodeio Interestadual, sob a coordenação das prof. Neusa Welter Bocchese e Vanda Rodrigues Grazziotin, com o apoio da Prefeitura Municipal, cujo titular, o dinâmico sr. Lino Celso Zaccani, construiu o Parque do Galpão um tempo recorde, rodeio que surpreendeu a todos os visitantes e aos próprios pradenses. O certame

realizou-se de 8 a 10 de dezembro de 1978.

O CTG Cancela do Imigrante, que vem realizando brilhantes apresentações om várias estações de rádio e TV da Capital, orgulha-se sobretudo do seu quadro de declamação mirim, com a garota Marlise Macagnan, detentora de quatro prêmios com o 1° lugar nos rodeios de A.Prado, Caxias do Sul, Lagoa Vermelha e André da Rocha; Delci Lopes Pelliccioli, premiada três vezes com o 1° lugar, seguindo-se os declamadores Luís Carlos de Araújo, Rosa Mariano e José Marcos Paim.

GRUTA NOSSA SENHORA DE LOURDES - situada junto à cidade, num morro de 820 metros de altitude com capela em furna natural, toda enfeitada de luxuriante vegetação, regada por fonte do água cristalina, tendo nas proximidades um vasto salão de festas de 45 X 45 metros, inaugurado em outubro de 1979, durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário, constitui um ponto expressivo de atração religiosa, turística e social. Construída em 1929 pela população local, sob a liderança de José Da Poian, Mário Grazziotin, Laurindo Grazziotin, Horácio Letti, Luís Golin, Calvino Palombini e Amílcar Pezzi, a Gruta antes situada mais no alto do morro, sob os cuidados da Paróquia, que também construiu o novo salão de festas, graças ao dinamismo do Pe. João Bosco Luiz Schio e do coadjutor Pe. Nivaldo Piazza.

A tradicional Festa de Nossa Senhora de Lourdes, celebrada na Gruta todos os anos no mês de fevereiro, constitui uma das maiores atrações populares do município. Em 1972, contou com a presença de dois Bispos, D.Orlando Dotti e D.Luiz Colussi, então secretário de CNBB. Uma centena de ex-votos atesta a fé do povo na milagrosa devoção à Santíssima Virgem de Lourdes.

Eis como a poetisa Maria de Lourdes Marcantônio da Cunha Zanini cantou a Minha Gruta: “Nem todos têm uma gruta que fica longe, lá longe, num lugarejo bonito, em meio a alta serra, cercada de morros verdinhos, tão verdes, tais como as ondas do mar. Foi a gruta o meu cenário de infância, minha delícia de outrora, representava meu Mundo, quase minha era, até meu nome tinha. Como me lembro das festas que lá

na gruta havia, com muita banda de música, com tanta comida gostosa, com barracas coloridas, com jogos inocentes, com nossa alegria espontânea da ingênua adolescência. Gruta, linda lembrança de então, dos passeios prolongados, dos namoricos, dos piqueniques, da água bebida na fonte, da santa olhando pra nós. Ainda te guardo na mente, em dias de procissão, quando te engalanavas, no mês de fevereiro, para levares alegria, para encheres de sol, fazendo nossos corações vibrarem contigo, ter esperança, acreditar, sonhar..." (setembro de 1972).

Todas as Capelas do interior possuem o seu vasto salão de festa, onde a comunidade se reúne para confraternizar, churrasquear, dançar, jogar, divertindo-se alegremente, nos domingos, nos sábados, festas e feriados, enquanto à tarde a mocidade vibra nos estádios de futebol.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL, fundada em 25.11.1969, no Bairro Planalto, esteve com a 1ª Diretoria assim constituída:

Adail Mário Lucena, Iracy Bettoni, José Eurico Grazziotin, Arjan Carlos Tagliari e Renato José Rossi. Diretoria atual (1979): Conselho Deliberativo: Valdir Gaviraghi, José Eurico Grazziotin, Irineu Rizzon, Roque Benini, Helena Maria Castagna Vizentin. Conselho Fiscal: Joaninha Conceição Brandelli Scopel, Silvino Bisinella e Gilmar Antônio Michelon. Conselho de Administração: Adail Mário Lucena, Iracy Bettoni, Geno Luiz Rigon, Carlos De Nardi, Neimar Bordin, Carlos Alberto Turmina, Josmar Antônio Mihelon e Noelci Pellin.

LIONS CLUBE — fundado em 13.5.1977, pelo Centro de Caxias do Sul - L- 22*;* conta com os membros fundadores:

Armindo Beltrame, Augusto Zilinski, Cláudio Giulian, Dr. Clóvis José Mânica, Clóvis Zamboni, Eugênio Barbieri, Huldo Cabral Cony Filho, Dr.Júlio A.Mânica, Júlio Zaniol, José E.Grazziotin, Dr. Leucir Carlos Zanotto, Lino Celso Zaccani, Ody Antônio Zanotto, Otacílio T.Beltrame. Dr. Olímpio Alves de Moraes, Saturnino F.Anghinoni, Dr. Valdir Pelliccioli, Villi Verza, Dr. Vanderlei Grazziotin, Virgínio Nilo Bortolotto, Vitor Luiz Tonin, 1°

Presidente, Dr. Leucir Carlos Zanotto; 2° Pres. Dr. Olímpio Alves de Moraes; 3° (1979), Vitor Luiz Tonin.

MAÇONARIA, no começo do século existia na sede do município a loja maçônica "Triângulo", sob a orientação de Pasqual Mangieri e João Müller Carpes. Semanalmente, os maçons reuniam-se num local fora da vila, onde hoje se encontra o aeroporto, então conhecido por Morro dos Magos (Monte dei Maghi). O sr. Pasqual Mangieri era napolitano, partidário de José Garibaldi, do qual possuía exposta na sala-de-estar uma grande fotografia, ostentando barrete vermelho (1, 6-9, 15).

ESPORTES

Antes da implantação do futebol, inaugurado em 1919, os pradenses vibravam com as competições de corridas a pé, natação, carreiradas. Merece registro o 1° rei de pedestre realizado durante os festejos das comemorações do 17° aniversário da criação do município e que ocupou as páginas do 1° jornal da terra "O Pradense", recentemente fundado, em 21.11.1916, por José M. Acauã e Alexandre Ramos.

Na tarde do dia 19.11.1916, verificava-se grande afluência de povo na rua da Paz, defronte ao Hotel dos Viajantes. O local estava ornamentado com um belo arco de folhagens e profusão de bandeirolas, que davam um agradável aspecto, estando ali postada a banda local, que fazia ouvir alegres trechos. O local da saída foi da capela São Luís (Vila Ipê), sita à distância de sete km, no 4° distrito de Vacaria.

Às cinco horas da tarde apontou com delirantes aclamações do povo o primeiro dos bravos "raidmans", chegando os demais sucessivamente, com intervalo de poucos minutos uns dos outros. O resultado foi o seguinte: 1° Alcibíades Pezzi, empregou 29 minutos e 35

segundos; 2° Olímpio Ferrarese,23 e 43; 3° Afonso Menegazzo, 24 e 18; 4° Luís Bocchese, 28 e 41; 5° João Adami, 27 e 27; 6° Arlindo Valmorbida, 33 e 16; 7° João Antoniutti, 29 e 25; 8° Carlos Marin, 25 e 38; 9° Afonso Bertuol, desclassificado; 10° Domingos Bocchese, desclassificado; 11° Pedro Ranzolin, 23 e 40; 12° Antônio Crestani, 25 e 20; e Faustino Sbravatti, 24 minutos e 8 segundos.

Os vencedores; 1° Prêmio, medalha de ouro: Pedro Ranzolin, 2° Prêmio, medalha de prata: Olímpio Ferrarese. 3° prêmio, medalha de bronze: Faustino Sbravatti. Os vencedores foram muito cumprimentados, sendo-lhes colocadas, pelo juiz da chegada, sr. Vicente Palombini, as merecidas condecorações e ofertado pelas gentis senhoritas Donas Alzira e Glória Miller, Berna Hornos, Lelé Paim Silva, Cezira Delucchi e Lili Ziegler, mimoso ramalhete de flores naturais.

Em seguida foram ainda os vencedores conduzidos em triunfo pelas ruas, precedidos pela banda musical, tendo no cortejo tomado parte as pessoas mais gradas da nossa sociedade. Orou nesta ocasião, cumprimentando os raidmans, em nome do chefe do Executivo Municipal e do povo, o advogado Dr. José Michel. À noite realizou-se ainda uma suntuosa ceia, entre os sócios do raid, regada a finos líquidos, tendo sido convidadas para a mesma as autoridades locais".

A primeira tentativa da implantação do futebol, realizada por iniciativa de Augusto Dalcurtivo, em 1912, resultou infrutífera. Mas no dia 6.6.1919 era fundado o 1° clube de futebol, o glorioso "Esporte Clube Pradense", por iniciativa dos fundadores: Agostinho Santi (1° Presidente), Atílio Valiera, Licurgo de Oliveira, João Adami, Alberto Provenzani, Olímpio Ferrarese, Vítor Fedumenti Filho, João Letti, João Grazziotin Sobrinho, Ângelo Letti, Afonso Tergolina, Olímpio Silva e outros. A primeira partida que o Pradense disputou foi contra um clube de Nova Trento, que saiu vencedor. O esportista mais dedicado ao clube é, sem dúvida, o sr. Olímpio Dotti, Presidente durante 25 anos.

Escreve o historiador Benito José Fattori: "O Clube Atlético Pradense, foi, desde a sua fundação em 6.6.1919, de muitas alegrias e

glórias para os pradenses. Mas é sobretudo nos anos de 1942 a 1945 que o Pradense viveu seus períodos mais intensos e conheceu alguns dos seus maiores astros, muitos dos quais haveriam de brilhar em outros municípios e na Capital do Estado.

Na época este esporte era incentivado pelo sr. Lourenço Golin, incansável batalhador, que nunca mediu esforços para fazer do futebol pradense um dos melhores da região. As cores verde e branca do Pradense muito se assemelhavam às do Juventude de Caxias do Sul. Os jogadores de destaque eram então: Nelson Golin, Laurindo Marcon (Batata), Alcino Grazziotin, Plínio Letti, o goleiro Hélio Fontana, o Hélio II, Aquiles Ampessano, Hugo Mondadori, os irmãos Irineu e Adelar Marcon (que haveria de brilhar no Juventude de Caxias do Sul), Clodoveu e Lourenço Golin, Gino e Benito Fattori, Mário Bocchese (o Valter), Dionísio Faccio, Aparício Faccio, Afonso Faccio, José Montanari (o Tarzan, goleiro de belo estilo), Waldemar M.Grazziotin (outra estrela que por muitos anos defendeu a meta do Pradense), Hugo Grazziotin e Turíbio Grazziotin (dois bons ponta-direita). A madrinha do C.A.Pradense na época era a srta. Anita Melo. O clube recebia visitas de coirmãos e excursionava a outras localidades, num belo intercâmbio social. Na época a chegada dos visitantes era recebida com espocar de foguetes e uma passeata pelas ruas da cidade. Em certas ocasiões era oferecido um baile aos jogadores visitantes."

Durante os anos de 1948 a 1950, Antônio Prado ficou praticamente sem futebol, por falta de gramado, que se encontrava em obras, sendo inaugurado o Estádio Municipal em 16.12.1951. Atualmente, em 1979, é Presidente do Clube Atlético Pradense o Dr. Itacir José Grezzana.

No passado, o Clube Atlético Pradense contou com a colaboração de atletas de renome. Destaque para: Borta Garay (Bortinha - ex Juventude de Caxias), treinador e atleta: Carlos Zabotti (que foi da Seleção catarinense) e Hodyr V. J. Sain, detentor do "Prêmio Belfort Duarte", atleta e também treinador.

Durante muitos anos e a partir de 1952, disputou o Regional e o Estadual de Amadores e, desde a presidência de Clóvis Zulian, a Divisão de Ascenso, como atualmente em 1979, na presidência do Dr. Itacir José Grezzana.

DELEGACIA DA FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE DE FUTEBOL: — A Delegacia da FRGF, foi instalada em 1952, sendo seu primeiro Delegado Waldemar M. Grazziotin (9 anos), seguindo-se Antônio Zulmiro Grazziotin, Felizardo Marques (13 anos), Ary Alves Paim, Aldo Amaro, dentre outros. Presentemente é representada por José Eurico Grazziotin e Melci José Marcilio.

O ESPORTE CLUBE CRUZEIRO foi fundado em 20.6.1970, por: Vitório Chiarello, Alcebíades Susin, Arlindo Frizzo, Dionísio Magero, Oldevir Chiarello, Odir Chiarello, Dorvalino Renosto, Zelindo Chiarello, Antônio Belaver, Valdir Aver, Vítor Marcolini, Normélio Pellin, Paulo Pellin, Valter Mezzalira, Antônio Belaver II e Nísio Maziero.

O E. C. Cruzeiro participou e continua a participar de todas as promoções esportivas locais e intermunicipais. Sua atual Diretoria: Vitório Chiarello, Valter Scopel, Pedro Camozzato, Zenor Bortolotto, Alcebíades Susin, Odir Chiarello e Walter Chiarello.

ESPORTE CLUBE SERRANO, fundado em 1924, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, dos Irmãos Maristas, teve durante longos anos atuante participação na vida esportiva e social da comunidade. Faziam parte do 1° time do clube os atletas: Alfredo Zanotto, Ângelo Grazziotin, Gomercindo Scopel, Luiz Bocchese, João Sassi, José Barison, Pompeu Calliari, Guilherme Grazziotin e outros. Na primeira disputa contra o Pradense, sendo juiz Atílio Valiera, sagrou-se vencedor pelo escore de 3 x 2.

CONSELHO MUNICIPAL DE DESPORTOS foi criado pela Lei Municipal n° 736, de 20.10.1971, na administração do Prefeito Valdomiro Bocchese. O conselho é constituído por cinco membros, dentre

destacados esportistas do município, nomeados pelo Prefeito, com aprovação da Câmara Municipal, com mandato, gratuito, de duração paralela ao do Prefeito. O 1° Conselho foi nomeado em 1972: Aldo Amaro Chini, Adail Mário Lucena, Valter Comiotto, Clóvis Zulian, Agostinho Pasuch e José Campagnaro (este como representante do 2° distrito). O Conselho promoveu, patrocinou e apoiou todas as atividades esportivas, tais como: Jogos de Primavera, torneios e campeonatos nas diversas modalidades de esporte, incentivando ainda a construção de campos de esporte do interior do município, na cidade e na vila de Nova Roma. Está em construção o Ginásio Municipal de Esportes, cuja inauguração pela Prefeitura está prevista para os 10° Jogos da Primavera no corrente ano de 1979. O atual Conselho é constituído pelos seguintes esportistas: Aldo Amaro Chini, José Luiz Bonatto de Oliveira, José Walter Galvani, Dr. Uldo Cabral Cony Filho e Zenor Bortolotto.

JOGOS DA PRIMAVERA, em 1969, graças ao trabalho comunitário idealizado e liderado pelo ex-Irmão Marista Prof. Arduíno Zancan, então Diretor da Escola Irmão Irineu, surgiram os Primeiros Jogos da Primavera, em 21.9.1969, sob a coordenação geral do referido educador; Departamento Social: Prof. Hilva Maria, Salomon Ampressan e Vanda Rodrigues Grazziotin; Departamento Esportivo: Aldo Maro Chini e Adail Mário Lucena. Foi eleita Rainha dos Primeiros Jogos a srta. Ivone Anghinoni, de Nova Roma, e princesas: Maria de Fátima Rodrigues Grazziotin e Vania Faoro. Em 1972 os Jogos ficaram a cargo do Conselho Municipal dos Desportos. Em 1978 realizaram-se os 9° Jogos da Primavera, sendo eleita Rainha Maria Clara Godinho Paim e Princesas: Maria Zulian e Denise Bertelli.

Em 26.8.1952 foi fundada a Sociedade Clube Rio Branco, cuja 1ª Diretoria estava assim constituída: Angelin Piva (Pres. honorário), José João Zanini (pres.), Luís Rubim Filho (vice), Norte Antônio Guerra (1° secret.), Olinto Burato (2° secret.), Felizardo Marques (1° tesour.), Moacir Montanari (2° tesour.), Dr. João Luiz Maineri (orador oficial), Conselheiros: Clódio Correia, Natal Betoni, Jacques Montanari, Amaro Chini e Nabor Mondadori.

Nas décadas de 1930 e 1940 formava-se um time composto somente por jogadores da família Grazziotin, time que nunca perdeu jogo.

Todas as Linhas e Capelas possuem o seu Esporte Clube. Curiosidade: NA Linha Cavour havia um time formado por 11 irmãos Conte, que jogavam contra outro time formado por 11 primos das famílias Zanotto e Michelon. Posteriormente foram residir em Vila Ipê.

Nas décadas de 1900 a 1920 tinham cancha de bocha na sede do município: João Tergolina, Pedro Zen, Golin Irmãos, Clube União, Caetano Zanardi, Olinto Burato e Camozzatto.

Em 26.2.1929, no açude da Usina Municipal, realizou-se um torneio de natação entre quatro páreos; Aparício Faccio, Clorocindo Zaccani; Amílcar Pezzi, Eduardo Deluchi, Olímpio Dotti, Altino Valmorbida, Moacir Paim e Calvino Palombini; Arlindo Valmorbida, Ari Pita, Laurindo Tergolina, **Os**waldo Hampe Sobrinho, Alfredo Westphol, Raul Froes, José Badalotti, Cristiano Borille, Gregório Rotta e Adalberto Pita; Juízes: Dr. Oswaldo Hampe, Atílio Valiora, Dr. Álvaro B. Ferreira e Hilário Andognini (cronometrista) (1,7-9,15).

TRANSPORTES

Homérica epopeia constituiu a abertura dos primeiros caminhos, das picadas, em meio à mataria alpestre, galgando montanhas, transpondo abismos, assoberbados por bárbaros penedais. Instalado o casebre na clareira da mata, enquanto a sementeira sorria à promessa do primeiro prato de polenta, providenciou-se trazer dos campos de Vacaria e da Colônia de Caxias um animal de montaria.

Aos poucos surgiram tropeiros, desfilando o rosário de seus cargueiros pelas velhas estradas do Simão, Júlio de Castilhos, Ernesto Alves. Um canto da soberba epopeia dos tropeiros da colônia italiana,

publicado no suplemento literário do “Correio do Povo” e depois reproduzido no livro de estreia deste modesto historiador — “Semblantes de Pioneiros”, publicado em1961, narra a odisseia dos bravos transportadores de Antônio Prado, personificados nos membros da família Dotti.

Antes do advento da carreta, toda a produção da Colônia, todas as mercadorias das incipientes casas comerciais, era transportada por tropas de cargueiros. Depois, alargadas as estradas, inaugurou-se outra monumental epopeia, a epopeia dos carreteiros, percorrendo os barrentos e íngremes caminhos, rumo de São Sebastião do Caí, de São João de Montenegro, de Vacaria, de Bom Jesus, de Lages... Durou meio século o sofrimento dos carreteiros, únicos responsáveis pelo transporte da região do Nordeste do Estado.

Todos os comerciantes daqueles tempos, os Golin, os Letti, os Rotta, os Grazziotin, os Barison, os Mondadori, os Zanotto, os Faccio, os Scotti, os Bocchese, os Cesa, os Verza, os Beltrame, os Caon, os Zolet, os Slaviero, os Zanella, os Marin, e muitas centenas mais, todos dispunham, a princípio, de um lote de mulas e, mais tarde, de um parque de carretas de terno.

O carreteiro virou legenda, tendo, em Antônio Prado, como protótipo o inesquecível Bordó, o velho Plachi, que durante a Revolução de 1923 foi promovido a tenente-carreteiro. Sua inquieta e longa existência passou para a história com uma lenda, como símbolo de peripécias e capítulo indispensável do anedotário popular. Deles contam-se episódios inenarráveis. Como quase todos os carreteiros, ele, o rei dos carreteiros, blasfemava como um turco e por vezes invocava o demônio para que viesse a ajudá-lo a arrancar o tatu do atolador.

Mas uma vez, nos campos de Vacaria, mais precisamente no Burro Preto, proximidades do Passo do Bordó, após invocar com veemência o diabo, Bordó viu com espanto um enorme e feio macaco forcejando numa roda traseira de sua carreta. Apesar de valente, o Bordó não quis mais nada, deitou a correr, de cabelo em pó, abandonando

carreta, mulas, carga, tudo!

BALSEIROS — De 1918 a 1925, a madeira industrializada era exportada para Porto Alegre por meio de balsas no rio das Antas, a cargo de Manuel José, Ângelo Tristão, Paco Sanches (o famoso Paco), Eugênio Anghinoni e outros. No alto da serra, proximidades de Castro Alves, os balseiros haviam construído um trilho, cujos alicerces podem ser observados ainda hoje. Pelo trilho, formado de tábuas, a madeira descia para as margens, do rio, onde aguardava a cheia para o embarque. Trilho de mais de um quilômetro de extensão. De longe em longe dispunha de uma espécie de prensa, destinada a amortecer a impetuosidade da queda das tábuas, que, assim mesmo, não raro, chegavam ao rio em pedaços.

Carretas com madeira vinham desde Nova Treviso, da serraria de Domingos Caon. Vinham de São Luís (Vila Ipê), de outras serrarias, como dos Foresti, dos Damiani, dos Casagrande. Embarcadas na balsa, depois de duro trabalho, muitas vezes as tábuas perdiam-se, quando surgia um acidente que destroçava a frágil embarcação, batendo de encontro a alguma pedra, em curvas do rio.

AS VIAGENS — Até por volta de 1918, as viagens eram feitas a cavalo pela Estrada do Passo do Simão, pela Júlio de Castilhos e Ernesto Alves. Em1918 foi inaugurada a Estrada do Passo do Zeferino, construída pela população às ordens dos engenheiros Barros e Chagas. Viajantes, tropeiros e carreteiros tinham seu ponto certo de pernoite, de pouso, como o **Tamancaro,** no alto da serra, na Estrada Protásio Alves. Junto ao Passo do Zeferino havia as casas de pasto da família Mutterle e dos Pegorini. No outro lado do rio, era a casa de pasto de Anselmo Biazus e, na subida da serra, Constante Borghetti.

Foi ainda em 1918 que apareceram os chamados *carros de molas,* as diligências, puxadas por animais. Estavam a cargo de Guerino Grazziotin, Augusto Grezzana e Caetano Zanardi. Além das viagens para Caxias, Vacaria, Nova Vicenza, Alfredo Chaves, costumavam transportar passageiros pela vila por simples esporte, cobrando cem réis. Augusto Grezzana transportava as malas do Correio.

AUTOMÓVEIS — Por volta de 1920 teve início a era do automóvel, inaugurando a florescente fase do transporte motorizado. Inesquecível a aparição do primeiro automóvel! Cenas trágicas e cômicas marcaram o inédito acontecimento. O tropeiro, ao deparar com aquele estranho veículo andando e roncando, sem mulas, não hesitou. Pensou logo: É o trem, o trem que escapou dos trilhos... Pulou da mula e tratou de ganhar o barranco, enquanto as mulas disparavam, desguaritando-se por dias e dias. Crianças choravam. Cachorros latiam furiosamente... Quando na Praça Garibaldi apareceu o 1° automóvel, vindo de Caxias, em 1917, em dia de domingo, havia mais gente ao redor do carro do que na igreja ouvindo missa! Um encontro com um automóvel na estrada representava um pesadelo. Os animais pulavam, disparavam, derrubando os cavaleiros. Por vezes, ouvindo-se de longe o ronco do carro, vedavam-se os olhos do animal, para que não se assustasse ao cruzar pelo veículo. Uma ocasião, o cavalo pulou e caiu num paredão, matando a moça que ia nele.

O 1° automóvel, um Ford, adquirido em Antônio Prado, foi do sr.Domingos Grazziotin, seguido de Máximo Letti, Olinto Fedumenti (em sociedade com Luís Fonini), Ângelo Letti, Augusto Grezzana, Arlindo Valmorbida, José da Poian, Félix Grazziotin em sociedade com José Tergolina, Aldérico Casacurta e Ferrucio Morsoletto.

CAMINHÕES — Os primeiros caminhões foram de Oscar Empinotti, José Cesa, Ernesto Bassani Atílio Zaccani, João Marin, José Comparin, Antônio Zanotto e outros.

O 1° ônibus de Domingos Bressan, fazia o percurso entre Caxias - Antônio Prado - Vacaria. Não havendo ainda estação rodoviária, o ônibus ia buscar os passageiros em suas casas. A empresa de ônibus Bressan, mais tarde vendeu seu direito e seus carros para a firma Galioto, de Caxias. Para Farroupilha, as primeiras empresas de ônibus foram de Máximo Gambato, seguido de Mandelli e Anghinoni. Galioto em 1979 vendeu a empresa ao Expresso São Luís Ltda.

Aos poucos, por volta de 1930, os caminhões, numa terrível disputa, tomaram o lugar das carretas, que desapareceram inteiramente

na década de 1940. Então o caminhão tomou conta do município. Quase todas as famílias sonhavam com o seu caminhão. A mocidade entrou de adquirir um possante caminhão e correr o Brasil. Eis a relação dos pioneiros, em 1950. Ari Girotto, Dilon Faccio, Uldérico Morsoletto, Rovílio Paganella, Dionísio Faccio, Alcebíades Zollet, Luiz Paganella, Romano Zollet, Vitório Dotti, Claudino Varaschin, Luiz Zanella, Olinto Zanella e Santo Zanella.

Em 1974 havia em Antônio Prado 405 caminhões, 224 camionetas, mais 201 camionetas rurais e ainda 1.127 carros menores. Havia então dez transportadoras. Atualmente, em 1979 existem 796 caminhões grandes e mais1.140 leves. Em virtude das más condições das estradas do município, muitos caminhoneiros mudaram-se para outras cidades e até para outros Estados. Os pradenses proprietários de caminhões de carga ultrapassam um milheiro. São mil caminhoneiros a levar o nome de Antônio Prado para todo o Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile. Os caminhões pradenses, quase sempre dirigidos por seus proprietários, têm preferência no transporte de cargas. São mais cuidadosos e responsáveis. Ao autor deste livro, confessaram que há pouco tempo havia famílias com oito filhos homens, cada qual com seu caminhão. Em casa, informam, não existe trabalho para todos. No tempo da vindima, em geral os filhos voltam para auxiliar a família na safra da uva. Muitos caminhoneiros, que já residem em Lages, Vacaria, Caxias do Sul e outras cidades, deixam o caminhão e vão até a casa dos pais em seu carro de passeio.

Antônio Prado, também conhecida por Capital do Caminhão, possui, entre outras, as seguintes transportadoras: Transportadora “21 de Abril”, Transportadora Zanella Ltda., Transportadora Comparin Ltda., Transportadora Tieppo Ltda., Transportadora Nova Roma Ltda., Transportadora De Zanetti Ltda., Transportadora Carra Ltda., Loris Zanela Ltda., Transportadora Antônio Prado Ltda., Transportadora Verza Ltda., Transportadora Comercial Verza Ltda., Rodoviária Verza Ltda., Transportes Zanella de Flavi Lisboa e outras. A transportadora Zanon Ltda., hoje Rodoviário Sul Brasileiro Ltda., fundada em Porto Alegre em

1969 por Raimundo Zanon, da Linha Almeida, falecido em 19.7.1979, com apenas 47 anos, possui filiais nas principais cidades do sul do Brasil.

Todas as estradas do município, embora nenhuma asfaltada, são trafegáveis e empedradas. Quase todas sinuosas, subindo e descendo morro sempre, por vezes beirando abismos. Muitas são estreitas, dificultando encontros e ultrapassagens de carros. A estrada Protásio Alves é servida pela Ponte II do Meneghetti no antigo Passo do Zeferino. A Júlio de Castilhos pela Ponte do Passo dos Navegantes. A Ernesto Alves com ponte no rio da Prata. No rio Humatã (Turvo), funciona uma balsa, ligando o município com Nova Prata e Lagoa Vermelha. Outra balsa no rio das Antas na Estrada Nova Roma - Nova Pádua. Na barra do rio Jararaca com o rio da Prata, há o Passo dos Ditadi. Antigamente, quando as encostas dos rios eram povoadas e cultivadas, havia uma dezena de passos com barcas nos rios das Antas e da Prata. Encontra-se em construção a nova Estrada do Passo do Zeferino, em moldes modernos, destinada a pavimentação, cujas obras em 1979 sofreram paralização. Em 1948 havia: 450 carroças, 51 caminhões, 37 automóveis, cinco camionetas, três ônibus e três bicicletas.

Em 1956 havia no município: 39 automóveis, 1 ônibus, 95 caminhões, 31 camionetas, 1 trator, dois reboques, 8 bicicletas e 297 carroças de 4 rodas. Atualmente todos os agricultores dispõem de micro tratores, elefantinhos, carroções com motor adaptado ou puxados por pequenos tratores. Apesar do terreno acidentado, impróprio à mecanização da lavoura, existem no município várias dezenas de grandes tratores.

TÁXIS - Os primeiros carros de praça (táxis) foram de: Joaquim Biazus, Ernesto Ranzolin, Ernesto Ampessam, Ferrucio Morsoletto, José Tergolina, Manuel Zaccani, Reinaldo Pontel, Domingos Torezan, Dorval Restelatto e Vitório Dotti. Em 1979: Paulo Zaccani, Carlos Zulian, Antônio Donazzolo, Romedi Zanon, José Verdi, João Menegola e Cláudio Pellin.

CAMPO DE POUSO — A construção do Campo de Pouso foi iniciativa do Prefeito Waldemar M. Grazziotin, tendo continuação na administração Vicente Palombini. Foi solenemente inaugurado em 30.9.1962, com a presença do Dr. Arno Lorenz, do Departamento Aeroviário do Estado, e de quatro aviões tipo Paulistinha, sendo pilotados pelo pioneiro da aviação civil pradense Cruzwaldino Faccioli, Maureano Bombassaro, Jorge Casara e Marino, Alieri Pruinelli. O 1° avião que aterrissou no aeroporto municipal ainda em construção foi em 16.12.1951, ocasião em que foi inaugurado o Estádio Municipal de Esportes (6 - 9,15).

A COMARCA

O 1° Juiz Municipal do município foi Francisco Marcantônio e o último(1944) o Dr. João Lehmano de Figueiredo. Em 1944, pelo Decreto-Lei n°720, foi criada a Comarca de Antônio Prado, até então termo de Caxias do Sul, tendo sido primeiramente, até 1921, termo de Vacaria, instalada em1945.

O 1° Juiz de Direito foi o Dr. Júlio Martino Porto, que se manteve na direção do Fórum durante quatro anos, sendo seu substituto em 1949, o Dr.José Cachapuz de Medeiros, recém-aprovado em concurso. Em 1950 esteve como Juiz Substituto o Dr. Aloísio Maia Barbosa, seguido do Dr. Nilton Simone Pereira (1950). Dr. Charles Edgard Tweedie (1950-1952), Dr. Humberto Prates Piccoli, Dr. Joaquim Lisboa, Dr. Alfredo Zimmer, Dr. Elido Sampaio Moreira, Dr. Elvio Schuch Pinto, Dr. Moacir Mendes de Oliveira (1962), Dr. Marino Kury, Dr. Eduardo de Alencastro Guimarães, Dr. Carlos Pingret de Carvalho, Dr.Djalma F. Selistre, Dr. Marcos Aurélio dos Santos Caminha, Dr. Flavio Pâncaro da Silva, Dr. Erasmo Machado de Campos (1978), Dr. Otto Rodolpho de Lima Brodt, Dr. Euclides João Rigo (78-79) e Dr. Henrique Osvaldo Poeta Roenick, desde julho de 1979. Em

20.9.79, assumiu a Dra. Sonia Biehler da Rosa.

No dia 24.11.1971 foi inaugurado o novo Fórum, com a presença do Dr.Otávio Germano, deputado, Secretário do Interior Justiça, do Desembargador Júlio Costamilan Rosa, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, Desembargador Bonorino Butelli, Presidente da Associação dos Juízes do RS (AJURIS). Na ocasião fizeram uso da palavra o Dr. Djalma Talai Selistre, Juiz de Direito substituto, o Dr. Pedro Panazzolo, Vice-Prefeito. O Pe.Leonel Pergher, Vigário da Paróquia, procedeu à bênção das novas instalações. Durante o banquete discursaram o Dr. Clóvis José Mânica, Presidente da Câmara de Vereadores, o Desembargador Bonorino Butelli e o Dep.Otávio Germano. Além do prédio do Fórum, construída a residência do magistrado. O convênio para a construção do prédio foi firmado em 1968, sendo Juiz de Direito o Dr. Élvio Schuch Pinto. Contou com a colaboração decisiva do Prefeito Sr. Luiz Baggio e do Prefeito Cláudio Bocchese, que liberou o terreno.

Promotores que trabalharam nesta comarca: Dr. Cláudio de Toledo Mércio (1945), Dr. Antônio Ricardo de Medeiros (1945-1949), Dr. Álvaro Moraes (1949), Dr. Homero Azambuja (1951), Dr. José Luiz Bragança de Azevedo Júnior (1952), Dr. Lidovino Fanton (1959), Dr. Elias Manoel Teixeira, Dr. Daltro Antunes de Abreu (1977), Dr. Aroldo Garcez (1978) e Dr. Albérico Lenzi (1979).

Entre os Escrivães do Fórum, devemos lembrar o sr. Calvino Palombini, o sr. Otacílio Bocchese e o sr. Luís Pegoraro Neto. Este veio a falecer repentinamente, durante uma audiência-crime, às 15 horas do dia oito de outubro de 1959. Contava 29 anos, tendo deixado na viuvez a esposa D.Flora Pegoraro e na orfandade dois filhos menores. Ao concorrido funeral, discursaram o Dr. Elido Sampaio Moreira, Juiz de Direito, e o sr. Luís M. Grezzana, Coletor Federal.

Desde 1952, está no cargo de Escrivão do Cível e Crime, Registro de Imóveis, Títulos, Protestos e Registro Civil, o ex-Prefeito Cláudio Polycarpo Bocchese sendo Oficial de Justiça o sr. Dilon Faccio.

Exerceram advocacia em Antônio Prado: Dr. José Michel Barros Cobra, Dr. Alexandre Ramos, Dr. Antônio Tagliari Filho, Dr. José Barcelos Ferreira, Dr. Leonardo Rossi, Dr. João Luiz Maineri, Dr. Francisco de Bastiani, e, principalmente, o Dr. Hildo da Costa Guilloux. Atualmente: Dr. Itacir José Grezzana, Dr. José Paulo Welter, Dra. Sirley Maria Ross Welter.

O Dr. Hildo da Costa Guilloux, catarinense, registrado em Torres em 9.9.1903, aqui falecido em 12.6.1969, havendo sido candidato a Prefeito de Torres e trabalhado em Garibaldi, Caxias do Sul, residiu muito tempo em Antônio Prado, exercendo intensa atividade jurídica, política, social e econômica, estando sempre presente em todos os empreendimentos. Pertencendo ao Partido Libertador, de cujo diretório municipal foi presidente, combateu na Revolução de 1923.

Aqui chegando em 1936, trabalhou na firma Golin Irmãos & Cia, foi um dos organizadores do Moinho do Nordeste Ltda., como assessor jurídico do sr. Valdomiro Bocchese, colaborou na organização das firmas Frigorífico Pradense, Veículos e Autopeças Antônio Prado Ltda., assessorou firmas comerciais de Vacaria, Caxias do Sul e Porto Alegre, Vice-Presidente do Sindicato do Trigo do Rio Grande do Sul, havendo publicado numerosos artigos na imprensa sobre triticultura. Foi Vereador, Presidente da Câmara e Prefeito interino. Orador de raros recursos, era convidado a discursar em todas as solenidades civis, sociais e religiosas. Pena brilhante, colaborou durante longos anos na imprensa da Capital e de Caxias do Sul.

Antônio Prado é berço de magistrados, como o Desembargador Dr.José Barison, os Juízes de Direito Dr. Nério Letti e Dr. Pedro Panazzolo. Numerosos são os advogados pradenses, entre os quais lembramos o Dr. Osvaldo Vedana, Dr. Arlindo Bernart (Juiz de Direito), Dr. Carlos Alberto Zanardi, Dr. Adelar Vicenzi, Dr. João Pedro Cavalli (Promotor Público), Dr.Francisco de Bastiani, Dr. João Bellini, Dr. João Bellini Neto, Dr. João Luiz Maineri, Dr. José Paulo Welter, Dra. Sirley Maria Ross Welter, Dr. Leonardo Rossi, Dra. Raquel Grazziotin, Dr. Itacir José

Grezzana, Dr. José Barrueco Filho.

SEGURANÇA PÚBLICA

Em 3.6.1903 foi criada na vila de Antônio Prado a Comissão da 48° Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional, sob o comando do Cel. Inocêncio de Matos Miller, Intendente Municipal. Prestaram compromisso os oficiais:

Capitão: João Müller Carpes, Luís Cavalcanti, Cristiano Ziegler, Francisco Busato, Jorge Lopes Pacheco, Pedro Pasquali, José Dotti, Florêncio José da Silva, Domingos Donida, Boaventura Antônio dos Santos, Dionísio Barbosa de Oliveira, João Diogo da Silveira e João Brolhi (capitão-cirurgião), Vicente Santi.

Tenente Coronel: Diniz Vieira de Lemos, Vitório Faccioli, Major: Francisco Marcantônio. Tenente: Carlos Ziegler, Ângelo Barea, Luís Buselato, Marcos Bocchese, André Della Giustina, Máximo Empinotti, Eugênio Scotti, João Decarli, José Ferrarese, Caetano Sareta, José Fornara, Carlos Caon

Alferes: João Pereira da Rosa, Henrique Confortin, Marcelino dos Passos, Simão Francisco de Paula, Jacinto Moreira Franca, Atílio Sassi. Giacomo Grezzana, Dionísio Colombo, Artur de Oliveira Souto, Domingos Caon, Vicentino Carbonaro, João Zanella, Antônio Golin, Arquimino de Barros (major fiscal).

TIRO DE GUERRA N° 355, fundado em 20.9.1920, teve como 1° instrutor o sargento Euclides Fogaça, seguido do Tenente Licurgo de Oliveira (falecido em P.Alegre a 6.7.1947), Espiridião Xavier de Azambuja, Sgto. José Rondon Fontes, parente do Marechal Rondon, e que faleceu em 10.5.1949, tendo sido instrutor aqui por nove anos: a seguir

Hermógenes Machado de Sales, cearense. No Centenário da Independência do Brasil, nas comemorações em Antônio Prado, os soldados do Tiro de Guerra desfilaram na parada cívico-militar.

Em 18.7.1939, foram instalados os trabalhos da Junta de Alistamento Militar, tendo como Delegado o Ten. Nelson Saraiva da Alencastro; ao ato estavam presentes o subprefeito João Bonotto, o Delegado de Polícia, Dr.Valentim M. de Castro, o Juiz Municipal Dr. Eduardo de Alencastro Guimarães, o Vigário Pe. Henrique Gelain, Outros Delegados: Cap. Aristides Tompson Flores, Tem. Argeu Gonçalves de Morais, Tem. Bernardino Coelho.

A Delegacia de Polícia teve como 1° titular, em 1899, o sr. Vitório Faccioli. A seguir entre muitos Delegados de Polícia de Antônio Prado, contamos: Caetano Reginato, Oscar Hampe, Teodoro Camargo, Álvaro Xavier do Vale, Armindo Cesa (assassinado em 25.5.36), Tem. Oscar Maia Paranhos, Dr. Arno Mora, (que depois foi Chefe da Segurança da Assembleia Legislativa, até 1964, e da Comissão de Consultores do Conservatório de Música Araújo Viana), José De Boni, Abramo V. Grazziotin, Ten. Tomás de Carvalho Osório, Arlindo Mércio Pereira, Dr. Valter Roesche, Dante Giordano Martelli, Modesto Dias dos Santos (durante menos de seis meses), Oriente Alves de Oliveira, Áureo Pereira, João Cândido de Freitas (que provocou sério incidente com o Pe. Reinaldo Zolet em 30.5.1953, fato que lhe custou a remoção), Noêmio Abibi, Oscar Alfredo Klein, Celso Orengo, Pedro Nunes Gulart, Aparício Borghetti (que faleceu no exercício da função em setembro de1958), Dr. Domingos Fernandes de Souza, Luiz Oliveira, Vitorio Manuel Ferreira, Dirceu Pereira das Neves, Valentim Moacir de Castro, Laurindo Vieira Pimentel, (que foi assassinado por um brigadiano em Flores da Cunha), Ermano Wolff (campeão de tiro ao alvo no Brasil e no México), Carlos Zimmermann (12 anos), Cláudio Cisneiros de Carvalho Alba (1974), Marino da Luz Lousada, Carlyle Araújo Goulart e, desde 1976, Delmar Prestes Pra Baldi.

Entre os numerosos escrivães da Delegacia, merecem destaque Floriano Molon, por seis meses Delegado interino, brilhante jornalista e

atualmente exercendo cargo importante na Polícia Federal; Júlio Gomes da Silva, que também foi ajudante do Notário por mais de 10 anos, além de exímio locutor e animador de todas as festas de igreja, dono de maravilhosa voz, atualmente residindo em Porto Alegre. Em 1979, a Delegacia conta com o Escrivão Décio Viacava Machado, além da serviçal Eva de Lourdes Paim de Oliveira, no cargo há mais de dez anos. A repartição, depois de haver funcionado no edifício Conselheiro Antônio Prado, encontra-se agora em prédio alugado, na av. dos Imigrantes, proximidades da Praça Giuseppe Dapoian.

O Grupo Policial Militar da Brigada Militar esteve durante muitos anos abrigado numa pequena casa de madeira, passando mais tarde para um prédio ao lado da Prefeitura Municipal, instalando-se finalmente em sede própria na av. Castelo Branco. O Grupo Policial Militar encontra-se desde 1963 sob o comando do Sgto Dorvalino Nunes, que nasceu em Tupanciretã em 12.10.1935. Depois de servir o Exército Nacional, entrou para a Brigada Militar em 1960, sendo sargento desde 1962, destacado para cá em 23.3.1963. E casado com a pradense Leonira Scopel Nunes. Já foi Destaque Pradense em Renovação Urbano pela Sociedade Cultural dos Amigos de Antônio Prado, pela construção da nova sede do Departamento e pela excelente manutenção da ordem e disciplina no município. Atualmente tem às suas ordens: o Cabo Neir, o Cabo Plínio e os soldados: Francisco, Décio, Enor, João, Lauro, Paulino, Celestino e Sérgio. Foram seus predecessores no comando do destacamento: Cabo PM Claudiomiro, Sgto PM Ferraz, Sgto PM Edi da Silva Cardoso, Sgto. PM Orbernós, Sgto. PM Orestes Blanco, Tenente PM Majorico Moreira, Sgto. PM Natalício Pereira da Silva, Sgto PM Celso de Oliveira Falcão, Sgto PM João de Oliveira Damaceno e Cabo PM João Eloy Koch.

PECUÁRIA

Apesar de tratar-se de um município essencialmente agrícola, Antônio Prado, de acordo com a Inspetoria Veterinária local, em 1978, possuía um rebanho de 17.487 bovinos; 14.980 suínos; e 408 ovinos; existindo 1.371 pecuaristas e 913 suinocultores, destacando-se a firma Beltrame, com mais de500 cabeças, Alberto Pastore e irmãos, com mais de 200 cabeças; entre os suinocultores salientam-se Aquiles Viapiana, com um rebanho de cerca de três mil cabeças, devendo atingir em breve o número de quatro mil.

No ano de 1913, o município possuía um rebanho suíno de 25.690 cabeças, 2.510 cavalares, 2.020 muares, 3.494 vacuns, 268 lanígeros, 920 caprinos, 38.629 galináceos, 726 patos, 1.520 gansos, 534 perus e 1.255 colmeias de abelhas. Em 1946 houve uma produção de banha de 139.280 quilos e em 1948: 261.125 quilos. Em 1955 havia 8.700 bovinos, 1.100 equinos, 3.900 muares, 12.500 suínos, 700 ovinos e 300 caprinos. Nesse ano o valor de pecuária foi de Cr$ 97.442.000,00.

A peste suína dizimou por várias vezes o rebanho suíno do município, causando enormes prejuízos aos agricultores e desestimulando-os. O Frigorífico Pradense Ltda. e o Frigorífico Bertoldo, de Nova Roma, absorvem e industrializam a produção suíno dos municípios vizinhos.

Vem tomando vulto nos últimos anos a criação de gado leiteiro, existindo no município dois importantes postos de recolhimento e resfriamento de leite — o armazém de Laticínios Feliz, de Juvelino de Rossi, instalado em1976, e da Cooperativa Mista Guararapes Ltda., de Nova Roma. Os maiores produtores de leite são os Irmãos Pastore, os Irmãos Beltrame e família Costa. Além disso, parte do leite produzido no município é recolhido pela COVAL de Vacaria, indo a maioria para a Fábrica de Laticínios Feliz.

AVICULTURA — Desde os primórdios da colonização, os pioneiros possuíam sua criação de aves domésticas, sempre em bom número, o que se verifica ainda no dia de hoje. Na década de 1950, havia cerca de 36.000 aves no município, existindo alguns avicultores organizados, como Brunislavo Krieger e os Irmãos Maristas. Atualmente a avicultura vem sendo amplamente desenvolvida, constituindo um esteio econômico. Os principais aviários do município são de propriedade de Vitorio João Carissimi, aves de corte e postura, com mais de 16.000 galinhas e uma produção diária de cerca de mil dúzias de ovos: Celso Pasetto, 4.000 aves: Eugênio Barbieri, com 13 mil aves, devendo aumentar para 30 mil: Mário Antônio Schiochet com cerca de15 mil aves de postura e 10 mil de corte: Osvaldo Carra & Stefani, com mais de sete mil aves: Quintino Fochesatto, com mais de 6 mil: Idalino Miglioranza, com três mil aves de postura. A produção de frangos e ovos é exportada quase inteiramente para a Cooperativa Cotia de São Paulo. Em 1979, instalaram-se com aviários: José Barison, com duas mil aves de postura, no Borgo Forte, e Delvino Bellé, em Santana, com 4 mil aves.

INSPETORIA VETERINÁRIA — instalada em 1950, com o médico-veterinário Leandro Porto da Silveira, da Secretaria da Agricultura, encontra-se atualmente sob a direção do médico-veterinário Huldo Cabral Cony Filho, que teve como antecessores o Dr. Nardelli Osvaldo Lucena e o Dr.Luiz Carlos Piovezan. A Inspetoria vem sendo auxiliada pelos vacinadores: Homero Camargo, Pedro Vizentin, Natal Cansan, Auri Dutra, Older Zen, Adelar Carra e Arcângelo Bernardi.

FUNRURAL — instalado em 1976, está representado por Aurivan Link Marques e Neura Rita Dal Bosco (2,7,8,15).

ENERGIA ELÉTRICA

Pedro Cesa, mais conhecido por Pedro Cegato, residente no bairro Golin, onde tinha um moinho hidráulico no rio Leão, foi o pioneiro no fornecimento de energia elétrica em Antônio Prado, com a instalação de um motor de capacidade reduzida, fornecendo iluminação somente no bairro, ficando o resto da cidade às escuras. Mais tarde, com a instalação de cinemas, o centro da vila recebeu o benefício da iluminação, fornecida pelos motores dos mesmos cinemas, limitando às primeiras horas da noite. Ao final da apresentação cinematográfica, as luzes tornavam a se acender, a fim de facilitar o trânsito. A instalação da rede esteve a cargo de Carlos Balen.

Em 1922, o Intendente Cel. Inocêncio de Matos Miller contratou a firma comercial Irmãos Cesa & Dalprá a fornecer energia elétrica para a iluminação pública. O contrato foi renovado pelo Intendente Caetano Reginato, que, a seguir, realizando obra gigantesca, mediante vultoso empréstimo, construiu a Usina Hidroelétrica, instalada na cascata do rio do Inferno e do arroio Quaresma. Antônio Prado tornava-se assim o único município da região a possuir usina hidroelétrica. O Prefeito Oscar Hampe ampliou a capacidade desta usina com a construção de uma grande barragem, pois, em tempo de seca, a produção tornava-se insuficiente para a iluminação da vila.

Finalmente, em 15.6.1951, todos os serviços de eletricidade do município foram transferidos à Comissão Estadual de Energia Elétrica, passando a fornecer energia da Usina do Saltinho, do município de Vacaria, inaugurada em 1950.

Já em 1944, o Dr. Mário Schilling e Lencoln Grünne, da mesma Comissão, estiveram em Antônio Prado, para realizar estudos nos rios das Antas e do Prata, com a finalidade de construir no futuro uma grande usina hidroelétrica, com capacidade inicial de 80 mil HP. Os estudos

continuaram durante vários anos, mas o projeto acabou não realizando a obra.

Em 30.9.1954 o Governador Estadual Gal. Ernesto Dorneles inaugurava os serviços da Usina Elétrica Municipal de Nova Roma. Durante a administração de Vicente Palombini, teve início a eletrificação rural, com extensão da rede ao povoado Tiradentes da Linha 21 de Abril. Daí por diante, todos os Prefeitos prosseguiram o trabalho da eletrificação rural, de sorte que, em 1979, o Prefeito Lino Celso Zaccani dava por encerrada a obra, ficando todas as Linhas servidas de energia elétrica, sendo assim o município um dos primeiros e dos poucos a dispor de tão grande benefício.

Em 1979 a Companhia Estadual de Energia Elétrica, tendo por chefe o sr. Cláudio de Souza Oliveira, contava com 980 contribuintes na zona urbana e 1.338 na zona rural, servindo, portanto, todas as moradias.

Atualmente a Prefeitura Municipal mantém um funcionário, Luiz Ribeiro de Jesus (Luiz Chora), para acionar e desligar a iluminação pública da cidade, trabalho que executa montado num lindo cavalo preto com manchas brancas, de marcha troteada. No verão as luzes são acesas às 19 horas e desligadas às 5h30min, e no inverno às 18 horas e às 6h30min. Muitos pradenses já não usam despertador a não ser as pateadas sonoras da cavalgadura do acendedor de lampiões do século XX (2,7,8,9).

EMIGRAÇÃO

Certa vez, no pátio do Hotel Samuara, conversando com o sr. Waldemar Grazziotin, Sr. Benito José Fattori e outros pradenses. disse o Deputado Arno Arnt: “Não adianta vocês pradenses preocuparem-se com o progresso do vosso município; vocês nasceram foi para o progresso de outras comunidades”. Realmente, Antônio Prado é sem dúvida o campeão

da emigração interna das velhas colônias italianas. O êxodo para outros municípios e outros Estados teve início no começo do século, durante a administração do 1° Intendente, que várias vezes levantou a voz, tentando sustar a marcha desenfreada da emigração.

Município gaúcho de menor área durante longos anos, de terras extremamente montanhosas e pedrentas, impróprias à agricultura, duramente castigado pelos governantes com relação a estradas, com uma população interior sofrendo perseguição das autoridades durante um regular período de tempo, Antônio Prado só poderia se transformar num exemplo frisante de êxodo rural para fora do município.

Logo que se inaugurou a colonização da região de Guaporé, Marau, Tapejara e de todos os atuais municípios do Alto Uruguai e do vizinho Estado de Santa Catarina, o êxodo processou-se de maneira impressionante, seguindo o exemplo de Saule Pagnoncelli e de outros líderes. Municípios houve então, como Tapejara e Viadutos, que foram povoados quase que exclusivamente por pradenses. Pedro Agustini, hoje com 80 anos, diz que durante 30 anos, transportou com sua velha carreta nada menos de 99 mudanças para a região do Alto Uruguai.

O Oeste catarinense e paranaense foram, em grande parte, povoados por famílias de Antônio Prado. Haja à vista o fato ocorrido há cerca de 40 anos, com os irmãos Avelino e Virgínio Mazzotti, de Nova Roma. Ambos, lotando quatro camionetas, partiram levando mais de 41 pessoas, indo pararem Cascavel, de onde saíram abrindo estrada através da mata, até atingir a região dos atuais municípios de Matelândia, Medianeira e São Miguel do Iguaçu. Aqui adquiriram 900 colônias por 3.600 contos de réis. Grande parte destas colônias foram vendidas a Alfredo Ruaro e aos filhos de Antônio Prado, considerados os fundadores daquelas cidades.

Aqui vai uma pequena relação destes pioneiros, atualmente poderosos granjeiros e pecuaristas:

Plínio Valiatti, granjeiro, pecuarista e hoteleiro; Albino Valiatti, Anacleto Valiatti, Agostinho Valiatti, Davi Valiatti, este fundador da imensa Fazenda Nova Roma da firma Deluge de Curitiba, e atualmente poderoso pecuarista e granjeiro no Paraguai; Dr. João Carlos Renosto, economista, casado com a prof. Geni Mazzotti, administrador de uma granja de 300 alqueires da família Avelino Mazzotti; Laurindo Pozzolo, Francisco Valiatti, Ivo Valiatti, Aurélio Martello (comerciante e cafeicultor), Eugênio Carissimi, Reinaldo Menon, Avelino Sartori, Luiz Sartori, Jerônimo Bernardino De Bastiani, José De Bastiani, Santo Motterle, Benjamin Pozzolo, Francisco Viapiana, José Antonio Viapiana, João Varisa, seus filhos: Rodolfo, Constante, Dionísio e Agenor, todos grandes granjeiros; Melzi Viapiana (com granja no Mato Grosso), Olmiro Carra, Félix Carra, Valentim Bernardi, Pedro Tonin, Ivo Darol, Vitório Renosto, Gaudêncio Marin, Ângelo Volpatto, Luiz Volpatto, Sereno Maccarini, Giocondo Campanaro, Geraldo Costa, Dionísio Costa, Severino Canale, Dalvino Camana, Ângelo Bresolin, Silvano Genaro, Valdemiro Pastore, Eusébio Anghinoni, Mário Franzon (oficina mecânica), Antônio Bresolin, Laurindo Furlan, Vicente Camatti, Ângelo Passo, Júlio Chiarello, Joaquim Biazus, José Begoni (fotógrafo), Artur Bogoni (professor durante 33 anos em Antônio Prado, emigrou para Medianeira), Benjamim Pozzolo, Vicente Bizinella (Cascavel), Rovílio Costa, Luiz Sebastião Camatti, Albino Camatti, Benvenuto Camatti, Orosimbo Carissimi, Rodolfo Vanzetto, Modesto Roldo (Metalúrgica Roldo Ltda.), José Camatti, Casimiro Camatti, Afonso Carissimi, Vicente Camatti, Laurindo Furlan, Modesto Roldo faleceu tragicamente em 15.7.79.

Em geral, todos progridem rapidamente na nova terra. Lamentam apenas haver-se transferido tão tarde. Os que ficaram, os irmãos, os parentes, os vizinhos, são também convidados a emigrar. Eles ouvem, admirados e invejosos, as maravilhas da nova terra de promissão: soja colhi 50 por um, trigo 40 por um. Comprei mais um trator, ceifadeira, dois caminhões, dois automóveis. Tenho 200 porcos engordando no chiqueiro. Vendo mais de 50 litros de leite por dia. Bobo quem teima em ficar por aqui, sofrendo no meio dessas pedras e desses montes. O convite não

deixa de ser sedutor e o êxodo engrossa. Tranquilamente.

Municípios que receberam grandes contingentes de emigrantes de Antônio Prado: Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Porto Alegre, Canoas, Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Erechim, Getúlio Vargas, Lages, Joaçaba, Caçador, Campo Belo do Sul, Chapecó, Caxambú do Sul, São Miguel do Oeste, Pato Branco, Francisco Beltrão, Ponta Grossa, Cascavel, Concórdia, Santa Helena, Toledo, Guaraniaçu, Laranjeiras do Sul, Curitiba e muitíssimos outros de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Brasília...

Médicos, advogados, engenheiros, Bispos, Padres, religiosos, mecânicos, comerciantes, industrialistas, caminhoneiros, professores e muitos outros profissionais liberais trabalham às centenas espalhados pelo Brasil, Europa e África. Antonio-pradenses formados em cursos universitários, atualmente trabalhando fora de sua terra natal, no Brasil e no estrangeiro, somam centenas, talvez um milheiro, sendo que várias centenas foram alunos dos Irmãos Maristas e das Irmãs de São José. Todos os anos concluem cursos superiores numerosos filhos de Antônio Prado. Quase todos passam a exercera profissão em outros municípios, onde sobrem mais oportunidades de emprego (6,15).

POPULAÇÃO - SUPERFÍCIE E LIMITES

De acordo com o último censo, de 1970, a população do município era de14.776 habitantes, sendo 10.645 no 1° distrito e 4.131 no 2°; sendo 7.482 homens e 7.294 mulheres; população urbano da sede 3.582 e em Nova Roma 814; rural 1° distrito: 7.063; 2° distrito: 3.317.

Neste ano de 1979 a estimativa é de cerca de 20 mil habitantes, sendo 7.500 na sede, na qual existem aproximadamente 1.500 prédios, dos quais seis edifícios: Dr. Mário Bocchese; Edifício Tieppo; Edifício

Conselheiro Antônio Prado; Edifício Zanotto; Edifício Fochezatto e Edifício Zulian.

Em 1900 a população era de 8.331, tendo havido 340 nascimentos e 59 óbitos. Pelo recenseamento encerrado em 1.3.1915, a emigração interna fez decair a população, relativamente aos nascimentos, havendo 8.502 h., sendo: 4.230 homens e 4.272 mulheres. Em 1920 a população era de 9.516, com 386 nascimentos e 70 óbitos. Em 1940, 11.500 h. com 429 nascimentos e 80 óbitos.

Em 1915 havia 8.143 brasileiros; 287 italianos, 32 poloneses; oito franceses; 14 russos; 17 suecos e um português. Nesse ano a população urbana era de 1.105 e a rural de 7.397. Em 1917 houve 434 nascimentos; 62 óbitos e 115 casamentos.

Em 1950 a população era de 11.224h. sendo 2.036 na sede e 364 na sede de Nova Roma; zona rural do 1° distrito: 5.995; do 2° distrito: 2.829. Havia então 1.624 domicílios, sendo 376 na sede, 61 em Nova Roma; zona rural do 1° distrito: 815; do 2° distrito: 372.

SUPERFÍCIE

A superfície real deveria ser de 432 km^2. Isto por que por ocasião da criação do município era de 334 km^2; pelo Decreto-lei n° 311, de 2.3.1938, o município anexou de Vacaria uma área de 98 km^2. Entretanto, esta área de 432 km^2 não figura em nenhuma publicação, quer oficial, quer particular. A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada em 1956, traz 453 km^2. IBGE do Conselho Nacional de Estatística registra 533 km^2. O álbum comemorativo do 75° aniversário da Colônia Italiano traz 577 km^2. O historiador Benito Fattori registra 494 km^2. O Relatório do Prefeito Valdomiro Bocchese: 453 km^2.

LIMITES

O município localiza-se no Encosta Superior do Nordeste do Estado e pertence à Micro Região Vinicultora. Código 311. Limita ao norte com Vacaria; ao sul com Farroupilha, Flores da Cunha e Bento Gonçalves; ao leste com São Marcos; ao oeste com Nova Prata e Veranópolis.

Em 1899, por ocasião da criação do município: Ao norte com Vacaria; ao sul com Caxias e Bento Gonçalves; a leste com Caxias; ao oeste com Alfredo Chaves e Lagoa Vermelha. Em 17.5.1924, com a criação do município de Flores da Cunha: ao sul com Flores da Cunha; ao leste com Caxias. Em11.12.1934, com a criação de Farroupilha, ao sul passou a limitar com este município e com Bento Gonçalves. Em 11.8.1924, com a criação do município de Nova Prata, ao oeste passou a limitar com este e Lagoa Vermelha. Em 24.10.1932, por decreto n° 5.127 do Interventor Federal Gal. Flores da Cunha, o distrito de Protásio Alves, pertencente a Lagoa Vermelha, foi incorporado a Nova Prata, por isso nessa data Antônio Prado deixou de limitar com Lagoa Vermelha. Em 9.10.1963, com a criação do município de São Marcos, ao leste deixou de limitar com Caxias do Sul passando a sê-lo com São Marcos.

A sede do município está situada na posição geográfica de 28°54'30" de latitude sul e 51°23'21" de longitude Oeste de Greenwich.

A altitude da Praça Garibaldi, no centro da cidade, é de 785 metros. No alto do morro da Gruta cerca de 900 metros. O ponto culminante situa-se no Monte Cuco, proximidades da Capela de Santo Antônio da Linha Dois de Julho, com mais de 920 metros. Na barra do rio da Prata com o rio das Antas a altitude é de cerca de 200 metros.

A sede dista 180 km da Capital do Estado; 50 de Caxias do Sul; 73 de Farroupilha; 68 de Vacaria e 45 de Veranópolis.

O clima é ameno, seco e salubre. Chove em todos os meses do ano. Raras são as grandes estiagens e as grandes enchentes. Gia todos os anos e quase todos os anos há pequenas precipitações de neve.

Na década de 1930 José Dotti promoveu uma campanha de anexação dos distritos vacarianos de Ipê e Segredo, havendo obtido apoio unânime da população. Mediante pedido com assinatura de todos os habitantes dos dois distritos, o Interventor Federal Gal. Flores da Cunha havia já concordado com a anexação, quando se interpôs o Dr. Manuel Duarte, político influente de Vacaria, anulando a iniciativa de José Dotti. Parece incrível, a linha divisória de Antônio Prado e Vacaria encontrava-se dentro da zona urbana pradense, no bairro industrial, onde se ergue a capela de Nossa Senhora de Fátima, que pertence à diocese de Vacaria.

FINANÇAS - Receita Municipal: 1912: 34:112$341; 1913: 41:118$855; 1943:Cr$ 331.517,00; 1948: 644.501,00; 1950: 1.014.000,00; 1956: 3.794.000,00;1976: 4.853.348,20; 1977: 7.231.585,11; 1978: 15.079.620,76; 1979 (previsão): 17.650.000,00

Receita Estadual: 1914: 39:652$424; 1923: 64:744$104; 1943: Cr$ 338.368,00;1948: 1.469.455,00; 1950. 1.393.000,00; 1956: 6.798.000,00.

Receita Federal: 1914 – 19.712$240; 1923 - 55:995$046; 1943 **-** 295.999,00;1950 -1.130.000,00; 1956 – 3.522.000,00; 1978 – 27.164.584,00 (2,9,15,16).

RIOS

O rio das Antas, correndo em vale profundo, sinuoso e encachoeirado, serpentejando por entre montanhas, banhando várias dezenas de quilômetros de território pradense, constitui inesgotável manancial de encantos paisagísticos, de potencial energético, fertilizando as margens, que se tornam propícias ao cultivo de cana-de-açúcar, de banana, de frutas tropicais e até de café.

Sua principal atração turística situa-se junto à Linha Gustavo Veza,

n° 2° distrito. E o conhecido Cachoeirão, que, em certa altura, forma um estreito capaz de ser transposto com apenas um passo.

Seus principais afluentes são o Vieira, o Tigre, o Leão e o Inferno, todos saltando em numerosas cascatas, que chegam a atingir 63 metros de queda livre. O Leão, que nasce no distrito vacariano de Ipê, banha a cidade, oferecendo um belo espetáculo com seu cachoeirão, cascatas e furnas. Infelizmente, o progresso com sua industrialização, poluindo suas águas, outrora límpidas e saudáveis, destruiu um dos mais atraentes recantos da cidade, acabando com o divertimento da natação, dos banhos, das pescarias. Durante as grandes enchentes, o Leão chega a assustar a população, causando estragos. Durante muitos anos, o rio Leão movimentou vários moinhos pioneiros.

O rio do Inferno, engrossado com o arroio Quaresma, com sua alta cascata proporcionou a instalação de uma das primeiras usinas hidroelétricas de todo o Nordeste do Estado, autêntico orgulho de Antônio Prado, que muito se beneficiou com sua energia.

O rio Jararaca, abrindo com os outros profundo vale, forma várias cascatas e furnas, desaguando junto à barra do rio da Prata com o das Antas. Outro rio importante é o Humatã, mais conhecido por Turvo, linha divisória com Nova Prata. Recebe numerosos afluentes, entre os quais o Segredo.

O rio da Prata empresta beleza e fertilidade à vasta região pradense. A sua cachoeira de Humaitá apresenta espetáculo imponente. Antes de juntar-se com o rio das Antas, forma caprichosa e grande volta.

Os três principais rios foram objeto de estudos com vista à instalação de usinas hidroelétricas. Infelizmente, os estudos foram abandonados.

O município possui várias dezenas de arroios, como o Mercúrio, o Colombo, o Coruja, o Segala, o Doce, o Palmará, o Garganta, o Veado.

RIO DO INFERNO - ORIGEM DO NOME

Procedendo ao trabalho de pesquisa, deparamos em livros, jornais e revistas, com uma explicação da origem do nome dado ao rio do Inferno, atribuindo o fato à profundidade daquela torrente. Uns autores afirmam com segurança, enquanto outros alegam probabilidade.

Entretanto, em palestra com os mais antigos moradores do Borgo Forte, cortado pelos arroios Inferno e Quaresma, encontramos outra versão, bem diferente e, a nosso ver, mais plausível. Diz, por exemplo, o sr. Vitório João Carissimi, de 66 anos de idade, nascido e criado naquela localidade, que sempre ouviu dizer dos seus antepassados e dos descendentes dos primeiros imigrantes estabelecidos na Linha Almeida, como Dambrós e Zolet, que os agrimensores que demarcaram os lotes desta linha, batizaram o rio com o nome de Inferno, porque o descobriram na terça-feira de Carnaval. Como se sabe, entre os imigrantes italianos e seus descendentes, Carnaval vinha relacionado com Inferno.

Prosseguindo na demarcação, 800 metros adiante, no dia seguinte, quarta-feira de Cinzas, os agrimensores deram com outro arroio, ao qual batizaram com o nome de Quaresma, por ter sido descoberto no primeiro dia da Quaresma.

Julgamos esta versão mais plausível que a primeira por várias razões. O fato, transmitido pela tradição oral, baseia-se na alegação de testemunhas da abertura das picadas, da demarcação dos lotes e da derrubada da mata, portanto do reconhecimento da região.

Em segundo lugar, o arroio, embora mais baixo se precipita de uma altura de 63 metros, formando uma bela cascata, a 250 metros de outra no arroio Quaresma, no ponto em que foi descoberto não existe profundidade, mas uma extensa planura, uma das poucas de todo o município. Os agrimensores, no meio da alta mata virgem, não haviam ainda observado certamente a profundidade do rio e as duas cascatas.

Por outra, o arroio Quaresma, como o rio Leão e demais rios de Antônio Prado, possuem todos, ao descambar para o rio das Antas ou da

Prata, a mesma profundidade, e, apesar disso, só um recebeu o nome de Inferno.

Outra razão é o nome dado ao arroio Quaresma, provando que os exploradores aqui chegaram no tempo da Quaresma e que tinham conhecimento da liturgia da Igreja e a respeitavam, prestando uma homenagem, uma vez que não podiam ir a qualquer templo para assistir às cerimônias da quarta-feira de Cinzas (2,15).

PASSO DO ZEFERINO

14 quilômetros abaixo da ponte sobre o rio das Antas na BR-116, ligando os municípios de Vacaria e São Marcos, ergue-se, junto à barra do rio São Marcos, desde 2.6.1968, a ponte do Passo do Zeferino, ligando os municípios de Flores da Cunha e Antônio Prado.

O histórico Passo do Zeferino, que surgiu após a abertura do Passo do Simão, foi criado por iniciativa particular dos imigrantes, que penetraram no atual território pradense em fins do século passado. O primeiro balseiro encarregado do transporte era um imigrante italiano de nome Zeferino. Os subsequentes balseiros do Passo do Zeferino foram: Gregório Rotta, Pedro Mutterle, Lauro Mutterle, José Mutterle e Henrique Polidoro.

Conforme refere o historiador Benito José Fattori, já em 1900 surgia um movimento em prol da construção de uma ponte neste passo. A princípio, “era apenas uma luta pradense. Depois todo o nordeste gaúcho peleava para a sua construção. O Governo do Estado atende, então, aos pedidos e autoriza a construção de uma ponte metálica sobre o rio das Antas. O Dr. Pereira Parobé, Secretário de Obras Públicas, percorre longo trecho do rio e escolhe o Passo do Zeferino para local da ponte.

De fato, o passo possui grandiosa beleza natural e se presta para

isso. Vacaria e Caxias acompanham e fortalecem o pedido da ponte. Mas eis que Caxias não aprova o local escolhido, e indica o Passo do Korf, por ser de maior trânsito, no entender da Associação dos Comerciantes. E a ponte decretada tem então sua execução suspensa. Trava-se a luta para a transferência do local, enquanto a ponte, encomendada na Alemanha, estava em viagem e entram em ação as vozes políticas. O Coronel Avelino Paim entra em cena e o seu prestígio é a solução para o caso, conseguindo que a ponte de Passo do Zeferino seja mesmo construída no Passo do Korf.

Era então Presidente do Estado o Dr. Borges de Medeiros, que obrigou a Associação dos Comerciantes de Caxias a arcar com as despesas de transferência do pesado material de aço que se encontrava depositado por tropeiros no Passo do Zeferino".

Afirma o Sr. Waldemar Mansueto Grazziotin que sempre ouviu dizer que o Dr. Borges de Medeiros opunha-se à transferência do local da ponte, havendo-se então interposto o deputado estadual Coronel Avelino Paim de Sousa, declarando: Então o meu prestígio não vale uma ponte?

Como se sabe, a ponte do Passo do Korf, na Estrada Rio Branco, foi inaugurada em 1907, tendo sido a primeira construída sobre o rio das Antas. Durante alguns anos, ela serviu aos comerciantes e pecuaristas, ficando ao depois abandonada, entregue à ferrugem dos tempos. Hoje ela serve apenas para algum pedestre ou cavaleiro dos arredores.

O povo pradense, decepcionado, batizou então a ponte do Passo do Zeferino com um nome poético e sugestivo — Ponte dos Suspiros. Todavia, o movimento fez com que o Intendente Inocêncio de Matos Miller mandasse abrir uma boa estrada para o Passo do Zeferino, a qual em poucos anos suplantou a primitiva Estrada do Passo do Simão, tomando-se a via principal entre Antônio Prado e Caxias, servindo ainda todos os municípios do Nordeste do Estado, notadamente Vacaria.

Daí por diante, cresceu a importância do Passo do Zeferino, para cuja balsa se interessaram grandemente todas as administrações

municipais. Várias barcas foram construídas, sendo cobrado pedágio para sua conservação. No entanto, sobrevindo uma enchente, o rio não dava passo, interrompendo o tráfego por semanas e mesmo durante um mês inteiro, com enormes prejuízos para a economia e a vida da região. Por vezes aconteciam acidentes, como em 12.6.1952, quando o caminhão de Venâncio Mussatto, de Segredo, caiu no rio, ocasionando a morte da esposa do seu proprietário, Margarida Mussatto, salvando-se dois passageiros graças à perícia do balseiro Mutterle, que arriscou a vida.

Mas a ideia da construção da ponte continuou sendo a grande preocupação da população pradense e da região. Todos os Intendentes e Prefeitos lutavam vigorosamente em prol dessa ponte. Os governos estaduais, os políticos, candidatos a deputados, faziam da ponte do Passo do Zeferino seu cavalo de batalha. Durante o governo do Eng. Leonel Brizola toda a imprensa trazia manchetes anunciando próxima a construção da ponte, havendo mesmo o sr. Governador declarado, em entrevista ao jornal PIONEIRO de Caxias do Sul, que se na sua administração não construísse a ponte consideraria fracassado seu governo.

Finalmente, no dia 20.4.1958, em solenidade presidida pelo sr. Bispo de Caxias do Sul, D. Benedito Zorzi, que celebrou missa campal, com a presença do sr. Waldemar Mansueto Grazziotin, Prefeito de Antônio Prado, do sr.Severo Ravissoni, Prefeito de Flores da Cunha, outras autoridades e enorme multidão de pessoas, o Major Engenheiro Euclides Triches, Secretário das Obras Públicas do Estado, procedeu ao lançamento da pedra fundamental da tão suspirada Ponte do Passo do Zeferino.

Entretanto, por incrível que pareça, não seria ainda desta vez que aponte seria construída. As obras não foram iniciadas e a pedra fundamental, no lado de Antônio Prado, ficou abandonada. Decorridos sete anos, durante a administração do Governador Ildo Meneghetti, a construção foi definitivamente iniciada, em outro lugar, cerca de cem metros acima. E em 2.6.1968, com a presença do Governador Cel. Walter

Peracchi de Barcellos, do sr. Luiz Baggio, Prefeito de Antônio Prado, e outras autoridades, a ponte foi solenemente inaugurada. Extraordinária obra de arte, medindo 300 metros de comprimento, 105 metros de vão livre, 10,2 metros de largura, com pista de rolagem de 11 metros, está a 55 metros acima do nível das águas, sendo uma das mais altas do Estado, constituindo, pela beleza do local, importante atrativo turístico. As obras estiveram a cargo do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

Durante a Revolução de 1923, o Passo do Zeferino foi teatro de combate entre as forças legalistas do Cel. Caetano Reginato, Intendente de Antônio Prado, e do capitão revolucionário Mariano Pedroso de Morais. Após o combate de São Marcos em 6.9.1923, os assisistas rumaram para o Passo do Zeferino, que estava defendido por nove soldados da guarda municipal pradense. Chegando ao passo no dia 1° de outubro, aguardaram a madrugada do dia seguinte para efetuar o combate. Enquanto um pelotão atirava do alto, outro avançou pela estrada. Feriu-se então violento tiroteio, que durou cerca de uma hora, ficando feridos dois guardas de Antônio Prado, que a seguir, conforme narra o Dr. Oswaldo Hampe, foram assassinados. Eram Demétrio Campos e Francisco de Paula.

De posse do passo, Pedroso ordenou que fosse solta a barca. Batendo em retirada, a pequena força legalista encontrou em caminho doze carretas e o estafeta do Correio, que também retornaram à vila, onde, no dia seguinte, com missa de corpo presente e discurso do sr. Caetano Reginato, foram sepultados os dois rapazes. Volvido um ano, o Partido Republicano colocou uma placa de mármore junto ao passo com estes dizeres: “Homenagem de Republicanos aos defensores da Legalidade Demétrio Campos e Francisco de Paula, que em 2.10.1923 aqui, heroicamente, tombaram em defesa deste Passo”. 27.9.1924.

Cerca de sete quilômetros rio abaixo, existia outrora o Passo do Boldo, e, a uns 11 quilômetros, o Passo do Tibúrcio, os quais, reforçados pelo Passo do Meio e do Passo do Simão, tiveram intenso movimento, em virtude da densa população às margens do rio. Era comum encontrar naquele tempo três a quatro famílias instaladas no mesmo lote. Aos

poucos, quase todos os moradores emigraram. Fecharam os passos e as terras ficaram entregues ao processo de reflorestamento natural, que hoje reveste quase por inteiro as encostas do rio, com paisagem semelhante à encontrada pelos primeiros colonizadores.

Um exemplo típico desse êxodo humano está no desaparecimento de várias capelas outrora florescentes, como a de Santo Antônio da Linha Odorico Mendes e de Nossa Senhora das Graças, da Linha Guerra. Esta ainda existe, mas apenas com quatro sócios, que são: Antônio Zulian, Claudino Zulian, Hildo Zulian e Benvenuto Preto. Antigamente esta capela possuía 18 sócios.

A capela de São Paulo, junto ao Passo do Zeferino, conta atualmente com 22 sócios, a saber: Ângelo Corso, Reinaldo Scopel, Antônio Bortolon, José Mutterle, Lauro Mutterle, Orosimbo Bortolon, Benjamim Andrighetti, Eugênio Susin, Máximo Andrighetti, Bôrtolo Andrighetti, Ângelo Andrighetti, Dionísio Vissini, Alberto Fontana, Antônio Dal Molin, Lidovino Pelissari, Genuíno Bortolon, Armindo Scopel, Vetor Moresco e Moacir Fontana. O morador mais próximo da ponte, Ângelo Corso, reside aqui há cerca de 30 anos, na casa que foi de Félix Pegorini. Todos estes moradores baseiam sua economia na exportação de laranjas e bergamotas para Lages, Vacaria, Flores da Cunha e Caxias do Sul.

A capela de São Paulo e o cemitério, em terreno doado por Anselmo Bonafino, Domingos Fontano e Pedro Scopel, nos lotes n° 54 e 56, foram inaugurados em 20.10.1895 pelo Pe. Alexandre Pellegrini. Enquanto a Capela Nossa Senhora das Graças, logo abaixo, na mesma linha Guerra, foi inaugurada em 1894.

Há cerca de 40 anos, foi construída a atual capela de São Paulo, agora no parte superior da estrada. Em 22.4.1972, em solenidade presidida pelo Prefeito Valdomiro Bocchese, Dr. Clóvis José Mânica, Presidente da Câmara de Vereadores, outras autoridades e toda a população da região, foi inaugurada a eletrificação rural da capela de São Paulo, capela Nossa Senhora das Graças e Zona Andrighetti. Na ocasião falou o deputado estadual Hugo Mardini, como também o Dr. Clóvis

Mânica, havendo, em nome da comunidade, agradecido a srta. Maria de Lourdes Mutterle. No mesmo dia foi inaugurada a Praça de Esportes “Beira Mato”, da referida capela de São Paulo.

A Estrada Protásio Alves, que leva ao Passo do Zeferino, apesar de haver merecido especial atenção de todas as administrações municipais e do DAER, tem acarretado muito sofrimento aos antigos carreteiros e depois aos caminhoneiros, em virtude de seu acentuado desnível e de suas 203 curvas, ocasionando acidentes fatais, tendo sido até batizada de “Estrada do Inferno”. Depois de numerosos e veementes apelos das autoridades e população do município, o Governo do Estado, na administração do Eng. Euclides Triches, prometeu abrir uma nova rodovia. Realmente as obras de construção desta rodovia foram iniciadas em 1977 e prosseguem com morosidade(2,3,6,7,15).

ESTRADA JÚLIO DE CASTILHOS

O Governo do Estado, por motivos econômicos e estratégicos, resolveu abrir uma estrada ligando Nova Vicenza (Farroupilha) aos campos de Vacaria, passando por Castro Alves, Nova Roma, Nova Treviso, Antônio Prado e São Luís (Vila Ipê), devendo conectar a região com a estrada-de-ferro em construção entre Porto Alegre e Caxias.

A estrada, que recebeu o nome de Júlio de Castilhos, teve suas obras iniciadas no começo do século, sob a direção do engenheiro Dr. Carlos Torres Gonçalves e foi construída quase exclusivamente por imigrantes poloneses, com picareta e pá. Afirmava-se na época tratar-se de uma das melhores do Estado. Apesar de constar ter sido inaugurada no dia 21.4.1903, no livro do citado autor italiano Vittorio Buccelli “Um Viaggio a Rio Grande del Sud”, escrito em 1904, o qual estampa a histórica fotografia da inauguração, lê-se que teria sido inaugurada em 1902.

A princípio, no Passo dos Navegantes, não havia barca, mas apenas uma canoa, que transportava as pessoas, devendo os animais atravessar o rio a nado. A balsa esteve a cargo de Vicente Dondoni, Augusto Biazet, Antônio Petró, Vitório Bacco, José Munareto e outros.

O governo estadual e municipal, após a inauguração, prosseguiu com os trabalhos de alargamento, tendo como capataz o sr. Corá Reyneri (1855-1933), que durante muito tempo esteve também encarregado do pedágio. As obras de reforma da estrada continuam até hoje, de sorte que ela se tornou, na descida da serra, uma excelente rodovia com o desnível inferior a 7%, prestando-se para ser asfaltada, proporcionando grande vantagem, mesmo em extensão, sobre a atual BR-116.

Mas os melhoramentos desta estrada constituíram uma autêntica epopeia de trabalho. Para tanto colhemos o depoimento de João Battistin, de 80 anos, que juntamente com uma centena de outros operários, foi alargando e aperfeiçoando a rodovia:

"Eu saía todas as segundas-feiras da minha casa, na Linha Gustavo Vaza, e voltava no sábado. Levava o alimento para toda a semana. Dormia ao relento, tendo apenas uma folha de zinco, para defesa contra a chuva de noite. Acompanhado de 80 trabalhadores, galgava penosamente a encosta. Lá no alto amarrados por cordas pela cintura e num tronco de árvore ou broca cravada na rocha, descíamos sobre o abismo como alpinistas, passando o dia perfurando o rochedo para miná-lo, um segurando a broca e outro marretando. Trabalhei assim durante um ano e ganhei um conto de réis."

Em 1910 foi construída a primeira balsa. O Passo dos Navegantes foi servido de balsas até outubro de 1930, quando, uns 200 metros acima, foi inaugurada a ponte metálica. Acerca da construção desta ponte, entrevistamos o empreiteiro da obra, o ferreiro Eliseu Menin, filho de José, nascido em 1905 em Castro Alves e, desde 1944, residindo no bairro Glória, na cidade de Vacaria.

"As obras — diz Eliseu Menin — foram iniciadas em 28.11.1928,

durante o governo de Getúlio Vargas, então Presidente do Estado, o engenheiro da obra era o Dr. Heitor Mazzini, que residia em Garibaldi. Fiscal, Orestes Banalli. Eu era o empreiteiro e havia cerca de 200 operários, todos de origem italiana, pois os poloneses já haviam emigrado para o Alto Uruguai. Prestaram grande serviço os srs. Ângelo Venzon e Ângelo Antonello, donos de serrarias, uma de cada lado do rio.

Havia duas pedreiras, uma de cada lado do rio, fornecendo material para a construção do pilar de 22 metros de altura, no meio do rio. As barras de ferro vinham de Garibaldi, onde eram construídas na oficina da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Eram transportadas de trem até Farroupilha e daí em carretas até o passo."

O Dr. Getúlio Vargas visitou as obras em 1929, acompanhado pelo Intendente Francisco Marcantônio, o Dr. João Fernandes Moreira, Secretário das Obras Públicas, o Dr. Fernando de Abreu Pereira, Diretor Geral da Viação Férrea, eng. Pereira da Cunha, da Diretoria de Obras e Viação. Os trabalhos prosseguiram com normalidade, não se registrando acidente algum. A inauguração devia ocorrer no dia 12.10.1930, enquanto a ponte permanecia fechada com correntões, tendo uma placa na entrada. Mas irrompeu a Revolução, e no dia três de outubro, 21 caminhões do Exército, sob o comando de Benjamim Vargas, e dirigindo-se a São Paulo, chegaram aqui, desamarraram as correntes dispararam tiros de fuzil até na própria placa, dando assim por inaugurada a ponte "Getúlio Vargas", nome que não pegou. Chegando em Antônio Prado, as tropas revolucionárias acamparam em mais de cem barracas armadas ao longo da atual Av. Rio Branco, permanecendo aqui por vários dias, durante os quais ouve um incidente entre um oficial e um soldado, saindo ferido o oficial, que foi salvo milagrosamente por uma medalha que trazia no peito.

A estrada principiou então a receber extraordinário movimento de carretas e caminhões. Foi macadamizada. Durante o governo do Dr. Sinval Guazzelli (1974-1978), a rodovia, hoje RS-28, recebeu nova reforma, com alargamento e retificação, havendo antes, no governo do Eng. Ildo Meneghetti, recebido promessa de asfaltamento pelo Secretário das Obras

Públicas, Eng. Euclides Triches, que mais tarde, quando governador, reforçou a promessa. Mas a estrada Júlio de Castilhos, que a princípio fora até escolhida para implantação da BR-2, a atual BR-116, até hoje aguarda sua pavimentação e ligação a São Vendelino, encontrando-se pavimentado apenas um trecho em São Marcos e Farroupilha.

O trecho entre Castro Alves e Antônio Prado, mesmo após tantas reformas, apresenta numerosas curvas perigosas, que causaram acidentes fatais. Entre estes, citamos o que ocorreu em 13-8-1958 com um ônibus da Empresa Mandelli, que transportava um grupo de pessoas que voltavam de um retiro espiritual no Santuário de Caravágio, ocasionando uma morte e várias pessoas feridas. Outro acidente verificou-se com a Empresa Gambatto, ocasião em que pereceu o dentista Pedro Noll, que retornava à sede do município procedente de Nova Roma. Em 4.6.1961, proximidades de Nova Treviso, outro grave acidente tirou a vida de D. Elvira Piola Caon esposa do professor Giocondo Caon, filho do pioneiro e ex-prefeito Domingos Caon. Em 1.7.1972, na Linha Trajano, o caminhão dirigido por Otávio Basso derrapou numa curva, caindo num barranco e ocasionando a morte dos gaiteiros Armindo Scapinelli e Germano Camatti. Em 9.6.1972, uma possante jamanta, carregada com produtos do Frigorífico Pradense, derrapou em outra curva, perto do Borgo Forte, rolando barranco abaixo.

Entretanto, os acidentes fatais não são privilégio da Estrada Júlio de Castilhos. Eles ocorrem com frequência em toda a montanhosa região da serra do rio das Antas. Vale recordar a recente catástrofe de 3.6.1979, quando entre Ipê e Segredo um ônibus dirigido por Osmar Zanotto, levando membros da família Brollo, que retornavam de uma festa de casamento, despencou-se num abismo de 130 metros, ocasionando a morte de cinco pessoas e ferimentos em outras 18, que foram internadas no Hospital São José, de Antônio Prado. Morreram Guerino Brollo, de 13 anos; Maria Brolo Pauletto, de 23 anos; Silvano Brolo, de quatro anos; Valdir Brollo, de 35 anos, e Hermenegildo Brollo, de 36 anos.

Com a inauguração da BR-116 e da BR-101, a movimentada

estrada Júlio de Castilhos, repleta de epopeias de heroísmo dos velhos carreteiros, balseiros e caminhoneiros, perdeu expressão, ficando como que marginalizada, embora continue sendo o caminho mais curto e fácil entre Vacaria e Porto Alegre, via São Vendelino.

Por falar em acidentes, embora seja em capítulo impróprio, não podemos deixar de registrar o grave desastre com o Boeing da VARIG, ocorrido em Paris em 11.7.1973, quando pereceu, entre os 122 mortos, a pradense Nivalda Paganella Kirst, filha de Dorval Paganella, que também pereceu em desastre de trânsito. Nivalda era casada com o engenheiro-mecânico Gastão Kirst, funcionário da companhia aérea gaúcha, o qual também pereceu no acidente, pois o casal se encontrava viajando em lua de mel.

Em 11.5.1979, em Caxias do Sul, pereceu em acidente de motocicleta o estudante universitário Nilo Carminatti, de 18 anos, filho do industrialista Pedro Carminatti, Vice-Prefeito do município e Subprefeito de Nova Roma (7,8; 15).

JARDIM FECHADO

Isolado entre montanhas, cercado de águas, no meio de paradoxal diversidade de altitudes de 200 a mil metros, em tão limitado espaço, o município de Antônio Prado é o autêntico jardim fechado, exaltado pela grandiosidade lírica do poema bíblico do Cântico dos Cânticos. Gigantescos muralhões intransponíveis, escalando verticalmente o céu, defendem um misterioso mundo de sortilégio, de panoramas deslumbradores, ocultando um recanto de quimera, de edênicas belezas, de paisagens bucólicas, de horizontes estonteantes, de minúsculas planícies alcandoradas sobre o abismo...

Ah! ninguém até hoje descobriu este pedaço de paraíso terrestre,

muito mais fascinante, muito mais saudável, do que a decantada serra de Nova Petrópolis, Gramado e Canela, que no inverno, não raro, por dias e semanas, se encobre na treva branca e insidiosa da fastidiosa neblina, da traiçoeira cerração. Antônio Prado não conhece este atordoante fenômeno. Conhece, isto sim, o belíssimo espetáculo matinal de alvíssimas nuvens que surgem como respiração dos abismos, numa sublime tribulação de incenso, de brancura latescente, mas de efêmera duração, de molde a não aviltar a grandiosidade do seu esplendor.

Os habitantes dos grandes centros ignoram o recanto de fábula do interior de Antônio Prado, onde uma chácara de veraneio poderia ostentar seu bucólico chalé, embriagado pelo suave aroma dos vinhedos, cercado de pomares, e cuja mesa se encheria, como por artes de magia, dos mais saborosos manjares e finíssimos vinhos da terra, com abundância de uvas, figos e maçãs.

Ah! quando o interior de Antônio Prado for descoberto, virão de longe, em tropel, os cansados habitantes das poluídas cidades, a respirar aqui, no alto da serra, em clima seco, o ar mais puro do mundo, ouvir a canção das águas dos rios das Antas, da Prata e do Humatã, como eco longínquo, envolvente, enquanto o olhar se extasia, devassando o abismo, nas searas e matas, ondulando por montes e vales, nos municípios de Flores da Cunha, Farroupilha, Bento Gonçalves, Veranópolis e Nova Prata.

Se o veranista for amante de reuniões sociais, tem, ali pertinho, o vasto salão da comunidade rural, onde o vinho anima as velhas canções italianas. E, logo além, tem uma cidadezinha pacata, aninhada em regaço de montanhas vestidas de mataria, linda como um presépio, onde não existe assaltante, nem poluição sonora, mas apenas a companhia carinhosa dos operosos descendentes vênetos, de voz cantante e rosto corado e sorridente.

Se apreciar os espetáculos da natureza, desce ao velho Passo do Simão, de clima tropical, onde até um cafezal já floriu uma vez; vai ao Passo do Zeferino, para ouvir de mais perto, sobre a ponte ciclópica, a canção das águas; vai às furnas do Leão, ao cachoeirão do rio das Antas,

à cachoeira de Humaitá do rio da Prata, à cascata do rio do Inferno, de 63 metros de altura; abeira-se do abismo e contempla lá no fundo a faixa coleante dos rios, enfiando-se por entre montanhas como gigantesca serpente...

Sim, quando o município for ligado pelo asfalto, certamente deixará de ser a bela adormecida e despertará para a festa deslumbradora dos turistas. Então o jardim deixará de ser o jardim fechado da esposa dos cantares, para descerrar suas portas, desencantar o mistério, e transformar-se no jardim aberto, mostrando a todos a grandiosidade do seu esplendor.

AUSÊNCIA DE CRIMINALIDADE

Antônio Prado, como aliás todas as pequenas cidades da zona colonial italiana do Estado, orgulha-se do privilégio da ausência quase total de criminalidade. Os crimes de morte cometidos ao longo de toda a sua História contam-se nos dedos, se excetuarmos o caso de 1936 e do período revolucionário, quando, na Revolução de 1893, foi até assassinado, com requintes de crueldade, o sr. Antônio Reginato, pai do intendente Caetano Reginato. Instalada a Comarca, não surgia oportunidade de inaugurá-la com uma sessão do júri, de sorte que o Dr. Hildo da Costa Guilloux chegou a sugerir que se trouxesse um criminoso de outra Comarca.

Em 11.5.1911, dia de eleições, no Hotel Brasil de Pedro Gazola, sito no local onde se ergue hoje a bela moradia do sr. Waldemar Grazziotin, ocorreu um crime de morte na pessoa do professor Castilhos, que era de Alfredo Chaves, Prócer governista, de bengala em punho, avançou contra um grupo de federalistas durante o almoço. Olímpio Orsi, após insistir em vão contra o agressor, desferiu um tiro de revólver, matando-o. Mais tarde, o réu foi absolvido sob alegação de legítima

defesa. Entretanto, o sr. Pedro Gazola foi preso, o que obrigou o sr. José Dotti, homem influente e íntegro, a ir à cadeia para tirar o inocente hoteleiro. Os três guardas armados de compridas espadas não queriam soltar o preso, sendo obrigados à força. Dias depois, o hoteleiro foi novamente preso. Voltou o sr. José Dotti ao presídio. Homem possante, arrombou a porta e libertou o sr. Pedro Gazola.

João Comparin foi assassinado na casa comercial de Vicente Golin, na Linha Almeida, junto à Estrada Ernesto Alves. Em 12.4.1937, na Farmácia Palombini, o dentista prático José Rigon abateu o sr. João Golin, Domingos Grazziotin Sobrinho, filho de Luís e Corona Scotti Grazziotin, foi assassinado no Clube União por Astrogildo Rodrigues. A vítima, segundo o Dr. Oswaldo Hampe, era quase noivo de uma filha de Vítor de Castro. Na ocasião Adelgides Rodrigues feriu mortalmente o Cabo Teodolino, que veio a morrer oito meses após. Santo Zanella e a esposa de Antônio Garbin foram assassinados na capela de São Roque, Linha Cavour. Em 19.9.1978, na Linha Trajano, foi assassinada misteriosamente Ilda Santinon Ditadi.

Na região de Nova Roma, há uns 50 anos, desapareceu uma menina de uns dez anos. Passados 20 anos, foram encontrados os ossos, dentro de um precipício, sendo que a caveira trazia cravados os chumbos causadores da morte criminosa.

Da mesma forma, não se verificam casos de assaltos a pessoas ou estabelecimentos comerciais e industriais. Para confirmar que regra não tem exceção, no dia 18.2.1979, cinco ladrões evadidos da cadeia de Nova Prata furtaram o caminhão leiteiro de Alcino Panisson, da localidade de Santa Ana, abandonando-o em Torres (5,15).

VOCAÇÕES SACERDOTAIS E RELIGIOSAS

Município fundado por famílias profundamente católicas, sempre assistido por sacerdotes zelosos e conspícuos, tanto na Paróquia da sede como na de Nova Roma, com o apoio admirável dos Irmãos Maristas e das Irmãs de São José, Antônio Prado é um dos municípios do Brasil que mais contribuiu para o crescimento das vocações sacerdotais e religiosas.

Das fileiras do seu clero surgiram figuras ilustres do Episcopado Brasileiro, dois filhos da terra e um nomeado Bispo enquanto dirigia a Paróquia — D. José Barea, D. Orlando Dotti e D. Henrique Gelain. O capuchinho Frei Celestino Dotti, duas vezes Superior Provincial, fundou a Congregação dos Missionários de São Francisco de Assis. Quatro Irmãos Maristas pradenses foram Superiores Provinciais. A Irmã Maria Nodari (Teresinha do Menino Jesus) foi Supervisora Provincial das Irmãs de São José.

O clero diocesano conta com grande número de sacerdotes pradenses, entre os quais, além dos citados Bispos:

Pe. Oscar Bertholdo, laureado poeta; Pe. Marcelino Rizzon, outro poeta; Pe.Francisco Marcantônio Andognini, Vigário de São Roque, Bento Gonçalves; Pe. Ricardo Camatti, Vigário em Torres; Pe. Ângelo Mazzotti, Vigário de Galópolis; Pe. Delvino Marin, Vigário de Caxias do Sul; Pe. Guerino Gonzatto, Reitor do Seminário de Pelotas; Pe. João Panazzolo, Pe. Roque Grazziotin, Pe. Jorge Parisotto, Pe. Abraão Furlin, Pe. João Pozzolo, Pe. Isidoro Bigolin, Pe. Uldérico Dall'O, Pe. Reinaldo Zolet, Pe. Gentil Benini.

Entre os capuchinhos:

Frei Celestino Dotti, Frei Justino Dotti, Frei Clementino Dotti, Frei Arnaldo Dotti, Frei Evaristo Parisotto, Frei Maurílio Parisotto, Frei Odorico Dal Molin, Frei Agostinho Bortolotto, Frei Nicolau Bortolotto, Frei Marciano

Agustini, Frei Conrado Lucian, Frei Félix Castagna, Frei Ambrósio Tondello, Frei Otalívio Bortolotto, Frei Guerino Restelatto, Frei Elípio, Frei Remígio, Frei Casimiro Zafonatto, Frei Gaudêncio Veronese, Frei Reni Bortolon, Frei Arcanjo Bizzotto (falecido).

Cerca de uma centena de pradenses frequentaram o Seminário ou as Casas de Formação Religiosa, exercendo hoje o magistério e outras profissões liberais, graças aos ensinamentos colhidos com o clero e religiosos. Entre estes destacam-se três filhos de Pedro Mondadori, irmãos do sr. Hugo Mondadori, ex-chefe do Posto de Análises de Vinho e Derivados, Ex-prefeito interino e Vereador (3,4,7,15).

SERVIÇO PÚBLICO

AGÊNCIA POSTAL E TELEGRÁFICA: A Agência Postal foi criada e instalada em 1891, tendo como agente a sra. Verônica Comparin e estafeta Giacomo Grezzana. A Estação Telegráfica foi instalada em 6.4.1896, sendo telegrafista Raul de Abreu e zelador Máximo Empinotti. Durante quase 50 anos foi agente dos Correios e Telégrafos a sra. Catarina (Catina) Fedumenti, esposa do sr. Vitor Fedumenti. Outros agentes que também eram telegrafistas: João Luiz de Mello, João Manuel Buratto, seguido de: Otávio Machado (1950-1966), Joaldo Gomes (1967-1976) e desde 1976 Antônio Carlos Silveira. Na década de 1950 foi construído o novo prédio. Após o ano de 1900 era estafeta Alexandre Grezzana e carteiro Luiz Marcantônio.

SERVIÇOS TELEFÔNICOS: 1915 — Hoje CRT — Uma das primeiras telefonistas, por mais de 25 anos, foi Da. Mabilia Deluchi. Outros encarregados: Salatiel Pires, Anita Campos, Terezinha Campos Guazzelli. Desde1966 é encarregada da CRT Marinês Corso Grazziotin, Em 1979

havia cerca de 200 assinantes, existindo pedido para mais 200. Para o ano de 1980 aguarda-se a instalação do sistema DDD.

COLETORIA FEDERAL: Instalada em 1891, sendo seu 1° coletor o sr. Manuel Hipólito dos Santos, seguido de Edmundo de Oliveira, Luís Marcantônio Grezzana. Em 1969 foi instalado o Posto da Receita Federal, que em1977 passou a chamar-se AGÊNCIA DA RECEITA FEDERAL, com os titulares: José Barrueco Filho (de 1969 - 1977) e Ítalo Valduga a partir de abril de 1978.

COLETORIA ESTADUAL, HOJE EXATORIA ESTADUAL, criada por Decreto n° 232, de 13.3.1899, tendo como 1° coletor: Cristiano Ziegler, seguido de Alberto Silva, Pedro Ranzolin e outros, sendo os últimos: João Amaro Chini (1942-1963), Volmar Ascari Ferreira, Norton Pinto Filho (1969-1972) e desde maio de 1972: Zilka Silveira.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA: começou a funcionar em 1943 na administração do Prefeito Felisbino Monteiro. Após alguns períodos de paralisação, foi reorganizada em 1956. Houve nova paralisação, voltando a funcionar em 1976, com a seguinte Direção: Gely Rosa Montanari Hardt (pres.), Nilza Bocchese Cunha (Vice), Gislane Maria Ardt (secr.) e Ana Maria Pellin (tesoureira). Em 1956-1958 foi presidente a prof. Vanda Rodrigues Grazziotin, seguida da Dra. Myreia Simões Pires Ways. Nesse período foram atendidas 264 famílias, havendo uma despesa de Cr$ 130.620,90.

INCRA: instalado na Prefeitura Municipal em 1967, vem sendo atendido atualmente pelo encarregado sr. Guilherme Carra.

CORSAN: No ano de 1960 foi entregue pela Secretaria de Obras Públicas o serviço de abastecimento de água à população da cidade, mediante um poço artesiano com capacidade de 18 mil litros por hora, com profundidade de 60 metros, bomba de 10 HP e dois reservatórios e uma extensão de rede de 6.746 metros. Atualmente, sob a gerência do sr. Aldo Amaro Chini e do auxiliar de Administração Ilson Domingos Zanetti, a CORSAN conta com quatro poços artesianos, com cerca de mil assinantes.

CARTÓRIO DE IMÓVEIS: fundado em 1900 teve os seguintes titulares: Firmino Luís Gomes de Abreu, Virgílio Ranzolin, Abelardo Cavalcanti, Aldrovando Guazzelli e Cláudio Polycarpo Bocchese.

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL: A partir da fundação teve como titulares: Carlos Ziegler, Luís Fonini, Ciro Plaxiteles Fonini, Wilmo Etmar Boelver, Eva Catarina Lampert da Silva, Dilon Faccio, Shirley Bica Ramos e Cláudio Polycarpo Bocchese.

ESCRITÓRIOS DE CONTABILIDADE: Escritório de Contabilidade e Despachantes FORTUNA, fundado em 1974 por Laureano e Clodoveu Fortuna: atualmente de Laureano Fortuna, Valter Pasqualini e Abel Pasuch.

ESCRITÓRIO BONATTO PASA, fundado em 1974, escritório de Contabilidade e Despachantes, de Ulisses Vitório Pasa e João Carlos Bonatto de Oliveira, funciona junto com a Imobiliária Bonatto. ESCRITÓRIO DE V. J.BORGES & CIA LTDA., de Valner José Borges, Cláudio Giulian e Júlio Zaniol, foi fundado em 1968, sendo o mais antigo do município, existindo anteriormente o Escritório MONDADORI (8,15).

VISITANTES ILUSTRES

O Dr. Joaquim Francisco de ***ASSIS BRASIL*** esteve duas vezes em Antônio Prado; em 1919, quando se hospedou na casa do Major Laurindo Paim, tendo ainda visitado o sr. José Dotti, presidente do Partido Libertador; em 12.11.1922, quando presidiu o comício do partido, em companhia do Tenente Coronel Libório Rodrigues e do poeta Cassiano Ricardo. Este visitou várias vezes Antônio Prado, realizando conferências, e como fiscal eleitoral do Partido Libertador.

Durante o armistício da Revolução de 1923, aqui esteve o ***Gal. Felipe Portinho,*** que se hospedou na casa de José Dotti. Este, presidente do diretório do Partido Libertador, havia conseguido do comando geral do Exército em Porto Alegre uma força de 15 homens, sendo um sargento e um cabo. Ficaram acantonados na rua da Paz, a cem metros da casa de José Dotti. Sabendo da visita de Portinho, Ernesto Dotti e João da Silva, vieram desde Flores da Cunha, a cavalo e lenço encarnado no pescoço. Vendo-os, 28 homens armados cercaram a casa de José Dotti, chefiados pelo sargento Matoso, momentos após a partida de Portinho rumo de Passo Fundo. Nisto, as forças do Exército, de arma embalada, convenceram Matoso a desistir de invadir a casa da família Dotti, evitando assim sério conflito, pois todos estavam armados, inclusive com granadas de mão.

Em 1927, o Dr. João Batista Luzardo esteve em Antônio Prado, em propaganda de sua candidatura. Enquanto discursava sobre um automóvel, na Praça Garibaldi, o Dr. Raul Bittencourt, assistia à missa na Matriz, realizando depois um comício em frente da igreja. Ambos foram eleitos deputados federais.

Em 1929, em visita de inspeção “as obras da Ponte do Passo dos Navegantes, aqui esteve o ***Dr. Getúlio Vargas,*** então Presidente do

Estado, fazendo-se acompanhar por vários Secretários do Governo do Estado. Seu irmão Benjamim Vargas, à frente de uma força composta de 21 caminhões, inaugurou a ponte em outubro de 1930 e acampou durante vários dias em mais de 100 barracas na antiga rua da Paz, na então vila de Antônio Prado.

Em 1972, esteve em visita à família do falecido Angelin Pegoraro a estudante universitária norte-americano ***Laura Ernest,*** filha do presidente de uma empresa petrolífera. Veio retribuir a visita da então estudante Maria Teresa Pegoraro, que estudara durante um ano nos Estados Unidos, hospedando-se na casa de Laura. Falando ao jornal "Panorama Pradense" disse a estudante norte-americana: "Os norte-americanos só conhecem do Brasil o rio Amazonas, o café e o Rio de Janeiro. Pensam que aqui se fala espanhol e não existe automóvel. Alguns não acreditam que exista na América do Sul algum país desenvolvido. As escolas do meu país incutem desde cedo uma ideia de superioridade americano perante os outros povos, muitas vezes falsa". Em 1979 chegou a Antônio Prado, para 3 meses de estudos, a norte-americano Sue Ellen Hammond, de 17 anos.

Em 2.9.1957 visitou oficialmente o município o Dr. Camilo Leonini, Cônsul Geral da Itália, que conferiu comenda ao ex-prefeito Vicente Palombini. Em 13.7.1958 esteve oficialmente em A. Prado o Conte de San Marzano, Cônsul Geral da Itália em Porto Alegre, para conferir a entrega da Comenda "Stella della Solidarietá Italiano di 3ª Classe" ao então Presidente da Câmara sr. Luís Marcantônio Grazzana. Os ilustres visitantes foram saudados pelo prefeito Grazziotin.

CAPELA NOSSA SENHORA DE MONTE BÉRICO - LINHA 21

A cinco km da cidade, junto à Estrada Protásio Alves, espraia-se um dos mais garridos povoados do município, formado por 25 famílias. Dominado por linda capela, vasta sede social, enorme escola, possui duas

fortes casas comerciais das famílias Verza e Beltrame, esta uma das maiores indústrias de vinho do Estado. É a Capela de Nossa Senhora de Monte Bérico da Linha 21 de Abril, povoado também conhecido por Tiradentes.

Entre os pioneiros italianos que fundaram a capela, inaugurada em 12.2.1896 pelo Pe. Alexandre Pellegrini, destacam-se as famílias Boschetto, Vilan, Miola, Golin, Marcílio, Beltrame, Remuzzi, Ampessan, Provin e Verza. Em 1925 foi construída nova capela de madeira no lote no 15, sendo a anterior no do no 18, em terreno doado por Boschetto e Ângelo Marcílio. João Marcílio e Atílio Beltrame doaram o terreno para o salão da comunidade, e Antônio Ampessan para a capela atual, de alvenaria, inaugurada em 1965, mas concluída em 1967. Em 1935 Antônio Verza construiu o cemitério atual. Em 1975 foi construído o Salão Comunitário com 600 m^2.

A 1ª escola era particular, a seguir municipal, com os prof. João Brolhi, Miguel Frigotto, Atílio Camozzato e João Albernaz. Em 1943 foi criado o Grupo Escolar, sob a direção da prof. Leondina Marin e Elza Larenti. Em 1975-76, foi construído o novo prédio para a então Escola de Área, que polarizava 11 escolas tributárias, sob a coordenação do prof. Agostinho Furlan, auxiliado por Yola Q. Ferrary Lucena, Tarcila F. Furlan e Dinacir Denale Geremia. O novo prédio da escola foi inaugurado em 5.8.1977 pelo Secretário de Educação e Cultura Airton Santos Vargas e pela prof. Maria de Lourdes Vargas Lunardi, Delegada de Ensino de Caxias do Sul, filha do prof. José Fialho de Vargas, tendo discursado o Prefeito Lino Celso Zaccani. A escola conta com 8ª série, sob a direção da prof. Nilva Ghinzelli, auxiliada por oito professoras, atende as Linhas Cândida, Guerra, Mimosa, 21de Abril, Amarílio e Camargo, as quais, junto com a Prefeitura Municipal, colaboraram na construção do prédio, que é um dos maiores de todo o interior pradense.

A sociedade compõe-se de 74 famílias:

Antônio Verza, Narciso Verza, Cláudio Verza, Vili Verza, Atílio Beltrame, Octacílio Beltrame, Viúva Arquimino Beltrame, Armindo Beltrame, Cristiano Beltrame, Viúva João Marsiglio, Nadir Marsiglio, Severino Marcilio, Viúva Zulmiro Cavazzola, Valdomiro Rech, Genoveva Maziero, Emerle Biazus, Clodoveu Magnabosco, Josafat Verza, Orildo Zenato, Arlindo Zenato, Ângelo Verza, José Gazola, Saule Bellan, João Verza, Pedro Zenato, Itamar Magnabosco, Pedro Marciano Magnabosco, Zacarias Slongo, Ângelo Zampieri, Abitino Duarte, Lúcia Cavazzola, Armindo Furlan, Valdomiro Zenato, Hortêncio Verza, Maurilio Grandi, Milton Verza, Aldo Susin, Narciso Lourenço da Silva, Alberto Sotoriva, Antônio Soares, Antônio Ampessano, Viúva Orestes Carlesso, Natal Rizzardi, José Carlesso, Almir Gazola, João Magnabosco, Evaristo Magnabosco, Orozimbo Cavazzola, Ildo Verza, Alfredo Verza, Melzi Verza, Moacir Verza, Itacir Beltrame, Luiz Schiochet, Eugênio Pontel, Dionísio Magnabosco, Ângelo Golin, Pedro Manera, Severino Golin, Hélio Marcilio, Lourenço Golin, Ciro Araldi, Rudi Araldi, Narciso Golin, Atílio Golin, Máximo Golin, Euclides Manera, Orozimbo Ampessano, Antônio Golin, Valdemar Golin, Joana Verza e viúva Ângelo Slongo.

Antônio Verza, que durante 35 anos foi fabriqueiro da capela, é um venerável patriarca da localidade, o qual, a par de Atílio Beltrame, outro patriarca, merece registro. Filho dos pioneiros Giovanni Verza e Erina Dal Molin Verza, ele natural de Vicenza, ela nascida em alto mar e batizada na Alta Feliz, nasceu em 15.8.1904, na Linha Cândida. Com oito anos começou a trabalhar de tropeiro, indo na ponta dos cargueiros, montado na égua madrinha. Em 1918, com a morte do pai, assumiu a direção da casa dedicando-se com os cinco irmãos na amanho da terra.

Em Fevereiro de 1924, carreteiro de João Cavazzola, aprendeu o ofício, e em 1925 comprou uma carreta, fabricada em Caxias por João Triches, pai do ex-governador Euclides Triches, tendo como avalista José Cesa, de cujo frigorífico transportava os produtos para Caxias. Transportava madeira, produtos coloniais e até trouxe de Caxias, para o Intendente Caetano Reginato, as máquinas da primeira usina hidrelétrica do município. Durante longos anos enfrentou a dura vida dos carreteiros,

ao lado dos colegas de profissão, os irmãos Cláudio, Narciso, Josefat, Caetano e Ângelo, e dos amigos Mário Faccio, Ângelo Scotti, Celerino Michelon, Atílio Zaccani, João Mondadori, Ângelo e José Golin, Pedro e Ângelo Zen e outros. As viagens prolongavam-se até Vacaria, Bom Jesus, Lagoa Vermelha, Sananduva, para onde chegou a transportar suprimentos para as forças revolucionárias de 1923. Em 1915, em São Gotardo, Flores da Cunha, viu o primeiro automóvel, de César Baldisserotto.

Em 2.6.1928 casou com Assunta Falavigna, filha de João, com cujo aval adquiriu 12 hectares de terra e se estabeleceu com casa comercial. O negócio progrediu, oportunizando a fundação da firma Irmãos Verza, até hoje uma das fábricas de vinho mais sólidas da região. Em 1930 os Irmãos Verza plantavam o primeiro vinhedo e construíam a grande cantina por mãos de Amadeu Grandi. A princípio representantes e depois sócios da Vinícola Riograndense Ltda., tiveram desta grande apoio. Em 1933, ano da formação da sociedade, com prensa manual industrializavam os primeiros 45.000 quilos de uva. Em 1935, a Cantina foi ampliada e implantou-se a mecanização da indústria com um motor Dodge. Em 1942 foi construída nova cantina, em que foram empregadas 10.700 pedras. Em 1954 nova ampliação. De 1933 a1947 a cantina foi alugada à Vinícola Riograndense, continuando os Irmãos Verza como acionistas. Em 1947 foi vendida, prosseguindo hoje a vinificação com compra de uva dos agricultores, tendo sido comercializados 1.100.000 quilos de uva em 1977, e 1.500.000 em 1978, baixando em 1979 para 500.00 quilos.

Em 1967, Ângelo Verza, irmão de Antônio, fundava a Cantina Verza Bulla Ltda., hoje sob a presidência de Vily, filho de Antônio. Com sete sócios. A firma industrializa cerca de 1.700.000 quilos de uva anualmente, com uma produção de 20 mil barris de 100 litros de vinho. A grande família Verza, além do comércio e indústria, opera no ramo de transporte, com as firmas Transporte Verza Ltda., Transportadora Comercial Verza Ltda., Rodoviária Verza Ltda.

No dia 3.6.1978, numa festa que reuniu cerca de 800 pessoas,

Antônio Verza e Assunta Fala vinha Verza e Josefath Verza e Luiza Dondoni Verza, celebravam suas bodas de ouro. Estavam presentes D. Benedito Zorzi, Bispo de Caxias do Sul, D. Henrique Gelain, Bispo de Vacaria, numerosos sacerdotes, o Prefeito Lino Celso Zaccani, os deputados: Lino Zardo, Júlio Costamilan, Vitório Trez. A Banda dos Irmãos Michelon da Linha 40 de Caxias do Sul deu brilho às festividades. Os padrinhos do casamento dos dois casais estavam todos vivos, embora nem todos tivessem comparecido às bodas de ouro dos seus afilhados.

ATÍLIO BELTRAME, nascido na Linha 21 de Abril, em 25.11.1898, filho de Tomás Beltrame e Josefina Zamboni Beltrame, imigrantes italianos de Treviso e Verona, proprietários de um dos primeiros moinhos hidráulicos da região, é outro patriarca do povoado de Tiradentes, o qual, junto com sua ilustre família, pela sua operosidade e amor à terra natal, deve figurar com destaque nas páginas da História.

Havendo trabalhado no moinho do pai e na ferraria de Ângelo Marcílio, foi depois carreteiro transportando produtos para São Sebastião do Caí e Feliz. Em 1918, colaborou na construção da nova Estrada Protásio Alves, junto com Domingos Scopel, Francisco Marcanzoni, João Zacarias e Ângelo Beltrame, um de seus nove irmãos. Casou com Josefina em 1919 e no mesmo ano prestou serviço militar em Cruz Alta, havendo obtido o 1° lugar em precisão de tiro de canhão.

Retornando, estabeleceu-se com ferraria, que mais tarde se transformou em fábrica de carrocerias de caminhão. Tem oito filhos: Arquimino Natal, casado com Cleudes Verza, Maria, casada com Avelino Dal Molin, Otacílio Tomás, casado com Neli Colombo, Armindo casado com Nilva Verza, Teresa, casada com Olisses Salvador, Cristiano, casado com Carolina Suzin, Mercedes, casada com Antônio Pimentel, Itacir, casado com Neuza Marsiglio.

Em 1932 instalou uma Cantina Colonial, fabricante dos vinhos “Monte Bérico”. Em 1939 instalava sua casa comercial. Em 1969 inaugurava indústria de beneficiamento de madeira na cidade, na zona Golin, instalando depois serraria em Lages. Em agosto de 1979,

inaugurava, na antiga oficina Golin, Loja de Material de Construção e de Ferragens, a maior firma do gênero do município, em amplo prédio construído pelo engenheiro civil Luiz Beltrame Dal Molin, Pecuaristas, Atílio Beltrame e Filhos, possuem um rebanho de 500 reses de corte e leite, além de uma transportadora com uma dezena de caminhões, "Transporte 21 de Abril".

Os vinhos BELTRAME, de fama nacional, constituem, atualmente, legítimo orgulho do município, contribuindo em 1978 com uma arrecadação de ICM na ordem de 1.064.460 cruzeiros e um imposto de renda de 1.205.000,00. A Cantina Beltrame dispõe de 12 pipas de 100 mil litros, 10 de 95 mil litros, oito piletas de 60 mil litros e uma pipa de 600 mil litros. Industrializa anualmente cerca de 3.500.000 quilos de uva, sendo 300 mil de vinhedos próprios. A fabricação atual ultrapassa a cifra de 3.200.000 de litros de vinho. A empresa ocupa 75 operários. Além de Atílio, são sócios da firma Arquimino Natal, Otacílio Tomás, Armindo, Cristiano e Itacir. Dois netos de Atílio, Ancélio e Homero, estudantes universitários, cursam Administração de Empresa e Enologia.

CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO - LINHA 21 DE ABRIL

Prosseguindo caminho rumo ao passo do Zeferino, logo após a Cantina Verza Bulla Ltda., dobrando à esquerda, aponta no alto a bela capela de Nossa Senhora do Rosário, cuja fundação remonta ao ano de 1894, quando a primeira capelinha foi inaugurada com a bênção do Pe. Josué Bardin. Ao lado, o amplo salão da comunidade e a Escola Rural, outrora escola municipal, sob a regência das professoras Tânia Maria Marcantônio e Ana Teresa Ampessano. A nova igreja foi construída há uns 30 anos.

Os pioneiros desta sociedade foram as famílias Pegoraro, Zafonato, Toresan, Giasson, Slongo, Spuldaro, Meneguzzo, Magnagutti,

Luvison, Magnabosco, Corso, Zen e Filippini. A maioria de seus descendentes emigraram para outros municípios, muitos fora do Estado. Filhos desta comunidade são os membros da família de Olivo Camana, proprietários de uma livraria em Caxias do Sul. São estudantes universitários filhos de Pedro Franciscato e José Furlin.

Atualmente a capela possui 39 sócios:

Leodir João Carraro, Vitório Toresan, Alberto Spuldaro, Valdomiro Spuldaro, Lourenço Spuldaro, Viúva Antônio Gazola, Calvino Spuldaro, Orilde Meneguzzo, Alcides Meneguzzo, Laurindo Zulian, Silvino Meneguzzo, Máximo Pegoraro, José Zafonato, Benedito Pegoraro, Geraldo Zafonato, Valdomiro Pegoraro, Olímpio Carraro, Hugo Pegoraro, João Luvison, Raul Magnabosco, José Zaneto, Valdir Luvison, Osvaldo Luvison, Horácio Suzin, Pedro Franciscato, Olímpio Fortunatti, José Carraro, Olivo Camana, Armindo Zen, Rosalino Zen, Expedito Pegoraro, Avelino Furlin, José Furlin, Horácio Zen, João Zen, João Corso, Octacílio Filippini, Viúva Antônio Fortunatti e José Zen.

Como em todas as capelas, há aqui também proprietários de caminhões que correm o Brasil, entre os quais Néris Zenato, dono de duas jamantas transportadoras de automóveis.

No dia 30.6.1973 celebrava nesta capela suas bodas de ouro o casal Ângelo Alberto Zen e Josefina Bogoni Zen, na ocasião em que se consorciava sua neta Salete Inês Zen com Lauro Alves Fernandes. No casamento realizado há 50 anos, quem animou o baile foi Moisés Mondadori, o pioneiro gaúcho em gravação de discos, o qual “não deixava ninguém à espera de outra valsa”.

CAPELA SÃO JOÃO - LINHA CÂNDIDA

Seguindo caminho em direção ao Passo do Zeferino, a sete quilômetros deste e 15 da sede do município, surge o pequeno povoado de São João, da Linha Cândida. A capela de alvenaria foi inaugurada em 1925. A primitiva, junto à estrada velha, fora inaugurada em 25.8.1894, construída no lote n° 53, doado por Carlos Sanguanini.

A Escola Estadual Rural Cônego José Benini foi criada em 1956. O grande salão da comunidade, o último a ser construído na Paróquia, foi inaugurado em julho de 1977, em terreno doado por Dionísio Colombo, que também doou a igreja. Aqui se realizam as festas mais rendosas na Paróquia, tendo a festa de São João de 1978 reunido a soma de 126 mil cruzeiros.

Região de extensos vinhedos, com uma produção anual de mais de um milhão de quilos de uva, a princípio quase toda industrializada pela Cooperativa Vinícola Mosele Ltda., de Caxias do Sul, atualmente de propriedade de Silvestre Bezutti, um dos grandes esteios econômicos do município, dono de um Supermercado na cidade e de imensos vinhedos produtores de cerca de140 mil quilos de uva anualmente. Outro importante proprietário é o sr. Ernesto Corso, sócio da Cantina Verza.

Um dos pioneiros italianos era Dionísio Colombo, pai de Natal Colombo e avô de Hildebrando Colombo, que tem 10 irmãos, enquanto Natal tem 9 filhos que moram em Caxias, Porto Alegre, Tapejara. Filho de Natal, Valdomiro, formado em Ciências Contábeis, é contador do SENAI, de Porto Alegre; Fernando é estudante de Engenharia Civil. São filhos desta comunidade: o Dr. Edilmar Pegorini, formado em Farmácia e Bioquímica e trabalha no Hospital das Clínicas da Capital do Estado; Dr. Adelar Pegorini, médico pela Universidade de Pelotas. O Dr. Iolder Colombo, engenheiro agrônomo, trabalha em Londrina, no Paraná.

Há cerca de 12 anos era comerciante neste povoado o sr. Clari

José Mascarelo, hoje trabalhando com caminhões. Atualmente possui armazém aqui o sr. José Pelizzaro, proprietário de caminhões. José Mutterle possui fábrica de caixas para uva e tomates. João Bezutti é proprietário de quatro enormes caminhões e seu filho Silvestre, mais quatro.

São ainda pioneiros José Verdi, Inocente Verdi, Guido Zoanazzi e José Slongo. Em 1979, são fabriqueiros da capela:

Pedro Migloranza, Hildebrando Colombo e Rosário Chilante. A capela conta com 54 sócios: José Pelizzaro, Antônio Pelizzaro, Hildebrando Colombo, João Bezutti, Guido Cescon, Leonor Mutterle, Geraldo Cescon, Alfredo Viadrigo, Vitório Viadrigo, Basílio Mantovani, Arlindo Zagnesi, João Bezutti, João Luvison, Vitório Corso, Ernesto Corso, Germano Corso, Ângelo Lira, Orlando Viadrigo, Elias Viadrigo, Orozimbo Valmorbida, Augusto Valmorbida, Germino Lovison, José Mutterle, Nelson dos Santos, Hilário Cechin, João Furlan, Rosário Chilante, Doris Chilante, Narciso Chilante, Caetano Chilante, Severino Chilante, Saul Lira, Viúva Jaime Lovison, Máximo Grassi, Antônio Grassi, Pedro Miglhoranza, Ângelo Sanguanini, Osvaldo Sanguanini, Amadeu Andreghetti, José Chilante, Valdomiro Zulian, Ângelo Filippini, Pedro Grassi, Expedito Filippini, Severino Andreghetti, Natal Bezutti, Vítor Viadrigo, Remi Viadrigo, Luiz Debona, Caetano Debona, Viúva Luís Debona, Silvestre Bezutti.

Um filho desta comunidade que honra Antônio Prado em Porto Alegre é o sr. Avelino Pegorini, proprietário do Palácio Hotel, na rua Vigário José Inácio, 644, do qual é sócio Itamiro Colombo.

CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVÁGIO - LINHA CÂNDIDA

Partindo do povoado Tiradentes, à direita, no sentido Passo do Zeferino, uma estrada em declive, serpejando em chão montanhoso,

densamente povoado por belas moradias, rodeadas de extensos vinhedos, leva-nos a três capelas, sobre a lomba de espinhaços de dois promontórios, cercados de abismos. Aqui, no meio de um mundo de sortilégio, de românticas belezas, mourejam dezenas de famílias, descendentes dos imigrantes italianos. Vinhedos, pomares, rebanhos bovinos e suínos, bandos de aves, imensas cantinas de vinho, atestam a feracidade da terra e a laboriosidade de seus proprietários.

A estrada vai ao derradeiro morador e estaca sobre o abismo, interrogando o infinito. Gigantescos muralhões de centenas de metros de altura separam a montanha do caudaloso rio das Antas, que desliza nas profundezas, abrindo caminho por entre bárbaros penedais. De outro lado, inacessível, o município de Flores da Cunha e, para o poente. Bento Gonçalves, mais adiante, Veranópolis.

O pesquisador é recebido com efusiva alegria e, sendo meio-dia, é convidado a sentar à mesa, numa vasta sala de esplêndida moradia, erguida no meio de edênicos encantos, perfumada de suaves aromas. A família numerosa é reforçada por um filho que mora em Vacaria e trabalha com caminhão. Viera no seu carro de passeio para ajudar na vindima. Outro filho, Jorge, é estudante universitário em Pelotas. Está de férias. É a família Pontel, proprietária de uma grande Cantina com vinhedos próprios, produtores de 200 mil quilos de uva por ano.

A capela, construída pelos imigrantes, foi inaugurada com a bênção de Pe. Josué Bardin em 2.9.1892. Mais tarde, no alto do morro, foi construída outra de pedra. Agora, há 15 anos, a nova capela, ao lado da sede social e da escola.

São em número de 35 os sócios:

Benedito Pontel, Viúva Benjamin Pontel, Tranqüilo Pontel, Valentin Frigotto, Clôvis Simeoni, Atílio Simeoni, Evaristo Vígolo, Mário Vígolo, Laurindo Vígolo, José Preto, Orosimbo Vígolo, Ângelo Vígolo, José Vígolo, José Marcante, Vicente Frigotto, Germano Frigotto, Viúva Reinaldo Zulian, Arcângelo Zulian, Mário Silvestre Zulian, Alberto Zulian, Natalício Simeoni,

Guerino Falavigna, Orozimbo Cavazzola, Firmino Sotoriva, Domingos Sotoriva, Máximo Simeoni, José Pontel, Neli Cavazzola, Olir Pontel, Antônio Mussatto, Pedro Mussatto, Lourenço Franciscato. São todos netos de imigrantes italianos que povoaram a região.

A Cantina Pontel foi fundada por Benjamin e Tranqüilo Pontel em1952. Tranqüilo possui ainda uma granja de mais de cem suínos. Antônio Pontel mantém uma criação de mais de uma centena de porcos. Tranqüilo Pontel, com seu pomar de mil pés de macieiras colheu em 1978 dez toneladas de maçãs. O mesmo número de macieiras possui cada um destes: José Pontel. José Pontel Sobrinho e Olir Pontel.

CAPELA SÃO CAETANO - LINHA GUERRA

Em idílico recanto, bem rente ao precipício, cavado pela erosão milenar do rio das Antas, ergue-se no ponto culminante a poética igrejinha de São Caetano da Linha Guerra, tendo, como as demais, ao lado, o salão da comunidade e a escola. Primitivamente, no fim do século passado, o padroeiro era Santo Antônio, que em 30.5.1900 cedeu lugar a São Caetano.

É uma pequena comunidade, quase toda descendente dos pioneiros José Scolaro e João Peretti, composta de 12 famílias, que são: Artísio Scolaro, Félix Scolaro, Caetano Scolaro, Vicente Scolaro, Fioravante Scolaro, Neris Tonin, Luiz Rizzardi, Luiz Simeoni, Ângelo Simeoni, Júlio Aquiles Chilanti, Máximo Rech e Domingos Cristiano Peretti.

A nova capela foi construída em 1960, quando também foi fundada a Escola Municipal D. Pedro II. Existe uma grande Cantina rural, atualmente fechada, que pertence à Cooperativa Vinícola Riograndense Ltda. A seguir passou a posto de vinificação da firma José Cesa. Depois serviu de posto de vinificação da Cooperativa Vinícola Pradense,

Atualmente, de portas cerradas, o prédio pertence ao sr. Caetano Scolaro.

Aqui também os agricultores possuem belas casas de material, com eletrificação rural, cercadas de vinhedos e pomares, sempre com ridente gramado em derredor. O proprietário da última casa, linda moradia, em romântica paisagem, um regato cantando, pinheiros gemedores, imenso vinhedo, figueiras carregadas de frutos maduros, que saboreamos gulosamente. Depois, o potreiro e uma invernada num matagal. Parecia floresta virgem. Não - esclareceu o agricultor, que era um jovem viúvo, morando sozinho com um filho desde seus 12 anos, - não, antigamente já foi lavoura. Agora já está essa bela floresta.

Andando pelo potreiro de pastagens artificiais, chegamos sobre abeirada do abismo, donde se avista, lá nas profundezas, o rio das Antas, vendo-se ainda o local do antigo Passo do Simão, junto à barra do rio Leão e do arroio Tigre. Daqui pode-se contemplar a planície onde surgiram as primeiras habitações da Colônia de Antônio Prado, onde morou Simão David de Oliveira, que deu nome ao passo e à estrada. Onde morou Camilo Marcantônio, o pioneiro. Local abandonado, inacessível, mas agora, graças ao espírito empreendedor do Prefeito Lino Celso Zaccani, que vem restaurando a velha estrada do Simão, recupera o seu grande valor histórico e turístico.

CAPELA SÃO JORGE - LINHA CÂNDIDA

A linda igreja de São Jorge da Linha Cândida, igualmente isolada como um farol em promontório, sobre o abismo aberto pelo rio Leão e o arroio Tigre, é conhecida como a capela dos Schiochet. A primeira capela, construída pelos pioneiros Luís Schiochet, André e José Miglioranza, foi inaugurada com a bênção do Pe. Alexandre Pellegrini, no dia 2.9.1893. A igreja atual, construída por José Schiochet, data de 1945. A Escola Municipal Rui Barbosa, criada em 1913, pelo 1° Intendente, teve a

princípio como professores Miguel Frigotto e Antônio Furlin, Atualmente, com poucos alunos, está sob a regência da prof. Irma Contin.

Além da sede social de vastas proporções, funciona a Cantina São Jorge, fundada em 1960 por Luiz, Ernesto, João, Valdomiro, Mário, Vicente e Ildo Schiochet. Há três anos está alugada para posto de vinificação da Cooperativa Agrícola Pradense Ltda. No corrente ano foram vinificados cerca de um milhão de quilos de uva, com uma produção de 750 mil litros de vinho.

A sociedade conta com 18 famílias: Luís Schiochet, Ernesto Schiochet, Valdomiro Schiochet, João Schiochet, Narciso Schiochet, Oscar Schiochet, Vicente Schiochet, Albino Schiochet, Diamantino Miglioranza, Luiz Miglioranza, Italino Miglioranza, Angeliam Schiochet, Pedro Schiochet, Orosimbo Schiochet, Antônio Miglioranza, Zulmiro Storiva, Luiz Storiva, Henrique Furlin.

Aqui, a uma pequena distância da capela, existe uma enorme cantina ociosa, que durante muitos anos serviu de posto de vinificação.

Como aconteceu com a Capela de São Caetano, aqui também termina a estrada, dando ao visitante a impressão de haver chegado ao fim do mundo. É forçoso retornar à sede do município pelo mesmo caminho, estando as terras isoladas por profundos abismos intransponíveis.

CAPELA SANTA LÍBERA

Retornando à cidade, o visitante toma a velha Estrada do Simão, junto ao morro da Gruta, vai serpejando por entre matas, aqui e acolá sorrindo com belas vivendas. Vencido o morro de quase 900 metros de altitude, começa a descer aos caracóis, até chegar a um pequeno plano, fechado por uma igreja minúscula, de alvenaria, uma bela escola também

de alvenaria, atualmente ociosa, por falta de alunos, e um vasto salão comunitário. É a Capela de Santa Libera, famosa por suas festas, que atraem muitos moradores da cidade, ali tão perto.

A capela conta com 32 sócios:

Olímpio Caríssimi, Avelino de Melo, Pedro Furini, Fidêncio Denale, Guilherme Furini, Mário Manera, Valdir Anziliero, Ângelo Renosto, Vendelino Brusamarello, Santo Baldin, Felizardo Marchese, Adelar Bertelli, Domingos Renosto, Gilberto Marcolin, Mário Chilante, Calvino Reginato, Luiz Reginato, Albino Furlin, Darci Manera, Ângelo Reginato, Natalício Geremia, Ernesto Stefano Martim Berteli, Rutinês Gilioto, Alberto Carra, Silvino Baldin, Alírio Baldin, David Furini, José Ragnini, Adelino Baldin, Guerino Berteli, Gervásio Renosto.

O salão da comunidade foi inaugurado em 5.3.1972, com a bênção do Pe. Leonel Pergher e a presença do Prefeito Valdomiro Bocchese. Na ocasião discursaram o sr. Felizardo Marques e o Dr. Clóvis Mânica, Presidente da Câmara de Vereadores. Custou 600 dias de trabalho dos sócios e contou coma colaboração da Paróquia.

CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE - LINHA DOIS DE JULHO

Os rios Leão e do Inferno abriram dois vales profundos e estreitos, surgindo entre ambos um longo espinhaço que termina junto dos paredões do rio das Antas, onde, em recantos pitorescos, se ergue a capela de Nossa Senhora da Saúde, da Linha Dois de Julho.

A Estrada do Passo do Simão galgava a serra precisamente no local onde assenta a capela atual. Por isso, aqui foi criada a primeira escola de todo o interior do município, ainda quando era distrito de Vacaria. Em14.5.1904 o Pe. Ângelo Donato benzia a primeira capela, de madeira. A segunda era igualmente de madeira. A terceira, a atual, de

pedra, foi inaugurada em 28.8.1925, tendo as obras de construção durado 12 anos.

O principal pioneiro desta comunidade foi João Mezzalira, pai de André e avô de Arlindo. Outras famílias pioneiras: Casalli, Manera, Barison, Macagnan, Zen, Donazzolo, Renosto, Visentin, Geremia.

A capela possui 24 sócios:

Armindo Gelain, Arlindo Mezzalira, Rogério Casalli, Urbano Manera, Cláudio Manera, Afonso Barison, Narciso Barison, Luiz Macagnano, Casemiro Macagnan, Antônio Zen, Francelino Donazzolo, Ivanor Donazzolo, Alcides Geremia, Fortunato Geremia, Guerino Renosto, Alberto Visentin, Nelson Visentin, Osvaldo Renosto, Valdomiro Venturin, Antônio Carlesso, Arlindo Gamba, José Rizzardi, família Furlin e Viccini.

A base da economia desta comunidade é a agricultura, com destaque da vitivinicultura, e criação de gado leiteiro, cujo produto é recolhido diariamente para o posto de resfriamento da empresa de laticínios da Feliz.

CAPELA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO - BORGO FORTE

A capela anterior, situada no final do espinhaço, não tem outra saída. É preciso retornar pelo mesmo caminho. Agora, beirando os precipícios do rio do Inferno, chegamos à Estrada Júlio de Castilhos, em cuja encruzilhada se ergue a Cantina de Vinho da Cooperativa Santana. Aqui, numa bela esplanada, cortada pela Estrada Júlio de Castilhos e formada pelo rio do Inferno e pelo arroio Quaresma, distante 800 metros um do outro, ergue-se a capela de Nossa Senhora da Conceição do Borgo Forte, na Linha Almeida.

Vitório João Carrissimi, 66 anos, filho de João, é o patriarca da comunidade. É ele que nos dá a origem do nome do Borgo Forte, que a

localidade não tinha a princípio. É que ali havia apenas três famílias, cujos chefes se reuniam para jogar. Eram poucos mas considerados poderosos, fortes. Daí ***borgo forte.***

- E o nome do rio do Interno e do arroio Quaresma donde se origina, seu Vitório Carissimi?

- Dizem os antigos, eu sempre ouvi esta explicação: Os agrimensores, ao demarcar os lotes, chegaram ao primeiro rio no dia de Carnaval. Como naquele tempo Carnaval era relacionado com inferno, batizaram o rio com este nome. No dia seguinte, quarta-feira de Cinza, primeiro dia da Quaresma, deram com outro arroio, que recebeu então o nome de Quaresma.

A família Carissimi é proprietária de um dos primeiros moinhos hidráulicos do município, que era de Pedro Zolet. Outro moinho, ainda mais antigo, era da família Dambrós, que ao depois foi vendido à família Basso. Além do moinho, a família Carissimi possui aqui uma enorme granja de galinhas, com frangos de corte e de postura, produzindo cerca de mil dúzias de ovos por dia.

A primeira capela foi benta pelo Pe. Carmine Fasulo no dia 10.11.1899, tendo sido construída em terreno doado por Giácomo Dambrós e Emílio Zolet. A milagrosa imagem de Nossa Senhora da Conceição foi trazida de Caxias pelos imigrantes.

São famosos os casos de grandes estiagens que sempre cessam quando a população, partindo da Gruta de Nossa Senhora na cidade, se dirige em romaria ao Borgo Forte. Uma ocasião, sobretudo, a surpresa excedeu qualquer expectativa. Fazia meses que não chovia. A procissão partiu da cidade e voltou sob um sol canicular, sem uma nuvem no céu. Ao chegaram à Gruta, começou a chover torrencialmente sem parar. Choveu durante uma semana. Para que a chuva cessasse foi preciso transportar a imagem de carro para o Borgo Forte.

A localidade possui um dos recantos mais belos do município, uma cascata de 63 metros de altura, no rio do Inferno e do arroio Quaresma,

com um açude, que outrora servia a Usina Hidrelétrica Municipal. Um dos primeiros sócios da capela foi Atílio Zanon, cuja esposa, D. Amália, hoje com 83 anos, foi durante longos anos parteira na colônia. É filho do Borgo Forte o sr.Vicente Basso, pecuarista, granjeiro e principal proprietário do Frigorífico Pradense Ltda. Em 1979 instalou aqui um grande aviário o sr. José Barison.

A comunidade conta com 33 sócios:

Valdérico Venturin, Selvi Denale, Arlindo Carissimi, Afonso Ragnini, David Carissimi, Alcides Perosa, Vilmar Zanotto, Valério Apio, Dorvalino Renosto, Geraldo Manera, José Panosso, Afonso Pasa, João Carissimi, Vítor Carissimi, Marcolino Salamon, Samuel Garbin, Fiorelo Bernardi, José Barison, João Faraon, Antônio Balen, Luiz Barison, Vicente Pastore, Aurélio Carra, Ângelo Carra, Luiz Castro, Zulmiro Carra, Olímpio Lodi, João Lodi, José Lodi, Ismael Carra, Laurindo Bernardi, Isidoro Carra e Luiz Vizentin.

CAPELA SANTA LÚCIA - LINHA DOIS DE JULHO

Deixando a Estrada Júlio de Castilhos em sentido sul, dobra-se à esquerda, passa em frente do moinho da família Carissimi, vai beirando o abismo do rio do Inferno, chega-se à Capela de Santa Lúcia, da Linha Dois de Julho. É o berço da poderosa família Ioppi, de Caxias do Sul.

É uma pequena sociedade, composta de apenas 11 famílias: José Boff, Alberto Boff, Francolino Boff, Ulisses Dambrós, Atílio Dambrós, Fiorindo Pauletti, Luiz Rigo, Félix Anziliero, Dionísio Rigo, Antônio Carissimi e Olímpio Carissimi.

A primeira capela foi inaugurada com a bênção do Pe.Alexandre Pellegrini, no ano de 1893, construída em terreno doado por Olivo Sirena.

CAPELA NOSSA SENHORA DO CARMO - LINHA DOIS DE JULHO

Junto à Estrada Júlio de Castilhos, às margens do arroio Colombo, ergue-se a linda igreja moderna de Nossa Senhora do Carmo da Linha Dois de Julho, inaugurada em 1968. O salão da comunidade foi construído em 1954 ao custo de 98 mil cruzeiros. Vai ser construído em breve novo salão. Perto ergue-se um velho Capitel de Santo Antônio, construído em 1909. O pequeno povoado é formado pelas moradias de Augusto Camatti, Viúva Joaquim Camatti, Benvenuto Borille e João Marin.

Os fundadores desta sociedade são os pioneiros:

José Borile, pai de Benvenuto, um metalúrgico de renome, 81 anos, casado com Emília Bressan, filha do pioneiro Mateus Bressan, de Feltre, pai de João da Volta, da Vila Ipê; Santo Santinon, André Marcon, Antônio Fasolo, Domingos Costa, Teodoro Marin, pai de João, Ângelo Dal Bello, José Belé, Antônio Belé, Marino Stocco, Luís Stocco, Pedro Camatti, pai de: João, Raimundo, Dosolina Boldo, José, Luiz, Teresa Pozzer, Augusto, Josefina Badalotti, Joaquim, Antônio, Domingos e Oliva, que é a Irmã Benvenuta, religiosa de São José, atualmente no Hospital São Pedro, em Porto Alegre.

O 1° professor da Escola Municipal foi Marcos Battistin, seguido de Ernesto Girelli, que transportou a escola para junto da igreja. A seguir: Dante Caon, Francisca Maccarini Camatti, Laurindo Vanzin, Arcângelo Fasolo, Genoveva Vanzin, Regina Garbin, Lídia Panosso, Alba Turmina e Inês Turmina. Criada a Escola Estadual Rural em 1962, teve os seguintes professores: Zuleica Letti, Inês Dallazen, Leonor Valmorbida, João Maule e Gentil Dal Bello.

Foram tropeiros e carreteiros: João Marin, Alberto Carra, Alberto Marin, Benjamim Slaviero. Durante a Revolução de 1923, João Marin, junto com outros carreteiros, transportaram a força combatente para Caxias. Em1925, João Marin adquiriu um caminhão, o 1° da região, junto

com as famílias Comparin e Ghinzelli.

O 1° moinho hidráulico da localidade foi o de Antônio Fasolo. Atualmente funciona aqui uma olaria de Horácio e Geraldo Camatti, filhos de Joaquim, falecido em 18.9.1976. As parteiras da localidade foram: Angelina Tartari Dal Bello e Juliano Andretta.

A sociedade compõe-se de 26 famílias:

Augusto Camatti, Vitório Sabedot, Benvenuto Borile, Honorino Santinon, Olímpio Santinon, Roque Stedile, Santo Marcon, Olímpio Anziliero, Ernesto Bellé, Ausílio João Stocco, Máximo Chiarello, Osvaldo Badalotti, Lauro Badalotti, Laurindo Vitali, Osvaldo Ditadi, Armando Ditadi, Alcides Camatti, Fiorindo Dal Bello, José Dal Bello, David Dal Bello, João Marin, Otacílio Marin, Marcelo Marcon, Primo Marcon, Geraldo Camatti e Firmino Camatti.

Desta comunidade surgiram várias vocações religiosas, professores, estudantes universitários.

CAPELA SANTO ANTÔNIO - LINHA DOIS DE JULHO

Deixando a Capela do Carmo junto à Estrada Júlio de Castilhos, enveredamos pela esquerda no sentido do nascente, numa estrada secundária extremamente íngreme, morro acima, subindo sempre até atingir o cimo, junto a uma igreja, escola e salão social. É a Capela de Santo Antônio, da Linha Dois de Julho, a 830 metros do nível do mar, a capela mais alta do município. Foi fundada em 7.5.1893, em terreno doado por João Andretta, lote n° 48. Naquele dia de inauguração da 1° capela, ocorreu um crime de morte, na pessoa de um membro da família Bernardi.

Os fundadores da capela foram: João Dal Bello, Vitório Chiarello, Luís Borile, José Borile, José Tartari, João Andretta, Virgínio Pilon, Antônio Pilon, Francisco Dal Bello, Ângelo Dal Bello e Giacomo e João Busetto. A

Escola Municipal, criada em 1914, teve os seguintes professores: Pascoal Meneguzzi, Dante Caon, Laurindo Vanzin, Ivone Camatti e Gentil Dal Bello(atual).

Em frente da capela, ergue-se o Monte Cuco, assim batizado pela população local por haver primeiramente pertencido a Cuco Borile. É o ponto culminante do município, com 920 metros de altitude. Atualmente pertence às famílias Ravanello, Andretta, Balen e Carra. Bem no alto do morro, em terreno plano e cultivado, existem três marcos fincados pelo Conselho Nacional de Geografia IBGE. São marcos de Azimute. O Exército Brasileiro aqui esteve diversas vezes realizando estudos, explorando a montanha, que se presta para excelente ponto estratégico e campo de pouso.

A comunidade da capela compõe-se de 16 sócios:

Luiz Chiarello, Vitório Chiarello, José Carra, Olímpio Chiarello, Dionísio Dal Bello, Laurindo Dal Bello, Olímpio Dal Bello, Francisco Dal Bello, Luiz Dal Bello, Félix Balen, Atílio Chiarello, Artile Chiarello, Vitório Chiarello, Ciro Ravanello, Atílio Anziliero e José Ravanello. As *parteiras desta localidade foram Juliana Andretta e Ângelo Dal Bello.*

CAPELA SÃO PEDRO - LINHA TRAJANO DE MEDEIROS

Descendo a montanha, sempre em frente, numa bela planície, a 4 Km da Estrada Júlio de Castilhos e a 15 da cidade, fica a capela de São Pedro, da Linha Trajano de Medeiros, fundada pelos pioneiros na década de 1890, que foram: André Borsoi, José Ravanello, Fernando Pastore, Ludovico Pastore, pai de Pedro, morto durante o conflito de 25.5.1936, junto com Vitório Meneguzzi e Antônio Perosa, e aqui sepultados; Natal Meneguzzi, pai de Vitório, Santo Perosa, pai de Antônio e Natal, Ângelo Stefan (1886-1936), pai de Virgílio Stefano Antônio Simonetto, que tinha

moinho no rio do Inferno, Pedro Pastore, José Borsoi (1878-1954), Ermenegildo Soso (1913-1966), Pedro Pastore (1905-1936), Vitório Meneguzzi (1917-1936), José Soso (1910-1976), Francisco Antônio Perosa, José Bogoni, falecido em 1939, pai do professor Artur Bogoni, residente em Medianeira, no Paraná.

A Escola, a princípio municipal, e a partir de 1963, Escola Estadual Rural, teve como professores: Artur Bogoni, Joaquim, que foi assassinado, Celestino Cioto, Hilário Bogoni, Venina Lopes, Gentil Dal Bello, Luci e Gelsi Gazola.

A capela possui 24 sócios:

Natal Soso, Félix Soso, Pedro Ranzolin, Silvino Perosa, Alberto Perosa, José Ravanello, Melzi Ravanello, Virgínio Stefan, Avelino Stefan, Horácio Stefan, Avelino Borsoi, Valdemiro Perosa, Santo Perosa, João Perosa, Luciano Perosa, Lílio Pastore, Marcelino Pastore, João Barison, Pedro Pastore, José Pastore, José Simoneto, Virgílio Anziliero, Adelino Ranzolin, e Guerino Ranzolin. As duas parteiras da localidade eram Ema e Ana Ravanello.

Nesta localidade existe uma das maiores granjas de gado leiteiro, dos Irmãos Pastore, proprietários de duas centenas de vacas leiteiras.

CAPELA DE MONTE BÉRICO - LINHA BLESSMANN

Mais adiante um pouco, já sobre os paredões do rio das Antas, existe a Capela de Nossa Senhora de Monte Bérico, da Linha Blessmann, que pertence à Paróquia de Nova Roma e que tem apenas 4 sócios: Dionísio Ravanello, Ângelo Ravanello, Virgílio Bett e Aquiles Soso. A 1ª capela foi construída em 1919 por João e Giácomo Busetto. A nova, em novembro de 1978, por Anastácio Dedea.

Os fundadores foram:

Domingos Perosa, Luís Ravanello, Giácomo Pasa, Ambrósio Piovesan, Aurélio Motterle, Paulo Madalosso, Santo Perosa, Lídio Ravanello, Ângelo Stefan e Santo Venturin. A sociedade não tem escola.

CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGIO - LINHA ALMEIDA

A12 Km da cidade, na Estrada Ernesto Alves, ergue-se a Capela de Nossa Senhora do Caravagio, da Linha Almeida, cuja padroeira é festejada todos os anos com extraordinária afluência de devotos. Um vasto salão comunitário. Escola Municipal criada em 1954.

Sociedade formada no começo do século, tinha em 1910 os sócios-fundadores:

Isidoro Vedana, José Artuso, José Belé, José Marin, Davi Belé, Pedro Belé, Antônio Bresolin, que emigrou para o Paraná, Ernesto Marcon, Francisco Proia, Aurélio Saugo, Guerino Saugo e mais alguns membros das famílias Borella, Apio, Viapiana, Andretta, Castro, Ghinzelli.

Os sócios em 1979 são:

Carmine Artuso, Velodino Artuso, Luiz Vedana, Luiz Castro, Ismael Carra, Isidoro Carra, Ulisses Viapiana, Geraldo Marin, Ângelo Carra, Modesto Marin, Valdomiro Marin, Nério Martello, Felice Vedana, Irineu Carra, Atílio Belé, Giácomo Marin e Afonso Marin, Giácomo Marin, filho de Isidoro, nascido em 1906, casado com Pierina Carra, filha de Francisco Carra, que pesava 140 quilos, é pai do Pe. Delvino Marin, atual Vigário de Santa Catarina, em Caxias do Sul. Três de seus filhos possuem caminhão. Quase todas as famílias desta comunidade tem um ou mais caminhões.

Filhos desta comunidade são Vicente Roque Vedana, professor em Goiânia, o Dr. Osvaldo Vedana, advogado em Lages, filho de Augusto, que emigrou para Sananduva, onde montou serraria, transferindo-se depois para Lages.

A primeira capela, de madeira, ficava em outro lugar, acima da atual, que é de alvenaria, construída em 1968. No dia 26.9.1912 a Cúria diocesana de Porto Alegre autorizava a bênção inaugural da segunda capela, também de madeira.

Pertence a esta sociedade uma das mais beneméritas parteiras de Antônio Prado, Maria Dambrós Carra, que em 1979 estava com 92 anos, havendo iniciado a profissão com 20 anos de idade. Durante cerca de 70 anos, dia e noite, andando a pé, sem cobrar, atendeu a todos os partos desde a cidade até Santa Ana, inclusive de 20 crianças prematuras. Filha de João Dambrós, nasceu em Ana Rech e veio para Antônio Prado com três anos de idade. Outra parteira da localidade foi Marieta Stefano Carlin.

Isidoro Marin manteve aqui durante muitos anos uma forte casa comercial, a única em toda a história da comunidade. Tropeiro e carreteiro, Isidoro Marin trouxe para esta região a primeira carreta, procedente de Caxias, transportada por mulas, duas rodas em cada mula.

CAPELA DE SANTA ANA - LINHA ALMEIDA

Junto à Estrada Ernesto Aleves, que leva a Veranópolis, a seis km da ponte sobre o rio da Prata e a 16 da cidade, ergue-se no alto o povoado de Santana, da Linha Almeida, presidido pela igreja, salão da comunidade, uma casa de comércio uma dezena de belas moradias e, um pouco retirado, o belo prédio da Escola Estadual, antiga Escola de Área, com 14 escolas subsidiárias.

O povoado é relativamente novo. A igreja foi inaugurada em 1930. Entretanto, a primeira igreja de Santa Ana, hoje mais conhecida por Santa Ana Velha, que ficava uns quilômetros mais abaixo, sobre as barrancas do rio Jararaca, foi construída pelos imigrantes poloneses e benta pelo Pe. Josué Bardin em 1893. A imagem da padroeira, que ainda se venera na

nova igreja, foi trazida da Polônia pelos imigrantes.

Acontece que havia três pequenas igrejas — Santa Ana, Santo Antônio e Nossa Senhora de Monte Bérico. Os sócios destas três capelas, de comum acordo com o Pe.José Benini, resolveram construir uma nova igreja, junto à estrada nova, e entronizar os três padroeiros numa só capela, a de Santa Ana. Conforme refere a testemunha Cândido Carlin, nascido em 1905, filho do pioneiro Virgínio Carlin, pedreiro de renome que ajudou a construir a igreja matriz de Antônio Prado, como o prédio da Prefeitura Municipal, a transferência das imagens para a nova capela foi um acontecimento inesquecível.

Apesar de haverem todos concordado com a transferência, ao sair a imagem de Santa Ana da velha capela, não havia quem não chorasse. A procissão, presidida por D. José Benini e acompanhada pela banda de música, seguiu até a capela de Santo Antônio, cuja imagem se incorporou ao cortejo. Chegando ao cemitério, diante do qual se erguia a capela de Nossa Senhora de Monte Bérico, a procissão recebeu a imagem desta padroeira. Agora, a procissão levava na frente a imagem de Santa Ana, a seguir a de Nossa Senhora e por fim a de Santo Antônio. Ao chegar à nova capela, uma explosão de foguetes e morteiros saudou as três imagens.

A velha igreja de Santa Ana continua de pé, ao lado do salão e da escola. Nela venera-se agora São Brás. Diante da capela, num belo gramado, erguia-se enorme árvore secular de imensa galharia, que emprestava sombra e beleza ao local. Infelizmente, em janeiro de 1979, os trabalhos da eletrificação rural deram cabo da gigantesca guajuvira, com pesar dos moradores. A capela de Nossa Senhora de Monte Bérico, decaída, foi inaugurada em 30.7.1897, em terreno doado por Pedro Boareto de 60 x 90 incluindo o cemitério.

No interior da nova igreja de Santa Ana, encontra-se um quadro com a bênção papal de Paulo VI, concedida em 6.5.1967, a pedido do prof. Laurindo Vanzin, para as famílias dos associados da Capela, da Escola Rural e Cooperativa Agropecuária.

Os pioneiros de Santa Ana Velha, na Linha Dois de Julho, foram os poloneses, que cederam lugar aos imigrantes italianos. As famílias pioneiras italianas, segundo Cândido Carlin e Isidoro Panisson, nascido em 1898, filho de Jacinto, de Treviso, são:

Faccio, Golin, Magi, Sartorin, Rebeschini, Boaretto, Martello, Tolardo, Ciconet, Favreto, Saler, Benetti, Bergamaschi, João de Cento, Maziero, Viali, Carlin, Póiere, Pelissaro, Dameto, Cadore, Camana, Furlan, Bacega, Panisson, Pedron, Marcon, Riva, Fabiani, Viecelli, Ghis, Trevisan, Comparin, Viapiana, Mugnon, Ioppi, Doná, Sirtori, Parisotto, Maito, Lodi, Paganella, Stocco, Marchiori, Costa, Nardello, Borile, Parisotto, Carissimi, Fantin, Andretta, Scarioto e outras.

Atualmente a sociedade de Santana consta de 80 famílias:

Viúva José Maziero, Valdomiro Maschio, Ciro Andretta, Luiz Favreto, Viúva Antônio Camana, João Furlan, Alberto Carissimi, Benjamim Andretta, Marcelo Carra, Firmino Tondelo, Isidoro Panisson, Orosimbo Fantin, Aquiles Stocco, Itacir Stocco, Olivo Camatti, Pedro Bett, Afonso Bellé, Benjamim Stocco, João Dallavarda, Luiz Camatti, Moisés Nardelo, Viúva Pedro Costa, Raul Zili, Antônio Benetti, Ângelo Fantin, Otacílio Benetti, Antônio Fantin, Pedro Furlan, Francisco Zanin, Luiz Omissolo, Tranqüilo Carissimi, Otacílio Carissimi, Dalvino Martello, José Martello, Afonso Carra, Adelar Carra, Viúva Severino Ciconetto, Bartolomeu Ciconetto, Avelino Andretta, Claudino Costa, Alcino Panisson, João Camatti, Ivo Geraldo Camatti, Viúva Cristiano Favreto, Adelar Favreto, João Tessaro, Luiz Ploia, Antônio Ciconeto, João Ciconeto, Ângelo Marin, Olivo Ciconetto, José Carra, Fidélis Carissimi, Evaristo Marin, Cândido Carlin, Afonso Carlin, Félix Carlin, José Coronetti, Domingos Riva, Raul Riva (Vereador), Viúva Pedro Bellé, Casarino Ghinzelli, Ângelo Favreto, Santo Costa, Casemiro Panisson, Severino Panisson, Carlos Ciconetto, Bruno Ciconetto, José Bernardi (comerciante), Arlindo Marin (comerciante), Alceu Panisson, Atílio Panisson, Vicente Marin, Afonso Marin (Vereador), Laurindo Favreto, Modesto Favreto, Sérgio Favreto, Hélio Ciconetto, Iraci Panisson e Darci Panisson.

Da ***Capela de São Valentim,*** pertencem atualmente à Capela de Santa Ana 16 famílias:

Afonso Grison, Luiz Maschio, Félix Grison, Mário Marin, Valdir Foralosso, Guilherme Foralosso, Severino Martello, Pedro Fantin, Evaristo Martello, Viúva Luís Martello, Viúva Luiz Martello Sobrinho, Viúva Natalício Artuso, José Tolardo, Pedro Carra e Viúva Anselmo Carra.

O grande salão da comunidade foi construído em 1970 e reformado em1977. Antigamente havia uma Escola Municipal ao lado da capela de Monte Bérico e outra em Santa Ana Velha, as quais tiveram os professores: João Fanticelli, Teresa Antoniutti, Aparício Faccio, Dante Caon e outros. Em1958, foi criada a Escola Rural de Santana.

Em 1972, o professor Laurindo Vanzin encabeçou um movimento comunitário visando a criação de um Ginásio, com a decisiva participação de todas as escolas desse 3° Núcleo, hoje distrito escolar. Enquanto estava sendo construído o prédio, as aulas funcionavam provisoriamente no salão da comunidade. Para o eficiente andamento das obras, toda a população colaborou com ações comunitárias, promovendo até plantio de trigo e de soja em benefício da Escola, que contou com a ajuda financeira do município e do Estado. Em 1974 a Escola Rural Santana, hoje Escola Estadual de 1° Grau, possuía um corpo discente de 210 alunos e um corpo docente de 13 professores, sob a direção da prof. Beatriz Maria Maccarini:

Firmino Tondello, Araci Restelato, Dorvalino Denale, Elisete de Oliveira Saccaro, Assis Ferreira Borges, Pierina Zandoná, Jovelina M. Feijó Alves, Sueli Norma Zanon Citton, Luiz Sebastião Lovatel, Maria Teresa D. Panisson, Norma Maria Zaccani, Matilde M. Viapiana Masiero e Neusa M. Milesi. Em 1979 a Escola Estadual Santana de 1° Grau encontra-se sob a direção da professora Norma Maria Zaccani Marin, assessorada pelos Prof. Irino De Conto, Wilson Zanotto, Milton Simioni, Agostinho Furlan, Maria da Glória Zaccani, Noelci Stedile, Nely Viapiana Bizinella, Maria Lucy Lisboa, Elia Vedana Andreolli, Lourdes Camatti e Firmino Fondello.

Santana foi desde a sua fundação um centro comercial de grande importância, inaugurado por Pedro Boareto e Vicente Golin. O primeiro tinha casa de comércio junto à Capela de Monte Bérico, hoje decaída; o segundo uns dois quilômetros acima, cerca de um quilômetro da igreja atual, local por onde passava a antiga estrada. Fruto de uma promessa, pela graça do salvamento de sua filhinha caída entre as patas das mulas, Vicente Golin construiu um oratório dedicado a São Vicente. Comerciante, tropeiro e carreteiro, Vicente, auxiliado pelos filhos João, Antônio, Ângelo, e José, transferiu depois a sua casa comercial para a sede do município, alcançando renome, sobretudo com um grande moinho.

Outros comerciantes:

Família Bé, Fioravante Cadore, Ernesto Zolet, Dante Paganella e Cristiano Pelizzaro. Dante Paganella mudou-se mais tarde para a sede do município. Cristiano vendeu sua loja ao sr. Afonso Marin e este para o filho Arlindo, o único comerciante de 1979. O sr. Raul Romano Riva, com grande depósito de frutas em Vacaria, é distribuidor de toda a região. Existe na localidade uma Oficina Mecânica de Bartolomeu Ciconetto e a Serraria de Olívio Ciconetto & Filhos. Na Oficina Mecânica são montados em grande escala os carretões coloniais motorizados. Durante alguns anos funcionou a Cooperativa de Laticínios Santana, que mantém hoje filial vinícola no Borgo Forte.

Na década de 1970 teve início aqui o plantio de maçãs, existindo atualmente as granjas de João Camatti e Filhos, com mais de dois mil pés de macieiras, Domingos Riva, Antônio Benetti, Guilherme Foralosso, Antônio Fantin, Pedro Furlan, Francisco Zanin e Olivo Camatti, com mais de mil pés cada um. Além da vitivinicultura, cultiva-se aqui a cebola, o milho, o trigo. Criação de gado leiteiro e suíno. A comunidade é servida por linha de ônibus há já mais de 40 anos, outrora com a empresa Mandelli, atualmente com a empresa Galiotto, com viagens diárias entre Antônio Prado - Veranópolis -Bento Gonçalves - Caxias do Sul. Junto à ponte do rio da Prata, no município de Veranópolis, corre a linha da estrada-de-ferro Porto Alegre-Lages, de capital importância para o município, pois dista

apenas 22 Km da cidade. Faltaria apenas uma estação, um posto de carga e descarga junto à Estrada Ernesto Alves, que a ferrovia transpõe.

Há cerca de 20 anos começou a funcionar um ônibus da Empresa Belé, hoje Martelo, entre Santana e a cidade. Os antigos tropeiros e carreteiros foram: Isidoro Panisson, Foralosso, Cadore, Favreto, Doná, Carissimi, Boareto, Pedron, que também foi comerciante, Maziero, Fantin... Os primeiros caminhões e automóveis que apareceram por aqui foram de Dante Paganella, José Ghinzelli e Benvenuto Borile.

Em toda a história desta comunidade só há a lamentar um crime, a morte de João Comparin, na casa comercial de Vicente Golin, durante a revolução de 1893, crime em que estiveram implicados membros das famílias Golin, De Cento e Ghinzelli.

São numerosos os filhos de Santana que abraçaram a vida religiosa nas Congregações dos Irmãos Maristas, das Irmãs de São José e outras. É daqui o escritor Luiz A. Cadore, autor de uma dezena de obras didáticas, em uso nas escolas de todo o Brasil.

CAPELA SÃO ROQUE - LINHA DEZ DE JULHO

É a região dos Cimbros, um dialeto alemão introduzido antigamente nos Alpes Vênetos e trazido para cá pelos imigrantes. Ainda existem várias pessoas que falam o Cimbro, uma delas é Rosa Costa Martello, filha de Mateus Costa e Margarida Tondello.

É a capela dos famosos tropeiros Zanella, Garbin, Contin e Dallazen. Seu filho Santo, que depois foi assassinado tinha numerosos processos. Aqui os imigrantes construíram a primeira capela do município, em 1888, no cemitério, no meio do qual se erguia um alto pinheiro, a cuja sombra se reuniam para rezar o terço e cantar as ladainhas. Depois construíram uma capela maior; uma estampa de São Roque que o velho

Birti trouxe da Itália. A seguir os escultores Nodari fizeram uma imagem, que foi trazida a pé desde a sede da Colônia por oito homens. Domingos Canalle puxava o terço, fazia os enterros, pois o padre só vinha duas ou três vezes ao ano.

A princípio as festas eram na bodega de Domingos Canalle. As primeiras cozinheiras foram: Pierina Dalla Costa e Antônia Spagnolo. A seguir foi construído um salão aberto, onde jogavam a "mora", cartas e bochas. A segunda capela foi construída em 1902 no lote n° 74. Foi construído outro salão de madeira e assoalho de lajes. Em 1920 foi iniciada a construção da igreja atual, que foi inaugurada em 1929. Em 1964 foi construído outro salão e, por fim, o atual, inaugurado em 14.3.1976, com a presença de D. Benedito Zorzi e D. Henrique Gelain. Mede 20m por 35, com dois pisos, tendo custado 320.000,00. Os sócios doaram 1.178 dias de serviço, 10 pinheiros e 40 metros de areia. A cozinheira das festas é Maria Fochezzatto.

O 1° moinho hidráulico da localidade, construído em 1894, era de César Ghinzelli e hoje de seu filho Estêvão. O 2° moinho pertencia a Giácomo Zotti. Segundo Rosa Costa Martello, a região era de puro pinhal. Nos primeiros anos, cultivava-se o linho e fiava-se em todas as casas. As casas comerciais foram de Antônio Comparin, Emílio Comparin e José Comparin. A parteira da localidade era Catarina Zotti, que veio da Itália com 13 anos, tendo falecido com 80 anos, há cerca de duas décadas.

Os pioneiros, além das famílias Birti e Canalle, foram: Ragnini, Antônio Comparin, Horácio Tondello, Tomás Dalla Costa, Mariano Spagnolo, Cristiano Forte, Domingos Brusamarello, Luís Slaviero, Marcos Pelissari, Simão Martello, Antônio Martello, Fábio Zanella, Gaspar Contin, Pedro Dalazen, Gaspar Canalle, César Ghinzelli, João Slaviero, pai de Benjamim, Antônio Brusamarello, Bortolo Bernardi, Jacinto Vicenzi, Torino Vicenzi, Celeste Martello, Pedro Pelissaro, José Contin, José Garbin, José Stefani, Francisco Parisotto, Aristides Viapiana, João Martello e Giácomo Zotti.

Aquiles Viapiana é dono de uma granja de suínos com cerca de

quatro mil cabeças. Pedro Brusamarello é o pioneiro em plantio de macieiras. A Empresa Martello mantém linha de ônibus, ligando a Linha Gomercindo - Santana - Antônio Prado. Pertence a esta comunidade a conhecida família Tondello, uma família de professores e religiosos, da qual se destaca o capuchinho Frei Ambrósio, diretor espiritual vastamente conhecido em Caxias do Sul e em toda a região colonial, professor, jornalista e escritor, irmão de duas religiosas da Congregação de São José.

A Capela conta com 42 famílias de associados:

Osvaldo Martello, Olímpio Martello, Celestino Martello, Roque Viapiana, Aquiles Viapiana, Claudino Viapiana, Félix Viapiana, Estêvão Ghinzelli, Mário Tondello, Ernesto Tondello, Laurindo Martello, Ernesto Martello, Ernesto Stefani, Otávio Martello, José Forte, Domingos Comparin, Valdir Tondello, Dionísio Fochesatto, Antônio Forte, Roque Tondello, Geraldo Tondello, Ernesto Carossi, Pedro Brusamarello, Aleixo Brusamarello, José Brusamarello, Narciso Dalla Costa, Gervásio Dalla Costa, Odir Dalla Costa, Armindo Lodi, Virgínio Martello, Antônio Contin, Olímpio Contin, Olinto Contin, João Bresolin, Orosimbo Lodi, Pedro Martello, Geraldo Lodi, Dionísio Renosto, José Luiz Ghinzelli.

CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE - LINHA SILVA TAVARES

É o berço de D. Orlando Dotti, atualmente Bispo da Barra na Bahia. Berço do Frei Celestino Dotti, ex-superior provincial dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, fundador da Congregação Missionários de São Francisco. Berço de outros religiosos e sacerdotes. Capela criada em 12.11.1897, benta por D. Carmine Fasulo. A capela atual, de pedra, foi construída em 1929, longe 200 metros da anterior.

Pioneiros: João Slaviero, Bortolo Bernardi, Jacó, Luís e José

Bernardi, Francisco Dotti, Antônio Pelissaro, Catarina Andretta, José Ciotta, Antônio Albarello, Eugênio Gambin, Ciro Perboni, Antônio Contin, Ernesto Andognini, Ângelo Sponga, João Miotto, Alexandre Faraon, que morreu de câncer fumando cachimbo. Comerciantes: Anselmo Castagna, seguido de Benjamim Slaviero. Tropeiros e carreteiros: Benjamim Slaviero, Catarina Saretta, José Dotti, Ancângelo Bernardi é dono de um pomar com mais de cinco mil pés de macieiras. Os agricultores dispõem de seis tratores grandes, com plantadeiras e automotrizes ceifadeiras. O 1° professor foi Antônio Tondello, seguido de Albino Tondello. A Escola Rural foi criada em 1979.

A sociedade compõe-se de 32 famílias:

Olívio Faraon, Alexandre Bernardi, Benjamim Slaviero, Lourenço Slaviero, Romualdo Perboni, Otalvino Dotti, Timóteo Dotti, José Ciotta, Pedro Ciotta, Eliseu Ciotta, Laurindo Perboni, Luiz Gambin, Ana Albarnello, Tercílio Bernardi, Fioravante Bernardi, Basílio Bernardi, Bonfilho Marcon, Ângelo Comparin, Honório Dotti, José Bernardi, Claudino Perboni, Bernardino Perboni, João Stefano, José Faraon, Osvaldo Piazza, Bruno Slaviero, Ângelo Faveron, Francisco Dotti, Zenor Comparin, e Paulino Dotti.

Nesta comunidade existe uma curiosidade histórica: Alexandre Faraon possui o automóvel mais antigo do município, um Ford modelo 1920, que seu pai adquiriu com zero quilômetro.

CAPELA SANTO ANTÔNIO - LINHA GOMERCINDO SARAIVA

Capela pertencente à Paróquia de Vila Ipê. Pioneiros:

Pascoal Restelatto, Albino Tieppo, Abílio Roncai, Emílio Varisa, Antônio Campagnaro, José Castagna, Anselmo Castagna, Antônio Castagna, Eugênio Pasinato, Renato Zanetti, José Varisa, Pedro Agostini,

Domingos Campagnaro, Vitório Furlan, Alberto Michelon, Laurindo Tieppo, João Augustini.

A primeira escola, fundada no princípio do século, foi derrubada por um temporal. A nova, de pedra, foi construída em 1917.

São 30 sócios atualmente:

Dionísio Pasinatto, Honorino Pasinatto, Dorvalino Tolé, Maurílio De Zanetti, Hilário De Zanetti, Otacílio Castagna, Alcides Castagna, Valter Castagna, João Castagna, Ivanor Castagna, Olímpio Castagna, José Turani, Nelson Tondello, João Campagnaro, Augustinho Michelon, Antônio Michelon, Gelsi Michelon, Aquilino Tessaro, Afonso Tessaro, Américo Restelatto, Armindo Ditadi, Odilon Ditadi, Olivo Ditadi, Orlando Camana, Viúva Antônio Pasinato, Valdir Castagna, Valdomiro Tieppo, Ângelo Restelatto, Viúva João Verza e Fiorindo Favero.

São filhos desta comunidade: o missionário Capuchinho Frei Guerino Restelatto, o engenheiro agrônomo Leoni Restelatto, o estudante de Agronomia Itair Campagnaro, uma dezena de Irmãs de São José e algumas Irmãs de Nossa Senhora Aparecida.

CAPELA SÃO PAULO - LINHA GOMERCINDO SARAIVA

Esta capela também pertence à Paróquia de Vila Ipê e foi construída pelo Frei Eduardo, 1° Vigário, há 36 anos. Localizada na encosta do rio Turvo, teve como fundadores: Emílio Varisa, que veio da Itália com quatro anos e teve 12 filhos, dispersos pelo Brasil, residindo aqui apenas José, de 73 anos; Fioravante Sandi, Alberto Sandi, Ricieri Sandi, João Farinea, Antônio Michelon, Pedro Michelon, Libório Fochesatto, José Fochesatto, Domingos Vizentino, Bortolo Venturin. Emílio Varisa era cantor de missa, com voz maravilhosa, cantava em todas as capelas, na sede do município e em Nova Prata. Nunca tomou remédio, morreu com 84 anos,

de derrame cerebral.

São 23 os sócios desta comunidade:

João Melzi Varisa, Félix Varisa, Ivo Carossi, João Rissardi, Ângelo Carossi, Antônio Carossi, Santo Foscarin, Pedro Rissardi, Marcílio Fochesatto, Antônio Gresele, José Agostini, Adelar Pasinato, Bruno Pasinato, Generoso Sandi, Modesto Turani, Melzi Zanetti, Quintino Fochesatto, Libório Fochesatto, Antônio Varisa, Macedônio Farinea, Zulmiro Valmorbida e Tranquilo Ditadi.

As parteiras desta capela: Julieta Michelon, Augusta Agustini, Rosa Agustini e Cândida Restelatto. Os primeiros professores foram: Albino Tondello e Horácio Tondello.

CAPELA NOSSA SENHORA DA SALETE - LINHA CAVOUR

Capela pertencente à Paróquia de Vila Ipê, fundada em 1953, está situada nos subúrbios da cidade logo adiante da Olaria São José dos Irmãos Zaccani.

Conta com 19 sócios:

Renato Luiz Conte, José Lovatel, Antônio Lovatel, João Piassa, Luiz Della Giustina. Vilmar Conte, Raimundo Piassa, Pedro Piassa, Viúva Vitório Piassa, Cláudio Sareta, Mário Lorenzi, Ângelo Conte, Aurélio Saúgo, Atílio Forti, Melzi Marin, Melzi Michelotto, Valdimo Maso, Otalvino Girotto e Vide Zanotto.

A Escola Municipal está atualmente provida da professora Justina Lovatel Piazza.

CAPELA SANTO ISIDORO - LINHA CAVOUR

Os pioneiros fundadores desta capela foram:

Vitório Aquiles Zanotto, Ricardo Zanotto, Antônio Zanotto, João Batista Zanotto, Vicente Zanotto, Alexandre Grezzana. Giácomo Grezzana, pai de Luís Marcantônio Grezzana, Brás Anzilliero, Luís Anzilliero, Afonso Michelotto, Olímpio Perboni, Frederico Perboni, José De Boni, Ciro Perboni, Eugênio Contin, José Contin, Ângelo Anziliero, José Benini, Jacinto Vicenzi, Santo Eusébio Vicenzi e José Vicenzi.

Atualmente são 22 os sócios:

Alberto Pervoni, Zenor Zanotto, Olímpio Perboni, Eugênio Contin, Ambrósio Zanotto, Osmar Zanotto, Valdir Ângelo De Rossi, José De Rossi, Guilherme Anziliero, Nelson Zanotto, Hugo Zanotto, Euclides Zanotto, Ângelo Anziliero, José Benini, Afonso Michelotto, Claudino Michelotto, Alcides Michelotto, Odolino Michelotto, Luiz Frizzo, Rodolfo Zolet, Henrique Zolet e Ovídio Zanotto.

A capela atual foi inaugurada em 11.1.1960 e o salão da comunidade em1970. Na localidade existem grandes vinhedos. Possuem pomares de macieiras: Hugo Zanotto, Adolino Michelotto, Valdir De Rossi e José De Rossi. As parteiras da localidade foram: Maria Dotti, Otília Dotti, Rosa Dotti e Fidelma Perboni. Os primeiros professores: Emílio Mondadori e suas filhas Angelina e Colomba.

CAPELA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMPÉIA - VILA NOVA - LINHA DOIS DE JULHO

Longe, sobre as barrancas do rio Jararaca, está situada a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, da Linha Dois de Julho, pequena localidade conhecida por Vila Nova. Os pioneiros desta sociedade foram: João Mugnon, Mateus Pelissaro, Pedro Mugnon, Luís Favreto, Antônio Mugnon, José Dresseno, Luís Dresseno, Caetano Boscoli e outros.

A primitiva capela ficava uns 500 metros para o sul. Possui atualmente apenas 11 sócios:

Ernesto Fantin, Severino Favreto, Olímpio Favreto, Viúva Francisco Dotti, Juvenil Lodi, Américo Benetti, Luiz Biasi, Adélio Benetti, Ricieri Benetti, José Tessaro Sobrinho e Odir Fantin.

Luís Pelissaro, filho de Mateus, há mais de 40 anos emigrou para a localidade de Sede Teixeira, município de Passo Fundo, hoje município de Tapejara. Iniciou-se então extraordinário êxodo de antonio-predenses para povoar aquela incipiente colônia, hoje constituída de descendentes deste município. Cerca de 50% da população de Tapejara descende de Antônio Prado. O diretor da Escola Estadual daquela cidade, Prof. João Marcon, é filho de Antônio Prado.

Na Vila Nova existe uma curiosidade: Na propriedade da família Benetti, num potreiro, há uma enorme furna, que atravessa todo um morro. Trata-se de excelente curral para o gado. Em outra furna das proximidades, mas já na encosta do rio da Prata, enorme, possui capacidade para 500 pessoas. Nela se instalou uma vez um casal pobre, transformando-a em sua residência por longo tempo.

CAPELA NOSSA SENHORA DA SAÚDE DO RIO DA PRATA

A 22 Km da sede do município, numa bela planície nas margens do rio da Prata, há cerca de 60 anos foi erguida a Capela de Nossa Senhora da Saúde, pelos fundadores: Ricardo Viali, Antônio Delucchi, Libero Carossi, José Grison, Laurindo Grison, João Martelo, Fortunato Maschio e Anselmo Plóia. A nova capela, de alvenaria, foi inaugurada em 1974. A Escola Municipal teve os professores: Vicente Riva, Maurício Piola, Avelino Camatti e Elci Panisson.

Atualmente a sociedade é composta de sete famílias:

Aurélio Fantin, Claudino Grison, José Riva, viúva Basílio Viali, Silvino Fantin, José Grison e Cândido Carossi.

Antigamente havia nas proximidades, servindo a Estrada Ernesto Alves, uma balsa da família Bé e a seguir Antônio Fochesato. Em 1968, no dia 20 de agosto, o Governador Euclides Triches inaugurava aqui a ponte, que a enchente de agosto de 1977 danificou, sendo reconstruída em março de 1978.

Prosseguindo caminho pela margem, rio abaixo, encontramos a ***Capela de São Caetano,*** cujos fundadores foram: Silvestre Pagliosa, José Ditadi, Fiorindo Tessaro, e família Scapinelli. Hoje conta com seis sócios: Severino Ditadi, Viúva Engênio Mugnon, Silvestre Pagliosa, Ernesto Ditadi, Ulisses Scapinelli e Viúva Severino Ditadi. A pequena localidade possui Escola Municipal, que esteve sob a regência dos professores: Aurilde Mugnon, Itacir Mugnon e Avelino Camatti.

Mais adiante, já na barra do rio Jararaca, ergue-se a velha Capela de São José, construída pela família Ditadi, proprietários de uma balsa no rio da Prata. Mas a localidade encontra-se hoje deserta, entregue à vegetação, por falta de estrada. Um caminho precário galga a montanha, até atingir Vila Nova (3,15).

CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVÁGIO - LINHA AMARÍLIO

Pertence à Paróquia de Vila Ipê a Capela de Nossa Senhora do Caravágio da Linha Amarílio. Florescente comunidade, dispões de um belo templo, amplo salão de festas e escola. Em 1979 a sociedade compunha-se das seguintes famílias:

Mário Cavazzola, Nelson Cavazzola, Olmes Cavazzola, Orozimbo Cavazzola, João Colombo, Osvaldo Colombo, Reinaldo Colombo, Melei Colombo, Valdemar Colombo, Hilário Frigotto, Ernesto Lovison, Neuri Magnabosco, Claudino Magnabosco, Umberto Maziero, Uldérico Pongeluppi, Aldo Pongeluppi, Claudino Penna, Fornegildo Rodrigues, Mários Susin, José Susin, Luiz Susin Neto, Ari Susin, Ângelo D. Susin, Bortolo Susin, Clori Susin, Clodoveu Susin, Miguel Toresan, José Toresan, Alcides Toresan, Caetano Toresan, Domingos Toresan, Vva. Mônica Venturini, Gotardo Venturin, Pedro Venturin, Carmine Venturin, José Venturin, Lourenço Venturin, Laurindo Venturin, Ângelo Venturin, Armindo Venturin, Maria Venturin, Gerônimo Venturin e João Venturin.

Quase todos são netos dos pioneiros italianos que colonizaram esta localidade.

CAPELA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - LINHA AMARÍLIO

Também a Capela do S. Coração de Jesus, da Linha Amarílio, pertence à Paróquia de Vila Ipê. Ao lado da moderna igreja, erguem-se o salão da comunidade e o prédio da escola municipal. A sociedade compõe-se das famílias:

José Bovi, Abramo Cavazzola, Zulmiro Cavazzola, Expedito Longhi, Luiz Longhi, Pedro Longhi, Abel Polli, Olisses Polli, Bortolo Susin, Ângelo Susin, Moacir Susin, Romeu Susin, Antônio Susin, José Susin, João Susin, Vitório Susin, Daniel Susin, Romeu Susin, Clodoveu Susin, Uldérico Susin, Daniel Susin, Antônio Toresan, Eugênio Toresan, João Toresan, Osvaldo Toresan, Jacinto Toresan, João Toresan, Luiz Toresan, Severino Venturin, Moacir Michelin, João Pinto Ribeiro e Olímpio Pinto Ribeiro.

Todas estas famílias descendem dos pioneiros italianos que fundaram esta sociedade.

CAPELA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Localizada nos subúrbios da cidade e pertencente à Paróquia de Ipê, a Capela de Nossa Senhora de Fátima foi inaugurada em 1960, durante o Ano Mariano. Durante algum tempo, a imprensa local anunciava que a capela estava à venda, junto com os imóveis. Toda a população protestou e apresentou abaixo assinado, conseguindo que a igreja fosse reformada. Foi apenas vendido o antigo salão de madeira e construído um pavilhão para bochas e churrasqueiras, mais salão de futebol de salão. O Pe. João Schio celebrou a missa na plataforma de um caminhão, na divisa das duas dioceses. A partir de 1978, a capela passou a pertencer à Paróquia de Antônio Prado. Os sócios, quase todos descendentes dos fundadores, são:

Pedro Tonini, João Vitorin, Viúva Marcilio Dossi. Caetano Toresan, Reinaldo Toresan, Raul Bressan, João Vargas, Angelo Verza, Jerônimo Venturin, Zenor Marin, Pedro Fattori, João Picchetti, Aleixo Scopel, Zelei Falavigna, Delcui Falavigna, Aldérico Scopel, Rovílio Furlin, Lourenço Bortolotto, Tadeu Della Giustina, Alcides Corso, João Faoro, Domingos Scopel, Mário Scopel, Vitório Frigotto, famílias De Zanetti, Michielon, Malozzo, Nadai.

SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO DA I PARTE

(O número entre parêntese, após a legenda de cada foto, indica o número do capítulo a que se refere).

Figura 5 Conselheiro ANTÔNIO DA SILVA PRADO que deu o nome ao município(3).

Figura 6 JOÃO DE BONI, Pioneiro de Antônio Prado (7).

Figura 7 ROSA TONIN CAMATTI esposa de Benvenuto, veio da Itália com 13 anos.

Figura 8 SENHORAS DA SOCIEDADE PRADENSE DA DÉCADA de 1920, vendo-se D.Graciosa Faccio, Hermínia Faccio, sra. Ferrucio Morsoletto (4).

Figura 9 Década de 1920 — Carnaval — vendo-se: Atílio Valiera, Olímpio Dotti, Piratinino Guerra, Guilherme Grazziotin, João Luís de Melo, João Adami, Jacques Grazziotin, Domingos Grazziotin Sobrinho, Zulmiro Della Giustina, Mário Grazziotin, Matias Claro de Lima, João Antoniutti (6).

Figura 10 CARNAVAL 1926. 1° esquerda: Carpena — Guilherme Sgarbi, Domingos Grazziotin Sobrinho, Attilio Valiera, João Luis de Melo, Arlindo Valmorbida, Artur Ziegler, Vitor Fedumenti, Antônio Bocchese, Matias Claro de Lima, Luís M. Grezzana, Augusto Grezzana, César Dotti e Pedro da Poian (5).

Figura 11 1918 — Praxiteles Fonini (24), Clélia Morsoletto (1), Zilba Ziegler Fonini (4), Arlindo Valmorbida (10), Altino Valmorbida (14), Maria Fonini (25), Edit Lautert de Castro(26), Nautilde de Oliveira (30), Aimoré Wortmano Pitta (32), Morena Lauter de Castro(33), Devilda Andognini (34), Teresa Ranzolin (35), Berta Hornos, Amaziles Gazuza, Jorge Ziegler, Guerino Scotti Grazziotin, Sra. Manuel Gazusa, Antônio Muller, Vitor Fedumenti Filho, Alcides de Matos Miller, João Antoniutti, Pedro Cesa Sobrinho, Luis Fonini, José Vítor de Castro, Armindo Ranzolin, Mauro

Lautert de Castro, Maria Tergolina, Ida Tergolina, Amaziles Lautert de Castro, Alonso Lauter de Castro, José Alencastro Guimarães, Olga Hornos, Julieta Fedumenti, Luísa Hornos, Rubens Lautert de Castro, Hilário Andognini. N° 2 Ivone Castro Serafini, mãe do Prefeito de Caxias Dr. Manseuto Serafini Filho, filha de José Vítor de Castro (tomando chimarrão à direita) — (7).

Figura 12 1900 - O 1° hotel de A. Prado - HOTEL DOS VIAJANTES DE JOÃO TERGOLINA (23)

Figura 13 1930 Família Scotti A direita no alto: Angelo Rossi e esposa, Remígio Scotti e esposa. Á esquerda: 2ª fila: José Fialho de Vargas, Ângelo Pacheco: Zelinda Scotti casada com Mário Leonardelli (cervejeiro em Caxias), 1° fila em baixo: Teresa Scotti; Mário Scotti, Gisela Scotti, Dilma Scotti, Lilizinho Sgarbi, No alto: esquerda: Elisa Endrizzi, Genoveva Scotti, Antônio Scotti, Egídio Rossi, Domingos Scotti, Domingos Sgarbi (7).

Figura 14 Década de 1920 — Tiro de Guerra n° 355 — na Praça Garibaldi, diante da Prefeitura Municipal — Sgto. Fogaça (7)

Figura 15 1900 — Intendente Inocêncio de Matos Miller, José Delucchi, Hilário Andognini, Matias Claro de Lima (7).

Figura 16 Os pioneiros HORÁCIO E ELVIRA LETTI com sua família (7).

Figura 17 CAMILO MARCANTONIO (4)

Figura 18 Em 1926 de pé: Waldemar e Oscar Empinotti e sentados, Sílvio Gazolla, José Da Poian e Henrique Michelin, (9)

Figura 19 Os pioneiros MARCOS E LUÍSA BOCCHESE, progenitores da ilustre e grande família BOCCHESE (7).

Figura 20 1919 — 6 de junho — fundação do Clube Atlético Pradense: 1° à esquerda: Agostinho Santi, fundador e 1° presidente: a seguir: Atílio Valiera, Licurgo de Oliveira, João Adami, Alberto Piovezan, Olímpio Ferrarese, Vítor Fedementi Filho, João Letti, João Grazziotin Sobrinho. Ajoelhados: Angelo Letti, Afonso Tergolina e Olímpio Silva. No dia da 1° partida 6-6-1919 (9).

Figura 21 De pé: Hilário Andognini, João Adami, Vitório Ranzolin, Domingos Grazziotin e Afonso Cesa. Sentados: Agostinho Santi, Luis Michelin e Pedro Ranzolin (8).

Figura 22 Pe. Alexandre Pellegrini Capelão e 1° Cura de A.P. (13).

Figura 23 Figura 23 -DOM JOSÉ BAREA (113).

Figura 24 Sr. CARLOS ROTTA FILHO duas vezes Prefeito (29).

Figura 25 Lino Celso Zaccani, atual Prefeito de Antônio Prado (36).

Figura 26 Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1925 No centro: Cônego José Benini, à sua direita o Irmão Edmundo. À esquerda em pé Ir. Fabiano. Aparecem: Laurindo Da Poian, Armindo Ranzolin, Luís Grazziotin, João Prataviera, Lourenço Golin, Antônio Reginato, Waldemar Grazziotin, Adelar Letti, Alberto Rossi (prefeito no Paraná), Valdir Rodrigues Paim, Oscar Cesa, Egídio Rossi, Alexandre Calliari, Augusto Guerra(11)

Figura 27 12.1.1968 - Bodas de Ouro de PEDRO MONDADORI e AURÊLIA MASCARELLO LUNARDI. Da esquerda: Laura, Hugo, Élida, Zaira, Juvelino, Vitalino, Inri, Ilda (filha de criação) (42).

Figura 28 1° CONGRESSO DE INTENDENTES - CAXIAS - 3.5.1925: Francisco Marcantônio e Caetano Reginato (3° e 4° da 2ª fila no alto). Demais Intendentes e Presidentes do Conselho Municipal: Alfredo Chaves: Sigmundo Reschke e Vitório Dal Pai; Bento Gonçalves: João B. Pianca e Amadeu Arioli; Caxias: Celeste Gobbato e Orestes Manfro; Encantado: Antônio Di Conto e Vitório Costi; Garibaldi, Antônio Paganelli e Arduíno D'Arrigo; Guaporé, Manuel F. Guerreiro e Alberto Morassutti; Nova Trento, Joaquim Mascarello e Adolfo Schneider; São Sebastião do Caí, Ernesto Noll e Carlos Oderich (20).

Figura 29 Prefeito Prof. Alberto ZANARDI e família no dia da formatura do filho Dr. Carlos Alberto, em Jornalismo (26).

Figura 30 CALVINO PALOMBINI, ex-Prefeito, filho do Prefeito Vicente Palombini e pai do ex-Prefeito de Vacaria Dr. Marcos Palombini. Morreu tragicamente em 5-11-1951. Casamento 18.4.1930(28).

Figura 31 Vigário Pe. Henrique Gelain, Ir. Paulo da Cruz, Genoveva Scotti, Elisa Endrizzi, João Luis de Melo, João Letti, Luís M. Grezzana, Reinaldo Barison, Leonel Stimamiglio, Abramo Grazziotin.

Figura 32 1900 — Interior da Igreja Matriz, vendo-se, à direita, o Pe. Carmine Fasulo, Vigário, e, à esquerda, o coadjutor Pe. Incídio Pampinelli (14)

Figura 33 Família CELSO ZACCANI e Ana Antoniutti Zaccani: filhos: Teresa, Otávio (pai do Prefeito Lino Celso Zaccani), Manuel, Atílio e Rosa (36).

Figura 34 Olímpio Dotti(41).

Figura 35 Operários que construíram a Gruta de Lourdes na década de 1920 (21).

Figura 36 1941 — Fundação da Ação Católica pelo Pe. Henrique Gelain, Da esq.: Ir, Paulo da Cruz, Pe. Antônio Alessi, Pe. Henrique Gelain, D. José Barea, Luís M. Grezzana (com a bandeira), Altair Amorim, escrivão da Coletoria Federal), João Luís de Melo (telegrafista), Pedro Cesa Sobrinho (de branco), à sua direita Giacomo Sartori, Reinaldo Barison (atrás de Luís Grezzana), Ermelindo Denale, Domingos Grazziotin, Romeu Michelon, Ernesto Zolet, Augusto Guerra, João Lucena. Os capuchinhos Frei Romualdo Mulinari e Frei Bruno Fardo (16).

Figura 37 13.7.1958 — Dr. Camilo Leonini, Cônsul Geral da Itália, na Câmara de Vereadores, confere comenda ao Prefeito Waldemar Grazziotin e ao sr. Vicente Palombini, Presidente da Câmara (discursando) (31).

Figura 38 FUNDAÇÃO DA UNIÃO CATÓLICA - 15-8-1940 1ª fila da esquerda: Sebastião Furlin, Padre Alessi, Pe. Henrique Gelain, Major Waldemar Miranda (Prefeito), 2ª fila: João Furlin, Ir. Paulo da Cruz, Domingos Grazziotin, Augusto Guerra. 3ª fila: Ângelo Rossi (escultor), Romeu Michelon, Altair Amorim e João Luís de Melo. Ao lado do Major: Reinaldo Barison, Luis Grezzana e Pedro Cesa Sobrinho; atrás: Máximo Empinotti e Abramo Grazziotin (23

Figura 39 Setembro de 1896 — Das casas desta foto só existem hoje: Igreja Matriz, Casa de Vitório Faccioli (hoje Prefeitura) e o prédio Zappani com muitas janelas, na Praça (9).

Figura 40 1900 — D. Carmine Fasulo com os membros da Pia União das Filhas de Maria por ele fundada. Em traje preto D. Genoveva Scotti, a 1° professora de A. Prado (14).

Figura 41 22.6.1958 — Entronização da imagem do S. Coração de Jesus na Câmara de Vereadores: Governador Ildo Meneghetti, ao lado de Luís M. Grezzana. Dr. Hildo da Costa Guilloux, Natal Colombo, Dr. Mário Bocchese, D. Cândido Bampi, Pe. Antônio Galioto, Vicente Palombini, Valdomiro Bocchese. Atrás da esquerda: Pedro Cesa, João Amado Chini, Waldemar Grazziotin (atrás de D. Cândido) e esposa D. Vanda, Avelino Mazzotti. No alto: Abramo Grazziotin e esposa, Afonso Marin, Virgínio Panosso, Nely Ranzolin (óculos escuros). Atrás de Vicente Palombini: Reinaldo Barison (30).

Figura 42 1908 — JOSÉ DOTTI, esposa e filhos: Elvira, César, Teresa, Luís, Afonso, Germano, Ângelo e OLÍMPIO (41)

Figura 43 Imagem do Senhor Morto da capela do Asilo de Velhos de Lages, esculpida em madeira por Ângelo Rossi, exímio escultor de A. Prado. Instalou o relógio da torre da Matriz pradense (46)

Figura 44 Lançamento da pedra fundamental da 1ª Cooperativa Agrícola de A. Prado 21-10-1911— a 1° Cooperativa do Brasil. Da esquerda: Letti, comerciante de Nova Trento, irmão de Stefano Letti, João Grazziotin, José Dotti, Ricieri Tergolina, Pe. José Benini, Olímpio Dotti (menino abraçado), Armando Miller (menino, filho do Intendente Inocêncio),Cel. Inocêncio de Matos Miller, Narciso Barison (último), Prof. Dal Cortivo (de chapéu branco), — 2ª fila: João Furlin (sacristão), Domingos Grazziotin, Dr.Paternó (no centro). (45).

Figura 45 Enchente do rio Leão 4.4.1956.

Figura 46 Família GRAZZIOTIN: Sentados: Felice, Pelegrino, Luiggia Poloni Grazziotin, Valentino, Luis e Domingos. Em pé: João, Antônio, Santo, Angela, Angelo (avô de Tranqüilo, de Passo Fundo), José e Francisco (42).

Figura 47 1931 — Na casa de João Lovatel, sobre enorme raiz de uma árvore derrubada por furacão: 1ª fila: João Tergolina, Francisco Rigon, Luís Fonini, Constantino Zaniol, João Baggio e Aires. 2ª fila: João Lovatel, Cristiano Grandi, Perboni e Ludovico Marcon, 3ª fila: Serafim Stedile, Medardo Montari, Vicente Palombini, Altino Valmorbida, Luís Nodari, Antônio Baggio, Atílio Citton, 4ª fila: Ernesto Bassani, Augusto Stimamiglio, João Paganella Letti, Tino Degrandi, Amadeu Degrandi (50).

Figura 48 20-1-74 - INAUGURAÇÃO DA COOPERATIVA (45).

Figura 49 Dionísio Faccio, gaúcho de A. Prado.

Figura 50 LUÍS ANGELINI Representante Consular da Itália, que foi ferido durante o conflito de 25-5-36. (50).

Figura 51 1930 JUBILEU DE PRATA DO CLUBE UNIÃO Sentados: Waldemar Grazziotin, Remígio Nodari, João Alfredo Kunk, Pedro Cesa Sobrinho, Abramo Grazziotin, Ten. Argeu Gonçalves de Moraes- Em pé: Catulino Bocchese, Melzi Tergolina, Afonso Cesa, João Letti, João Golin, Arlindo Valmorbida e João Antoniutti (50)

Figura 52 1908 — na chácara de Sisínio Curzel: Atílio Citon, Luís Fonini, Antônio Valmorbida, Caetano Zanardi, Atílio Zaccani. Antônio Meneguzzo e João Brogli (7).

Figura 53 ESCOLA SÃO JOSÉ O prédio antigo, hoje demolido, funcionou de 1900 a 1950(39).

Figura 54 1928 — Altino e Tereza Valmorbida, residentes em Lages, grande colaborador desta obra. Em 19-7-1978 celebrou suas bodas de Ouro na Matriz de Antônio Prado (50).

Figura 55 1937 - baile das nações no Clube União: No alto: Teresinha Bocchese e Laura Guilloux. Da esquerda, a partir da 2ª: Emília Letti, Ruth Bocchese, Adelina Denardi, Nely Golin, Adelina Arioli, Laura Mondadori, Elia Mondadori, Noele Bocchese, Josefina — Nídia Rotta, Anita Melo (50).

Figura 56 1928 — Tiro de Guerra n° 355 Ricieri Letti, Roberto, Abramo e Mário Grazziotin, José Caaliari e Glorocinto Morais(54).

Figura 57 JOSE MACAGNAN e sua família — um dos maiores fotógrafos profissionais do Brasil, filho de A. Prado (44).

Figura 58 Milhares de famílias pradenses emigraram para outros municípios gaúchos, catarinenses e paranaense. Aqui a família de Luís REFOSCO que em 1916 emigrou para Paim Filho. O Dr. Alevino Refosco, advogado e político de Paim Filho, é neto (57).

Figura 59 Prof. Francisca Maccarini Camatti casada com Augusto Camatti foi professora em Nova Roma durante 20 anos. Filhos: Alzira, Zulmiro e Rosalina. Ausente: Vilma, Religiosa de S. José(76).

Figura 60 Velhas taipas dos campos de Vacaria, construídas pelos pioneiros italianos de Antônio Prado (9).

Figura 61 Capela Santo Antônio — Linha Dois de Julho: 29.4.1961 — Casamento de Vitório Chiarello e Maria Carra. Vendo-se os pais: Luís e Carolina Chiarello e Ângela Tartari, avó do noivo (77).

Figura 62 Família TONDELLO Em pé: Albino, Mateus, Antônio (pai do Frei Ambrósio), José e Orosimbo. Sentados: a avó Margarida, Josefina, Catarina Slaviero Tondello e João (pais) (82).

Figura 63 Capela Santo Isidoro: Família Ambrósio Zanotto. Filhos: José, Alfredo, Leonice, Zimar, Lídia, Zenor Paulo, Osmar, Lorena, Leondina, Ivanor e Valmor. Esposa: Maria Barp Zanotto (64).

Figura 64 Capela Nossa Senhora do Caravágio — Linha Cândida: Família PONTEL. Filhos de Benedeto: Em pé: Benjamim, Albino, Virgílio, Adriano, Tranqüilo. Sentados: Fiorindo, Jaques, Eugênio e José. Faltam as filhas: Maria, Genoveva, Cândida, Pierina e Graciosa (69)

Figura 65 FORMATURA NO GINÁSIO SÃOJOSÉ

Figura 66 ENCHENTE 4-4-1956 - Arroio Leão, vendo-se aos fundos o Colégio São José(59).

Figura 67 1929 — O Dr. Getúlio Vargas, então Presidente do Estado, em visita às obras da Ponte do Passo dos Navegantes, vendo-se ainda: Caetano Reginato (Intendente), Dr.João Fernandes Moreira, Secretário das Obras Públicas, Dr. Fernando de Abreu Pereira, Dr. Pereira da Cunha, Dr. Álvaro Ferreira Barcelos, Major Laurindo Paim, o tabelião Abelardo Cavalcanti, Marcos Bocchese, Antônio Bocchese, José Delucchi e outros (61).

Figura 68 JUVENISTAS MARISTAS com pinhas, quando A. Prado era ainda um imenso pinhal (39)

Figura 69 1957 — Moisés Nardello, de Santana, colheu 200 sacos de trigo (47).

Figura 70 1924 — Moças da sociedade pradense do Partido Libertador, lenço encarnado. Á esq. Orosimbo Grazziotin e Armindo Cesa. Á direita: Mário Grazziotin e Laurindo Grazziotin (50).

Figura 71 Loja DOMINGOS GRAZZIOTIN fundada em 1917 — Ao lado sede do Banco Pelotense (42)

Figura 72 Casa da família BAGGIO que foi demolida para dar lugar a uma indústria(10).

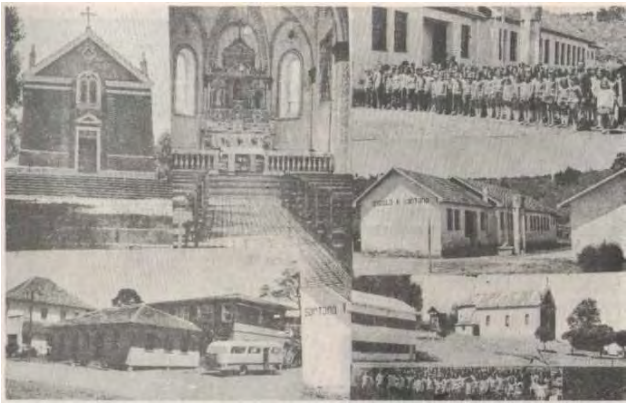

Figura 73 CAPELA DE SANTANA — no interior da capela a histórica imagem de Santa Ana trazida da Polônia pelos imigrantes (81).

Figura 74 1934 — Festa na Gruta — Clóvis Pimentel, Dallazen, Ramiro Marcanzoni, Dionísio Faccio, Euclides Marin, Orozimbo Grazziotin, Altino Valmorbida, Amílcar Pezzi, Afonso Cesa, Júlio Gomes da Silva, Melzi Tergolina, Roberto Grazziotin, Laurindo Ranzolin, Luís Antoniutti e Irmãos Mondadori (menores) (50).

Figura 75 1951 — Câmara Municipal de Vereadores: Afonso Marin, Narciso Verza, Germano Bellan, Luís M. Grezzana e Ângelo Golin, De pé: Olímpio Roveda, secretário privativo da Câmara (30).

Figura 76 20-1-74 — Fundação da Cooperativa Assembleia da constituição: Aristides Marques Velho, Ernesto da Silva Neto, Valner José Borges, Dr. Tertuliano Boffil Dr. Borsatto, da FETAG (45).

Figura 77 1974 — Reunião dos agricultores para tratar da fundação da Cooperativa (45)

Figura 78 EMÍLIO VALMORBIDA, um pioneiro, chegado ao Brasil em 1882, era um escultor de renome, conhecido por "O Mágico do Torno". Executava obras-primas sobretudo em chifre. É pai do colaborador desta obra sr. Altino Valmorbida (46).

Figura 79 A família Da Poian - José, Rosalba e os três filhos (113).

Figura 80 1947 — Capela de Santa Ana, diante da Casa de Comércio de Afonso Marin, moradores que prestaram serviço na Estrada Ernesto Alves (81).

Figura 81 30-9-1962 — Inauguração do Campo de Pouso Municipal (52).

Figura 82 Time de Futebol da Capela São Roque junto com o Prefeito Waldemar Grazziotin e o Vereador Afonso Marin (82).

Figura 831942 — NEVADA: Dr. Oswaldo Hampe, Nenê Gonçalves, Paulo Peroni, Waldemar Grazziotin, Dr. José Barrueco (62).

Figura 84 CATEQUISTAS — Pe. Leonel Pergher(19).

Figura 85 Uma das primeiras Bandinhas de Amadores de Antônio Prado. Lá pelos idos de 1912, vemos Alberto Bigler, Octávio Zaccani, Octavíano Miller, Angelo Dotti e Arthur Ziegler. Sentados: Olímpio Dotti, e Nelson Miller: trombone, gaita, piston, trompa e flauta (50).

Figura 86 1946 — Linha Garibaldi — Churrasco pela abertura da Estrada do rio Turvo. Prefeito Carlos Rotta (52).

Figura 87 31-12-1963 — Posse do Prefeito LUIZ BAGGIO — 64-68 (33).

Figura 88 CINQÜENTENÁRIO DO MUNICÍPIO -1949 Pe. Ernesto Mânica (Vigário), Waldemar M. Grazziotin (Prefeito), Governador do Estado Dr. Walter Jobim, esposa D.Ana Niderauer Jobim e Prof. Vanda Rodrigues Grazziotin (30).

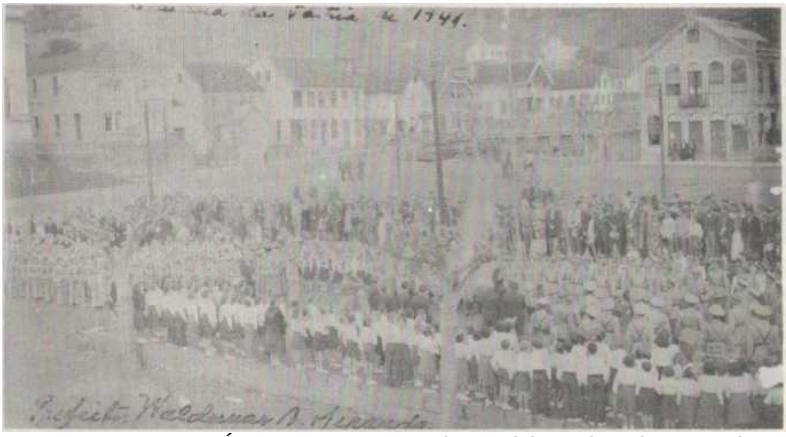

Figura 89 SEMANA DA PÁTRIA 1941: A parada era feita pelos alunos e alunas dos Colégio Sagrado Coração de Jesus e São José (23).

Figura 90 O CANDIDATO OSCAR HAMPE em 1935 derrotou Calvino Palombini pela diferença de 324 votos (22).

Figura 91 2-6-1968 — Inauguração da Ponte do Passo do Zeferino, vendo-se D. Benedito Zorzi e Governador Walter P. Barcellos (60).

Figura 92 MISSÕES EM NOVA ROMA na década de 1920 na Praça matriz (98).

II Parte

NOVA ROMA E SUA HISTÓRIA

NOVA ROMA – 2° DISTRITO

O município de Antônio Prado, geograficamente, assemelha-se a uma península, cercada pelas águas dos rios das Antas, Prata, Humatã, Segredo e Vieira, havendo apenas uma linha divisória seca, nos limites com o distrito vacariano de Vila Ipê. Na parte meridional, forma uma ponta, constituída pelo distrito de Nova Roma, criado por lei governamental n° 38, de 19.1.1023, sancionada por Caetano Reginato, Vice-Intendente em exercício.

O 2° distrito, com sede em Nova Roma, vem limitado ao norte pelo travessão da Linha Trajano de Medeiros, em linha reta a partir do rio da Prata, até encontrar o lote n° 51, no ponto atravessado pelo rio Jararaca; a leste, este rio até encontrar o rio das Antas; a este, o rio da Prata e parte do rio das Antas. Limita, pois, com os municípios de Flores da Cunha, distrito de Nova Pádua, Farroupilha, Bento Gonçalves e, obviamente, pelo primeiro distrito de Antônio Prado.

Nova Roma foi o berço do povoamento do município, por iniciativa de imigrantes poloneses e suecos, que, a partir de 1880, atravessaram o rio das Antas pelos atuais municípios de Farroupilha e Bento Gonçalves, antes mesmo de oficializada a Colônia de Antônio Prado em 1886.

Cerca de 50 famílias suecas e algumas russas ocuparam as margens do rio das Antas, na Linha Barata Góis, uns dez quilômetros abaixo do Passo dos Navegantes, hoje Ponte Metálica Getúlio Vargas.

Os poloneses, em maior número, ocuparam as Linhas Gustavo Vasa, Castro Alves, Fagundes Varela, Carlos Leopoldo, Paranaguá e parte de Dez de Julho, esta no 1° distrito. Fundaram as capelas de Castro Alves e Santa Ana, mais tarde reconstruídas pelos imigrantes italianos, que principiaram a chegar em 1888.

Provinham quase todos das Províncias de Beluno, Treviso, e Vicenza. Aos poucos foram adquirindo as terras dos poloneses e suecos, quando estes, nas décadas de 1900 e 1910, emigraram quase todos para as colônias do Alto Uruguai, notadamente Carlos Gomes.

Os italianos eram todos católicos, como os poloneses, ao passo que os suecos eram quase todos luteranos, atendidos por um pastor que os visitava periodicamente, vindo de Nova Vicenza (Farroupilha).

NOVA ROMA - FUNDAÇÃO

Castro Alves, povoado fundado pelos imigrantes poloneses, na década de 1880, parecia, a princípio, destinado a paróquia, pois tivera um capelão estável, na pessoa do Pe. Josué Bardino italiano, da diocese de Feltre, ordenado presbítero em São Leopoldo, em nosso Estado. Além da igreja, os poloneses construíram uma ampla casa canônica.

O Pe. Bardino que estudara a língua polonesa a fim de atender os imigrantes desta nacionalidade, residentes em Bento Gonçalves, Alfredo Chaves e Antônio Prado, já trabalhava aqui desde 1892, conforme registro nos arquivos paroquiais da sede. Em 2.9.1892, ele inaugurava a capela de Nossa Senhora do Caravágio da Linha Cândida e em 13.6.1893 a de Santa Ana, fundada pelos poloneses.

Em 1896 e 1897 esteve residindo em Castro Alves, ocasião em que deixou três livros de registros de batizados, casamentos e óbitos, que o Pe.José Ben recolheu ao arquivo da paróquia de Nova Roma. A seguir, ainda em 1897, o Pe. Bardin retirava-se para outros municípios. Apesar

disso, Castro Alves aspirava ainda ser a sede de um curato e paróquia.

Na década de 1890, proveniente de Pinto Bandeira, estabelecia-se no povoado o poderoso comerciante e político Saule Pagnoncelli, que trouxe notável impulso ao progresso da localidade.

Na Linha Blessmann, os imigrantes italianos, por sua vez, construíram uma pequena capela e um cemitério, o primeiro cemitério de todo o interior, fundado por italianos. Nessa capela, em 16.9.1891, o Pe. Alexandre Pellegrini celebrava a primeira missa de toda a região da atual paróquia e distrito de Nova Roma.

Em 1894, com a cooperação de outras Linhas, foi construída uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. E a Comissão de Terras e Colonização, pretendendo fundar aqui uma cidade, traçou praça e ruas com120 lotes urbanos, batizado o povoado com o nome de Nova Treviso, em homenagem aos imigrantes, quase todos provenientes de Treviso, na Itália.

Atendendo solicitação do Pe. Alexandre Pellegrini, o Bispo do Rio Grande do Sul, D. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, destacou para cá um sacerdote, um ancião de pouco trato social, que não foi bem recebido pela população, que chegou a desacatá-lo, motivo por que ele se afastou.

Em outubro de 1895, os fabriqueiros de Nova Treviso fizeram outra tentativa, no sentido de obter um capelão. Remeteram a D. Cláudio a quantia de 511$270 para pagar a viagem e despesas do sacerdote. Sem esperar resposta, passado um mês, membros da família Confortin, Montagnini, Busato e outras mandaram publicar em jornal italiano “um artigo muito grosseiro e ofensivo a respeito de tal dinheiro”, conforme se expressou o Bispo em carta de próprio punho ao Pe. Alexandre Pellegrini (22.11.1895). E prosseguia D. Cláudio: “Não me procuraram nem pediram explicação nenhuma. Foram para o tal jornal insultar-me. Esse dinheiro está depositado no Banco da Província e a caderneta está em meu poder. Que venham os fabriqueiros receber o dinheiro e lhes asseguro que não

darei mais um passo para lhes arranjar um sacerdote. Escrevi para a Itália, para pedir sacerdote. Porém dentro de um mês não era possível obter resposta, quanto mais a ter um sacerdote... Nosso Senhor lhes perdoe tão grande ofensa contra o seu Prelado".

Pois Nosso Senhor, não só perdoou, mas ainda fez com que o primeiro comerciante de Nova Treviso consagrasse ao altar um de seus filhos, que se tornou, não apenas o primeiro sacerdote da paróquia, mas o primeiro Bispo da diocese a que pertence Nova Treviso — o primeiro Bispo de Caxias do Sul— D. José Barea.

Nova Treviso, portanto, segundo promessa do Bispo do Rio Grande do Sul, não teria sacerdote e nem seria curato. Por outro lado, o Pe. Josué Bardin havia se retirado, deixando Castro Alves e toda a região sem um pastor. Ao zelo do Pe. Alexandre Pellegrini repugnava esse abandono espiritual de uma população que já fora atendida por dois sacerdotes residentes.

O que fez então o Pe. Pellegrini? Deixa o curato de Antônio Prado aos cuidados do Pe. Carmine Fasulo e, em novembro de 1897, vai fixar residência no Linha Carlos Leopoldo, onde adquiriu terreno e casa, transformando-a em capela e casa canônica. Era o ponto central entre as duas localidades, o lugar mais indicado para sede do curato e paróquia. O lugar mais apropriado para atender toda a região, sem desgostar os neotrevisanos e os castro-alvenses.

Entretanto, assim não aconteceu. Dando início à fundação de Nova Roma, o Pe. Pellegrini provocava as iras dos moradores de Nova Treviso e também de Castro Alves, inaugurando uma era de hostilidades. A tal ponto chegaram as divergências, que os neotrevisanos, certa vez, armaram-se contra a população da Linha Carlos Leopoldo, numa disputa terrível pela posse do sacerdote.

Quando o Pe. Alexandre Pellegrini faleceu, quase repentinamente, em 19.8.1899, a população de Nova Treviso ameaçou impedir a passagem do cortejo fúnebre, que, a pé, transportava o corpo do venerando fundador

de Nova Roma para o Cemitério de Antônio Prado. Todavia, os fiéis da Linha Carlos Leopoldo, cientes das ameaças, armaram-se, fazendo-se respeitar e passando desimpedidamente, chegando, à meia-noite, à sede do município. Foi sepultado numa capela funerária, mandada construir por ele mesmo. Hoje seus restos mortais repousam no mausoléu do clero, no novo cemitério. Contava70 anos, havendo nascido em 12.11.1829.

A data da fundação de Nova Roma, conforme registro do Pe. José Bem no livro do tombo da paróquia, é ***seis de janeiro de 1899,*** festa dos Santos Reis, dia em que o Pe. Alexandre Pellegrini celebrou aqui a primeira missa. A data de 6.1.1889, que aparece em algumas publicações, é evidentemente um equívoco bem expressivo, oferecendo uma diferença de dez anos. Está documentado que a primeira missa celebrada em toda a região do atual distrito de Nova Roma verificou-se em Nova Treviso, no dia 16 de setembro de1891, cujo cinquentenário foi solenemente celebrado, em 16.9.1941.

O Pe. Alexandre Pellegrini deixou a paróquia da sede em novembro de1897, retirando-se para a região de Nova Treviso, Castro Alves e Linha Carlos Leopoldo. Com a finalidade de fundar um curato no ponto central e acabar com a divergência entre a população de Castro Alves e a de Nova Treviso, ambas interessadas em ter um sacerdote estável, é que o Pe. Pellegrini adquiriu uma casinha no local onde surgiu o povoado de Nova Roma e nela se estabeleceu, celebrando o culto, até que fosse construída uma igreja. Infelizmente esta casinha foi demolida, destruindo assim o mais precioso patrimônio histórico da localidade.

OS POLONESES

Os imigrantes poloneses que, a partir de 1880, se estabeleceram no atual segundo distrito de Antônio Prado, Nova Roma, compreendiam quase 200 famílias, conforme relação do arquivo paroquial e esboço

histórico de João Spadari Adami. Cada família ocupava apenas meio lote, que os imigrantes italianos foram adquirindo, quando os poloneses principiaram a emigrar para as novas colônias do Alto Uruguai.

Italianos, poloneses e suecos, fundadores das oito linhas que formam o distrito e paróquia de Nova Roma, a princípio formavam uma sociedade homogênea, falando quase todos, poloneses e suecos o dialeto vêneto dos italianos. Estes, por sua vez, aprenderam a língua polonesa, frequentavam a mesma igreja, rezando as orações no idioma da Polônia.

Dizem os velhos italianos que os poloneses eram trabalhadores incansáveis. Construíram numerosas taipas, que ainda hoje se podem admirar. Serravam grossas toras de pinheiro, com um improvisado engenho, abrindo funda cova, dentro da qual se colocava um serrador. Uma ocasião, três poloneses, derrubando altas árvores da floresta, provocaram a morte de um deles, com a queda de uma planta, que esmagou o infeliz agricultor.

O comerciante Saule Pagnoncelli, de Castro Alves, iniciou sua grande Fortuna negociando com os imigrantes poloneses e suecos.

Aqui vai a relação das famílias dos imigrantes que vieram da Polônia e se estabeleceram em Antônio Prado:

Rosiak, Blazek, Buda, Karczynski, Prymel, Lorety, Nowiúski, Slomirlski, Muszyúski, Zurowski, Knaknienicz, Paradowski, Sulkowski, Sosnowski, Piotrowski, Winowski, Olesiúski, Noskowski, Norbach, Perszel, Palowski, Zurawski, Sloma, Alkrainski, Bartnicki, Iwarticki, Blachorczyk, Wiéniewski, StudziAski, Kostanecki, Kolakowski, Lisek, Rogalski, Strogalski, Wastowski, Kowalski, Witkowski, Lecki, Kuczkowski, Kasiríski, Ostrowski, Dziengielewski, Kalikowski, Koiciúski, Zielirlski, Zurawski, Karpinski, Jaskowiak, Tycz, Mniechlaríski, Budka, Kolbierski, Ryl, Karlirtski, Klos, Gralski, Popek, Pilewski, Srociúski, Kneblewski, Jabloúski, Falkowski, Niwionski, Krolikowski, Kolberski, Bonkoutski, Stefaríski, Blaszkiewicz, Benka, Jakubowski, Walenga, Golembiewski, Godzienski, Piasecki, Ratz, Mierczyúski, Szymaúski, Szultz, Sloma, Wolwalski, Slowiríski, Suwrin,

Kaezerwski, Barniewski, Cuberwski, Samowski, Garlik, Kalderski, Ozimbowski, Spryda, Rymer, Kasecki, Jabloúski, Walosiríski, Lampa, Ryl, Zurowski, Wizbicki, Ciesla, Sliwinski, Weroniski, Jaskawa, Przybilski, Leszczyúski, Grolich, Matuszewski, Gorniewicz, Brugiski, Lubisiak, Lobezach, Scigórski, Ciubiúski, Krukowski, Winoski, Milczork, Kotliúski, Nowiúski, Kowalewski, Kowalski, Bicizek, Krygiel, Razrtiewski, Lukaszewski, Szelmach, Wozniak, Izydorski, Chaczewski, Komiúski, Kolkowski, Gelcich, Sioncach, Jancac, Portasiríski, Grabowski, Tomaszek, Bielski, Durka, Bela, Pasterski, Sulewski, Pech, Luke, Bergier, Danielewski, Bomingier, Wojtaczylo, Osienicki, Klohn, Gronki, Miuk, Razrtiewski, Broniszewski, Newirlski, Powadowski, Wodziak, Milezuwek, Zuchaszewski, LudewiAski, Radzikowski, Niszewski, DudziAski, Dombrowski.

OS SUECOS

Eliseu Menin, 75 anos, residente em Vacaria, nasceu em Castro Alves e conviveu com os imigrantes suecos da Linha Barata Góis. Assim se refere ele a estes pioneiros.

"Eram, mais ou menos, 50 famílias, estabelecidas na Linha Barata Góis, ao longo do rio das Antas, um pouco abaixo do Passo de Domingos Dondoni. Cada cem ou duzentos metros, erguia-se uma moradia de colonos suecos.

Eles tinham lá um passo, com uma balsa a cargo de Antônio Nilson, que também era sueco. O passo dava acesso à estrada que leva a Pinto Bandeira, em Bento Gonçalves.

Povo ordeiro e trabalhador, vivia da agricultura, cultivando milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar... Fabricavam aguardente e rapadura. Sabiam fabricar cordas de linho.

Vendiam seus produtos em Castro Alves, Pinto Bandeira e Nova

Vicença. Subiam a íngreme encosta com suas mulas carregadas de laranjas, bergamotas, limas, rapadura, cordas, feijão, batatas. Se não conseguiam vender, davam de graça.

Eram luteranos ou evangélicos, não me lembro bem. De Nova Vicença vinha o pastor para o culto. Como não tinham igreja, este era realizado ora numa casa, ora noutra. Faziam suas orações e cantavam. Um canto muito triste, que me deixava impressionado.

O pastor vinha a cavalo. De volta levava donativos dos fiéis, como gêneros, frutas. Por vezes, um porquinho.

Gente boa e humilde, sacrificada pela localização de seus lotes, no profundo vale do rio das Antas, de íngremes encostas, praticamente incultiváveis, os suecos emigraram todos para as colônias do Alto Uruguai, nas décadas de 1900 e 1910. Hoje as antigas terras dos suecos, propriedade de descendentes de italianos, são devolutas".

Conforme relatório do Intendente de Matos Miller, em 1915 havia no município apenas 17 suecos.

Algumas famílias suecas eram católicas. Seus descendentes que ficaram em Antônio Prado casaram com filhos de imigrantes italianos. Durante muitos anos, o sueco Sowton residiu na cidade, exercendo a profissão de metalúrgico. Fabricava armas de caça e até revólveres.

OS PIONEIROS ITALIANOS

Em 1923, por ocasião da criação do distrito de Nova Roma, havia 379 famílias, sendo 360 de origem italiana. Hoje (1979), há no distrito 668 famílias, sendo 541 de origem italiana, 22 de origem polonesa e 5 de origem sueca, de acordo com dados colhidos pelo Pe. Adelino J. Schneider, Vigário da paróquia.

Do registro de batismos, casamentos e óbitos, desde 1896, feito pelo Pe. Josué Bardino extraímos, o nome das seguintes famílias de origem italiana:

Dalla Costa, Fioravanzo, Vanin, Caon, Dalvesco, Dal Molin, Busato, De Bortoli, Pozzer, Montagnini, Vanzetto, Sair, Campagnaro, Ambrós, Trevisan, Cadoná, Taschin, Pagnoncelli, Pelliccioli, De Marchi, Dalló, Rossi, Scarsi, Antonietti, Mazzarolo, Batistin, Casanova, Candaten, Dariva, Barea, Bochetti, Trombeta, Roda, Soligo, Menin, Cavalli, Bortoloso, Piola, Panozzo, Toccheto, Signori, Saorin, Contele, Rizzon, Golo, Fiorese, Boca, Tessaro, Trento, Mosele, Damaren, Conterato, Durante, Turcheto, Sabedot, Deon Cassol, Poloni, Caovila, Pasuch, Nadin, De Piccoli, Pisoni, Petron, Pagoto, Zanco, Oneta, Donida, Ferri, Zanella, Piazzon, Lazzarini, Largo, Prigol, Dalla Valle, Zanotto, Panazzolo, Fornera, Bocasanta, Carmineto, Toscana, Dal Cortivo, Vitali, Zigni, Levis, Soldá, Tonin, Terribile, Burat, Mengoto, Meneguzzo, Zini, Montagnin, Mason, Anzolin, Manzoli, Zatti, Donadel, Vanz, Bonalli, Fabris, Petribelli, Polesso, Tosati, Pogere, Cadore, Albani, Conte, Sartori, Gobi, Girelli, Rigo, Pietrobon, Vanzin, Provenzi, *Borgnesan, Valiati, Polaro, Moterle, Borsoi, Borela, Favero, Morlin, Gallina, Petró, Ranon, Loat, Callegari, Locatelli, Maso, Rossoni, Magnaguano, Piovesan, Spagnoli, Zago, Ganzer, Cervo, Lazzarini, Largo, Pressi, Cecato, Albani, Piazzon, Amadigi, Masuro, Leorato, Folador, Ghinzelli, Gambato, Bevilacqua, Frigoto, Segala, Apio, Marangoni, De Dea, Tibola, Forlin, Sala, Fior, Leamo, Bartot, Doziati, Bet, Zanette, Baroni, Posolo, Fracasso, Scortegagna, Somavilla, Toseto, Tosati, Desan, Sghinzani, Dal Maren, Cerbato, Triches, Cichelero*, *Soranzo, Mercante, Mason, Bottene, Ranzolin, Prando, Tessari, Martelli, Biffi, Bertolotti, Balestrin, Baldin, Boscato, Dariz, Dambrós, Scapinello, Basso, Albarello, Gaio, Vazata, Brsciani, Testolin, Venturin, Gelain, Marcantonio, Donzelli, Michelon, Venturini, Mazzocato, Rosa, Colleoni, Sterzi, Sartori, Peretti, Cendron, Pauletti, Perletti, Cantarné, Scorzato, Comiotti, Cavallini, Staviano, Barbatti, Bertola, Detoni, Lazzarin, Beluzzo, Bon, Girardi, Frana, Pansera, Bellini, Frizon, De Toni, Locatelli, Settin, Baldin, Ziegler, Nichetti, Brolo, Frumento, Primer, Carini, Carminatti, Gallo, Casagrande, Anghinoni,*

Roldo, Zibetti, Bersotti, Guizzo, Paese, Pandolfi, Corso, Nadai, Dengo, Dresseno, Moroni, Canalli, Giolo, Bonetti, Dartora, Barbieri, Costamilan, Tamanini, Facchinella, Volpato, Randini, Zagliagliol, Sprida, Fornara, Saurin, Colli, Candatti, Tosetti, Tressi, Mazzotti, Vardanza, Ortigara, Ferlin, Miri, Pimaretti, Mansoli, Testolin, Scarentin, Santi, Confortin, Dalla Pozza, Filipi, Casa, Bertola, Dam Moro, Borreli, Stefan, Tagiarolo, Muson, Cantone, Tamarini, Scapini, Dal Cantone, Chiarentin, Bonafé, Lodi, Tiamenti, Sartole, Franzoni, Mattana, Terebinto, Giolo, Ferrari, Piazzon, Fin, Pasa, Perosa, Trentinaia, Mazzucatto, Moretti, Domasolo, Paccoto, Agostini, Gabriel, Bordin, De Bastiani, Sichinello, Bissani, Comin.

O CURATO

O Cônego Josué Bardino o Apóstolo dos Poloneses, figura, como vimos, nos arquivos da paróquia da sede desde 1892. Acontece que em 1892-95 ele era coadjutor de Alfredo Chaves, mas atendia ainda os atuais municípios de Nova Prata, Bento Gonçalves e Antônio Prado. Nos anos de 1896 e 1897 residiu em Castro Alves, transferindo-se em 1898 para a paróquia de Santa Teresa, de Bento Gonçalves, da qual fora o 1° cura (1888-1891).

Era natural da Província italiano de Feltre, onde nasceu em 1.8.1859.Veio para o Brasil com a família. Estudou no Colégio de São Leopoldo, dos Padres Jesuítas, e no Seminário Episcopal de Porto Alegre, onde foi ordenado em 28.11.1885. Em 1903 foi administrador de São Luís das Missões e Guarani, onde havia muitos poloneses. Retornou a Santa Teresa e daí para Pedras Brancas e Mariano Pimentel, sempre atendendo a população de origem polonesa. Nesta missão esteve pela segunda vez em Caxias (1907-1910) e daí para São Marcos, como cura, em 1911. Em 1913 foi Vigário de São Feliciano, onde havia numerosos poloneses. Em 1921 retornou a Santa Teresa e em 1925 foi nomeado pároco de São

Domingos, em Guaporé. Em1933 assumiu como 1° VIGÁRIO a Paróquia de Vila Maria. Velho e cansado, retirou-se para a casa paroquial de São Domingos, onde, cheio de méritos, pobre e desapegado, veio a falecer em 3.8.1944, com 86 anos de idade e 60 de sacerdócio.

Em substituição ao Pe. Alexandre Pellegrini, falecido em 1899, a capela de Nova Roma, a partir de fevereiro de 1900, foi atendida pelo Pe. Mariano Rossi, que construiu a primeira igreja. Era italiano da Província de Roma, onde estudou e foi ordenado em 19.12.1891, vindo para o Brasil em 1899, a convite de D. Cláudio Ponce de Leão. Permaneceu pouco tempo em Nova Roma, em virtude da perseguição dos moradores de Nova Treviso e Castro Alves. Daí foi para Ana Rech como cura, tendo iniciado a construção da Igreja Matriz, que não pôde concluir, em virtude de sua morte prematura e repentina em 30.4.1905, com apenas 37 anos de idade.

Em 7.7.1902, o Bispo de Porto Alegre, D. Cláudio, criava o Curato de Nova Roma, que teve como 1° cura o Pe. Francisco Marottoli que era coadjutor do Pe. Carmine Fasulo. Em outubro deste mesmo ano, Nova Roma passou a ser atendida pelo Pe. Basílio Píria e a seguir pelo Pe. Icídio Pampanelli, também coadjutor de Antônio Prado, e de Santa Teresa em Bento Gonçalves, donde foi expulso da diocese por D. Cláudio, conforme se lê no livro do tombo de Nova Roma.

De março a setembro de 1903, esteve atendendo o Curato o Pe. Salvador Zorgno. Em maio, o Capuchinho Frei Basílio. De março a agosto de1904, o Pe. Ângelo Donato, coadjutor da paróquia da sede, agosto, o Capuchinho francês Frei Teófilo e de 16.8.1904 a 9.5.1905 o Frei Patrício, da mesma Ordem. De 18.6.1905 a 14.9.1907, o Pe. Antônio Pertile, que era o Vigário de Antônio Prado. Sacerdote de grande zelo e inteligência, nascido na Itália em 1840, veio para o Brasil com 56 anos, em 1896, tendo sido ainda o 1° Cura de Guaporé e da Conceição de Caxias. Foi o pacificador de Caxias durante o célebre incidente entre o Pe. Pedro Nosadini e a maçonaria, em1897. Esteve em Nova Roma por esse tempo o Frei Bruno, superior dos Capuchinhos, que vinha em visita pastoral, como delegado do Sr. Bispo.

Os padres não paravam em Nova Roma. Viam-se obrigados a se retirar movidos pela perseguição de Nova Treviso e Castro Alves, sempre inconformadas por não haver obtido a permanência do sacerdote em suas sedes, com pretensão a paróquia. Quem pôde pacificar os ânimos foi o Pe. Antônio Rizzotto, que assumiu a direção do Curato em 16.8.1908, permanecendo até 18.5.1913. Italiano, da diocese de Pádua, Província de Beluno, nascido em1873, veio para o Brasil com três anos. Estudou no Seminário de Porto Alegre, ordenando-se em 19.3.1905. Sacerdote de vasta cultura profundo conhecedor da língua portuguesa, possuía a maior biblioteca de toda a região colonial italiana, biblioteca que doou ao Seminário Diocesano de Caxias do Sul. Mereceu um belo elogio do Dr. Oswaldo Hampe, em seu livro de memórias, página 149.

Grande amigo dos seminaristas, incentivou numerosas vocações sacerdotais. Em Nova Roma adquiriu um terreno de 50 x 70 por 200$000, ampliando o já existente. Construiu a casa paroquial, de madeira e pequena. Transferindo-se a pedido para São Marcos de Caxias, deixou como substituto o Pe.Henrique Compagnoni, outro sacerdote ilustre, natural da Itália, província de Mântua, nascido em 16.4.1882, vindo para o Brasil em criança. Estudou no Seminário de Porto Alegre, sendo ordenado em 15.6.1912. Em Nova Roma, após escriturar o terreno à Mitra, iniciou a escavação para as obras da futura Matriz, para cuja construção vinha angariando donativos. Permaneceu aqui até 24.1.1914, transferindo-se para Caxias e daí para São Marcos em9.2.1915, lá permanecendo até a morte, ocorrida em 27.10.1971, com 89 anos de idade (4,18).

O Pe. Compagnoni despediu-se do povo de Nova Roma através do jornal “Colono Italiano”, dizendo entre outras coisas: “Passaram-se apenas oito meses de minha nomeação para o curato de Nova Roma — lugar por todos desprezado e considerado como o pior núcleo das colônias italianas; mas vos posso jurar, caríssimos leitores, que durante toda a minha vida jamais experimentei tantas consolações... Antes todos me falavam mal de Nova Roma, mas depois vi que todas aquelas conversas tolas não passavam de exagerações. Se no passado houve qualquer dificuldade, nunca foi devido à má vontade do povo, mas, pelo contrário, à

má vontade de algum sacerdote, seduzido por insignificantes negociantes, que o dominavam e dele se serviam mais para próprios interesses materiais, que para a salvação das almas... Para mim, o povo de Nova Roma é um povo cheio de fé, generosíssimo e pronto a qualquer sacrifício. Basta dizer que em apenas 15 dias, quando realizei a promoção em favor da construção da igreja, recolhi quatro contos de réis. Somando os sete contos de réis deixados pelo Pe. Antônio Rizzotto, dispomos de 12 contos de réis e se poderá reiniciar, tranquilamente, a construção da igreja".

PE. JOSÉ BEN – 1° PÁROCO

Ao Pe. Henrique Compagnoni sucedeu o Pe. José Beno em janeiro de1914. Era o 14° sacerdote a exercer o ministério em Nova Roma. Natural da Itália, província de Beluno, veio para o Brasil com a família em 1889, fixando-se em São Paulo, donde, quatro anos depois, se transferiu para o Rio Grande do Sul, em Guaporé. Em 1896, entrou no Seminário de Pareci Novo, fundado e dirigido pelos Padres Jesuítas. Em 1898, entrou no Seminário de Porto Alegre. Em 1908 celebrava sua primeira missa em Santa Teresa, Bento Gonçalves. Foi Vigário de Pedras Brancas e de Canguçu.

Diz ele no livro do Tombo da Paróquia de Nova Roma; "Quando aqui cheguei ainda subsistiam os partidos de Castro Alves e Nova Treviso, que ainda aspiravam um cura próprio. A velha igreja, construída pelo Pe. Mariano Rossi, estava em mau estado. Havia um carrilhão de 4 sinos, vindos de Savóia, pelo preço de 18$000.

Em 27.11.1914, chegou D. João Becker, Arcebispo de Porto Alegre. Vinha em visita pastoral. Celebrou missa campal no lugar destinado à construção da nova igreja matriz. Ele mesmo benzeu e colocou a primeira pedra fundamental. Nesta foram postas umas poucas moedas de cobre, níquel e prata, jornais locais em língua italiano e

portuguesa. Cópia do documento que segue: “No dia 28.11.1914, reinando o Santo Padre Bento XV, sendo Presidente da República do Brasil o Dr. Brás Pereira Gomes, sendo Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker, e Presidente Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, cura encomendado deste Curato Pe. José Beno observadas as prescrições litúrgicas, o Exmo. sr. Arcebispo benzeu solenemente a pedra fundamental da futura igreja matriz deste Curato de Nova Roma, município de Antônio Prado”.

O Arcebispo, que se fazia acompanhar dos Padres Antônio Reis, Ildefonso Penalba e Peres, foi recebido solenemente em Castro Alves por mim e um pelotão de cavaleiros. Administrou ali 115 crismas. Viemos de carrinho para Nova Roma no dia 17, sendo recebidos solenemente às 9 horas. Durante a missa, cantada pelo Pe. Luís de La Vernaz, capuchinho, Vigário de Alfredo Chaves, D. João Becker fez um belo sermão, começando com estas palavras: *Quaerite primum regnum Dei.* Houve 265 crismas.

Em meados de dezembro de 1918, o Pe. José Barea veio, com licença do sr. Arcebispo, passar uns dias na casa de seus pais em Nova Treviso, onde celebrou missa.

Dia 8.1.1919 fui falar com a Superiora das Irmãs de São José em Garibaldi a respeito do projeto do Colégio para Nova Roma. Nesta ocasião aqui ficou o Pe. José Barea.

Em 25.1.1919 chegavam as duas estátuas de madeira de São Pedro e São Paulo, provenientes do atelier de Miguel Ângelo Zambelli, de Caxias, ao preço de 950$000, doação de José Rowieski e esposa, de Castro Alves.

Em 28.1.1919, festa dos novos Padroeiros, estiveram presentes os Padres Júlio Scardovelli, Dâmaso, de Nova Pompéia, Carlos Peroni, Jacó Lorenzetti, da Colônia Maciel, de Pelotas.

Em 26.4.1919 chegou o Frei Luís de La Vernaz, acompanhado do Frei Geraldo de Gruffy, Vigário de Nova Trento, para pregação da santa missão, encerrada no dia 4 de maio, com solene entronização da 1° Cruz

da Missão, numa pedra que fica a meio termo do terreno destinado ao colégio das Irmãs e do sr. Aquiles Pagnoncelli.

19.6.1919, primeiro batizado no novo batistério, Helena Trombeta, filha de Vicente. Em 28.2.1920, foi instalada em Nova Roma correspondência do Banco Pelotense, a cargo do Cura.

Em 4 de setembro de 1922, foi criada a Paróquia de Nova Roma.

Visita Pastoral de D. João Becker, acompanhado do Pe.José Barea e Reinaldo Junck. Houve 484 crismas.

Em 3.5.1924, votação para deputados federais, muito pleiteada, que fez constar a superioridade numérica dos oposicionistas, dando lugar a inimizades por parte das autoridades municipais; calúnias, perseguições, ameaças, estão sofrendo os que votaram na oposição ou se abstiveram de votar.

No dia 8, o Pe. Miguel, capuchinho, veio me auxiliar na festa de honra de Nossa Senhora de Pompéia, antiga padroeira principal desta Paróquia.

Soldados provisórios chegaram, ameaçando até o Vigário, sacristão e fabriqueiros, atribuindo aos padres, Irmãos Maristas e Freiras a culpa da derrota eleitoral, como se expressou comigo mesmo, sem rebuços, o Intendente Municipal Caetano Reginato, João Fontana, subintendente e o Dr.Pereira. Eu lhes provei minha neutralidade, mas de nada valeu. De noite queriam entrar na casa canônica para verificar se eu tinha armas. Felizmente, não o fizeram. Por vingança, ficaram aqui os sete provisórios, amedrontando as famílias e os que trabalhavam na roça, obrigando-os a fugir. Assim aconteceu com a família Calabria e outras, que tiveram que se deitar atrás das taipas para não serem atingidas pelas balas.

Por ordem do famigerado Caetano Reginato foi soltada a barca nova do sr. Pedro Menegola e Napoleão Compagnoni. Foram lançadas duas bombas contra a casa de Ângelo Barea. Por ordem de Avelino Paim,

foram maltratados e injuriados os que votaram na oposição e os que se abstiveram de votar. Foram tirados os mestres municipais que não acompanharam, os zeladores de estradas, empregados da exportação, moços ordeiros e pacíficos que nada tinham a ver com a política foram presos violenta e brutalmente, incorporados no corpo provisório e no Exército como voluntários, como Caetano Zanella, João Fiorese e Máximo Terribile. Requisitaram milho com promessa de pagar, 116 cavalos, arreios, capas, carretas, caminhões, sem necessidade, e nada restituíram nem pagaram. Reclamei ao Comando Militar de Porto Alegre, Rio de Janeiro e ao Cônsul da Itália e da Polônia. Tudo inutilmente.

1.2.1925, Visita Pastoral de D. João Becker; 249 crismas.

O Intendente Municipal multou os colonos de 500$000 por causa da fabricação de vinho, exigindo ainda de cada agricultor 40$000. Em outubro de 1924 o Banco Pelotense me retirou a correspondência, nomeando outra pessoa.

29.11.1925, exames na Escola Paroquial. Janeiro de 1925, recrutamento forçado de moços para a Brigada Militar e requisição de cavalos sem indenização. Fevereiro de 1925, visita do Cap. César Bompart, da Itálica Gens. Janeiro de 1926, continuavam as hostilidades à Escola Paroquial por parte das autoridades municipais, do sr. Guido Andreoni, Domingos Caon, subintendente.

Abril de 1925, missão pregada pelos Padres Capuchinhos José de Bento Gonçalves e Angélico, colocaram a cruz da missão.

15.6.1925, foi criada a Pia União das Filhas de Maria. Inaugurado novo altar, obra de Antônio Busetto, ao custo de 8$200. Missa em ação de graças pelo fim da perseguição do Intendente Caetano Reginato, do Delegado de Polícia Oscar Hampe e do subintendente Domingos Caon e mais do Libório Mafra, degolador contratado pela família Paim, que invadiram casas de famílias de noite, arrastando violentamente maridos e mulheres da cama, espancando, como aconteceu com as famílias Posser, Balestrin, Chiarentin, José De Bastiani, da Linha Trajano, não se sabe por

que motivo... Em abril de 1928, 119 colonos prejudicados pelas forças legais fizeram reclamação ao Governo e ao Comando Militar, mas não foram atendidos.

1.2.1929, Visita Pastoral de D. João Becker. Em 21.1.1929 foram colocadas as portas da nova matriz, obra de Antônio Busetto. Em 15.2.1930, 1° aniversário da fundação da União de Moços Católicos, policiais, sob pretexto de procurar o bandido Paco, perseguiram os colonos, espancando Pedro Furlin e seu filho Amadeu, Antônio Girelli, Vicente Noaski e os filhos de João Rigo.

Em maio de 1930, chegava a notícia da falência do Banco Popular, dando um prejuízo de 5:000$000 à paróquia, que os remetera para pagar as despesas alfandegárias dos sinos. Em 6.10.1930 chega a triste notícia da revolução. Foram requisitados 150 cavalos e 5 mulas, prometendo que não requisitariam colonos. Por isso, a Ponte do rio das Antas, no Passo dos Navegantes, foi inaugurada sem solenidade alguma.

30.3.1931; Visita Pastoral de D. João Becker, tendo havido 348 crismas na Matriz e 244 em Nova Treviso. Em 29.12.1931, 25° aniversário de minha ordenação sacerdotal, solenemente celebrado com a presença do Cônego João Meneguzzi, Cônego De Nadal, Pe. José Benini, Pe. Júlio Scardovelli, Pe. Henrique Compagnoni, Pe. Antônio Rizzotto, Pe. Antônio Zatera, Pe. Luís Mascarelo, Pe. Alexandre Sisinski, Pe. Luquinho Viero, Pe. Orestes Valeta, Pe. Paulo Capuchinho, Pe. João Marchesi, seminaristas Luís Bem, João Benvegnu e outros.

Foram angariados 553$000 para os índios do Amazonas e Rio Negro, importância remetida ao Mons. Pedro Massa. Em 30.3.1933, Visita Pastoral de D. João Becker, acompanhado pelo Pe. Vicente Scherer, Cláudio Colling, e Frei Geraldo de Gruffy. Houve 348 crismas na Matriz e 244 em Nova Treviso. Em 16-23.4.1933, Missão pregada pelos Padres Amadeu e Marcos, Passionistas. Em 9.9.1933, enviei telegrama ao Núncio Apostólico para que Nova Roma seja incorporada à nova diocese de Caxias, a ser instalada.

Nesse ano foi conferida homenagem e voto de gratidão ao sacristão Pedro Zanella, por seus relevantes serviços, ocasião em que foi substituído por Ângelo Pazza. Em 27.10.1933, nuvens de gafanhotos invadem toda a área do distrito e do município. Em 1934 o Pe. João Marchesi esteve me substituindo na Paróquia. Em 7.9.1934 as Irmãs de São José aceitam a direção da Escola Paroquial. Foi logo nomeada uma comissão para construção do prédio: Urbano Ferreira, escrivão distrital; José Mignoni, Cláudio Polesso, João Valiati, Ângelo Borella, Carlos Tocchetto e Ângelo Anghinoni. 30.2.1935 bênção da pedra fundamental.

Em 24.5.1935, grande notícia da nomeação do Bispo da diocese de Caxias, na pessoa de D. José Barea, filho desta Paróquia. Em maio de 1935, começou a funcionar o colégio paroquial sob a direção das Irmãs de São José, com 53 alunos.

19.4.1936 chega para sua primeira visita D. José Barea, Bispo de Caxias, acompanhado pelo Prefeito daquela cidade, Dante Marcucci. Em Nova Treviso, sobretudo, é recebido com extraordinária solenidade. D. José profere então belíssimo sermão em italiano.

Os colonos que não votaram a favor de Oscar Hampe foram objeto de terrível vingança; com refinada e diabólica astúcia foram atraídos a Antônio Prado a reclamar contra o aumento dos impostos. Eu também fui convidado, mas não fui, porque nada tinha com isto. Ocorreu então aquele terrível conflito, em que morreram o Delegado de Polícia Armindo Cesa e três colonos. Em seguida foi um terror selvagem, indescritível na vila e no município. Os embustes, as calúnias iníquas lançadas contra os pobres colonos infelizes só perante o divino tribunal serão conhecidos. 25.5.1936 dia infeliz!

Em 23.1.1937, Guido Andreoni vai a Caxias com seu automóvel para buscar o sr. Bispo e o Mons. Emílio Bervangher para mestre de cerimônias, em preparação ao Congresso Eucarístico.

Foram enviados, com pretexto de melhorar a praça, dez provisórios, mas a finalidade era outra. Uma ordem do Gal. Daltro Filho fez

retirar. Acusaram que na igreja havia muitas armas de guerra e munição. No dia 28 de outubro, apareceram na casa canônica dois delegados civil e militar do Exército e um escrivão da Prefeitura para informar-se da realidade, e verificaram a falsidade.

23.1.1939 Visita Pastoral de D. José Barea. Em 24.2.1939, chega de improviso, vindo de Garibaldi, D. Cândido, o qual teve a gentileza de me honrar com sua visita, hospedando-se nesta casa canônica.

19.3.1939 inauguração do Seminário de Caxias; seguiu daqui uma caravana de três caminhões, 42 Filhas de Maria, acompanhadas da Superiora do Colégio Pio. Em 25 de maio, o Pe. Henrique Gelain, Vigário de Antônio Prado, esteve aqui para abrilhantar a primeira Comunhão de 25 crianças. Já no dia 7 estivera ele aqui para a festa das Filhas de Maria.

9 a 19.10.1941, Missões pregadas pelos Padres Capuchinhos Afonso de Caxias e Daniel de Vilas Boas".

Todos estes dados foram escritos pelo próprio Pe. José Beno que deixou de especificar o seu trabalho na construção do monumento a São José, inaugurado no dia 17.8.1927, em comemoração do Cinquentenário da Colonização Italiana. Em 2.9.1930 o Pe. José Ben procedia à benção dos sinos, vindos de Savóia, pesando um 540 quilos, o segundo 373 quilos e o terceiro 308, que custaram 26.390,50 cruzeiros.

Nos dias 14-16.9.1941, em Nova Treviso foi solenemente celebrado o 5° aniversário da primeira missa rezada na região de toda a atual paróquia de Nova Roma, acontecimento que ocorreu no dia 16.9.1891 por iniciativa do Pe. Alexandre Pellegrini, na capelinha do cemitério dessa localidade. No dia 15 chegava D. José Barea, que no dia seguinte presidia o solene cerimonial, com missa campal, procissão ao cemitério, e, à noite, procissão eucarística iluminada por 80 fogueiras.

Em 1943, ocorreu uma grande estiagem, por isso foi suspensa a festa patronal e realizadas procissões. No dia 27 de abril desse ano, foi solenemente celebrado o jubileu sacerdotal de D. José Barea, que, mais tarde, nos dias 6 a 9 de novembro, procedia à nova visita pastoral à

Paróquia.

Em 28.5.1941, por determinação do sr. Bispo, a Paróquia foi solenemente consagrada ao Sagrado Coração de Maria. No Começo de 1945, uma seca devastadora fez com que no dia 27 de fevereiro tivesse início um tríduo para pedir chuva. No primeiro dia, vieram todas as capelas em procissão, sem imagem, mas apenas com o crucifixo. Grande multidão de povo assistiu à santa missa, indo depois ao cemitério. No dia seguinte, todas as capelas do norte, em procissão, sem imagem, só com o crucifixo, indo o Vigário ao encontro na capela de Paranaguá. No dia 19, todas as capelas, com exceção da de Nossa Senhora do Caravágio. No dia seguinte, choveu.

No dia de Pentecostes, ocorreu violento incêndio na casa da viúva Francisca Rigo, que morava com dois filhos, Primo e Joaquim. Este atirou pela janela uma criança, que veio a falecer em consequência da queda. Joaquim saltou pela janela do quarto, com as roupas em chamas, salvando-se milagrosamente. A Paróquia e todos os moradores da vila prestaram o socorro necessário.

Em 1945, o Pe. José Ben foi levado, gravemente enfermo, para o Hospital do Dr. Giorgi, de Bento Gonçalves, pelo Mons. José de Nadal. Depois de permanecer hospitalizado de 26 de julho a setembro, retomou desenganado para Nova Roma, vindo a falecer no Hospital de Antônio Prado, no dia15.1.1946. Soleníssimas exéquias, presididas por D. José Barea, com a presença de grande multidão de fiéis e numerosos sacerdotes, entre os quais o Pe. Tranqüilo Mugnol, seu substituto, João Meneguzzi, Tiago Bombardelli, Albino Agazzi, Henrique Compagnoni, Antônio Rizzotto, Adolfo Fredizzi, Mons. Bombardelli, Cosme Fiorini, Luís Mascarello, Ernesto Mânica, João Gollo, Plínio Bartelí, Luís Sanson, três Capuchinhos...

De acordo com seu pedido, foi sepultado na própria terra, onde permaneceu até 1954, quando foi depositado na capela do cemitério de Nova Roma. Durante sua prolongada enfermidade, vários sacerdotes aqui estiveram para o serviço pastoral, como o Pe. Henrique Gelain e o Pe.

Henrique Salvagni, Vigário e coadjutor da Paróquia sede, como também o Pe. Cosme Fiorini. No dia 6.12.1945, pôde beijar as mãos do segundo sacerdote secular da Paróquia, Pe. Ulderico Dalló. No dia 22 de dezembro do mesmo ano, chegava o primeiro Padre Coadjutor, na pessoa de Ernesto Brandalise, depois Cura da Catedral de Caxias do Sul.

O Pe. Marcelino Rizzon, exímio poeta, filho de Nova Roma, cantou em belos versos a epopeia do heroico pastoreio do primeiro Vigário:

Ao Pe. José Bem, preito de gratidão,

Eterna admiração pelos trinta e dois anos,

De trabalho insano em Nova Roma (4).

PÁROCOS DE NOVA ROMA

Durante quase trinta anos, o Pe. José Ben trabalhou praticamente sozinho na Paróquia de Nova Roma. Só em 1941, é que recebeu o primeiro reforço pessoa de vários sacerdotes, a saber: Pe. Cosme Fiorini, de8.9.1940 a 22.2.1942; Pe. Jacó Dal Pozzo, de 23.8.1942 a 27.9.1942; Pe. Dionísio Massignani, em outubro de 1942; Pe. Ernesto Brandalise, de 26.12.1942 a 4.7.1943; Pe. Olívio Bertuol, em abril de 1943; Pe. Henrique Salvagni, de 1.8.1943 a 2.1.1944.

O Pe. Tranqüilo João Mugnol, que fora coadjutor a partir de 10.1.1944, assumiu a direção da Paróquia como segundo Vigário em 23.3.1946, solenemente empossado por D. José Barea, com a presença do sr. Carlos Rotta, Prefeito Municipal, Pe. Ernesto Mânica, Vigário de Antônio Prado, Reinaldo Barison, Abramo Grazziotin, Pedro Cesa, Arcângelo Pasa, Avelino Mazzotti, este representando o subprefeito local.

O Pe. Tranqüilo Mugnol governou a Paróquia até 31.12.1955, sendo substituído pelo Pe. Estêvão Vanin, empossado em 1.1.1956,

permanecendo no cargo até 2.2.1968. De 4.2.1968 a 26.12.1970, foi pároco o Pe. Nivaldo Piazza, seguido do Pe. Nelson De Nardi, até 12.1.1975. Em 9.2.1975, assumia a direção da Paróquia o atual Vigário, Pe. Adelino J. Schneider(1979).

Em 12-19.5.1946, os Capuchinhos Frei Daniel, Frei Florêncio, Frei Jacinto e Frei João Batista Roncato, pregaram missões, durante as quais adoeceu repentinamente este último, que veio a falecer dias após no Hospital de Nossa Senhora da Oliveira, de Vacaria.

Em 27.10.1946, por ordem do sr. Bispo foi instalada a Liga Eleitoral Católica, tendo como presidente o sr. Antônio Valiatti, secretário Cipriano Carminatti, tesoureiro Bortolo Belini e Conselheiros: Virgínio Mazzotti, João Apio, Francisco Bet, Ângelo Zanco e Benvindo Cauber.

O Pe. Tranqüilo Mugnol procedeu a numerosas promoções, entre as quais destacamos: 19.12.1946, bênção da nova capela de Castro Alves; 5.10.1947, bênção da capela da Linha Trajano; 10.10.1948, bênção da pedra fundamental da nova capela de São José de Paranaguá: 11.11.1948, bênção da capela do cemitério de Nova Roma; 19.3.1950, festejos pela restauração do nome de Nova Roma; 1.2.1950, passagem soleníssima da imagem de Nossa Senhora do Caravágio; 19.3.1950, bênção da pedra fundamental do edifício Pio X; 11.10.1951, Visita Pastoral de D. José Barea; 30.3.1951, inauguração do Salão Paroquial por D. José Barea; 19.11.1951, D. José Barea benze a pedra fundamental da Capela de São Roque; 3.2.1952, 46 Irmãos Lassalistas visitam Nova Roma, aos quais a família Valiatti ofereceu um churrasco;3.2.1952, inauguração da placa de D. José Barea; 20.9.1953, reunião dos Padres em Caravágio para pregação do Pe. Ricardo Lombardi; em setembro inauguração do novo Hospital Sagrado Coração de Jesus, atendido pelo Dr. Mário Bocchese; 8.12.1953, primeira missa do Pe. João Furlin, filho de Nova Roma; 12.1.1954, primeira Visita Pastoral de D. Benedito Zorzi, fazendo 222 crismas e visitando todas as capelas; 2.5.1954, bênção da pedra fundamental da capela de São Paulo, da Linha Blessmann; 7.7.1954, missão pregada pelos capuchinhos Frei Daniel e Frei Cipriano, na vila e

em Castro Alves; outubro de 1954, nova visita da imagem de Nossa Senhora do Caravágio; 30.2.1955, celebra-se em Nova Roma a primeira missa vespertina; fevereiro, bênção da capela do Hospital e da capela de São Paulo, da Linha Blessmann.

O Pe. Estêvão Vanin, 3° Pároco de Nova Roma, em seus doze anos, realizou intensa atividade, destacando-se: Sua posse em 8.1.1956; 10.11.1957,Visita Pastoral de D. Benedito Zorzi; 30.11.1957, início dos trabalhos da reforma da igreja matriz; de 22 a 29.7.1957, por ocasião da festa dos padroeiros São Pedro e São Paulo, missões pregadas pelos Capuchinhos Frei Damião, Frei Ildefonso, Frei Eliseu e Frei Vítor; 7.12.1957, primeira missado Pe. João Pozzolo, filho da paróquia; 15.1.1958, a Paróquia adquire o Hospital Sagrado Coração de Jesus, de propriedade do Dr. Mário Antônio Bocchese, por 3.000,00; 3.7.1960, ordenação sacerdotal de Oscar Bertholdo, filho de Nova Roma, poeta várias vezes laureado; 7.10.1960, fundação da Biblioteca Paroquial, no Salão Paroquial Pio X, por iniciativa do Pe. Vigário e um grupo de homens da Ação Católica; 26.9.1962, Visita Pastoral de D.Benedito Zorzi; janeiro de 1963, ordenação do Pe. João Panassolo; de 11 a16.1.1963, missão pregada pelos Padres Capuchinhos, sob a direção de Frei Damião; 18.1.1965, compra do Hospital Dr. Oswaldo Hampe, dirigido pelo farmacêutico Cristiano Ziegler, seu proprietário, por 7.685,00 cruzeiros, ficando sob a direção do Dr. Vito Zambrano e diretora a Ir. Júlia Marin, mais tarde, com a retirada das Irmãs de São José, substituída pela enfermeira Emília Zatti, procedente do Hospital Pompéia, de Caxias do Sul; 23.3.1963, visita da imagem de Nossa Senhora Aparecida, acompanhada por D. Benedito Zorzi e D. Macedo, Arcebispo de São Paulo; 24.4.1966, carta de D. Benedito Zorzi, comunicando a desistência das Irmãs de São José da Escola Paroquial Pio XII, que em 4.4.1966 fora transformada em Grupo Escolar Estadual.

Os três últimos párocos, além do seu trabalho pastoral, muito colaboraram na promoção cultural e econômica de Nova Roma. Deve-se ao Pe. Nelson De Nardi a construção da nova casa paroquial, inaugurada em novembro de 1974. Além de professor da Escola Estadual, colaborou

com numerosos e brilhantes artigos nos jornais “Panorama Pradense” e “Jornal de Antônio Prado”.

Em 1975, o Pe. Adelino Schneider inaugurava a nova torre da Matriz, de 25 metros de altura, com quatro sinos eletro automatizados. O atual Vigário é natural de São Sebastião do Caí, filho de Leopoldo Schneider e Berta Flach. Aos oito anos, transferiu-se com a família para Nova Milano, integrando-se na vida dos descendentes italianos e aprendendo a língua. Foi ordenado presbítero em 2.12.1951. Trabalhou na Paróquia de Lourdes em Caxias e lecionou no Seminário Diocesano. Em 1964 assumiu a direção da Paroquia de Galópolis e em 1972 a de Carlos Barbosa. Em Nova Roma, vem realizando excelente promoção humana, colaborando nas obras públicas, como a reforma da Praça.

A VILA DE NOVA ROMA

Deve-se ao 1° capelão da Colônia de Antônio Prado, Pe. Alexandre Pellegrini, a fundação de Nova Roma, em 6.1.1899. Resolvendo fixar-se na Linha Carlos Leopoldo, no ponto central entre Nova Treviso e Castro Alves, de cuja população sofreu forte oposição, o venerando sacerdote dava início à formação de um pequeno povoado, que não tardou a progredir, de sorte que em 1902 se tornava curato, em 4.9.1922, paróquia, e, em 19.1.1923, distrito, criado pelo Intendente interino Caetano Reginato.

O nome de Nova Roma foi iniciativa dos próprios imigrantes italianos, querendo com isso homenagear a Capital de seu país de origem. Durante a 2ª Guerra Mundial, como aconteceu com quase todas as localidades, praças e ruas que tinham nomes italianos, Nova Roma, por determinação governamental, passou a denominar-se Guararapes, nome que não agradou e, por isso, em 1.1.1941, o Prefeito Dr. Alberto Zanardi substituiu por Guaicurus. Finalmente, em 31.12.1949, o Prefeito Waldemar

Mansueto Grazziotin restabeleceu a primeira denominação, fato que foi festejado com grandes manifestações de alegria, com a população soltando foguetes, enquanto os sinos bimbalhavam saudando o auspicioso acontecimento. A medida entrou em vigor no dia 19 de janeiro, 27° aniversário da criação do distrito.

Nova Roma entrou logo numa fase de franco desenvolvimento, com implantação de estabelecimentos comerciais e industriais de monta, chegando a concorrer com os da sede do município. O 1° comerciante, Luís Locatelli, em local da atual moradia de Pedro Forlin, adquiriu a primeira carreta, havendo a família Marchioro trazido de Caxias o 1° animal de carga. Com a abertura da Estrada Júlio de Castilhos e, posteriormente, em 1930, com a inauguração da ponte metálica sobre o rio das Antas, no Passo dos Navegantes, intensificou-se a comercialização do vinho, do trigo e sobretudo da madeira, existindo numerosas serrarias, como as de Henrique Lodi, Isaac Forlin, Francisco Tochetto e Armindo Scapinello. Comerciantes de Castro Alves, Nova Treviso, Fagundes Varela e demais Linhas do distrito, como Saule Pagnoncelli, Domingos Donida, Ângelo Barea, Antônio da Graça (dono do 1° caminhão do distrito), Domingos Caon, José Fattori e outros contribuíram poderosamente para o desenvolvimento econômico do distrito.

Na década de 1920, Nova Roma receberia a valiosa colaboração de um jovem idealista, que se tornaria um dos maiores empresários de Antônio Prado e da região — Pedro Bertholdo (1898-1971). Natural de Bento Gonçalves, transferiu-se para Nova Roma, onde iniciou sua vida de trabalho como empregado, estabelecendo-se em seguida com bar, quando adquiriu o 1° Ford bigode da região. Passou a viajar para Novo Hamburgo, comercializando couros e banha. Como sócio da Casa Bertelle, de Farroupilha, abriu loja de tecidos e armazém, iniciando sua fábrica de produtos suínos.

Contraiu matrimônio com Delma Menin, jovem dinâmica e corajosa, de cuja união nasceram os filhos Lídia, casada com Afonso Ciotta; Walter Luís, casado com Julieta Sartori; Ulisses, casado com

Idalíria Damiani, ex-diretor-gerente da filial do Frigorífico Bertoldo em São Paulo; Padre Oscar, laureado poeta, Vigário de Santo Antônio de Bento Gonçalves; Lourdes, casada com o Dr. João Pedro Cavalli, promotor público; e Adelaide Elvira, formada pela UCS.

Contando com a colaboração dos filhos, Pedro Bertholdo estabeleceu-se com firma comercial e industrial próprias, com matador, que com o andar dos anos se transformou no atual ***Frigorífico Bertoldo,*** a maior empresa comercial e industrial do distrito, que abate cerca de 250 suínos por dia. Dispõe de três caminhões frigoríficos, 80 operários, exportando seus produtos para São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, absorvendo 90% da produção da região. Em 1978 a firma arrecadou de ICM Cr$ 7.831.215,02, contribuição que não é distribuída no município e na região. Depois da morte do seu fundador, o Frigorífico Bertoldo passou para os filhos Walter Luís e Ulisses. Atualmente; Walter Luís (diretor-presidente) e os filhos Wander José e Wolnei Luiz, contador: Luiz Carlos Grazziotin e Albino Bet.

COOPERATIVA MISTA GUARARAPES LTDA. - fundada em 9.7.1944, durante uma Assembleia de agricultores na antiga Cantina Santo Isidoro, sob a presidência do Dr. José Fontoura Mota, a cooperativa recebeu o nome de Guararapes, porque naquele tempo era esse o nome de Nova Roma. A 1ª Diretoria esteve assim constituída: Dr. Cristiano Henrique Finger, Zebedeu Forlin, Hilário Valiatti, Antônio Urbano Ferreira, Marcos Batistin, Santo Calábria, Zebedeu de Bastiani, Ângelo Tochetto, Ampélio Filipetto, Fioravante Pegoraro, Hugo Sundustron, Luís Anghinoni, Domingos Tondo e Bruno Kriger. Surgindo uma crise, reuniram-se os associados em 23.10.1944, sob a presidência do Dr. Adalberto Haessr, representante do Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado, sendo então eleita nova diretoria: Ângelo Borella, Gregório Panazzolo, Marcos Batistin, Zebedeu de Bastiani, Ângelo Tochetto, Padre Tranqüilo Mugnol e Antônio Lodi.

Em 1950, a Cooperguararapes inaugurava a exportação de produtos alimentícios em Antônio Prado; em 1970, construía o 1° armazém

graneleiro do município; em 3.4.1970 iniciava pioneiramente o recolhimento de leite na região; em 12.2.1974 introduzia no município a inseminação artificial; em 10.10.1976, inaugurava o maior supermercado da região, com 640 m^2 e mais de dois mil artigos; dispõe de moinho próprio; fabrica produtos suínos, rações e concentrados; comercializa produtos veterinários, adubos e equipamentos para a agricultura; na Festa da Uva de Caxias do Sul em 1950, conquistou medalha de ouro; outra medalha de ouro na Exposição Feira Industrial do Estado em 1954; medalha de prata na 8ª Festa da Uva de Caxias do Sul em 1958. Atualmente, (1979) conta com 301 associados, sob a diretoria: Agostinho Pasuch (diretor geral), Romeu Antônio Lorenzetti (presidente), Stefano Borella (vice), João Rigo (secretário), Pedro Testolin, Luiz Bet, Aquiles Zatti, Irino De Conto, Celso De Bastiani, Zulmir Scapinelli. Em maio de 1950 faleceu repentinamente o diretor-comercial, Gregório Panazzolo.

MOINHO SÃO PEDRO S.A. fundado em 1947 por Avelino Mazzotti (1° Diretor), Gregório Panazzolo, Cipriano Carminatti, Antônio Valiatti, Pedro Carminatti, possui cerca de 30 acionistas; produz mensalmente 300 mil quilos de farinha, que exporta para os três Estados do Sul; sua atual diretoria: Pedro Carminatti, Avelino Mazzotti e Narciso Girelli. O Moinho foi solenemente inaugurado em 30.4.1949, com a presença de Vicente Palombini, presidente da Câmara, sendo orador o Dr. Hildo da Costa Guilloux.

Em 1949, inaugurava-se também a fábrica de gasosa de Polesso e Panazzolo, marca “saudável”. Na vila funciona há muitos anos uma grande Cantina filial da Cooperativa Riograndense, que vinifica anualmente cerca de 1.600.000 quilos de uva. Existe um Posto de Vinificação da Cooperativa Vitivinícola Garibaldi Ltda. Made Roma, dos Irmãos Zoraski, importante fábrica de móveis, pipas... Carpintaria e Tanoaria Maderoma Ltda., tradicional indústria de madeiras, portas, janelas, venezianas, pipas, dornas, tanques para caminhões. Indústria e Comércio Irmãos Tochetto, fábrica de móveis e carrocerias.

Em 1979 existem na vila os estabelecimentos comerciais:

Loja de Calçados de Stefano Borella. Bar de Lídia Panosso Rigo (há 13 anos**).** *Estação Rodoviária de Henrique Lodi, com bar, restaurante e hotel; atende* às *Linhas de ônibus das empresas Ozelame (Antônio Prado-Farroupilha-Caxias), Caxiense (A. Prado-Flores da Cunha-Caxias), Anghinoni (A. Prado-Castro Alves). Loja Giordano Lizot, inaugurada em 1967. Loja Carminatti & Mazzotti, inaugurada em 1948. Posto Texaco e Restaurante de Odete Fávero, herdeira de Orestes Favero. Bar e Restaurante de Atílio Cervo* (há *4 anos). Loja Valdemar Peliccioli, artigos domésticos e elétricos (há 10 anos). Oficina Mecânica de Avelino Terribile (1962). Fotógrafo e alfaiate Lino José Polesso, ex-vereador, fundador da Biblioteca Municipal de Nova Roma, fundador do Ginásio Pe. José Beno pai de 10 filhos, todos estudantes universitários. Oficina Mecânica, chapeação, lubrificação e lavagem de Bigolin & Panazzolo. Escritório Roma de Contabilidade de Luiz Carlos Grazziotin e Idílio Pasuch. Livraria Urupuru de Irino de Conto. Barbearia de Avelino Borella (há 20 anos). Em junho de 1979 começou a funcionar a Padaria Nova Roma de propriedade de Agenor Rigo. Antes houve outras padarias, que acabaram por fechar. Cartório do Registro Civil, inaugurado em 22.2.1923, contou com os titulares: Artur Ziegler, Antônio Urbano Ferreira, Zulmir Ferreira, Agostinho Basso, Cláudio Bocchese e Moacir Carlos Basso. Cirurgião-dentista: Dr. Pedro Barea e Nestor Forlin.*

Nova Roma foi o 1° distrito gaúcho a ser servido pela CORSAN, em maio de 1972, tendo por chefe Augusto Volpato; possui 150 assinantes e a água é captada em poços artesianos. Na vila funciona uma agência do DAER, sob a chefia de Antoninho Dias e 15 funcionários. A Brigada Militar, sob a chefia do sgto. Dorvalino Nunes, de Antônio Prado, conta aqui com dois PM.

Hospital São Roque — nas décadas de 1940-1950 Nova Roma possuía dois hospitais: Hospital Sagrado Coração de Jesus, do Dr. Mário Antônio Bocchese, que em 1955 estava sob a assistência médica do Dr. Antônio Souto; Hospital Dr. Oswaldo Hampe, do farmacêutico Cristiano

Finger. Em 15.1.1957 a Mitra adquiriu o Hospital S.C. de Jesus, em 18.1.1965, o Hospital Dr. O. Hampe, por Cr$ 7.685,00, ficando este sob a direção da Irmã Júlia Marin e aos cuidados médicos do Dr. Vito Zambrano. Pouco depois, o Hospital S.C. de Jesus foi demolido e vendidos os lotes, ficando só a casa de residência do médico. Durante algum tempo, permaneceu o nome de Hospital Oswaldo Hampe, passando mais tarde a denominar-se Hospital São Roque. Em 1973, sendo Vigário o Pe. Tranqüilo Mugnol, foi vendido ao Dr. Samir. Em Ammar, libanês, formado na UCS, que reformou o antigo prédio, ampliando-o. Retirando-se o Dr. Samir, foi substituído pelo Dr. Antônio Roversi, de Maravilha, SC, que morreu afogado no rio das Antas. Desde 1978 o Hospital São Roque encontra-se sob os cuidados médicos do Dr. Luiz Antônio Loss, natural de Garibaldi. O hospital dispõe de farmácia, 22 leitos, RAIO X, INPS, FUNRURAL e IPE. Conta com as enfermeiras Cely Rodrigues e Elza Lodi. Antes da vinda do Dr. Samir, o hospital era atendido pelo Dr. João Miguel da Conceição, natural de Porto Alegre. Em 1979 foi concluído e inaugurado o Posto de Saúde.

A luz elétrica da vila, a princípio, era fornecida pela usina hidroelétrica de Honorato Venzon. Em 30.9.1954 o Governador do Estado, Gal. Ernesto Dorneles, inaugurava os Serviços da Usina Elétrica Municipal de Nova Roma, com uma unidade de força acionada por motor Diesel Mercedes-Benz de 82 HP. Atualmente todo o distrito está servido pela eletrificação rural, havendo a CEEE assumido o fornecimento em 1962.

ENSINO — O 1° professor particular, Calegari, dava aula no porão da casa de Pedro Forlin. O 1° professor municipal foi Albano Donadel, seguido de *Guido Andreoni, Guilhermino Piola, Domingos Caon, Dante Caon, Artur Bogoni, Cipriano Carminatti, Rosa Bet Volpato, Laura Simões, Flora Postalli, Rosa Zoraski, João Segalla, Ernesto Girelli, Teresa Vargas, Francisca Maccarini, Paulo Maccarini, Marcos Battistin e Guerino De Bortoli. Em 1914 o Prof. Pedro Forlin ministrava aula pago pelos alunos. Em 7.8.1934, foi criada a Escola Paroquial, sob a direção das Irmãs de São José. Em 1968, foi inaugurado o Ginásio Comercial Pe. José Beno com 66 alunos; em 1970 eram 131 alunos. Em 1966, sendo criado o Grupo*

Escolar Estadual, as Irmãs retiraram-se. Hoje a Escola Estadual de 1° Grau "Nova Roma" possui uma matrícula de aproximadamente 300 alunos, da 1° a 6ª série. A antiga Escola Paroquial Pio X teve na direção: Madre Joana Aimée Bampi, Madre Maria Pia Lorenzi, Madre Clemência, Madre Luíza Aimée, Madre Maria Filomena Bernardi e, de 1966 a 1975, Prof.ª Terezinha Mazzotti Panazzolo e atualmente, desde 1976, Prof.ª Angelina Panosso. Lecionam em 1979 os professores: Angelina Panosso, João Panosso, Frederico Viapiana, Carlos Mazzotti Neto, Jair Libera de David Zanotto, Vilson Zanotto, Ana Bellini Peterlana, Dorilde Mazzotti Marin, Gema Toss, Teresinha Bunai, Anelise Altamann, Maria Angelis Monego, Sandra Maria Loss, Lais Helena Farinon, Dalva Consorte de Sousa, Lurdes De Bastiani Camatti, Tranqüilo Marin e Odila Marin Carra.

Nova Roma deu ao Brasil uma legião de professores, padres, religiosos, médicos, advogados, engenheiros, entre os quais salientamos:

Os médicos: Dr. Ari Mazzotti, Dr. Aldino Panazzolo (no Paraná), Dr.ª Geni Panazzolo, Dr. Alberto Mazzotti, Dr. Nestor Forlin, Dr. Pedro Barea; advogados: Dr. Francisco De Bastiani, Dr. Pedro Panazzolo (Juiz de Direito), Dr. João Pedro Cavalli (promotor), Dr. João Bellini Neto, Dr. João Bellini, Dr. José Cadoná, Dr. Zulmiro Taschin, Dr.ª Rejane Tochetto, José Antônio Donida (Delegado de Polícia); engenheiros Dr. Tranqüilo Rigo, Dr. Aldo Panazzolo, Dr. João Girelli (eng. agrônomo), Aldo Paravisi (Pres. do Sindicato Rural em Caxias), professores: Dr. Vitor Tonin, Dr. Gabriel Bellini (Santa Cruz do Sul), Alice Battistin (Bélgica), Geni Mazzotti Renosto (Paraná), Terezinha Mazzotti Panazzolo, Inês Mazzotti, Maria de Lourdes Mazzotti (estudante de Medicina), Teresinha Maria Polesso, Romeu Polesso, Gilberto Polesso (Administração de Empresa), Rita Maria Polesso, Zulmira Mazzotti Moreira...

Padres: D. José Barea, 1° Bispo de Caxias do Sul; Pe. Uldérico Dall'Ó, Pe. Agostinho Mazzotti (Vigário de Galópolis), poeta Pe. Oscar Bertoldo, vigário em Bento Gonçalves, Pe. Marcelino Rizzon, vigário de Cotiporã; Pe.João Panazzolo; Pe. Guerino Gonzato (Reitor do Seminário de Pelotas); Pe.João Pozzolo, Pe. Isidoro Bigolin, Pe. Abraão Furlin, Pe.

João Furlin, Oito Irmãos Maristas, sendo que dois trabalham na África: Antônio Bet e José Pasa. 22 Irmãs de São José. Artistas: Pedro e Abel Forlin, autores do monumento a São José, da Pia Batismal e da torre da Matriz de Flores da Cunha.

Subprefeitos: João Fontana, Domingos Caon (por duas vezes), João Bonoto, Ricardo Durante, Pedro Donida, Mauro de Castro (interino), Augusto Guerra, Pedro Francisco Paravise, Cristiano Finger, Virgílio Panosso, Orestes Favero, Afonso Ciotta e Pedro Carminatti (vice-prefeito e subprefeito atual).

Durante a Segunda Grande Guerra, o Prefeito Cap. Felisbino Monteiro "obrigou familiares a constituírem seus abrigos domésticos, consistindo em escavações em barrancos em forma de T ou de uma ferradura, cobrindo-os depois com madeira, capim e terra, onde, ao sinal de alarme, deveriam todos buscarem abrigo, sob pena de prisão e os que opinaram no ridículo destas iniciativas foram postos na cadeia".

Nova Roma contou com várias bandas de música, sendo uma sob a direção de Etore Fabris, com os componentes: Carlos Tochetto, João Peliccioli, José Anghinoni, Francisco Rizzon. Outro maestro foi Arcângelo Paza. O subprefeito João Fontana foi o 1° diretor da banda. Mais tarde a União de Moços Católicos organizou uma excelente banda de música.

A 1ª casa de alvenaria foi construída por Domingos Donida. O monumento de São José foi inaugurado em 18.8.1927. A cruz de granito foi oferta dos irmãos Pedro e Abel Forlin. A 1ª ferraria foi de José Anghinoni.

O 1° rádio foi adquirido por Guido Andreoni, durante a campanha política de Plínio Salgado. O 1° televisor foi adquirido por Olivo Tochetto em 1960. A primeira lambreta, por Luís Ortigara, seguido de José Anghinoni-Terribile. A 1° selaria e artefato de couro foi de Francisco Pasuch. O calçamento das ruas foi iniciado em 1971. O 1° telefonista foi o prof. Albano Donadel. Em 1954 foi construído o novo centro telefônico. O centro encontra-se sob os cuidados da operadora Lourdes Maria Forest há

mais de 20 anos. O 1° agente do Correio foi Paulo Maccarini. Atual encarregada: Natalina Zanella.

O **Esporte Clube Juventude,** fundado por volta de 1957, conta atualmente com a seguinte diretoria: Itacir Lodi, Zulmir Provensi, Albino Bet e Idílio Pasuch. Em 19.12.1971 foi inaugurado o Estádio Municipal com uma partida entre os Veteranos de Antônio Prado e os Veteranos de Nova Roma: 0 X 0.

Em 6.11.1975, foi solenemente inaugurada a nova estrada Nova Roma-Nova Pádua, com a presença do Dr. Victor Faccioni, Chefe da Casa Civil, representante do Governador do Estado, D. Benedito Zorzi, Bispo diocesano, deputado Guido Mondino, Prefeito Vittorio Dotti e Raimundo Paviani, Prefeito de Flores da Cunha. A estrada, iniciada sob o governo do Prefeito Valdomiro Bocchese, foi construída pela CEMAPA, sob a chefia do sr. Nelson Berthier, de Lagoa Vermelha, encurtou caminho entre Nova Roma e Caxias de 20 km e além disso proporcionou acesso ao ponto turístico do Cachoeirão, no rio das Antas.

Em 1974, estabelecia-se aqui com Foto Itália, dizendo-se jornalista, sob o nome de Giulio Lucchini, o sr. Franco Raimondo, que na realidade era um ladrão internacional fugido da prisão na Itália: depois de praticar vários furtos em Caxias do Sul, Farroupilha e em outros municípios, foi preso na balsa do rio das Antas entre Nova Roma e Flores da Cunha.

Em 1979, residiam na vila de Nova Roma 176 famílias: Osvaldo Borella, Lourenço Pasuch, Pedro Tiepo, Agostinho Cassol, Ozires Sosnoski, Tranqüilo Maule, Laurindo Romansini, Zulmir Provenzi, Henrique Comin, Aldo Piola, Vitorin, Panazzolo, Percílio Dal Bello, Sérgio Vezzaro, Caetano Zanella, Miguel Basso, Geraldo De Rossi, Agostinho Pasuch, Avelino Bocca Zevaldino Grifante, Luiz Bunai, Saul Batista do Nascimento, Albino Bet, Ozires Panazzolo, Oscar Sartori, Vva. Filomena Lizot, Tranqüilo Lodi, Eloi José Terribile, Irineu Zoraski, José Consorte, José Spagnollo, Hervalino Frá, Olavo Cagnin, Ari Panazzolo, Antônio Donida, Antônio Consorte, Antônio Panazzolo, Aldir Grifante, Albino Borella, André

Cansan, Albino Fiametti, Antônio Comin, Vva. Ancila Comin, Alcides Comin, Avelino Borella, Ardelino Sonaglio, Antônio Batistin, Vva. Vicencia Anghinoni, Vva. Assunta Forlin, Aurélio Fiorese, Augusto Volpatto, Aurora Carminatti, Aquilino Rossi, Avelino Borella, Afonso Ciotta, Antônio Grifante, Ângelo Mazzotti, Avelino Terribile, Atílio Cervo, Ardelino Donida, Vva. Adelaide Maccarini, Balduíno Sonaglio, Alcides Lizot, Carmelina Consorte, Celino Sonaglio, Caetano Girelli, Carlos Mazzotti, Casemiro Borella, Cláudio Polesso, Deoclides Bernardi, Davi Donida, Danilo Sonaglio, Dionírio Serafin, Davi Consorte, Dorvalino Favero, Décio Borba, Ernesto Zanella, Edegar Mücke, Ermelinda Tochetto, Diniz Cassol, Francisco Tocchetto, Fioravante Pegoraro, Fioravante Scapin, Francisco Sartori, Frederico Viapiana, Giordano Lisot, Guilhermina Forest, Geraldo Borella, Genuíno Donida, Guilherme Kloss, Henrique Panazzolo, Henrique Lodi, Henrique Lodi II, Isac Forlin, Vva. Iolanda Tochetto, João Zanella Neto, João Batistin, José Cansan, José Irineu Cansan, José Bunai, João Rigo, José Scapin, Luiz Nodari, Luiz Comin, Luiz Tieppo, Laurindo Donida, Luiz Panazzolo, Luiz Carossi, Luiz Kloss, Lino Uez, Luiz Carlos Grazziotin, Marcelino Menegat, Ari Borella, Va. Rosa Borella, Máximo Terribile, Vva. Maria Tochetto, Narciso Lodi, Vva. Natalina Sonaglio, Nadil Provenzi, Nisio Consorte, Otacílio Fiorese, Olímpio Triches, Vva. Olga Sartori, Odacir Zanco, Ozires Zanco, Nelson Comin, Vva. Orestes Favero, Osvaldo Peliccioli, Otacílio Favero, Olivo Tochetto, Oscar Bigolin, Olívio João Ditadi, Olímpio De Bastiani, Pedro Comin, Pedro Zanella, Pancrácio Anghinoni, Vva. Pierina Valiatti, Primo Tocchetto, Pedro Carminatti, Pedro Provenzi, Romeu Lorenzetti, Rafael Cansan, Stefano Cansan, Sérgio Girelli, Santo Consorte, Santo Tessaro, Santo Fraron, Stefano Borella, Vva. Pierina Zanco, Sextílio Tochetto, Sabino De Bastiani, Tadeu Kloss, Tranqüilo Comin, Túlio Comin, Ulisses Angeretti, Ulisses Zoraski, Vitorino Borella, Vva. Virgínia Valiatti, Vva. Páscoa Panosso, João Panosso, Valter Bertholdo, Valdomiro Spagnollo, Vergínio Mazzotti, Valdemar Pelicioli, Zulmir Sartori, Zulmir Tochetto, Vva. Elvira Cassol, Graciano Zanatta, Pedro Panazzolo, Umberto Cadorin, Gomercindo Keling, Luiz Girelli e Osvaldo Serafin, Dolvino Tessaro, Davi Eloy Terribile, Alberto Cansan, Perci Donida, João Carlos de Souza (7-9,15).

CAPELA SÃO JOÃO BATISTALINHA TRAJANO

Localizada no distrito de Nova Roma, a 18 km da sede do município, na Linha Trajano de Medeiros, a Capela de São João Batista foi inaugurada em 1898, em terreno doado por Mateus Gerolimeto. Os pioneiros que se estabeleceram na localidade foram:

José Bett, José Ditadi, Valetin Scapinelli, Eugênio Campagnaro, Antônio Pozzer, João Rigo, Giacomo Paza, Carlos Bett, Ângelo Bett, Isidoro De Bortoli, Mateus Gerolimeto, Emílio Polsoni, Pedro Scapinelli, Fidélis Bianchi, João Lorenzi, Antônio Vanzin, Antônio Soldera, Fortunato Perussato, Antônio Fracasso, Martinho Buzin, Valentim Vanzin, Luís Nalon, Luís Cerbato, Antônio e José Segala.

Na antiga escola municipal lecionaram os professores:

Orozimbo Zanetti, Guido Andreoni (por muitos anos), Antônio Terríbile, Dante Caon, João Segala (durante muitos anos), João Caon, Fundada a Escola Rural D.José Barea durante a administração do Prefeito Cláudio Bocchese, lecionaram os professores: Judite Grezzana, Inês Dallazen, Zulmira Marini, Maria Helena Grazziotin, Maria Dal Bello Scapinelli, Lida Pozzolo Lodi, Ivone Scapinelli, Leonor Valmorbida e outras.

Estiveram estabelecidos com casa comercial:

A família Panosso, a família Pellin, Primo Terribile, Bueno de Miranda, João Bertoldo, João Polsoni, Napoleão Compagnoni, Aparício Faccio, José Fattori, Joaquim Zacarias e João Ditadi (atual). Quase todos estes comerciantes foram tropeiros ou carreteiros, sobretudo Pellin, Polsoni; Scapinello, Guerino Perussato e Ricardo Marin. A família Faganello tinha carijo. Atualmente funcionam duas fábricas de tijolos: Olaria Scapinelli Ltda. e Olaria Trajano Ltda.

A população ocupa-se quase exclusivamente no trabalho de

agricultura, destacando-se a vitivinicultura e a fruticultura. Esta, em fase experimental possui vários cultivadores de macieiras, como Luís Bett e Evaristo Testolin, com mais de 1.500 pés cada um. A primeira Cantina de vinho era de propriedade da Companhia Vinícola Riograndense Ltda., que em 1965 foi adquirida por um grupo de agricultores que a transformaram em Cooperativa Vinícola Trajano Ltda., atualmente com 70 sócios, estando a Diretoria assim constituída: Avelino Borsoi, João Ditadi e Romeu Rigo (diretor Comercial).

Em 1965, com 600 mil quilos de uva, industrializou 500 mil litros de vinho. Em 1978 foram vinificados um milhão e 900 mil quilos de uva. No corrente ano foi construída mais uma cantina, com capacidade total para seis milhões de quilos de uva e quatro milhões de litros de vinho, que é exportado quase todo para São Paulo.

A sociedade possui um belo campo de futebol e uma associação esportiva, com a seguinte diretoria: Guerino Testolin, David Volpato, João Ditadi, Cláudio Pasa, Nelson Scapinelli, Ivo Piovesan, Irineu Rigo, Delvino Dal Bello e Reinaldo Bett. Ao lado da igreja, ergue-se uma sede social, onde a comunidade se reúne nos fins-de-semana. Reina grande harmonia entre todos os sócios e em toda a história da comunidade, lamenta-se apenas um crime, o assassinato de Ilda Santinon Ditadi, ocorrido em 19.9.1978.

Em 1979, a Capela possuía 39 sócios:

Antônio Borella, Antônio José Borella, Alberto Ditadi, Ângelo Nalon, Antônio Volpato, Antônio Volpato Sobrinho, Arlindo Scapinelli, Cláudio Rancan, Dionísio Ditadi, Danilo Scapinelli, Dionísio Girelli, Domingos Pozzer, Domingos Pasa, Ermínio Ditadi, Ernesto Pasa, Francisco Bett, Giácomo Dal Bello, Gilberto Bett, Guerino Testolin, Jacinto Volpato, José Carra, José Volpato, Otacílio Ditadi, José Rigo, Isidoro Soldera, Natal Volpato, Olinto Ranzolin, Pedro Tosetto, Primo Ditadi, Pedro Scapinelli, Ricardo Scapinelli, Severino Bett, Tranqüilo Bett, Valdir Carra, Zulmiro Scapinelli, Irineu Rigo, João Ditadi, Viúva Regina Bet e Vitório Soldera.

NOVA TREVISOLINHA BLESSMANN

Berço do 1° sacerdote do município e 1° Bispo da Diocese de Caxias do Sul, Nova Treviso, a princípio escolhida para sede de futura cidade, foi o lugar em que o Pe. Alexandre Pellegrini celebrou a 1° missa de todo o atual distrito de Nova Roma (16.9.1891), na capela do cemitério, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. No começo do século, foi construída outra capela e, finalmente, a atual junto à Estrada Júlio de Castilhos. O salão da comunidade figura como um dos maiores de todo o interior do município.

Os fundadores desta capela são:

Mário Tonin, Ângelo Tonin, Vítor Tonin, Luís Barea (pai de Ângelo e avô de D. José Barea), Domingos Caon, filho de José; Olivo e Luís Sabedot, Vitório Rigo (pai de João), João e Fioravante Durante, João Camatti, Guerino Rigo, Ângelo Mazzon, Ângelo Basso (pai de Miguel), José Pozzolo, José Zini, Luís Dedea, Giácomo Cichelero, José Cichelero, Henrique Confortin, Jacinto Appio, João e Antônio Appio, família Busato.

A escola municipal contou com os professores:

Domingos Caon, Giocondo Caon, Dante Caon, Guido Andreoni, Albano Donadel, Zoe da Silva. Em 1948 foi construída a Escola Rural Major Miranda, a 1° Escola Rural do município, sob a regência do prof. Oscar Inácio da Silva, seguido de Osmar Inácio da Silva, Lídia P.Lodi, Maria Monego e Margarida Valiatti Dedea.

Os primeiros comerciantes: Ângelo Barea, Domingos Caon, Amadeu Faccio, José Fattori, Ricardo Marin, Dorvalino Ravanello, Avelino Dedea e José Appio. Olarias de Celestino Pigatto, Leonildo Marchesin e Avelino Dedea. Parteiras Pierina Appio Menin, Ema Piola Zatti e Mazzon.

Durante a revolução de 1893 deu-se aqui um crime que passou

para a História. Segundo Lourenço Vanzetto, testemunha do fato que relatou a pessoas que ainda vivem, um homem conhecido pelo nome de Giâmberle era considerado espião dos federalistas. O Intendente de Vacaria ordenou ao sr. Ângelo Barea, que era oficial da Guarda Nacional, que desse um jeito de liquidar o espião. Então foram contratados dois capangas para executar a tarefa. Embriagaram o suposto espião até cair inconsciente. Colocaram-no em cima de um couro e o arrastaram ao cemitério. Depois que voltou a si, recebeu ordem de cavar a própria sepultura, o que ele realizou sob a ameaça das armas. Por fim, deram-lhe um tiro e o foram cobrindo. Enquanto fechavam a sepultura, ouviu-se um estrondo misterioso no mato próximo. Supondo tratar-se de uma força federalista, todos debandaram, embrenhando-se na mata que então cobria toda a região. Lourenço Vanzetto contou que para chegar em casa, distante 200 metros, levou dois dias andando, perdido pela selva. Dizem que Giâmberle suplicava que não o matasse, pois era pai de família. Dizem mais que no lugar da sepultura não nasceu grama durante muitos anos. Houve também quem comentasse que Nova Treviso não progredia em virtude deste crime.

Em 1978, eram sócios de capela:

Adelar Pelicioli, Antônio Camatti, Arcângelo Zini, André João Barea, Afonso Volpato, Vva. Teresa Albani, Antônio Toseto, Ana Locatelli, Afonso Camatti, Ângelo Tonin, André Basso, Ângela Dalla Giacomassa, Silene Girelli, Alcides De Bastiani, Anunciata Levis, Adelino Lavato, Claudino Dalmolin, Celestino Pigatto, Davi Lodi, Domingos Camatti, Dorvalino Ravanello, Vva. Ema Basso, Estêvão Maule, Vva. Escolástica Camatti, Evaristo Tessaro, Vva. Francisca De Bastiani, Umberto Santi, Henrique Gelain, José Appio, João Tonin, Vva. Maria Levis, José Tosetto, Vva. Terezinha Valiatti, Luiz Dalvesco, Leonildo Marchesini, Luiz Vanzetto, Vva. Ana Tessaro, Laurindo Girelli, Maximiliano Tonin, Vva. Maria Vanzetto, Miguel Basso (Nova Roma), Otília Lovat, Olivo Camatti, Primo Pigatto, Pedro Vanzetto, Pedro Rigo, Amante Gelain, Vva. Regina Sabedot, Reinaldo Vanzetto, Vva. Verônica Roldo, Tranqüilo Vancetto, Vicente Appio, Valeriano Vanzin, Agostinho Rigo, Avelino De Dea, Amélia

Pigozzo, Divaldino Levis, Arlindo Girelli, Osvaldo Vanzetto, Otacílio Scapinelo, Olímpio Camatti, Casemiro Tonin, Davino Vanzin, Olímpio Carrossi, Henrique Santi e Ernesto Peterlana, Zulmir Dal Molin, Otávio Girelli.

No cemitério de Nova Treviso, o mais antigo do interior pradense, figuram os nomes destes pioneiros:

João Appio (1*901-1973), Antônio Basso* (1*905-1962), Ângelo Albano* (1*911-1973), Félix Appio* (1*897-1971), Luís Valiatti Neto* (1*916-1971), Raimundo Roldo* (1*917-1973), Lourenço Barea* (1*887-1948), Giocondo Caon* (1*899-1969), Domingos Caon* (1*877-1949), João Camatti (1878-1956), Amabile Pain Camatti* (1*884-1954), Moacir Ravanello (1939-1961), Pedro Caon (1870-1901), Frederico Tonin (1894-1961), Geraldo De Bastiani (1918-1973), Camilo Dal Molin* (1*896-1929), José Zini (1873-1966), Angelin, Basso (1918-1930), Vitório Rigo (1883-1964) e José Cichelero (1894-1946).*

CASTRO ALVESCAPELA NOSSA SENHORA DO CARMO

Fundado nos primeiros anos da década de 1880 pelos imigrantes poloneses, o povoado de Castro Alves, a 38 km da sede, é cronologicamente o 1° do município, tendo contado com um sacerdote permanente que aqui residiu nos anos de 1896 e 1897, como vimos, na pessoa do Pe. Josué Bardin. Beneficiado pela abertura da Estrada Júlio de Castilhos em 1902, entrou a progredir após a instalação da casa comercial de Saule Pagnoncelli, que aqui chegou em 1900, procedente de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves. Na década de 1920, foi fundada aqui uma poderosa filial da Cooperativa da Linha Jansem, de Farroupilha, em funcionamento crescente até hoje.

Em 1917, Saule Pagnoncelli, que além de forte capitalista era

influente político, transferiu-se para Paiol Grande (hoje Erechim), levando consigo numerosas famílias de agricultores, como também o professor Carlos Mantovani. O comércio passou então para as mãos de Domingos Donida, que posteriormente se transferiu para Nova Roma, deixando em seu lugar em Castro Alves o comerciante português Antônio da Graça, seguido de Napoleão Compagnoni, João Mangoni, Geraldo Piola, Aurélio Cavalli, Vicente Bigolin, outros.

A capela foi reconstruída pelos imigrantes italianos e escriturada à Mitra em 1904. O 1° professor da escola local foi Florêncio José da Silva, que a seguir passou a lecionar na sede do município. A ele seguiram-se os professores Carlos Mantovani, Castorina Vieira Albernaz e outros. Em 1939 foi criada a Escola Rural Aurélio Cavalli, que no governo do Prefeito Cláudio Bocchese recebeu novo prédio. Atualmente Castro Alves possui empresa de ônibus Anghinoni, ligando o povoado à cidade. Entre os pioneiros italianos, destacam-se: José Pozzolo, José Menin, Ferdinando Magnaguano, Carlos, Mansueto e Ângelo Casanova, Eugênio Anghinoni, Napoleão Compagnoni, Aurélio Cavalli, Domingos Donida e muitos outros. Tiveram moinho: João De Bortoli e Ângelo De Marchi; atualmente a sociedade compõe-se de 114 famílias:

Alcibíades Pelliccioli, Arlindo Frumento, Arlindo Magnaguano, Armindo Bortolini, Arlindo Gambatto, Antônio Gralik, Antônio Cansan, Ângelo Cansan, Avelino Cansan, Arduíno Rossi, Avelino Albani, Alfredo Zanco, Avelino Bigolin, Antônio Rossi, Atílio Pelliccioli, Avelino Fiorese, Artur Cansan, Antônio Tusset, Adão Sosnoski, Ângelo Gaio, Augusto Dall'Ó, Ildo Caliari, Aldir Anghinoni, Almir Anghinoni, Cristiano Rossi, Casemiro Vanzin, Clemente Tochetto, Vva. Cristina Menin, Delmiro Magnaguano, Domingos Rossi, Vva. Nailde Rossi, Domingos Pelliccioli, Vva. Dionísia Gambatto, Domingos Anghinoni, Eugênio Lovat, Vva. Maria Anghinoni, Egídio Gambatto, Etelvino Gambatto, Vva. Assunta Rossi, Fortunato Fraron, Ferdinando Rossi, Francisco Carminatti, Genuíno Lovat, Geraldo Piola, Henrique Roldo, João Santo Sonaglio, José Rossi Neto, Isidoro Vanzin, José Vanzin, José Cansan, José Gambato, José Rossi III, José Sosnoski, João Maule, Laurindo Scapin, Luiz Cansan, Ludovico

Carminatti, Luiz Anghinoni, Vva. Aurélia Cansan, Vva. Maria Dalló, Maurício Gambatto, Ozires Cansan, Osvaldo Rossi, Olivo Bigolin, Otacílio Rossi, Ozídio Rossi, Oscar Roldo, Pedro Angeretti, Palmino Carminatti, Paulo Magnaguano, Pedro Sosnoski, Paulo Sosnoski, Plínio Roldo, Raimundo Vanzin, Ricieri Araldi, Raul Bortolini, Rubi Menin, Remi Cansan, Sétimo Gambato, Santo Magnaguano, Silvestre Lovat, Stefano Cansan, Tranqüilo Scapin, Ulisses Lovat, Ulisses Roldo, Vicente Bigolin, Valente Sosnoski, Zulmiro Bortolini, Pedro Vanzin, Nelso Filipini, Tranqüilo Araldi, Gelcir Anghinoni, Antônio Dalló, Agustinho Tusset, Salvador Sonaglio, Marcelino, Scapin, Antônio De Bortoli, José De Bastiani, Oscar José Zanco, Armando Nardi, Antônio Vanzin, Arcângelo Tochetto e Avelino Causan.

No dia 13.8.1959, sexta-feira, violento furacão varreu toda a região, atingindo sobretudo a Linha Castro Alves, deixando um prejuízo de cerca de cinco milhões de cruzeiros, matando três crianças e destruindo as casas de:

Dionísio Rossi, com a morte de Sérgio e Sílvio, de 9 e 6 anos; José Roldo, Aquilino Rossi, Antônio Vanzin, Avelino Albani, Artur Cansan, Sétimo Gambatto, João Pellicioli II, João Rossi, Andrea Cansan, Ângelo Carminatti, Luiz Rossi, Ampélio Tondo, Domingos Sartori, Otávio Vanzin, Francisco Carminatti, Pedro Carminatti, José Rossi II, Júlio Rossi, Vva. Antônio Rossi e Martim Cansan. O Prefeito Waldemar M.Grazziotin e Presidente da Câmara Luís Marcantônio Grezzana em 17.8.1959 dirigiram apelo ao Governador Leonel Brizola, o qual se prontificou a auxiliar as famílias flageladas e o município.

LINHA PARANAGUÁ CAPELA SÃO JOSÉ E NOSSA SRA. DA SAÚDE

A primeira capela de São José da Linha Paranaguá foi construída e escriturada à Mitra em 1901, junto do cemitério, no lote n° 23, com área de 2.430 m^2. A nova capela, inaugurada por D.José Barea em 15.5.1949, foi construída junto à Estrada Júlio de Castilhos. Ás famílias pioneiras foram:

Gabrielli, Rigo, Zatti, Barea, Donadel, Sartori, Turchetto, Paoletti, Kloss, Soldera, Marin, Santi, Calábria, Tonin, Cadoná, Balestrin, Cadorin...

Francisca Maccarini, Dante Caon, Antônio Terribile, Guido Pistóia, Olga Zatti, Lourdes De Bastiani Camatti, João Panosso, Zélia Mazzotti, Margarida Valiatti, Graciosa Tonin e Malvina Appio (1978). Em 1955, foi criada a Escola Municipal Rural "Raimundo Correia". Funciona aqui uma fábrica de tanques, Pipas e tubos de cimento de Zulmir Gabrielli e Olaria de Avelino De Dea. Cultivam macieiras: Ernesto Tonin, Valdomiro Marin, Hilário Cagnin, Fiorentino Vezzaro, Agostinho Sartori, Luiz Donadel e Domingos Turchetto.

Atualmente a sociedade é composta por 59 famílias:

Aquilles Zatti, Antônio Cadoná, Antônio Gabrielli, Antônio Klos, Antônio Pasuch, Antônio Pauletti, Anselmo Santi, Ângelo Testolin, Antônio Zatti, Auxílio Turchetto, Avelino Donadel, Benjamin Klós, Domingos Cadorin, Vva. Gema Testolin, Ernesto Tonin, Vva. Ermelinda Sartori, Agostinho Sartori, Eugênio Pasuch, Fioravante Barea, Fiorentino Vezzaro, Firmino Zatti, Vva. Olinda Ballestrin, Floriano Pauletti, Giocondo Gabrielli, Hilário Cagnin, Isidoro Klós, Isidoro Zoraski, João Klós, João Santi, José Piola, Vva. Joana Turchetto, João Cadorin, Laurindo Zatti, Luiz Donadel, Vva. Libera Marin, Veríssimo Tonin, Natal Santi, Pedro Luiz Klós,

Vva.Palmira Zatti, Vva. Rosa Zatti, Santo Barea, Santo Zatti, José Klós, Valdir Marin, Valdomiro Marin, Salvador Barea, Irineu Zatti, Tranqüilo Balestrin, Valdir Gabrielli, Zulmir Gabrielli, Luiz Cadorin, Alcides Turchetto, Laurindo Comin, Avelino Pasuch, Luiz Camatti, Ernesto Tosetto, Sérgio Marin, Irineu Pasuch.

LINHA FAGUNDES VARELA CAPELA NOSSA SENHORA DO CARAVAGIO

Na Linha Fagundes Varella, colonizada primeiramente pelos imigrantes poloneses, foi erguida e escriturada à Mitra em 1901 a capela e o cemitério no lote n° 21. A Escola Municipal esteve sob a regência de vários professores, sendo os principais: Carolina Pansera, Catarina Bernardi e José Albernaz. A Escola Rural Estadual foi criada em 1953. Entre os estabelecimentos industriais, destaca-se o Matadouro do sr. Avelino Mazzotti, filho ilustre desta localidade.

A sociedade compõe-se atualmente de 50 famílias, quase todas descendentes dos pioneiros italianos:

Aurélio Zanella, Alcides Serafin, Albino Cagnin, Ângelo Serafin, Aldino Girelli, Vva. Carmelina Rancan, Vva, Carolina Girelli, Arcísio Panazzolo, Baldoíno Girelli, Casemiro Klós, Dorvalino Serafin, Eugênio Bigolin, Fioravante Tajariol, Francisco Bonetti, Fermino Girelli, Guilherme Rizzon, Guilherme Salvatti, Ivo Cagnin, Ismael Bellini, João Scapin, Juvelino Araldi, Luiz Trombeta, Laurindo Baggio, Vva. Leonilda Cagnin, Luiz Pagnoncelli, Mário Bigolin, Maurício Araldi, Severino Girelli, Severino Pagnoncelli, Tranqüilo Salvatti, Ulisses Serafin, Vitório Tajariol, Vitório Salvatti, Vitorino Panazzolo, Antônio Bonetti, Atílio Serafin, Tranqüilo Girelli, Ângela Pagnoncelli, Júlia Girelli e Osvaldo Serafin.

CAPELA NOSSA SENHORA DA SALETE

Eis a relação das famílias associadas à Capela de Nossa Senhora da Salete em 1979:

Alexandre Giaboeski, Ângelo Pasuch, Ângelo Carminatti, Adelino Comin, Casemiro Fiametti, Vva. Emília De Bastiani, Evaristo Bunai, Ernesto Comin, Pedro Josué Fiorese, Ernesto Sundstron, Fernando Pasuch, Gomercindo Girelli, João José Giaboeski, João Giaboeski, João Giaboeski, Joaquim Pasuch, Judite Lovat, José Zoraski, José Mario Fiometti, Luiz De Bastiani, Luiz Tochetto, Melquisedec De Bastiani, Vva. Josefina De Bastiani, Mário Sundstron, Miguel Belini, Nicola Marini, Natal Comin, Onório De Bastiani, Osvaldo Sundstron, Pedro De Bastiani, Rafael Fiametti, Virgílio Girelli, José De Bastiani, Isidoro Nilson e José Comin.

CAPELA SÃO VICENTE

Sócios da Capela São Vicente em 1979:

Amante Sartori, Ângelo Zanella, Alcifíades Zanella, Vva. Ana Maria Klós, Davi Calábria, Artur João Calábria, Benedito Klós, Francisco Kriger, Francisco Klós, José Calábria, João Isidoro Kriger, José Klós, Luiz Klós, Laurindo Calábria, Oclides Gheno, Pedro Kriger, Pedro Piola, Tanquilo Caon, Idalino, Sartori, Tadeu Klós, Agostinho Fiametti, Gentil de Bastiani, Silvestre Pasuch, Pedro Calábria.

CAPELA SÃO VALENTIM

Sócios em 1979: Anastácio De Dea, Alcides Mezzalira, Florindo Maule, Joaquim Cadorin, Zulmiro Mezzalira.

SÃO JOSÉ DO PRATA

Sócios da capela em 1979: Francisco Ditadi, Geraldo Ditadi, Jandir Scotti, Tranqüilo Ditadi, Vva. Maria Ditadi e Vva. Rosa Scapinelli.

CAPELA SÃO PAULO

Sócios em 1979:

Avelino De Toni, Antônio Testolin, Constante Sabedot, Delvino Didonet, Ernesto Didonet, Evaristo Bet, Evaristo Testolin, Guerino De Toni, João Tosetto, Lencio Testolin, Máximo De Bortoli, Marcos Testolin, Olímpio De Bortoli, Olímpio Bet, Pedro Sabedot, Pedro Testolin, Paulino, De Toni, Josué De Toni, Osvaldo De Bortoli, João Darci Testolin.

LINHA GUSTAVO VASA

Américo De Bastiani, Ângelo Dalló, Abramo Zanco, Domingos Provenzi, Domingos Dalló, Vva. Maria Volpini, Elias Zanco, Vva. Vicenza Dalló, Júlio Dalló, Júlio Dalló Sobrinho, João Largo, Luiz Volpini, Narciso

De Bastiani, Nadir Carminatti, Osires Dalló, Pedro Ceron, Pedro Dalló, Segundo Carminatti, Severino Volpini, Aurélio Girelli, Vitório Turchetto, Valter Volpini, Aurélio De Bastiani, Claudino Volpini e Ermínio Volpini.

SÃO MARCOS - GUSTAVO VASA

A área pertencente a esta capela de São Marcos foi colonizada exclusivamente por imigrantes italianos. Antônio Batistin doou o terreno para a capela, construída no começo do século. Sócios em 1979:

Alcides Batistin, Afonso Batistin, Arno Tusset, Cristiano Batistin, Francisco Frana, Tranqüilo Frana, José Batistin, Lauro Batistin, Miguel Largo, Osvaldo Batistin, Otacílio Batistin, Valdir Frana.

CAPELA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTESBARATA GÓIS

Capela junto ao Passo dos Navegantes. Sócios em 1979:

Abel Silvestre, Adelino Silvestre, Anúncio Batistin, Aquiles Silvestre, Casemiro Batistin, Francisco Trivelin, José Sonaglio, Vva. Gelsomina Silvestre, Luiz Conferai, Moacir Conferai, Pascoal Pizzoni.

CAPELA SÃO ROQUE

Associados em 1979:

Armindo Magnaguagno, Benjamin Magnaguagno, Diles Serafin,

Dorvalino Girelli, Divaldino Magnaguagno, Hugo Vicente Sundstron, João Magnaguagno, João Cervo, Tranqüilo Magnaguagno, Tranqüilo Sundstron, Valdir Salvatti Ivo Magnaguagno, Florêncio Sundstron, Pedro Sundstron.

CEMITÉRIO MUNICIPAL

Um dos documentos históricos mais preciosos da população de Antônio Prado reside no seu vasto e artístico Cemitério Municipal, no qual repousamos restos mortais de muitos pioneiros. Por isso, vai aqui uma relação de nomes com respectiva data do ano de nascimento e de óbito.

Luís Marcantônio Grezzana (1903-1977), João Letti (1901-1956), Francisco Marcantônio (1870-1953), Luís Dotti (1893-1964), José Debastiani (1888-1936), Corá Rayneri (1855 - 1933), Otacílio Bocchese (1904-1974) Luís Michelin (1849-1915), Alberto Meyer (1861-1930), João Batista Macagnan (1902-1965), Sebastião Pegoraro (1883-1941), Vicente Golin (1859-1918), Ângelo Golin (1894-1971), João Golin (1905 - 1937), Durante Paganella (1894 - 1961), José Barison (1902-1923), Ludovico Barison (1848 - 1928), Rizzieri Letti (1884 - 1932), Horácio José Letti (1908-1971), Máximo Letti (1894-1933), Stefano Letti (1859-1934), Ângelo Letti (1903-1967), Gomercindo Buzzacaro (1908-1976), Cezare Buzzacaro (1878-1933), Percílio Buzzacaro (1910 - 1971), Ricardo Zanotto (1878-1952), Antônio Scapin(1882 - 1957), José Dalla Zen (1903-1968), João Ghinzelli (1907-1966), Atílio Zaccani (1899-1950), Pedro Carossi (1914-1972), Ângelo Venturin (1900-1976), Pascoal Restellatto (1866-1941), Afonso Zanotto (1900-1974), Laurindo De Boni (1910 - 1969), João Colombo (1886-1960), José Colombo (1912-1960), Pedro Cesa (1855-1938), Massimo Canello (1905-1975), José Rigon (1903-1969), Calvino Palombini (1908-1951), José Fattori (1895-1976), Luís Da Poian (1882-1954), Atacílio Da Poian (1916-1978), Ângelo Dotti (1900-1948), Dionísio Faccio(1909-1964), Antônio Maziero (1916-1971), Antônio Ernesto

Munarini (1894-1972), Vicente Rodolfi (1878-1963), Raimundo Rodolfi (1909-1921), Daniel Carissimi (1894-1974), Augusto Menon (1883-1940), Antônio Nicolussi (1891-1926), Constantino Zaniol (1895-1967), João Furlin (1904-1975), Cesare Rizzi (1894-1965), Domingos Scapinelli (1875-1953), Ari Scapineli (1913-1958), Santo Grazziotin (1866-1935), Atílio Aver (1890-1945), Pedro Ranzolin (1896-1942), Orozimbo Grazziotin (1906-1931), Judith Grezzana (1877-1946), Carlos Zurto (1905-1977), Caetano Nodari (1899-1950), João Pellin (1869-1939), João Pasa (1894-1959), Augusto Stimamiglio (1898-1973), Luís Atílio Sassi (1879-1959), Francisco Ceron (1901-1961), Fábio de Souza (1858-1917), Antônio Andrighetti (1895-1944), Emílio Mondadori (1857-1942), Antônio Grazziotin (1871-1944), Ernesto Ampessan (1904-1960), Domingos Scotti (1896 - 1964), Domingos Grazziotin (1881-1941), João Grazziotin (1867-1917), Ângelo Girotto (1865-1917); José Antoniutti (1862 - 1935), Antônio Baggio (1893-1935), Florêncio José da Silva, Napoleão Dallazen (1878-1949), Guilherme Casarotto (1885-1931), Moisés Mondadori (1895-1976), Pe. Gentil Benini (1916-1971), Augusto Suzin (1891-1945), Stefano Fochezatto (1904-1976), Amadeu Faccio (1894-1966), Francisco Giulian (1907-1919), Ernesto Coutin (1905-1976), Mâncio Scopel (1905-1979), Félix Giulian (1905-1978), Primo Scopel (1895-1953), Pedro Mondadori (1997-1978), Celerino Cichelon (1895-1976), Rizzieri Tergolina (1892-1929), Egídio Bragaglio (1889-1929), José Tieppo (1885-1942), José Margolini (1890-1969), Adilles Ampessan (1930-1970), Cristiano Grandi (1901-1976), Luis Giuliotto (1913-1962), Salviano Bertoldo (1913-1974), José Roveda (1884-1965), Irmão Irineu Luís Pasuch (1921-1963), Alcides Faccioli (1909-1971), Libório Salamon (1916-1965), Olinto Buratto (1892-1941), Carlos Marin (1896-1949), Albino Dondé (1889-1975).

VULTOS ILUSTRES

D. JOSÉ BAREA, filho de Ângelo, neto de José Barea, imigrantes italianos, nasceu em Nova Treviso em 19.1.1893, sendo o 1° sacerdote nascido no município e o 1° Bispo da Diocese de Caxias do Sul. Fez seus estudos em Pareci Novo e São Leopoldo, onde foi ordenado presbítero por D. João Becker em 2.4.1918. Foi nomeado secretário do Arcebispado Metropolitano, exercendo o cargo por nove anos. Em 1925, foi Vigário Geral do Arcebispado e por sete anos dirigiu a revista eclesiástica "Unitas". Cônego em 1923, Monsenhor em 1927, foi nomeado pároco de nossa Senhora do Rosário, na Capital do Estado, em 1927, na qual desempenhou um apostolado zeloso e fecundo, que lhe valeu a escolha para Bispo da nova Diocese, sendo nomeado em 23.9.1935 e sagrado na Cripta da Catedral Metropolitana em 19.1.1936, sendo sagrante D.João Becker e consagrantes D.Joaquim Ferreira de Melo, Bispo de Pelotas, e D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, paraninfos o Governador do Estado, Gal. Antônio Flores da Cunha, e o Prefeito de Caxias do Sul, Dante Marcucci. Com imponentes festejos, tomou posse no dia 11 de fevereiro do mesmo ano. Exerceu seu múnus episcopal com extraordinária solicitude, visitando assiduamente todas as paróquias e tomando a peito todas as grandes iniciativas da nova Diocese. Dedicava especial carinho às duas Paróquias de Antônio Prado. Entre as numerosas obras realizadas, destacando-se a construção do Seminário Nossa Senhora Aparecida. Faleceu vitimado por enfarte do miocárdio no Hospital Nossa Senhora da Pompéia, em Caxias do Sul, no dia 19.11.1851. Sua morte resultou de seu zelo apostólico, por ocasião da romaria de Nossa Senhora de Lourdes em Torres, quando subia a pé as dezenas de degraus que conduzem à Gruta, sucumbindo ao calor e ao esforço. Desmaiou quando a missa inaugural chegava à consagração. Seu funeral foi uma apoteose, com participação de todas as paróquias, sobretudo de Antônio Prado. Em Caxias do Sul foi decretado luto oficial por três dias, enquanto em Antônio Prado foi de oito dias, por Decreto do Prefeito Waldemar M.Grazziotin.

D.ORLANDO DOTTI, atualmente Bispo da Barra no Estado da Bahia, nasceu em Antônio Prado, na Linha Silva Tavares, no dia 22.6.1930, filho de José Domingos Dotti e de Matilde Miotto Dotti, filhos de Imigrantes italianos. Fez seus primeiros estudos com o prof. Albino Tondello. Em 1942, entrou no Seminário dos Padres Capuchinhos em Veranópolis, continuando seus estudos em Vila Ipê, Flores da Cunha (1949), Marau e Garibaldi, onde foi ordenado em 8.4.1956. Depois de lecionar no Seminário da Ordem em Vila Ipê, seguiu para os Estados Unidos a fim de aperfeiçoar-se nos estudos. De1958 a 1962 foi Vice-Diretor do Seminário de Vila Ipê, quando coordenou os estudos dos Seminários Menores e o movimento da criação da Cooperativa Tritícola São Jorge. Em 1962 e 63, Diretor do Seminário da Ordem em Marau. Em 1964 professor de Filosofia no Seminário de Ijuí e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, coordenador do Instituto de Filosofia, Ciências e Letras de Santo Ângelo, Secretário da FIDENE e membro efetivo do Conselho Fiscal da COTRIJUÍ. Superior da Fraternidade de Ijuí e Diretor do Seminário. Em 21.3.1969, nomeado Bispo de Caçador, Santa Catarina, sagrado no dia 25 de maio e empossado em 29.6.1969. Como 1° Bispo de Caçador fundou o Curso Colegial “Dom Orlando Dotti”. Em 1972, criou a Fundação Educacional Alto Vale do Rio do Peixe, com vários cursos de ensino superior. Em 1974, foi nomeado pelo Governador Colombo Machado membro efetivo do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina, membro do Conselho Diretor da Associação Catarinense das Fundações do Ensino Superior. Diretor da Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras de Caçador. Iniciou a construção do imponente prédio do Conselho Federal de Educação em Caçador. Em 1978, foi proposto para a lista tríplice apresentada ao Presidente Geisel para membro do Conselho Federal de Educação. No setor religioso criou o Conselho Presbiteral, Conselho Diocesano de Leigos e Conselho das Religiosas, Conselho da Administração da Diocese, Movimento de Leigos Adultos e Jovens, Movimento de Pastoral Familiar; construiu a Sede da Diocese e iniciou a construção do Seminário Diocesano. Em abril de 1976 foi transferido para a Diocese da Barra na Bahia, onde foi eleito membro da Comissão Representativa da CNBB do Regional Nordeste III, Bahia e Sergipe, da

Comissão Regional das Vocações e Seminários, Delegado dos Bispos do Brasil para a III Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla, México. Em 1978 foi redator do texto sobre Anistia na Assembleia da CNBB em Itaici, Secretário especial da Assembleia de CNBB em Iatici em 1977. Nesse ano foi eleito Vice-Presidente da Fundação do Desenvolvimento Integrado do São Francisco, de que em 1978 foi eleito Presidente, setor da Educação, Saúde e Agricultura. Em 1979, por ocasião das enchentes, coordenou os trabalhos de assistência aos desabrigados. Na Diocese da Barra criou a comissão da Pastoral de Terra, para defesa dos agricultores pobres e injustiçados. Organizou a Diocese de Barreiras, desmembrada da Diocese da Barra. Elaborou o Processo para a criação da Diocese de Irecê, parcialmente desmembrada da Diocese da Barra. Em abril de 1979 foi eleito para a Diretoria da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Em 8.5.1979 foi nomeado membro do Departamento de Ação Social do Conselho Episcopal da América Latino (CE-LAM), exercendo atividades ligadas à Promoção Humano e Educação. Como se vê, um filho de Antônio Prado ocupa lugar destacado entre os membros mais eminentes do Episcopado Brasileiro, na atualidade.

BENITO JOSÉ FATTORI, poeta, cronista, historiador, jornalista, político e empresário, nasceu em Antônio Prado a 19.3.1924, filho de José Fattori e Adelina Faccio Fattori. Seu pai, que veio da Itália, combateu na I Grande Guerra, foi comerciante em Nova Treviso, Linha Trajano de Medeiros e na cidade de Antônio Prado. Benito fez seus estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, no Colégio Santo Antônio de Garibaldi e no Rosário de Porto Alegre. Casado com Dalva Beltrami Fattori, é pai de três filhos: Gerson Caetano, Airton Carlos, professor de Educação Física, estudante de Direito na PUC, e Edson Antônio, Estudante. Reside em Farroupilha desde 1947, onde é Secretário de Habitação e Ação Social, Secretário do Planejamento e Turismo da Prefeitura, Vereador desde 1968, tendo sido Presidente da Câmara em 1969. Sócio das firmas: Auto Farroupilha Ltda., Indústria de Calçados Panará Ltda., Idalina B.Weissheimer & Cia. Ltda., Renner, Beltrami & Cia Ltda., Usina Elétrica Vicentino Ltda. e Empreiteira Planalto Ltda. Possui 15 cursos de

Aperfeiçoamentos. Em 1959, estreou na Literatura com o livro de crônicas gaúchas “Campo Solitário"; em 1960, “Ronda Pampeana”, coletânea de contos gauchescos; “Os Peães”, romance publicado no “Jornal do Dia” de Porto Alegre; “As Velhas Ruas de Antônio Prado contam sua História”, publicado no jornal de Caxias do Sul “O Pioneiro” 1965-66; tradução do livro “Top” de Adolfo Albertazzi; “Campos Verdes Serenados”, romance em cinco partes, contando a vida de uma fazenda de Vacaria, publicado no “Jornal do Dia”; "Campos Trevados” coletânea de crônicas; autor de “Charla de Galpão”, coluna tradicionalista do “Jornal do Dia”; fundador do jornal “A Gazeta” de Farroupilha; redator e colaborador dos jornais “Diário de Notícias”, “A Época”, “Correio do Povo”, “Diário do Nordeste”, redator do programa “Canhadas e Coxilhas” da Rádio Caxias do Sul, “Hora”, de Porto Alegre, fundador do Anuário Nossa Senhora do Caravagio (1949-1950); autor do romance "Neve sobre Antônio Prado”, radiofonizado pela Rádio Miriam em 1940, em duas partes com 24 capítulos; fundador da Estância da Poesia Crioula; fundador do Centro de Tradições Gaúchas de Farroupilha; participante ativo de numerosos congressos tradicionalistas, em que apresentou teses e trabalhos. Estreou no jornalismo em 1946 no jornal de Caxias do Sul “A Época”, com o pseudônimo de Cláudio J.M. de Almeida; diretor do jornal “Vanguarda”; mais de duas dezenas de cargos importantes de entidades culturais, sociais, econômicas, teatrais, esportivas, religiosas e assistenciais de Farroupilha. É único pradense a figurar na antologia “Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros” de Alzira Freitas Tacques, na qual se lê: “Guasca destorcido, ninguém leva as lampas a Benito José Fattori na descrição de um cenário de querência. Sua alma vibra de entusiasmo, sua voz se eleva como a voz morena da acordeona ou a própria voz silvante do minuano, e assim começa ele a sua história, abrilhantando-a ao colorido intenso de uma imaginação privilegiada, contagiando o leitor à eloquência de sua emoção”. São realmente geniais suas poesias gauchescas, como “Taipas Caídas” que assim começa: “Velhas pedras cheias de musgo, / Sendo taipas, velhos tempos, / Que ficando como exemplos, / Assim, nos campos perdidas, / E de andanças, esquecidas, / Vão lembrando os índios vagos, / Ou boitatás apagados, / Ao longo das taipas caídas”. Seu belíssimo poema sobre os

imigrantes vênetos foi traduzido e publicado na imprensa da Itália. Domênico Fattori, avô do poeta, veio da Itália trazido por Aristides Germano para instalar seu moinho em Caxias. O pai, José foi Presidente da Associação Cristã, da Sociedade Operária de Mútuo Socorro, duas vezes da Associação Comercial. Dono de um moinho, foi premiado com medalha de prata na Exposição de 1926. O Dr. Pedro Domingos Fattori, irmão do escritor, é advogado e radialista em Caxias do Sul.

ADELAR SANTO VICENZI, filho de Creósio Vicenzi e de Dosolina Friso Vicenzi, neto de Sancte Vicenzi, nasceu em Antônio Prado a 20.5.1916, advogado e professor na Universidade de Brasília, fez seus estudos nas escolas dos Padres Capuchinhos, bacharelou-se em Filosofia e em Ciências Jurídicas e Sociais na PUC de Porto Alegre, concluiu curso de Sociologia na Universidade Internacional de Roma e mais uma centena de Cursos de Extensão e Especialização, possui 12 títulos, registros e diplomas, componente de16 Bancas Examinadoras nas Provas de Vestibular e de Comissões, Diretor-Fundador da Faculdade de Filosofia de Ijuí, Diretor e redator-chefe do "Correio Riograndense", de Caxias do Sul, Diretor do Ginásio Comercial Santo Antônio de Caxias do Sul, Fundador e Vice-Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Caxias do Sul, membro da Academia Caxiense de Letras, do Grêmio Ijuiense de Letras, da Ordem dos Advogados do Brasil, da Associação Riograndense de Imprensa, professor efetivo da Escola Normal "Duque de Caxias" de Caxias do Sul, Prof. de Psicologia da Escola Normal São José da mesma cidade, do Colégio Estadual Cristóvão Mendonza, de Deontologia Jurídica e Direito Romano na Faculdade de Direito da mesma cidade, da Escola Normal "Sacré Coeur de Marie", professor da Universidade Federal de Goiás, professor de mais de uma dezena de disciplinas na Universidade de Brasília, aprovado em 1° lugar em concurso em Psicologia Especial de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário, 1° colocado em Concurso Público com 2.069 pontos, contra 312 do 2° colocado na cadeira de Psicologia Educacional do Distrito Federal, Executor do Convênio da Fundação Universitária de Brasília e Ministério da Agricultura, prof. de Opinião Pública na Un. de Brasília, de Teoria da Comunicação, prof.

Visitante da Universidade da Paraíba. Autor de várias dezenas de trabalhos publicados em livros, jornais e revistas, como em Cultura do MEC, Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará USP, Bloch, Teleducação, Ordem e Desordem da Universidade Católica de Minas Gerais. Filiado a 15 entidades culturais do País. Possui uma experiência didática de 35 anos de magistério, sendo 21 de ensino secundário e 22 de ensino superior, considerado um dos maiores educadores da atualidade no Brasil. Casado com D.Sônia de Faria, filha do Gal. Hugo de Faria, tem duas filhas: Danielle e Sônia. Seu avô SANCTE VICENZI, designado por D.Pedro II para instalação dos imigrantes em Antônio Prado, tendo trabalhado 11 anos, dormindo no mato, exposto a feras; foi um dos diretores das obras da Estradado Passo do Simão. Colaborador do Dr. Carlos Leopoldo Ferreira e do Dr.Montaury, colaborador durante 23 anos do 1° intendente Cel. Inocêncio de Matos Miller. Durante 25 anos ocupou vários cargos, como diretor de Obras Públicas, Vice-Intendente, Delegado de Polícia, 1° Suplente de Juiz Seccional. Aposentado, foi morar em Caxias do Sul, onde morreu com 96 anos, sendo sepultado com um lindo uniforme de Capitão da Guarda Imperial, título concedido por D.Pedro. Extremamente metódico, todos os dias fazia seu passeio pela Praça Rui Barbosa. Havia mais de 60 anos não comia carne e não ingeria bebida alcoólica, tomava dois litros de leite por dia, comia frutas e verduras. Uma de suas filhas, Flordelize era casada com João Brogli, dono do Cartório; outra filha Inês casou com Mário Rossi, diretor da Metalúrgica Rossi, uma potência industrial, de Caxias e depois de São Leopoldo. Entre seus numerosos netos figuram advogados, professores, vereadores, bancários, comerciantes, industriais...

PE. OSCAR BERTHOLDO, filho do industrialista Pedro João e Delma Menin Bertholdo, nasceu em Nova Roma a 15.7.1935. Em 1947, entrou no Seminário Diocesano de Caxias do Sul, onde foi redator da revista "União", em que publicou seus primeiros versos. Cursou Filosofia e Teologia no Seminário de Viamão, onde se ordenou presbítero a 3.7.1960. No Seminário, por dois anos, foi redator da revista "O Seminário". Em 1961 passou a exercer seu apostolado no Santuário de Nossa Senhora do

Caravagio, em Farroupilha, sendo também diretor da Rádio Miriam e professor em vários educandários da cidade. Em 1970, foi promovido a Pároco de Santo Antônio de Bento Gonçalves, sendo ainda professor de Letras na Fundação Educacional da Região dos Vinhedos. Em 1955 publicava "Nova Roma tem nome feito", monografia de seu torrão natal, edição da Livraria do Globo. Em 1967 com outros poetas publicava "Matrícula"; em 1968, "As Cordas". Em 1970, "O Guardião das Vinhas"; em 1971 "A Colheita Comum". Em 1973, com "Poemimprovisos", obtém o Prêmio de Poesia Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul, promoção do Instituto Estadual do Livro. Em 1975, com o livro "Lugar" obtém o 1° Prêmio de Poesia do 1° Concurso Nacional de Literatura de Goiás. Acerca do nosso laureado poeta, disse o escritor João Mohana: "Oscar Bertholdo é um dos nossos maiores poetas contemporâneos". Vejam como ele canta a sua terra: "Aqui dormia úmido e verde / o mistério imenso da montanha / quando de repente / veio gente... / Eram levas de italianos, / poloneses e suecos, / suas botas rudes / forraram as árvores de ecos. / Eram fortes os fundadores / de minha terra natal — / abriram de vez a mata / com coragem nunca igual. / Surgia depois o ranchinho / em torno improvisado curral, / o chão era uma festa / da colheita original. / Enquanto o milho / crescia entusiasmado / foram surgindo / os primeiros povoados / à sombra espaçosa / de tantos pinheirais..."

FREI CELESTINO DOTTI, tio de D.Orlando Dotti, entrou para a Ordem dos Padres Capuchinhos, ordenando-se presbítero em 1939. Ainda durante os estudos fundou e dirigiu a revista "Jardim Seráfico". Foi missionário, trabalhou no ministério paroquial em Bagé e, sobretudo, em Lagoa Vermelha, onde foi Vigário da Paróquia de São Paulo, fundou e dirigiu o Ginásio e Escola Técnica de Comércio "Duque de Caxias", o 1° estabelecimento de ensino secundário da região. Reorganizou e modernizou o Hospital São Paulo. Fundou e dirigiu o jornal "Eco Lagoense". Duas vezes Superior Provincial, realizou obras importantes no setor pastoral, assistencial e cultural da Ordem no Estado. Diretor da Rádio e TV Difusora, canal 10, de Porto Alegre. Fundador da Congregação "Missionários de São Francisco", assumiu a direção do novo movimento

religioso, ampliando a ação pastoral dos gaúchos nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Atualmente é Pároco em Ponta Grossa, no Paraná, prosseguindo sua intensa atividade, que sempre o distinguiu.

MOACYR CAETANO EMPINOTTI, Irmão Marista, filho de Máximo e Luísa Stimamiglio Empinotti, nasceu em Antônio Prado a 4.1.1911. Aluno do Colégio Sagrado Coração de Jesus, foi colega de Abramo Grazziotin, Armindo Ranzolin, Reinaldo Barison, Mário e Waldemar Grazziotin, Pedro Nodari, Valdomiro Bocchese, Armindo Cesa, Horácio Letti e Dionísio Faccio. Em 1940 formou-se em Pedagogia. Em 1948, bacharelou-se em Ciências Políticas e Sociais na URGS, realizando pós-graduação na Sorbone, em Paris, em 1949-50. Em 6.1.1926 professou solenemente na Congregação dos Irmãos Maristas. Entre os numerosos cargos que ocupou no magistério, destaca-se o de Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na PUC de Porto Alegre e professor catedrático da Universidade Federal do RS. Possui 22 diplomas, realizou cerca de 20 atividades docentes, exercendo outros tantos cargos e funções. Implantou a Extensão Universitária da PUC no alto Solimões, onde se encontra atualmente, na cidade de Benjamin Constant, no Campus Avançado.

MARCÍLIO CASAROTTO, Irmão Marista, filho de Guilherme e Maria Fochesatto Casarotto, nasceu em Antônio Prado em 4.12.1917. Bacharelou-se em Ciências e Letras na PUC/RS em 1949, em Direito na Universidade de Santa Maria em 1964. Professor em vários colégios do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Diretor dos Ginásios “São Gabriel” de São Gabriel, de “Aurora” Santa Catarina, “São Luís" de Jaraguá do Sul. Fundador e 1° Diretor da Faculdade de Administração em Joaçaba. Diretor-Executivo da Faculdade de Educação de Joinvile. Membro do Conselho Superior da Fundação Gaúcha do Trabalho e da Fundação do Bem-Estar do Menor no RS. Autor de um trabalho sobre a Frente Agrária Gaúcha. Atualmente, assessor pedagógico-jurídico de várias Instituições Educacionais no Estado.

SILVINO SUSIN, Irmão Marista, filho de João Susin e Teresa Madalozzo Susin, nasceu na Linha Amarílio a 8.8.1920, irmão gêmeo do

Irmão Severino Susin, atual Diretor da Escola Santo Antônio de Garibaldi. Bacharelou-se em Letras Clássicas na antiga Faculdade de Filosofia, hoje PUC/RS, Professor em vários colégios, foi Diretor do "São Tiago" de Farroupilha, do "Santo Antônio" de Garibaldi. Em 1960 fez curso na França. Em 1961, assumiu a direção do Colégio Rosário, de Porto Alegre. Em 1967, prosseguiu com estudos no rio de Janeiro e Brasília. Em 1968, diretor do Colégio São José de Lajeado. Em 1969 do Colégio São Luís de São Leopoldo. Eleito Superior Provincial da Congregação foi empossado em 24.5.1969, por um triênio, retornando ao cargo em 1977, sendo, por isso, Presidente da União Sul Brasileira de Educação e Ensino. Jornalista, colabora em revistas e jornais.

AVELINO MADALOZZO, Irmão Marista, filho de Paulo e Ângela Morello Madalozzo, nasceu em 28.2.1928, em Antônio Prado, bacharelou-se em Letras na então Universidade Católica em 1952 e em Ciências Jurídicas e Sociais na PUC/RS. Curso de Língua e Literatura Francesa em Paris. Professor nas Escolas da Congregação em Uruguaiana, do Rosário, de Porto Alegre; Lajeado; diretor do Colégio Nossa Sra. Aparecida de Bento Gonçalves, durante dez anos, onde lecionou no curso superior de Letras. Em 1972, foi eleito Superior Provincial, cargo que ocupou durante seis anos. Participou de dois Capítulos Gerais: em Roma em 1967 e 76. Membro da Conferência dos Provinciais Maristas em Roma em 1974. Delegado do Brasil na Conferência Interamericana de Educação Católica em 1973. Cursos no México. Fundador do núcleo diocesano da AEC de Caxias do Sul. Integrante de várias delegações educacionais estaduais e nacionais. Coordenador atual da equipe de Educação da Província de Caxias do Sul. Coordenador da revista "Presença Marista". Professor de Letras nas Faculdades de Vacaria e Bento Gonçalves.

MAINAR LONGHI, Irmão Marista, professor de Literatura Brasileira no Instituto de Letras e Artes da PUC, de Língua Portuguesa na Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC, diretor do Instituto de Letras e Artes da mesma Universidade. Filho de Marin, Longhi e de Cenriqueta Emília Maraschin Longhi, nasceu em 23.7.1938. Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Antônio Prado. Bacharelou-se em Letras

em 1964. Realizou oito cursos de Pós-Graduação em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Itália, Lisboa e Espanha. Secretário da Associação de Educação Católica do RS (1965-67). Assessor de Imprensa do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do RS e Associação de Educação Católica do RS (1964-1971). Viajou à Guiné, Angola, Moçambique, Alemanha e Suíça. Jornalista, colabora no "Correio do Povo" e em várias revistas, como "Veritas". Foi membro do Conselho Provincial Marista, sendo atualmente Moderador do Capítulo Provincial da Congregação em Porto Alegre.

PEDRO JOÃO NODARI, um dos grandes empresários do Sul do Brasil, fundador de numerosas empresas comerciais, industriais e agrícolas, pioneiro no Brasil em plantação de macieiras em Fraiburgo, nasceu em Antônio Prado a 22.3.1914, filho de João e neto de Napoleão Nodari, pioneiros italianos, casado com Zenaide Bordignon Nodari, fez seus primeiros estudos no Colégio dos Irmãos Maristas. Aos 17 anos transferiu-se para Catanduvas SC, onde continuou seus estudos, enquanto trabalhava na Prefeitura e no Cartório local. Em 1934 mudou-se para Videira, iniciando sua vida de comerciante, continuando seus estudos. Em 1936, registrou sua firma "Pedro Nodari" operando em torrefação de café e representações. Em 1942, nova firma denominada Dresch, Nodari & Cia. Em 1948 nova firma Nodari & Cia Ltda., com utilidades domésticas e implementos agrícolas. De 1949 - 1954, distribuidor da FNM e dos tratores FIAT na região e Estado do Paraná. Foi um dos fundadores do Rotary Club de Videira. Em 1952, transferiu-se para Curitiba. Em 1954, transformou a firma em NODARI S.A. - COMERCIAL E IMPORTADORA, hoje NODARI S.A. - Comercial e Industrial. Em 1958, fundou nova firma em Cascavel operando com caminhões Mercedes-Benz e depois FORD. Em 1961, fundou a firma Oeste Ltda. Em 1969 iniciou a plantação de 205.000 pés de macieiras em Fraiburgo. Em 1958 - 1978 a empresa NODARI S.A. expandiu-se nos quatro Estados sulinos, com filiais nas principais cidades. Em 31.5.1973, foi eleito o Lojista de 1972 e em 17.7.73, o Comerciante do Ana pela Federação do Comércio do Paraná. Em 1974, recebeu o título de "Cavaliere da Republica Italiana". Diretor de várias

empresas, foi ainda Diretor da Federação do Comércio Varejista do Paraná e do Sindicato do Comércio Varejista do Paraná. Viaja seguidamente para a Europa e Estados Americanos. Grande amigo de sua terra natal, contribuiu com cerca de 500 mil cruzeiros para as obras do Piemonte Hotel. Tem duas filhas: Marilena, casada com o Dr. Guilherme Thomazini, e Marli, casada com o Dr. Flávio Brandalise, diretores de Nodari S.A. e demais empresas do grupo.

JOSÉ DA POIAN, filho de Luís e Stela Santi Da Poian, nasceu em A. Prado a 2.1.1910. Fez seus primeiros estudos no Colégio marista pradense, passando a trabalhar na oficina mecânica do pai. Aos 22 anos passou para a Cia Texaco em Porto Alegre. Em 20.11.1935, casou com D.Rosalba em A.Prado. Tem três filhos: Cármen Miriam, bacharel em Filosofia pela Universidade de Louvain, Bélgica, em Psicologia na Sorbone, de Paris; Stella Maris é professora universitária em Recife; Dr. Pedro Paulo, engenheiro da Petrobrás, tendo sido assessor do Ministro Hélio Beltrão. Como Executivo da TEXACO, José da Poian trabalhou durante mais de 40 anos, exercendo as mais variadas funções de Gerência e Administração, havendo percorrido mais de um milhão de km de automóvel e outros tantos de avião. Fala quatro idiomas. Colocou pradenses dentro da Cia Texaco, como Waldir Morsoletto em Ponta Grossa, Roberto Letti como Gerente da Filial de Pelotas e Luís Borile, da Filial de Itajaí. Exerceu sua atividade em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Amigo de seu torrão natal, visita com frequência Antônio Prado, onde em fevereiro de 1979 concedeu entrevista ao autor deste livro.

JOSÉ GAZOLA, nasceu em Antônio Prado a 7.9.1902, filho dos pioneiros italianos Pedro Gazola e Ana Tibulo Gazola, pais de dez filhos. Estudou com o prof. João E. de Andrade Saraiva e começou a trabalhar na firma José Cesa, realizando viagens a pé tocando suínos até Flores da Cunha. Foi coroinha de igreja. Em 1911, fez uma saudação ao Dr. Paterno, lendo um discurso em italiano escrito pelas Irmãs de São José. Em 1920, diplomou-se Técnico Rural na Escola de Agronomia de Viamão. A seguir foi professor da Escola Industrial de Rio Grande e diretor do

Patronato daquela entidade. Em 1925, tornou-se sócio fundador da Metalúrgica Amadeu Rossi Ltda., de Caxias do Sul. Em 1932, fundou a firma José Gazola & Cia, hoje Gazola S.A. Indústria Metalúrgica. A princípio fabricava espoletas de caça, sendo o pioneiro do ramo no Brasil, estando ainda hoje no mercado a espoleta marca “Guarani”. Um forte grupo de São Paulo, a Cia Brasileira de Cartuchos CGT tanto insistiu que comprou a fábrica. Passou então a fabricar cápsulas de estanho para garrafas de vinho, a seguir dedicou-se à forjaria de cutelarias, havendo importado máquinas, sendo o pioneiro de forjaria mecanizada no nordeste do Estado. Em 1937, foi eleito presidente da Associação Comercial de Caxias do Sul. Foi sócio fundador do Rotary Club e do Lions Clube. Em1942, sua indústria começa a fabricar artefatos bélicos para o Governo Brasileiro, viajando para tanto aos Estados Unidos a fim de obter equipamentos e tecnologia sofisticada. Em 1951, funda com outros o Centro de Indústria Fabril. Em 1958, recebe a Medalha de Pacificador pelo serviços Prestados ao Exército Brasileiro. Em 1960, recebe a comenda do Governo Italiano "Orden della Stella della Solidarietá Italiana”. Em 1963, recebe o título de Conselheiro Benemérito da Associação Comercial de Caxias do Sul. Residiu no rio de Janeiro de 1942 a 1951, havendo então representado o município em vários assuntos. Em 1958 foi eleito presidente do Clube Juvenil, havendo iniciado a reforma da sua sede social. Fundou ainda a empresa BRAZEX S.A. e a BRAZMAR S.A. das quais foi presidente. Faleceu em 20.3.1972.

PE. MARCELINO RIZZON, poeta, autor de dois livros de poemas, nasceu na Linha Fagundes Varela, a 17.12.1919 filho de Francisco e Maria Vanin Rizzon; neto de Paulo, relojoeiro e sapateiro que se estabeleceu na Linha Barata Góis e daí para Nova Roma. Ordenou-se presbítero em 4.12.1949. Exerceu o ministério pastoral em Galópolis, São Francisco de Paula, São Marcos de Farroupilha, Cambará do Sul, Paraí, São Jorge do Guaviju, Caravágio, Bento Gonçalves, Vista Alegre (9 anos), Guaíra, Cascavel, Toledo (Vigário), Nova Prata do Paraná, Caxias do Sul (Cruzeiro), Rio Branco (Nova Prata), sendo atualmente Vigário de Cotiporão, Veranópolis. Seu 1° livro “Poemas da Terra e da Gente”. Outro,

a sair, ainda não tem título.

AVELINO MAZZOTTI, nasceu em Fagundes Varela, distrito de Nova Roma, em 26.8.1914, filho dos pioneiros Carlos e Ângela Serafin Mazzotti. Estudou em Fagundes Varela, Nova Roma e Caxias do Sul. Com a morte do pai em 1932, retorna a Nova Roma e trabalha com os 15 irmãos em lides agrícolas, continuando os estudos com o prof. Cipriano Carminatti. Em 1935, muda-se para Barril (hoje Frederico Westphalen). Em 1936, retorna a Nova Roma e estabelece-se com o irmão Virgínio com fábrica de doces de frutas. Mais tarde, instala-se com Matadouro em Fagundes Varela. Em 1941, casou com Maria Pozzolo, quando adquiriu a casa comercial de Zulmiro Ruaro. Em1947, fundou o Moinho São Pedro S.A., do qual é Diretor Comercial. Em 1946, separou-se do irmãos Virgínio, permanecendo sozinho com casa de comércio. Em 1948, adquire 905 colônias no Oeste do Paraná, formando com outros pradenses uma poderosa organização e lançando os alicerces da cidade de São Miguel do Iguaçu, onde residem mais de 100 famílias pradenses. Em 1954, adquiriu 800 hectares de mata virgem que transformou em pastagens artificiais. Em 1973, iniciou o plantio de trigo colhendo na 1ª safra cerca de 3.000 sacos e mil de soja e arroz. Possui hoje imensa granja de gado Nelore e de suínos, hoje administrada pelo filho Dr. Alberto e pelo genro Dr.João Renosto. Político, foi vereador em três legislaturas, sendo sempre Vice-Presidente da Câmara. Tem 11 filhos, todos com curso universitário. Pe.Agostinho (Vigário de Galópolis), Teresinha Maria, casada com o Dr. Pedro Panazzolo; Dr. Alberto (médico-veterinário); Dr. Ari (médico); Dra. Geni (professora em S.Miguel do Iguaçu); Dra. Inês (médica); Zulmira (Letras); Maria de Lourdes (médica); Avelino Carlos, Edi Maria, Noeli Maria (estudantes), e Zulmira Mazzoti Moreira (Estudos Sociais).

OS IRMÃOS LETTI, filhos dos pioneiros Horácio e Elvira Mondadori Letti, os três irmãos Letti são vultos ilustres que honram sua terra natal. O Dr. Nicanor Letti, como vimos, professor da Faculdade de Medicina da URGS, é atualmente o chefe do Departamento de Oftalmologia e Otorrinolaringologia da mesma Faculdade. Nasceu em 10.1.1932, tendo se formado em Porto Alegre em 1956. O Dr. Nerio Letti,

atualmente Juiz na Capital do Estado, nasceu em 28.7.1939, bacharelou-se em Direito na UFRGS, advogou dois anos em Antônio Prado, foi Secretário da Prefeitura na gestão do sr. Luiz Baggio, Juiz de Direito nas Comarcas de Sobradinho, Candelária, Itaqui, Rosário do Sul e Vacaria. O Dr. Norberto Letti nasceu em 25.9.1943, formou-se em Engenharia em 1967, passando a trabalhar em São Paulo, Rio Grande do Sul, República Dominicana, Peru, Venezuela.

NAPOLEÃO E FAUSTINO SBRAVATTI, filhos de Amadeu, saíram de Antônio Prado, fixando-se em Curitibanos. Lutando conseguiram uma situação privilegiada, possuindo, entre outros valores dois prédios, ambos como nome de edifício Sbravatti, um em Curitiba e outro de Caxias do Sul.

DR. PEDRO PANAZZOLO, advogado, Juiz de Direito (Marau), filho de Gregório e Elvira Cansan Panazzolo, nasceu em Nova Roma a 1.11.1937, órfão de pai aos 7 anos, abraçou a carreira militar, como Sargento Especialista em Equipamento Elétrico, trabalhou em Fortaleza, no Ceará. Retornando a Nova Roma, casou com a prof. Terezinha Maria Zanotti. Ainda em Fortaleza ingressara na Faculdade de Direito, vindo a concluir o curso em Caxias do Sul, em 1967. Deixou a carreira militar como 2° Tenente. Coordenou a fundação do Ginásio Comercial Pe. José Beno de Nova Roma, sendo seu 1° diretor. Foi Vice-Prefeito na gestão do sr. Valdomiro Bocchese e Secretário da Prefeitura. Durante os nove anos de vida militar no Norte do Brasil, percorreu vários Estados, adquirindo bons conhecimentos para sua vida de advogado, homem público e magistrado.

DR. ARLINDO BERNART, filho de Benjamin Bernart e Adélia Mortari Bernart, nasceu em Antônio Prado a 11.7.1931. Professor em diversos estabelecimentos, foi Juiz de Direito em Anita Garibaldi, Indaial, Concórdia, Chapecó e atualmente em Blumenau, onde em 30.3.1976 assumiu a direção da Faculdade de Direito.

FAMÍLIA DE BONI, do pioneiro Giovanni De Boni, que chegou em Antônio Prado em 1887, é uma das famílias mais ilustres, tendo entre seus membros um dos maiores vultos jurídicos do Brasil - o escritor Raimundo Faoro, ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, autor da

laureada obra "Os Donos do Poder" e detentor do "Prêmio Moinho Santista", considerado "O Nobel Brasileiro". Outro descendente ilustre do velho Baco. João De Boni, é o professor e escritor Luis Alberto De Boni.

Bisneto de Giovanni De Boni o professor Luis Alberto De Boni é doutorado em Teologia e com curso de Especialização em Filosofia e Sociologia na Alemanha. Como coordenador de Edições da Universidade de Caxias do Sul, tornou-a a Universidade que mais editou, com recursos próprios, em todo o Brasil, dando importância a temas referentes à imigração e colonização no rio Grande do Sul. É também professor de Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou, em alemão, ***Kirche auf neuen Wegen*** e, em conjunto com outros autores, *Christentum uns Athjeis-mus Heute e Theologie aus der Praxis des Volkes.* Em português lançou diversos livros: ***Catolicismo no Brasil, Início do Fim? La Mérica, Antropologia-Perspectivas; Filosóficas*** (em coedição), ***Os Italianos do Rio Grande do Sul*** (juntamente com Rovílio Costa), bem como tradução de ***Teologia Política e Igreja, Matrimônio e Divórcio.*** Jornalista, tem publicado diversos estudos no Caderno de Sábado do Correio do Povo. Atualmente, com o Prof.Rovílio Costa, está preparando uma edição bilíngue (latim e português), da Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino, que deverá constar de 10 volumes em formato grande.

Albino De Boni, filho de Vitório De Boni, é neto de Giovanni De Boni. Nascido em Antônio Prado, foi residir com o pai em Erechim, passando depois a morar em Caçador. Tendo partido com uma expedição de cineastas norte-americanos em direção à Amazônia, viu-se, juntamente com os demais, atacado pelos índios. Em vez de defender-se e disparar contra os selvagens, como fizeram os demais, que acabaram todos morrendo, procurou evitar o confronto e escondeu-se. Meses depois, nu, descalço, voltou à civilização e narrou suas peripécias nos livros ***Eu, o Vagabundo*** e ***Tubá, o Índio Indomável.*** Outra obra sua, ***Brancas Nuvens,*** foi prefaciada pela escritora chilena, portadora do Prêmio Nobel, Gabriela Mistral. Como proprietário de estúdios fotográficos, passou os últimos anos em Caçador, onde veio a falecer em 1978.

DR. JOSÉ BARISON, Desembargador, filho de Narciso Barison e Emília Golin Barison, nasceu em A.Prado a 13.3.1928, bacharelou-se em Direito na PUC em 24.12.1954. Casado com Anna Maria Pezzi Barison, tem as filhas Joseana e Joseandra. Nomeado pretor exerceu o cargo em Vacaria de23.9.1955 a 21.6.1957. Aprovado em concurso para a magistratura em 1957 foi Juiz de Direito em Marcelino Ramos, Flores da Cunha, Santa Vitória do Palmar, São Sebastião do Caí, Alegrete e Santa Maria. Promovido para Porto Alegre como Juiz da 3ª Vara Cível, foi de 1968 - 1971 Juiz Eleitoral e do Tribunal Regional Eleitoral. De 1971 a 1974, Juiz Substituto de Desembargador, atuando na 2ª Câmara Cível Especial do Tribunal de Justiça. Promovido para o Tribunal de Alçada em 5.7.1974 e a seguir promovido, por merecimento, para o cargo de Desembargador do Tribunal de Justiça. É ainda Presidente da ADJURIS.

PRIMO VACCHI, nasceu em A.Prado a 3.9.1890, filho de Santo Vacchi e Carolina Comparin Vacchi, casado com Margarida Franciosi Vacchi, teve os filhos: Alexandre Argemiro Vacchi, Diretor da VACCHI S.A., Irma Vacchi Marques, casada com Neri Neves de Oliveira Marques, Diretor de VACCHI S.A.; Nair Romilda Vacchi; Nilo Ferdinando Vacchi, já falecido, residia em Uberlândia MG, onde se dedicava à indústria de curtimento; Erin, Maria Vacchi Lopes Guedes, casada com Fernando Lopes Guedes, do comércio de Porto Alegre. Órfão aos 11 anos. Primo Vacchi iniciou sua vida de trabalho, dedicando-se ao curtimento de peles e artefatos de couro. Passou a fazer parte da firma Termignoni Vacchi Ltda., estabelecida em Guaporé. Em15.5.1940, desligou-se da firma e fundou a CURTUME TAURUS LTDA. em Lajeado e em 1943 em Sapucaia do Sul, com o nome de VACCHI & CIA. Construiu uma escola que deu origem ao Grupo Escolar Inês Porto. Aos domingos celebrava-se missa nessa escola. Em 15.5.1954, transformou a firma em VACCHI S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Construiu uma capela, que em 1957 se transformou na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, com a nova Matriz inaugurada em 9.2.1958. Faleceu em 28.5.1965, em Sapucaia do Sul, com 74 anos de idade, deixando uma empresa que está entre as primeiras do país no ramo, exportando seus produtos para Europa e Estados Unidos, onde têm

ótima aceitação. Em sua homenagem, existem em Sapucaia do Sul um Grupo Escolar, uma rua e um Centro Social do SESI com seu nome.

DR. ÊNIO CHIESA, filho de Modesto Chiesa, construtor da nova Igreja Matriz de A. Prado, casado com Sulamita Hardt Chiesa, teve os filhos Carlos Augusto, Heloísa Helena e Sandra Lúcia. Professor emérito das Universidade de São Paulo durante 45 anos, foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Farias Brito", de Guarulhos, São Paulo. Faleceu em 12.9.1975. Seu nome ilustre foi dado a uma rua de São Paulo, uma praça em Guarulhos e uma escola de 1° e 2° Grau. É irmão da poetisa Enedina Chiesa Beltrame.

MOISÉS MONDADORI, filho da família pioneira Mondadori, nasceu em Antônio Prado, era casado com Elisa Pellin e teve dez filhos. Nasceu em1895 e faleceu em 17.12.1976, sendo sepultado no cemitério Municipal. É o pioneiro dos gravadores de discos no rio Grande do Sul. Auxiliado por seu irmão Dante, gravou mais de 30 músicas na Casa Elétrica de Savério Leonetti em Porto Alegre, a partir de 1914. É de sua autoria a 1ª gravação de "O Boi Barroso" e "Mate Amargo". Em seu funeral, realizado na matriz de Antônio Prado, foram rodadas músicas por ele gravadas.

LUIZ ANTÔNIO CADORE, natural de Santana, é fecundo escritor didático, autor de numerosas obras sobre Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, publicadas pela Editora Ática S.A. de São Paulo, juntamente como prof. J.Milton Benemann, falecido tragicamente.

CARLOS MANTOVANI, O professor Carlos Mantovani, que lecionou em Castro Alves de 1912 a 1917, merece figurar na galeria dos vultos ilustres de Antônio Prado, por sua admirável obra realizada em prol do ensino e da cultura, tendo sido o 1° professor de Erexim, de cujo Colégio Estadual é patrono. Nascido na Itália em 20.5.1869, província de Mântua, veio para o Brasil em 1885, fixando-se primeiramente na 12ª Légua de Caxias e a seguirem Nova Pádua (Flores da Cunha). Iniciou sua vida de trabalho nas lides agrícolas. Duas vezes, ele e um seu companheiro foram surpreendidos pela visita da onça, que entrou em seu

rancho de noite, levando os restos de comida. Outra vez, ficou prensado entre duas árvores, durante a derrubada, não morrendo por pouco. Em 1892 foi nomeado professor da 1° escola de Nova Pádua. Em 1897 fez concurso para o magistério em Montenegro, tendo sido aprovado. De 1899 a 1906 foi professor em Nova Trento, hoje cidade de Flores da Cunha. Daí para a escola de Nova Pádua. De 1910 a 1912 esteve em licença, a fim de tratar de interesses particulares, reiniciando o exercício do magistério em Castro Alves, florescente localidade do município de Antônio Prado, impulsionada pelo forte comerciante Saul e Pagnoncelli, de cujo filho, Dr. Henrique Pagnoncelli, advogado no rio de Janeiro, foi professor. De Castro Alves viajou várias vezes para Paiol Grande, hoje Erexim e então 8° distrito de Passo Fundo. Por fim, em 1917, juntamente com numerosos pradense, tendo à frente Saule Pagnoncelli, transferiu-se para Paiol Grande, onde fundou a 1° escola da localidade, que passou a funcionar num barracão por ele construído para sua residência, local ao lado do atual prédio da Prefeitura Municipal. Mais tarde, pleiteou e conseguiu a criação de um Grupo Escolar, do qual foi seu 1° diretor. A seguir conseguiu a vinda dos Irmãos Maristas e das Irmãs Franciscanas, que a princípio ficaram hospedadas em sua casa. Exerceu o magistério durante mais de 40 anos, dando aulas diárias de 10 a 12 horas. Era metódico e exigente. Embora fosse “borgista”, nunca foi molestado pelos “maragatos” em face de sua impecável conduta política. Nas datas pátrias, seus alunos estavam sempre presentes nas passeatas. Os ensaios de canto eram feitos por sua esposa. Entre seus numerosos discípulos ilustres, figuram Juízes de Direito, advogados, médicos, como o Dr. José Antônio Borges Maciel, Dr. Henrique Pagnocelli, Dr. Ascendino Borges Maciel, Ângelo e Telemaco Caleffi, Hilário Balvedi, Ascendino Rigo, Valdomiro Galli, Leopoldo Fehlauer, Sofia Foguel... Quando se transferiu de Antônio Prado, foi acompanhado pelo sobrinho Modesto Rigoni, considerado seu filho adotivo, do qual o autor obteve o presente histórico, através do Prof. Gabriel Piccoli, Diretor do Colégio Estadual “Professor Mantovani”. O prof. Carlos Mantovani faleceu em Erexim com mais de 98 anos de idade.

VALDOMIRO BOCCHESE. Muito foi dito ao longo destas páginas

a cerca deste ilustre pradense, nascido em 20.12.1907, filho de Marco e Luisa Reginatto Bocchese, casado com Adélia Grazziotin, tendo a filha Genebra Nilza Bocchese da Cunha, ex-presidente da FEMAR Regional, casada com o médico Dr. Telmo Marcantônio Cunha. Ingressou na vida política, filiando-se ao Partido Social Democrático e a seguir à Aliança Renovadora Nacional, sempre com destacada atuação. Foi Vereador e Prefeito Municipal em 1969-1972, como vimos. É em 1979 presidente do Diretório da Arena. Foi tropeiro e comerciante por muitos anos, fazendo parte da firma Antônio Bocchese &Irmão, no ramo de açougue, estendendo-se em atividades pecuárias, introduzindo inovações com pastagens artificiais e engorde por confinamento. Em 1945/46, ingressando no setor industrial, idealizou e fundou o MOINHO DO NORTESTE LTDA., um dos maiores do sul do País, sendo seu diretor desde a fundação. Foi fundador da Veículos e Auto Peças Ltda.; sócio e diretor do Frigorífico Pradense Ltda. e de outras indústrias. Presidente do Clube União, sugeriu e apoiou a ideia da construção da nova sede social. A todas as iniciativas e promoções de Antônio Prado, o sr. Valdomiro Bocchese está sempre presente, dando o seu incentivo e aval.

JOÃO PRATAVIERA, filho do pioneiro veneziano Iluminato e de Santa Magnabosco, nasceu em Antônio Prado a 21.8.1910. Estudou até o 3° ano primário no Colégio dos Irmãos Maristas, passando a trabalhar na casa comercial do pai e nas lides agrícolas do avô. Com 11 anos iniciou sua atividade comercial, com apenas 100 réis com que comprou no interior do município uma dúzia de ovos, revendendo na vila por 200 réis. Aos domingos vendia doces na tenda do sr. Andrin. Em 13.5.1925, com 14 anos de idade, transferiu-se para Caxias, onde trabalhou de balconista até 1932 na loja do primo Raymundo Magnabosco. Apreciava o esporte, jogando como goleiro de futebol, bailes, cinema, piqueniques. Num destes, em 1926, conheceu Maria Mocelin, com quem veio a casar. Era filha de João Mocelin (Nano Sacrista), que viera da Itália (Treviso), com três anos de idade e casara com a costureira Catarina Rossatto, vicentina. Em 1932, João Prataviera passou a trabalhar na filial da Casa Magnabosco de Vacaria. Nesse mesmo ano principiou a exercer o comércio por conta

própria. Em 28.10.1933, realizou seu casamento na Catedral de Caxias, sendo oficiante o Pe. João Meneguzzi. Em 1937, transferiu-se para Lagoa Vermelha, onde se estabeleceu com casa de comércio. Em 1939, transferiu-se definitivamente para Caxias do Sul, onde trabalhou na Casa Magnabosco até 1941. De 1941 a 1942, foi caixeiro-viajante. Em meados de 1942, junto com Francisco Alberti e Raymundo Alberti e, depois, José Mocelin, fundou a Casa Prataviera, a qual, enfrentando a grande concorrência da época, foi se transformando num dos maiores estabelecimentos comerciais da cidade e da região. Em 1953, transferindo-se da rua Visconde de Pelotas para a Av. Júlio de Castilhos, foi construído um prédio de alvenaria de oito pisos, inaugurado em 24.11.1958, sendo então um dos edifícios mais altos da cidade, contando com a novidade do elevador. Em 22.7.1967, inaugurava a primeira filial, localizada na av. Rio Branco. A seguir fez com que um grupo de amigos formassem uma nova sociedade para exploração do comércio de atacado, miudezas e armarinhos, surgindo então o tradicional Armarinhos Caxias Ltda., sempre tendo à frente o sr. João Prataviera. Em 30.11.1976, a Comercial Prataviera Alberti S.A. adquiria o controle total de Armarinhos Caxias S.A., firma que em 1946 ajudaram a fundar. Esta foi transformada em filial número 2. João Prataviera teve nove filhos: Ruy Estevão, diretor administrativo de Comercial Prataviera Alberti S.A.; Noemi Santa, casada com Omar Giovenardi, professor da Universidade de Caxias do Sul; Nely casada com Antônio Frederico Calcagnotto, diretor presidente dos Supermercados Calcagnotto de Caxias do Sul; Vera Beatriz, casada com José Marli Martini, diretor do Frigorífico Vacariense de Vacaria; Dr. João Carlos, médico pediatra e atual titular do INAMPS de Caxias do Sul, casado com a Dra. Iara Schmitt, formada em Farmácia e Bioquímica, atual técnica da Farmácia de Antônio Prado e Centro de Saúde de Caxias do Sul; Sandra Maria, professora de 2° Grau, casada com o Dr. Claiton Grazziotin, advogado, atual diretor do Hospital de Bom Jesus; Gilberto, sócio acionista de Comercial Prataviera Alberti S.A. e Ana Mery, arquiteta, residente em Porto Alegre. Colaborando com o desenvolvimento da cidade, foi candidato a vereador e a vice-prefeito em 1955; tesoureiro por longos anos da APAE, que ajudou afundar e na qual colabora ainda hoje;

conselheiro por vários anos do Grêmio Esportivo Flamengo, fez parte da comissão que iniciou a construção do Estádio Centenário, da Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul. A empresa por ele fundada junto com Francisco e Raymundo Alberti e José Mocelin, é hoje uma das maiores do Estado, sendo distinguida com o diploma de QUEM É QUEM na economia Nacional pela revista Visão nos anos de 1977,78 e 79, conferido às maiores empresas do País no seu ramo. A empresa possui uma área de venda de oito mil metros quadrados para atendimento de seus 30 departamentos completos, sempre em dia com a moda e lançamentos. João Prataviera fez com que sua empresa tivesse 50% de participação em Comercial de Tecidos Magnabosco. A firma fundou ainda a Imobiliária Pratal S.A. para administração do prédio da matriz, sua loja, seis apartamentos e salas. Em 1978, João Prataviera foi distinguido com o troféu O MERCADOR, outorgado pelo Sindicato do Comércio Varejista, por sua participação social e comercial de Caxias do Sul. Além de seus 9 filhos, tem 21 netos e cerca de 500 colaboradores, que partilham da sua filosofia: “Aqueles que com esforço semeiam, com jubilo ceifarão”. Um dos vultos mais ilustres de Antônio Prado, João Prataveira não esquece sua terra natal de que se orgulha e de cujas atividades sempre participa.

SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO DA II PARTE

O número entre parêntese, após cada legenda, indica o número do capítulo a que a foto se refere.

Figura 93 Praça Dom José Barea, escola Estadual de 1°Grau e matriz de Nova Roma 1979.

Piedosa Recordação do

Rvmo. P. José Ben

zeloso Vigário de Guaicurús (ex-Nova Roma) durante 32 anos. Nascido em Belluno (Italia) a 26-3-1876. Falecido em Bento Gonçalves a 15-1-1946. Guaicurús 15-1-47. 1º aniversário de sua morte.

Oração

Oh! bom Jesus, de minh'alma! Por aquelas dôres que padecestes na Santa Cruz, principalmente pelas acerbissimas amarguras, que sentistes quando separou-se a alma do vosso santissimo corpo, rogo-vos, Senhor, misericordia para vosso servo **Padre José**, concedendo-lhe a graça de gozar para toda eternidade a paz e a luz no reino de vossa gloria.

"Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra".

Ao Agradecimento

Figura 94 Vista atual de Nova Roma 1979.

Figura 95 Escola Irmão Irineu, que substituiu o Colégio Sagrado Coração de Jesus (39)

Figura 96 Albino De Boni — Brilhante escritor pradense, herói da selva amazônica (118)

Figura 97 VIRGÍNIO PANOSSO e esposa Páscoa Scapin Panosso com seus 15 filhos. Órfão aos 9 anos, lutou para vencer na vida, superando grandes dificuldades. Foi Subprefeito e subdelegado de Nova Roma 1945-1951. Durante toda a vida foi cantor de igreja, tendo sido sempre elemento de destaque da comunidade. Em 1972 celebrou suas Bodas de Ouro rodeado de 105 netos. Faleceu em 1-12-1976 com 79 anos. Seu funeral foi celebrado por D. Henrique Gelain, Bispo de Vacaria. Sua filha, a prof. Angelin, Panosso é a atual Diretora da Escola Estadual “Nova Roma” (101)

Figura 98 CACHOEIRÃO DO RIO DAS ANTAS Toda a água do rio passa pelo estreito (62).

Figura 99 Prefeito Vittório Dotti contempla o CACHOEIRÃO do Rio das Antas (35).

Figura 100 16.9.1941 — Nova Treviso — Festa do 50° aniversário da 1° missa celebrada n° região de Nova Roma, vendo-se o sr. Domingos Caon e o Prefeito Waldemar Alves de Miranda (100).

Figura 101 VIRGÍNIO PANOSSO e PÁSCOA SCAPIN PANOSSO (1972), rodeados por 105 netos no dia de suas Bodas de Ouro, Nova Roma (101).

Figura 102 DOMINGOS CAON com sua inseparável “Divina Comédia”, Esposa Teresa Fabris e alguns de seus 19 filhos: Alexandre, Geraldina, Vitória, Maria, Verônica e Sara Joana (25).

Figura 103 24-9-1960 — Linha Trajano — casamento Dionísio Ditadi com Ilda Santinon Ditadi, que foi assassinada em 17-9-1978. Ao lado da noiva o futuro Prefeito Vittorio Dotti; gaiteiro: João Marin, de Nova Roma (99).

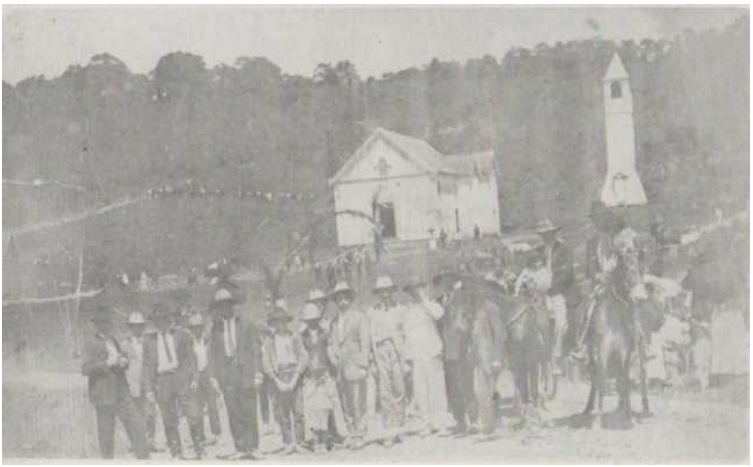

Figura 104 4-1-1929 - NOVA TREVISO - Dia de Crismas (100).

Figura 105 O Dr. João Batista Luzardo discursando em favor de sua campanha para deputado federal (10).

Figura 106 CLUBE ATLÉTICO PRADENSE - 1974 (51)

Figura 107 Visita ao Governador Walter Peracchi Barcelos, ao lado do Prefeito Waldemar Grazziotin (30).

Figura 108 13.8.1963 — A cidade de Antônio Prado sob a neve (58)

Figura 109 12.10.1933 — Campo de Esportes do Clube Atlético Pradense. Naquele tempo, Antônio Prado estava ainda cercada por matas e pinhais — (alunos do Colégio S.José).

Figura 110 1902 — Inauguração da Estrada Júlio de Castilhos — vendo-se a banda de música de Vítor Fedumenti, o Intendente Inocêncio de Matos Miller, Andréa Della Giustina, Luís Fonini, Caetano Zanardi, Emílio Valmorbida, Antônio Bocchese, João Tonolli, João Bocche

Figura 111 Caminhões e caminhoneiros de Antônio Prado, prontos a viajar pelo Brasil, em 1950.

Figura 112 Vista geral de Nova Roma 1979.

Figura 113 A família de João Tergolina, pioneiro e primeiro hoteleiro de Antônio Prado, dono do Hotel dos Viajantes com seu cão de caça, Lampo. Fotografia de 1909 (Gentileza de Olímpio Dotti)

Indice de figuras

Figura 1 Centro da cidade de A. Prado 11
Figura 2 1ª foto de Antônio Prado — 1980: Em 1° plano a casa da família Faccioli. Notam-se ainda os restos do barracão dos imigrantes e a primeira igreja. 11
Figura 3 DÉCADA DE 1910 - Ema Palombini, Silene Grazziotin, Luísa Bocchese, Sra. Caetano Zanardi, Sra. João Brogli, Graciosa Mayer, Sra. Jocelito de Castro, Luísa Golin..... 14
Figura 4 1919 — Praça e Igreja Matriz..... 15
Figura 5 Conselheiro ANTÔNIO DA SILVA PRADO que deu o nome ao município(3). 283
Figura 6 JOÃO DE BONI, Pioneiro de Antônio Prado (7). 284
Figura 7 ROSA TONIN CAMATTI esposa de Benvenuto, veio da Itália com 13 anos. 284
Figura 8 SENHORAS DA SOCIEDADE PRADENSE DA DÉCADA de 1920, vendo-se D.Graciosa Faccio, Hermínia Faccio, sra. Ferrucio Morsoletto (4)..... 285
Figura 9 Década de 1920 — Carnaval — vendo-se: Atílio Valiera, Olímpio Dotti, Piratinino Guerra, Guilherme Grazziotin, João Luís de Melo, João Adami, Jacques Grazziotin, Domingos Grazziotin Sobrinho, Zulmiro Della Giustina, Mário Grazziotin, Matias Claro de Lima, João Antoniutti (6)..... 285
Figura 10 CARNAVAL 1926. 1° esquerda: Carpena — Guilherme Sgarbi, Domingos Grazziotin Sobrinho, Attilio Valiera, João Luis de Melo, Arlindo Valmorbida, Artur Ziegler, Vitor Fedumenti, Antônio Bocchese, Matias Claro de Lima, Luís M. Grezzana, Augusto Grezzana, César Dotti e Pedro da Poian (5). 286
Figura 11 1918 — Praxiteles Fonini (24), Clélia Morsoletto (1), Zilba Ziegler Fonini (4), Arlindo Valmorbida (10), Altino Valmorbida (14), Maria Fonini (25), Edit Lautert de Castro(26), Nautilde de Oliveira (30), Aimoré Wortmano Pitta (32), Morena Lauter de Castro(33), Devilda Andognini (34), Teresa Ranzolin (35), Berta Hornos, Amaziles Gazuza, Jorge Ziegler, Guerino Scotti Grazziotin, Sra. Manuel Gazusa, Antônio Muller, Vitor Fedumenti Filho, Alcides de Matos Miller, João Antoniutti, Pedro Cesa Sobrinho, Luis Fonini, José Vítor de Castro, Armindo Ranzolin, Mauro

Lautert de Castro, Maria Tergolina, Ida Tergolina, Amaziles Lautert de Castro, Alonso Lauter de Castro, José Alencastro Guimarães, Olga Hornos, Julieta Fedumenti, Luísa Hornos, Rubens Lautert de Castro, Hilário Andognini. N° 2 Ivone Castro Serafini, mãe do Prefeito de Caxias Dr. Manseuto Serafini Filho, filha de José Vítor de Castro (tomando chimarrão à direita) — (7). 286
Figura 12 1900 - O 1° hotel de A. Prado - HOTEL DOS VIAJANTES DE JOÃO TERGOLINA (23) 287
Figura 13 1930 Família Scotti A direita no alto: Angelo Rossi e esposa, Remígio Scotti e esposa. Á esquerda: 2ª fila: José Fialho de Vargas, Ângelo Pacheco: Zelinda Scotti casada com Mário Leonardelli (cervejeiro em Caxias), 1° fila em baixo: Teresa Scotti; Mário Scotti, Gisela Scotti, Dilma Scotti, Lilizinho Sgarbi, No alto: esquerda: Elisa Endrizzi, Genoveva Scotti, Antônio Scotti, Egídio Rossi, Domingos Scotti, Domingos Sgarbi (7). 287
Figura 14 Década de 1920 — Tiro de Guerra n° 355 — na Praça Garibaldi, diante da Prefeitura Municipal — Sgto. Fogaça (7) 288
Figura 15 1900 — Intendente Inocêncio de Matos Miller, José Delucchi, Hilário Andognini, Matias Claro de Lima (7). 288
Figura 16 Os pioneiros HORÁCIO E ELVIRA LETTI com sua família (7). 289
Figura 17 CAMILO MARCANTONIO (4) 289
Figura 18 Em 1926 de pé: Waldemar e Oscar Empinotti e sentados, Sílvio Gazolla, José Da Poian e Henrique Michelin, (9) 290
Figura 19 Os pioneiros MARCOS E LUÍSA BOCCHESE, progenitores da ilustre e grande família BOCCHESE (7). 290
Figura 20 1919 — 6 de junho — fundação do Clube Atlético Pradense: 1° à esquerda: Agostinho Santi, fundador e 1° presidente: a seguir: Atílio Valiera, Licurgo de Oliveira, João Adami, Alberto Piovezan, Olímpio Ferrarese, Vítor Fedementi Filho, João Letti, João Grazziotin Sobrinho. Ajoelhados: Angelo Letti, Afonso Tergolina e Olímpio Silva. No dia da 1° partida 6-6-1919 (9). 291
Figura 21 De pé: Hilário Andognini, João Adami, Vitório Ranzolin, Domingos Grazziotin e Afonso Cesa. Sentados: Agostinho Santi, Luis Michelin e Pedro Ranzolin (8). 291
Figura 22 Pe. Alexandre Pellegrini Capelão e 1° Cura de A.P. (13). 292
Figura 23 Figura 23 -DOM JOSÉ BAREA (113). 292
Figura 24 Sr. CARLOS ROTTA FILHO duas vezes Prefeito (29). 293
Figura 25 Lino Celso Zaccani, atual Prefeito de Antônio Prado (36). 293

Figura 26 Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1925 No centro: Cônego José Benini, à sua direita o Irmão Edmundo. À esquerda em pé Ir. Fabiano. Aparecem: Laurindo Da Poian, Armindo Ranzolin, Luís Grazziotin, João Prataviera, Lourenço Golin, Antônio Reginato, Waldemar Grazziotin, Adelar Letti, Alberto Rossi (prefeito no Paraná), Valdir Rodrigues Paim, Oscar Cesa, Egídio Rossi, Alexandre Calliari, Augusto Guerra(11) 294
Figura 27 12.1.1968 - Bodas de Ouro de PEDRO MONDADORI e AURÊLIA MASCARELLO LUNARDI. Da esquerda: Laura, Hugo, Élida, Zaira, Juvelino, Vitalino, Inri, Ilda (filha de criação) (42). 294
Figura 28 1° CONGRESSO DE INTENDENTES - CAXIAS - 3.5.1925: Francisco Marcantônio e Caetano Reginato (3° e 4° da 2ª fila no alto). Demais Intendentes e Presidentes do Conselho Municipal: Alfredo Chaves: Sigmundo Reschke e Vitório Dal Pai; Bento Gonçalves: João B. Pianca e Amadeu Arioli; Caxias: Celeste Gobbato e Orestes Manfro; Encantado: Antônio Di Conto e Vitório Costi; Garibaldi, Antônio Paganelli e Arduíno D'Arrigo; Guaporé, Manuel F. Guerreiro e Alberto Morassutti; Nova Trento, Joaquim Mascarello e Adolfo Schneider; São Sebastião do Caí, Ernesto Noll e Carlos Oderich (20). 295
Figura 29 Prefeito Prof. Alberto ZANARDI e família no dia da formatura do filho Dr. Carlos Alberto, em Jornalismo (26)..... 296
Figura 30 CALVINO PALOMBINI, ex-Prefeito, filho do Prefeito Vicente Palombini e pai do ex-Prefeito de Vacaria Dr. Marcos Palombini. Morreu tragicamente em 5-11-1951. Casamento 18.4.1930(28). 296
Figura 31 Vigário Pe. Henrique Gelain, Ir. Paulo da Cruz, Genoveva Scotti, Elisa Endrizzi, João Luis de Melo, João Letti, Luís M. Grezzana, Reinaldo Barison, Leonel Stimamiglio, Abramo Grazziotin. 297
Figura 32 1900 — Interior da Igreja Matriz, vendo-se, à direita, o Pe. Carmine Fasulo, Vigário, e, à esquerda, o coadjutor Pe. Incídio Pampinelli (14)..... 297
Figura 33 Família CELSO ZACCANI e Ana Antoniutti Zaccani: filhos: Teresa, Otávio (pai do Prefeito Lino Celso Zaccani), Manuel, Atílio e Rosa (36)..... 298
Figura 34 Olímpio Dotti(41). 298
Figura 35 Operários que construíram a Gruta de Lourdes na década de 1920 (21). 299
Figura 36 1941 — Fundação da Ação Católica pelo Pe. Henrique Gelain, Da esq.: Ir, Paulo da Cruz, Pe. Antônio Alessi, Pe. Henrique Gelain, D. José Barea, Luís M. Grezzana (com a bandeira), Altair Amorim, escrivão

da Coletoria Federal), João Luís de Melo (telegrafista), Pedro Cesa Sobrinho (de branco), à sua direita Giacomo Sartori, Reinaldo Barison (atrás de Luís Grezzana), Ermelindo Denale, Domingos Grazziotin, Romeu Michelon, Ernesto Zolet, Augusto Guerra, João Lucena. Os capuchinhos Frei Romualdo Mulinari e Frei Bruno Fardo (16). 299
Figura 37 13.7.1958 — Dr. Camilo Leonini, Cônsul Geral da Itália, na Câmara de Vereadores, confere comenda ao Prefeito Waldemar Grazziotin e ao sr. Vicente Palombini, Presidente da Câmara (discursando) (31)....300
Figura 38 FUNDAÇÃO DA UNIÃO CATÓLICA - 15-8-1940 1ª fila da esquerda: Sebastião Furlin, Padre Alessi, Pe. Henrique Gelain, Major Waldemar Miranda (Prefeito), 2ª fila: João Furlin, Ir. Paulo da Cruz, Domingos Grazziotin, Augusto Guerra. 3ª fila: Ângelo Rossi (escultor), Romeu Michelon, Altair Amorim e João Luís de Melo. Ao lado do Major: Reinaldo Barison, Luis Grezzana e Pedro Cesa Sobrinho; atrás: Máximo Empinotti e Abramo Grazziotin (23 300
Figura 39 Setembro de 1896 — Das casas desta foto só existem hoje: Igreja Matriz, Casa de Vitório Faccioli (hoje Prefeitura) e o prédio Zappani com muitas janelas, na Praça (9). 301
Figura 40 1900 — D. Carmine Fasulo com os membros da Pia União das Filhas de Maria por ele fundada. Em traje preto D. Genoveva Scotti, a 1° professora de A. Prado (14).....301
Figura 41 22.6.1958 — Entronização da imagem do S. Coração de Jesus na Câmara de Vereadores: Governador Ildo Meneghetti, ao lado de Luís M. Grezzana. Dr. Hildo da Costa Guilloux, Natal Colombo, Dr. Mário Bocchese, D. Cândido Bampi, Pe. Antônio Galioto, Vicente Palombini, Valdomiro Bocchese. Atrás da esquerda: Pedro Cesa, João Amado Chini, Waldemar Grazziotin (atrás de D. Cândido) e esposa D. Vanda, Avelino Mazzotti. No alto: Abramo Grazziotin e esposa, Afonso Marin, Virgínio Panosso, Nely Ranzolin (óculos escuros). Atrás de Vicente Palombini: Reinaldo Barison (30). 302
Figura 42 1908 — JOSÉ DOTTI, esposa e filhos: Elvira, César, Teresa, Luís, Afonso, Germano, Ângelo e OLÍMPIO (41) 303
Figura 43 Imagem do Senhor Morto da capela do Asilo de Velhos de Lages, esculpida em madeira por Ângelo Rossi, exímio escultor de A. Prado. Instalou o relógio da torre da Matriz pradense (46) 303
Figura 44 Lançamento da pedra fundamental da 1ª Cooperativa Agrícola de A. Prado 21-10-1911— a 1° Cooperativa do Brasil. Da esquerda: Letti, comerciante de Nova Trento, irmão de Stefano Letti, João Grazziotin, José Dotti, Ricieri Tergolina, Pe. José Benini, Olímpio Dotti (menino abraçado),

Armando Miller (menino, filho do Intendente Inocêncio),Cel. Inocêncio de Matos Miller, Narciso Barison (último), Prof. Dal Cortivo (de chapéu branco), — 2ª fila: João Furlin (sacristão), Domingos Grazziotin, Dr.Paternó (no centro). (45). 304
Figura 45 Enchente do rio Leão 4.4.1956. 304
Figura 46 Família GRAZZIOTIN: Sentados: Felice, Pelegrino, Luiggia Poloni Grazziotin, Valentino, Luis e Domingos. Em pé: João, Antônio, Santo, Angela, Angelo (avô de Tranqüilo, de Passo Fundo), José e Francisco (42). 305
Figura 47 1931 — Na casa de João Lovatel, sobre enorme raiz de uma árvore derrubada por furacão: 1ª fila: João Tergolina, Francisco Rigon, Luís Fonini, Constantino Zaniol, João Baggio e Aires. 2ª fila: João Lovatel, Cristiano Grandi, Perboni e Ludovico Marcon, 3ª fila: Serafim Stedile, Medardo Montari, Vicente Palombini, Altino Valmorbida, Luís Nodari, Antônio Baggio, Atílio Citton, 4ª fila: Ernesto Bassani, Augusto Stimamiglio, João Paganella Letti, Tino Degrandi, Amadeu Degrandi (50). 305
Figura 48 20-1-74 - INAUGURAÇÃO DA COOPERATIVA (45). 306
Figura 49 Dionísio Faccio, gaúcho de A. Prado. 306
Figura 50 LUÍS ANGELINI Representante Consular da Itália, que foi ferido durante o conflito de 25-5-36. (50). 307
Figura 51 1930 JUBILEU DE PRATA DO CLUBE UNIÃO Sentados: Waldemar Grazziotin, Remígio Nodari, João Alfredo Kunk, Pedro Cesa Sobrinho, Abramo Grazziotin, Ten. Argeu Gonçalves de Moraes- Em pé: Catulino Bocchese, Melzi Tergolina, Afonso Cesa, João Letti, João Golin, Arlindo Valmorbida e João Antoniutti (50) 307
Figura 52 1908 — na chácara de Sisínio Curzel: Atílio Citon, Luís Fonini, Antônio Valmorbida, Caetano Zanardi, Atílio Zaccani. Antônio Meneguzzo e João Brogli (7). 308
Figura 53 ESCOLA SÃO JOSÉ O prédio antigo, hoje demolido, funcionou de 1900 a 1950(39). 308
Figura 54 1928 — Altino e Tereza Valmorbida, residentes em Lages, grande colaborador desta obra. Em 19-7-1978 celebrou suas bodas de Ouro na Matriz de Antônio Prado (50). 309
Figura 55 1937 - baile das nações no Clube União: No alto: Teresinha Bocchese e Laura Guilloux. Da esquerda, a partir da 2ª: Emília Letti, Ruth Bocchese, Adelina Denardi, Nely Golin, Adelina Arioli, Laura Mondadori, Elia Mondadori, Noele Bocchese, Josefina — Nídia Rotta, Anita Melo (50). 309
Figura 56 1928 — Tiro de Guerra n° 355 Ricieri Letti, Roberto, Abramo e

Mário Grazziotin, José Caaliari e Glorocinto Morais(54). 310
Figura 57 JOSE MACAGNAN e sua família — um dos maiores fotógrafos profissionais do Brasil, filho de A. Prado (44).....310
Figura 58 Milhares de famílias pradenses emigraram para outros municípios gaúchos, catarinenses e paranaense. Aqui a família de Luís REFOSCO que em 1916 emigrou para Paim Filho. O Dr. Alevino Refosco, advogado e político de Paim Filho, é neto (57). 311
Figura 59 Prof. Francisca Maccarini Camatti casada com Augusto Camatti foi professora em Nova Roma durante 20 anos. Filhos: Alzira, Zulmiro e Rosalina. Ausente: Vilma, Religiosa de S. José(76). 311
Figura 60 Velhas taipas dos campos de Vacaria, construídas pelos pioneiros italianos de Antônio Prado (9).....312
Figura 61 Capela Santo Antônio — Linha Dois de Julho: 29.4.1961 — Casamento de Vitório Chiarello e Maria Carra. Vendo-se os pais: Luís e Carolina Chiarello e Ângela Tartari, avó do noivo (77).....312
Figura 62 Família TONDELLO Em pé: Albino, Mateus, Antônio (pai do Frei Ambrósio), José e Orosimbo. Sentados: a avó Margarida, Josefina, Catarina Slaviero Tondello e João (pais) (82). 313
Figura 63 Capela Santo Isidoro: Família Ambrósio Zanotto. Filhos: José, Alfredo, Leonice, Zimar, Lídia, Zenor Paulo, Osmar, Lorena, Leondina, Ivanor e Valmor. Esposa: Maria Barp Zanotto (64). 313
Figura 64 Capela Nossa Senhora do Caravágio — Linha Cândida: Família PONTEL. Filhos de Benedeto: Em pé: Benjamim, Albino, Virgílio, Adriano, Tranqüilo. Sentados: Fiorindo, Jaques, Eugênio e José. Faltam as filhas: Maria, Genoveva, Cândida, Pierina e Graciosa (69).....314
Figura 65 FORMATURA NO GINÁSIO SÃOJOSÉ 314
Figura 66 ENCHENTE 4-4-1956 - Arroio Leão, vendo-se aos fundos o Colégio São José(59). 315
Figura 67 1929 — O Dr. Getúlio Vargas, então Presidente do Estado, em visita às obras da Ponte do Passo dos Navegantes, vendo-se ainda: Caetano Reginato (Intendente), Dr.João Fernandes Moreira, Secretário das Obras Públicas, Dr. Fernando de Abreu Pereira, Dr. Pereira da Cunha, Dr. Álvaro Ferreira Barcelos, Major Laurindo Paim, o tabelião Abelardo Cavalcanti, Marcos Bocchese, Antônio Bocchese, José Delucchi e outros (61).....315
Figura 68 JUVENISTAS MARISTAS com pinhas, quando A. Prado era ainda um imenso pinhal (39).....316
Figura 69 1957 — Moisés Nardello, de Santana, colheu 200 sacos de trigo (47).....316

Figura 70 1924 — Moças da sociedade pradense do Partido Libertador, lenço encarnado. Á esq. Orosimbo Grazziotin e Armindo Cesa. Á direita: Mário Grazziotin e Laurindo Grazziotin (50). 316
Figura 71 Loja DOMINGOS GRAZZIOTIN fundada em 1917 — Ao lado sede do Banco Pelotense (42) 317
Figura 72 Casa da família BAGGIO que foi demolida para dar lugar a uma indústria(10). 317
Figura 73 CAPELA DE SANTANA — no interior da capela a histórica imagem de Santa Ana trazida da Polônia pelos imigrantes (81). 318
Figura 74 1934 — Festa na Gruta — Clóvis Pimentel, Dallazen, Ramiro Marcanzoni, Dionísio Faccio, Euclides Marin, Orozimbo Grazziotin, Altino Valmorbida, Amílcar Pezzi, Afonso Cesa, Júlio Gomes da Silva, Melzi Tergolina, Roberto Grazziotin, Laurindo Ranzolin, Luís Antoniutti e Irmãos Mondadori (menores) (50). 318
Figura 75 1951 — Câmara Municipal de Vereadores: Afonso Marin, Narciso Verza, Germano Bellan, Luís M. Grezzana e Ângelo Golin, De pé: Olímpio Roveda, secretário privativo da Câmara (30). 319
Figura 76 20-1-74 — Fundação da Cooperativa Assembleia da constituição: Aristides Marques Velho, Ernesto da Silva Neto, Valner José Borges, Dr. Tertuliano Boffil Dr. Borsatto, da FETAG (45). 319
Figura 77 1974 — Reunião dos agricultores para tratar da fundação da Cooperativa (45) 319
Figura 78 EMÍLIO VALMORBIDA, um pioneiro, chegado ao Brasil em 1882, era um escultor de renome, conhecido por "O Mágico do Torno". Executava obras-primas sobretudo em chifre. É pai do colaborador desta obra sr. Altino Valmorbida (46). 320
Figura 79 A família Da Poian - José, Rosalba e os três filhos (113). 320
Figura 80 1947 — Capela de Santa Ana, diante da Casa de Comércio de Afonso Marin, moradores que prestaram serviço na Estrada Ernesto Alves (81). 321
Figura 81 30-9-1962 — Inauguração do Campo de Pouso Municipal (52). 321
Figura 82 Time de Futebol da Capela São Roque junto com o Prefeito Waldemar Grazziotin e o Vereador Afonso Marin (82). 322
Figura 831942 — NEVADA: Dr. Oswaldo Hampe, Nenê Gonçalves, Paulo Peroni, Waldemar Grazziotin, Dr. José Barrueco (62). 322
Figura 84 CATEQUISTAS — Pe. Leonel Pergher(19). 323
Figura 85 Uma das primeiras Bandinhas de Amadores de Antônio Prado. Lá pelos idos de 1912, vemos Alberto Bigler, Octávio Zaccani, Octavíano

Miller, Angelo Dotti e Arthur Ziegler. Sentados: Olímpio Dotti, e Nelson Miller: trombone, gaita, piston, trompa e flauta (50). 323
Figura 86 1946 — Linha Garibaldi — Churrasco pela abertura da Estrada do rio Turvo. Prefeito Carlos Rotta (52). 324
Figura 87 31-12-1963 — Posse do Prefeito LUIZ BAGGIO — 64-68 (33). 324
Figura 88 CINQÜENTENÁRIO DO MUNICÍPIO -1949 Pe. Ernesto Mânica (Vigário), Waldemar M. Grazziotin (Prefeito), Governador do Estado Dr. Walter Jobim, esposa D.Ana Niderauer Jobim e Prof. Vanda Rodrigues Grazziotin (30). 325
Figura 89 SEMANA DA PÁTRIA 1941: A parada era feita pelos alunos e alunas dos Colégio Sagrado Coração de Jesus e São José (23). 325
Figura 90 O CANDIDATO OSCAR HAMPE em 1935 derrotou Calvino Palombini pela diferença de 324 votos (22). 326
Figura 91 2-6-1968 — Inauguração da Ponte do Passo do Zeferino, vendo-se D. Benedito Zorzi e Governador Walter P. Barcellos (60). 326
Figura 92 MISSÕES EM NOVA ROMA na década de 1920 na Praça matriz (98). 327
Figura 93 Praça Dom José Barea, escola Estadual de 1°Grau e matriz de Nova Roma 1979. 397
Figura 94 Vista atual de Nova Roma 1979. 398
Figura 95 Escola Irmão Irineu, que substituiu o Colégio Sagrado Coração de Jesus (39) 399
Figura 96 Albino De Boni — Brilhante escritor pradense, herói da selva amazônica (118) 399
Figura 97 VIRGÍNIO PANOSSO e esposa Páscoa Scapin Panosso com seus 15 filhos. Órfão aos 9 anos, lutou para vencer na vida, superando grandes dificuldades. Foi Subprefeito e subdelegado de Nova Roma 1945-1951. Durante toda a vida foi cantor de igreja, tendo sido sempre elemento de destaque da comunidade. Em 1972 celebrou suas Bodas de Ouro rodeado de 105 netos. Faleceu em 1-12-1976 com 79 anos. Seu funeral foi celebrado por D. Henrique Gelain, Bispo de Vacaria. Sua filha, a prof. Angelin, Panosso é a atual Diretora da Escola Estadual “Nova Roma” (101) 400
Figura 98 CACHOEIRÃO DO RIO DAS ANTAS Toda a água do rio passa pelo estreito (62). 400
Figura 99 Prefeito Vittório Dotti contempla o CACHOEIRÃO do Rio das Antas (35).....401
Figura 100 16.9.1941 — Nova Treviso — Festa do 50° aniversário da 1°

missa celebrada n° região de Nova Roma, vendo-se o sr. Domingos Caon e o Prefeito Waldemar Alves de Miranda (100). 401
Figura 101 VIRGÍNIO PANOSSO e PÁSCOA SCAPIN PANOSSO (1972), rodeados por 105 netos no dia de suas Bodas de Ouro, Nova Roma (101). 402
Figura 102 DOMINGOS CAON com sua inseparável “Divina Comédia”, Esposa Teresa Fabris e alguns de seus 19 filhos: Alexandre, Geraldina, Vitória, Maria, Verônica e Sara Joana (25). 402
Figura 103 24-9-1960 — Linha Trajano — casamento Dionísio Ditadi com Ilda Santinon Ditadi, que foi assassinada em 17-9-1978. Ao lado da noiva o futuro Prefeito Vittorio Dotti; gaiteiro: João Marin, de Nova Roma (99). .. 403
Figura 104 4-1-1929 - NOVA TREVISO - Dia de Crismas (100). 403
Figura 105 O Dr. João Batista Luzardo discursando em favor de sua campanha para deputado federal (10). 404
Figura 106 CLUBE ATLÉTICO PRADENSE - 1974 (51) 404
Figura 107 Visita ao Governador Walter Peracchi Barcelos, ao lado do Prefeito Waldemar Grazziotin (30). 405
Figura 108 13.8.1963 — A cidade de Antônio Prado sob a neve (58)..... 405
Figura 109 12.10.1933 — Campo de Esportes do Clube Atlético Pradense. Naquele tempo, Antônio Prado estava ainda cercada por matas e pinhais — (alunos do Colégio S.José). 406
Figura 110 1902 — Inauguração da Estrada Júlio de Castilhos — vendo-se a banda de música de Vítor Fedumenti, o Intendente Inocêncio de Matos Miller, Andréa Della Giustina, Luís Fonini, Caetano Zanardi, Emílio Valmorbida, Antônio Bocchese, João Tonolli, João Bocche 406
Figura 111 Caminhões e caminhoneiros de Antônio Prado, prontos a viajar pelo Brasil, em 1950. 407
Figura 112 Vista geral de Nova Roma 1979. 407
Figura 113 A família de João Tergolina, pioneiro e primeiro hoteleiro de Antônio Prado, dono do Hotel dos Viajantes com seu cão de caça, Lampo. Fotografia de 1909 (Gentileza de Olímpio Dotti) 408

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

histórico, ainda inédito, que se encontra no Museu da Prefeitura de Caxias do Sul.

Entre as diversas fontes de informação que nos auxiliaram encontram-se dois excelentes jornais da terra — “Panorama Pradense” e “Jornal de Antônio Prado”. Além disso, esteve à nossa disposição uma série de autorizados colaboradores, tendo à frente a admirável figura de pesquisador e duas vezes Prefeito o Sr. Waldemar Mansueto Grazziotin e sua dedicada esposa, Prof.ª Vanda Rodrigues Grazziotin, os quais ainda se deram ao trabalho de revisar os originais, para garantir mais autenticidade a esta História.

O autor sente-se, também no dever de agradecer a quantos o auxiliaram nesta tarefa, destacando: Olímpio Dotti, Benito José Fattori, Adelar Arcádio Letti, Júlio Gomes da Silva, Pe. Ernesto Mânica, Pe. Antônio Galiotto, Pe. Oscar Bertholdo, Pe. Adelino J.Schneider, Rubem J. Rotta, Dr.Carlos Alberto Zanardi, Ir. Plácido Zulianello, Prof. Rosa Maria Guerra, Prof. Norma Tereza Nodari, Prefeito Lino Celso Zaccani, Olímpio Roveda, Hugo J.Mondadori, Profa. Angelina Panosso, Cândido Carlin, Altino Valmórbida, Eugênio Barbieri Virgínio Bortolotto, Frei Alberto Stawinski, Remígio Scotti, José Campagnaro, Eliseu Menin, Neri Comparin, Dr. Mário Bocchese, Antônio Verza, Abramo Grazziotin, Cláudio P. Bocchese, Ângelo Sanson, Catulino Caon, Neura Comparin, Horácio Camatti, Augusto Camatti, João Battistin, Virgínio Mazzotti, João Camatti, Ivo Camatti, Dr. Perci Centenaro, Vítor Luís Tonin, Pedro Balen, Zulmiro Bressan.

Fidélis Dalcin Barbosa

CC BY SA

Portal Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

Projeto Passo Fundo
Apoio à cultura

978-85-8326-061-5